

Publicado em
1924, um resgate
inédito da
fantasia mundial

A FILHA DO REI DE ELFLAND

FANTASIA RARA

LORDE
DUNSANY

Autor que inspirou
grandes mestres
da fantasia





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**





A FILHA
DO REI
DE ELFLAND

Lorde
Dunsany

WISH 

*Tradução de Cláudia Mello Belhassof
Primeira edição brasileira | Brasil*

Ficha catalográfica

Capa e Projeto Gráfico Marina Avila

Tradução Cláudia Mello Belhassof

Revisão Cristina Lasaitis e Camila Fernandes

D 926 Dunsany, Edward John Moreton Drax Plunkett, barão A filha do rei de Elfland / Lorde Dunsany; tradução de Cláudia Mello Belhassof. – São Caetano do Sul, SP: Wish, 2020. Tradução de: The king of Elfland's daughter 1. Ficção inglesa I. Dunsany, Lorde II. Belhassof, Cláudia Mello III. Título CDD 823

Copyright: Lorde Dunsany, 1924

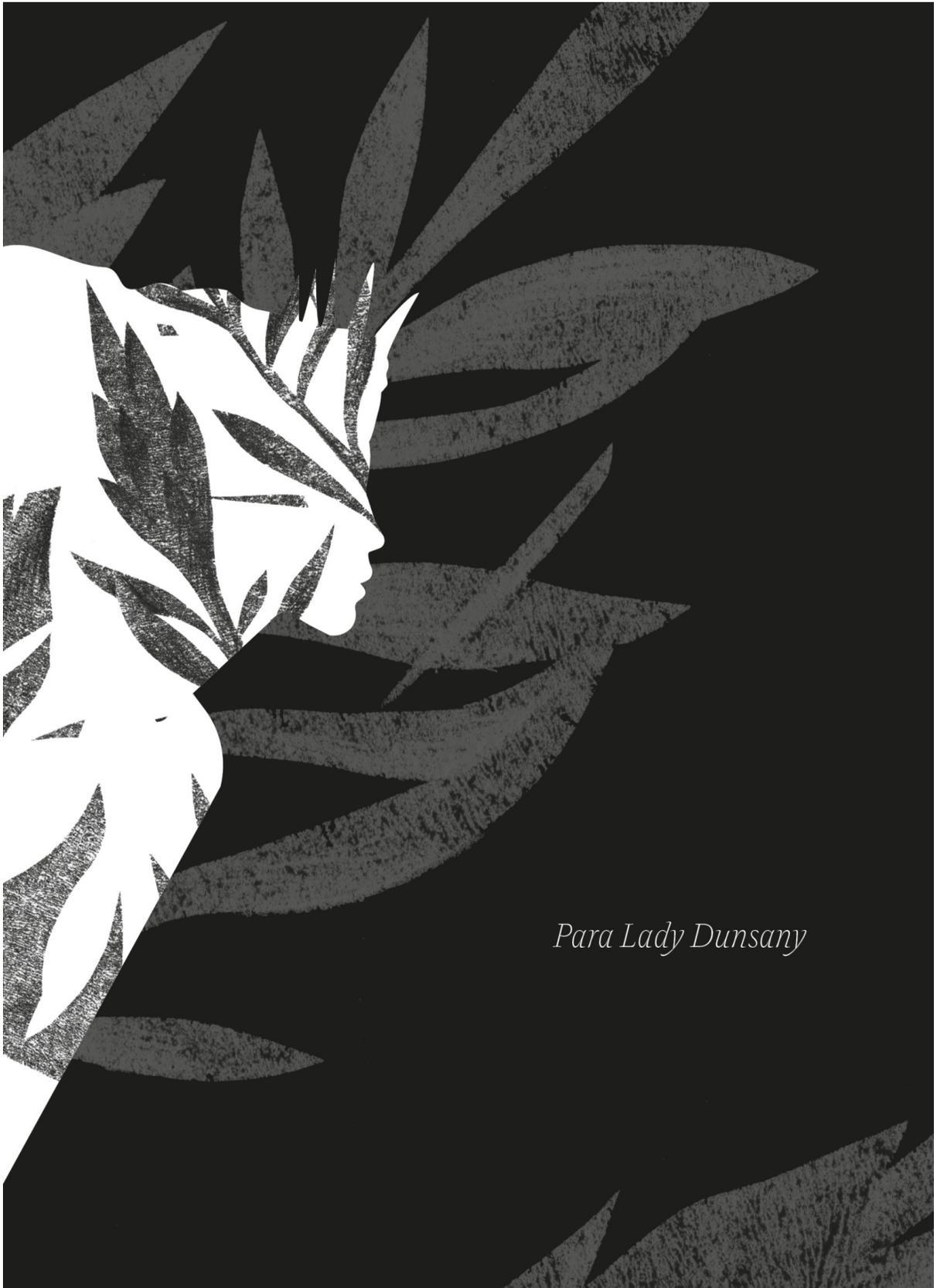
Este livro possui direitos de tradução e projeto gráfico e não pode ser distribuído, de forma comercial ou gratuita, ao todo ou parcialmente, sem a prévia autorização da editora.



Editora Wish

www.editorawish.com.br

São Caetano do Sul - SP - Brasil



Para Lady Dunsany

Sumário

Prefácio: Um romance e um autor entre dois mundos

Prefácio do autor

História

O plano do Parlamento de Erl

Alveric avista as Montanhas Élficas

A espada mágica encontra algumas das espadas de Elfland

Alveric volta para a Terra depois de muitos anos

A sabedoria do Parlamento de Erl

A runa do Rei dos Elfos

A vinda do troll

A chegada da runa

Lirazel é levada pelo vento

O desaparecimento de Elfland

As profundezas da floresta

A planície desencantada

A reticência do correeiro

A busca pelas Montanhas Élficas

O refúgio do Rei dos Elfos

Órion caça o veado

O unicórnio aparece sob a luz das estrelas

A tenda cinza ao entardecer

Doze anciãos sem magia

Um fato histórico

Na fronteira da Terra

Órion aponta um chicote

Lurulu observa a inquietude da Terra

Lurulu fala da Terra e dos costumes dos homens

Lirazel se lembra dos campos que conhecemos

O chifre de Alveric

O retorno de Lurulu

Um capítulo sobre a caça aos unicórnios

A sedução do povo dos pântanos

A chegada do excesso de magia

A maldição das coisas élficas

Lirazel anseia pela Terra

A linha brilhante

A última grande runa

Um romance e um autor entre dois mundos

Prefácio por Enéias Tavares

Os territórios insólitos nos quais as sementes da fantasia são plantadas e cultivadas, dando frutos não apenas fascinantes como não raro imorredouros, persistem enigmáticos e, por vezes, desconhecidos. Quando o assunto é a imaginação de autores como Tolkien, Lewis, Le Guin e Martin, cogitar a proximidade entre biografia e criatividade continua sendo desaconselhável. Nesse respeito, o caso de Lorde Dunsany – um homem que, como muitos de seus personagens, viveu sua vida entre dois mundos – pode nos ser de auxílio.

De um lado, o autor de *A filha do rei de Elfland* viveu no mundo doméstico da escrita, da leitura e da imaginação, visitando com grande paixão a tradição do folclore nórdico que formou o imaginário inglês e irlandês no qual ele nasceu e cresceu. Quando adulto, ele o recriou em seu estilo intenso e lírico recorrendo a um imaginário fantástico, heroico e mágico.

Do outro, ele foi um homem do mundo, que viveu a sociedade, o teatro, a política e a guerra dos seus dias: ele ensinava cultura e língua inglesa em Atenas quando Hitler invadiu a Grécia, obrigando-o mais uma vez a pegar em armas para proteger o mundo que conhecia, algo que ele já havia feito na Primeira Guerra Mundial e em outros conflitos que marcaram a Irlanda do começo do século. Em um desses conflitos, Dunsany levou um tiro na cabeça. E sobreviveu, não só para contar essa história... como para escrever muitas outras.

Mas estou me adiantando. Vamos retroceder um pouco e voltar ao seu nascimento, como é comum fazermos em introduções dessa natureza. Nascido Edward John Moreton Drax Plunkett em julho de 1878 numa família cuja história esteve vinculada à própria formação da Irlanda, Dunsany herdou do pai o título de barão. Já como lorde, habitou durante boa parte de sua vida um castelo do século XII – este considerado uma das mais belas construções europeias, senão uma das mais antigas. Muitas pessoas que nascem e vivem nessas circunstâncias não tendem a trabalhar muito. Mas esse não é o caso do nosso autor.

Enquanto escritor, Dunsany aventurou-se por vários gêneros e temas, tendo produzido mais de 90 livros em vida – divididos em contos, peças, poemas, ensaios e narrativas longas. Sua obra diversa e longeva valeu-lhe grande reconhecimento tanto na Irlanda quanto em outros países de língua inglesa, em especial nos Estados Unidos, onde alguns de seus contos foram publicados em importantes revistas como *Vanity Fair* e *Atlantic Monthly*.

Sua primeira obra de relevo foi *Gods of Pegãna*, publicada em 1904, uma teogonia imaginativa e vibrante, recriada em linguagem bíblica a partir da tradição nórdica. No mesmo ano, casou com Lady Beatrice Villiers, que se tornaria a leitora crítica de seus textos. Talvez nessa parceria esteja um dos fatores que explicam a qualidade acima da média de muitos de seus escritos.

Entre esses seriam publicados nos anos seguintes *Time and the Gods* (1906), *A Dreamer's Tale* (1910), *The Book of the Wonder* (1912), *Five Plays* (1914) e *Plays of God and Men* (1917). Em todas essas obras, Dunsany parte de lendas irlandesas, celtas, gregas e orientais e as reveste do imaginário medieval dos romances de cavalaria e das histórias de fadas europeias. Desse manancial folclórico, em contato com sua imaginação fervilhante e seu estilo inigualável, surge uma obra de escopo ainda mais ousado e que garantiu a permanência de seu legado.

Completam sua biografia – lembrem, muito trabalho e pouco descanso – suas atividades como atirador, professor, caçador,

ilustrador e enxadrista, além de uma respeitável carreira militar, tendo participado das duas guerras mundiais, além de outros conflitos envolvendo sua Irlanda natal. Amante do teatro, esteve à frente da direção do *Abbey Theatre* em Dublin, além de ter feito várias viagens aos Estados Unidos para ministrar conferências.

Em uma dessas concorridas aparições, em 20 de outubro de 1919, um jovem escritor chamado Howard Phillips Lovecraft encontrava-se na plateia. Anos depois, Lovecraft falaria de Dunsany como sua maior influência literária. Além disso, as constantes atuações de Dunsany nos campos social e político garantiram-lhe notoriedade entre seus contemporâneos, especialmente por tratar-se de um lorde e de um ficcionista, duas atividades não raro distantes do engajamento público.

Sua vida chegou ao fim em 25 de outubro de 1957, após uma noite agradável na companhia de um casal de amigos. Beatrice cuidou de seu legado literário até 1970. Após a morte da esposa, coube à família preservar o legado de um autor que não apenas emocionou leitores como inspirou escritores e artistas sem conta. Através de sua correspondência pessoal, por exemplo, podemos montar um panorama da cena literária entre os séculos XIX e XX, séculos transpassados pela vida e pela obra de Dunsany. Entre esses amigos estiveram o dramaturgo George Bernard Shaw, a folclorista Isabella Perse, o poeta William Butler Yeats e os romancistas H. G. Wells e Rudyard Kipling, entre dezenas de outros.

De influências marcantes nas décadas seguintes, destacamos J. R. R. Tolkien, Jorge Luis Borges, Arthur C. Clarke, Philip Pullmann e Ursula K. Le Guin. Entre alguns exemplos mais específicos da influência de Dunsany, de Lovecraft não teríamos hoje o ciclo de aventuras oníricas *À procura de Kadath* ou então contos marcantes como *Os gatos de Ulthar* ou *Celëphais*. Tolkien muito deve a Dunsany sua capacidade de produzir alta fantasia revestida de reflexões sociais e existenciais. Já Neil Gaiman muito deve a ele seu épico de fantasia *Stardust*, assim como Alan Moore o seu *Promethea*. Quanto a George R. R. Martin, a máxima “*The night is dark and full of terrors*” não deixa de ecoar

uma das frases mais memoráveis de Dunsany: “*A man is a very small thing, and the night is very large and full os wonders*”, presente em *Plays of Gods and Men* (1917).

Entre os principais temas dos escritos de Dunsany estão a noção da vastidão cósmica, a releitura da religião e do mito enquanto exemplificação da imaginação narrativa, a crítica à violência e à industrialização, a sublimação do mundo natural e da criatividade humana, além da importância desta na alteração do mundo social e político. Sendo um estilista primoroso, Dunsany reveste esses tropos de uma linguagem singular, usando suas frases não apenas para contar uma história como também para evocar sensações e impressões, o que dá à sua literatura um caráter igualmente sedutor e desafiador para alguns leitores, em especial àqueles acostumados a uma narrativa mais rápida ou econômica.

Nesse aspecto, Neil Gaiman, na sua introdução¹ ao presente romance, o define como “um rico vinho tinto, que pode produzir certo choque em pessoas que até o momento apenas experimentaram refrigerante.” Mesmo assim, adverte: “Confie no livro, confie em sua poesia e em sua estranheza, na magia de sua tinta, e o beba devagar.” A prosa poética de Dunsany – criada por meio de uma atenção à sonoridade das frases e ao efeito sinestésico de suas descrições – exige atenção e, por vezes, paciência, estando ela mais próxima do lirismo decadentista do século XIX do que da velocidade cinematográfica da literatura produzida nas últimas décadas. Isso dito, fica a certeza de que tal prosa compensará – e muito! – leitores e leitoras dispostas a se aventurar entre os habitantes exóticos, cenários suntuosos e eventos sublimes dispostos em cada uma das páginas de *A filha do rei de Elfland*.

Falando agora do romance que nos trouxe até aqui, ele foi publicado originalmente em 1924, quando Dunsany já vivenciava uma carreira literária consolidada. Seu enredo pode ser facilmente sumarizado: no antigo povoado de Erl, a população decide que estaria em melhor situação caso fosse governada por um ser mágico. O senhor da terra, atendendo ao pedido de seus

súditos, envia seu filho, Alveric, até a terra de Elfland. Com a ajuda da bruxa Ziroonderel, que o presenteia com uma poderosa espada enfeitiçada, o jovem cumpre a missão, trazendo de lá a bela princesa Lirazel.

Esse é apenas o mote inicial da fábula, que está bem longe de findar com um “viveram felizes para sempre” ou então com um grandioso “combate entre mortais e seres mágicos”. Antes, sua trama problematiza os limites da crença, da memória e da imaginação, numa história sobre os perigos da magia e sobre os riscos que corremos quando ousamos permitir que ela penetre nossas defesas. Por outro lado, é também uma fábula sobre o que o mundo real faz com nossos sonhos, desejos e ilusões. Em última instância, é uma história sobre pais e filhos e suas desencontradas expectativas, sobre amantes perdidos e grandes jornadas em direção a mundos desconhecidos, algumas bem-sucedidas, outras frustradas.

Além de uma poderosa e comovente alegoria sobre amor, coragem e saudade, o livro que o leitor tem em mãos é também uma delicada reflexão sobre o descompasso entre imaginação e realidade, entre o passado idealizado e o presente vivido, entre aquilo que desejamos nos corredores obscuros da nossa consciência em contraste com os claros e espartanos salões da nossa rotina diária.

Se Dunsany foi sonhador e também realista, tanto um homem de imaginação quanto um cidadão de óbvio pragmatismo social, profissional e político, talvez aqui tenhamos um dos problemas centrais apresentados nessa narrativa igualmente apaixonante e desalentadora: a incompatibilidade entre o mundo mágico e o mundo real. Nessa acepção, *A filha do rei de Elfland* apresenta um mundo duplo, feito de magia e realidade, e dramatiza o quanto cada uma dessas esferas crepusculares ganha ou perde ao olhar para fora de suas florestas e fronteiras.

Falando nelas, ao virar as próximas páginas, você encontrará uma grande variedade de fauna, flora e caracteres tanto humanos quanto insólitos. O mundo de Dunsany é um mundo de flores raras, bosques sombrios, palácios luzidios,

heras assassinas, coroas gélidas e corações ardentes, um mundo povoado de guerreiros élficos, princesas corajosas e heróis imperfeitos, pássaros misteriosos e bruxas desconfiadas, pais abandonados e trolls determinados. Trata-se de uma narrativa de épicas solidões e líricas jornadas. Uma história sobre sonhos perdidos, reinos banidos e feitiços esquecidos.

No universo de Dunsany, entre o *aqui* dos campos que conhecemos e o *lá* das Montanhas Élficas, o tempo varia e o espaço é impreciso e pouco confiável. Os personagens do criador de *A filha do rei de Elfland* estão justamente condenados a existir nesse espaço de mutantes cartografias e temporalidades variáveis, tendo de decidir entre sonhos ideais e rotinas reais, muitas vezes não percebendo que a incapacidade de escolher entre uma coisa e outra é justamente o que desperdiça uma e outra dimensão, numa das muitas lições que este romance comunica.

Ao lado da edição de *Contos maravilhosos* – que reúne *O livro das maravilhas* (1912) e *O último livro das maravilhas* (1916), publicado pela Arte & Letra em 2011 – este *A filha do rei de Elfland* chega ao Brasil em excelente edição da Editora Wish, após uma bem-sucedida campanha de financiamento coletivo. O livro integra uma caixa especial ao lado de *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, um outro clássico fantástico, desta vez brasileiro. A publicação não apenas amplia o legado de Dunsany em outras línguas, como dá ao leitor brasileiro a oportunidade – em tradução de Cláudia Mello Belhassof – de apreciar uma obra que tanto influenciou e influencia os grandes nomes da fantasia ocidental.

Quanto à questão apresentada na abertura desta introdução, penso que o rápido passeio que empreendemos pela obra e vida de Lorde Dunsany ilustre, como poucas vidas e obras o fazem, a particular conexão entre ficção e realidade, uma conexão que não raro define escritores e escritoras, indiferente aos gêneros, origens ou inspirações. Nesse sentido, *A filha do rei de Elfland* é um prato cheio e saboroso que nos permite explorar na superfície da página – e no interior de nós mesmos – não apenas as

paisagens hipotéticas da imaginação como também os mapas dos territórios que *supomos* reais.

É a partir do que sabemos da realidade via nossos sentidos que a fantasia se torna tão vívida. Do mesmo modo, é por meio da criatividade que os nossos mundos reais podem ser vivenciados de forma mais plena. Assim, ao invés daqueles que preferem distanciar fantasia e realidade, podemos aprender com Alveric e Lirazel que os dois domínios estão entrelaçados, que suas paisagens estão permanentemente conectadas no obscuro, fascinante e, por vezes, perigoso território da nossa imaginação.

Desde sua infância, **Enéias Tavares** tenta fugir dos campos que conhecemos, sendo a literatura um bom plano de escape.

Quando não está mapeando as profundezas em busca das Montanhas Élficas, atua como professor na UFSM, onde orienta trabalhos de pós-graduação sobre literatura fantástica e ministra o curso Escrita de Ficção Fantástica. De ficção, publicou pela editora LeYa *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* e pela editora Avec *Guanabara Real – A Alcova da Morte*, este em parceria com A. Z. Cordenonsi e Nikelen Witter. Junto de Bruno Matangrano é o idealizar de *Fantástico Brasileiro*, exposição e livro dedicados à história da literatura fantástica brasileira. *Brasiliana Steampunk* enquanto série transmídia já ganhou card game, audiolivro e suplemento escolar. Ele ministra workshops sobre escrita criativa e gerenciamento de projetos culturais, além de assinar a coluna sobre escrita criativa Bestiário Criativo e a webcomic *A Todo Vapor!* no portal CosmoNerd. Em 2019, publicou a graphic novel *O Matrimônio de Céu & Inferno* (AVEC), com Fred Rubim, e o romance *Juca Pirama Mercado para Morrer* (Jambô). Mais de sua produção em www.eneiastavares.com.br.

Prefácio do autor

Espero que nenhuma sugestão de qualquer terra estranha que possa ser invocada pelo título assuste os leitores e os afaste deste livro; pois, embora alguns capítulos de fato comentem sobre Elfland, na maior parte deles não há nada para ser mostrado além da face dos campos que já conhecemos, florestas inglesas triviais e um vilarejo e um vale comuns a uns bons trinta ou quarenta quilômetros da fronteira de Elfland.

Lorde Dunsany

O plano do Parlamento de Erl

Em seus casacos rubicundos de couro que chegavam aos joelhos, os homens de Erl apareceram diante de seu soberano, o homem majestoso de cabelos brancos em seu comprido salão vermelho. Ele se apoiou em sua cadeira esculpida e ouviu o porta-voz.

E assim o porta-voz disse:

— Durante setecentos anos, os chefes da sua raça nos governaram bem; e seus feitos são lembrados pelos menestréis modestos que ainda vivem de suas pequenas canções tilintantes. Mas as gerações passam, e não há nada de novo.

— O que vocês fariam? — indagou o soberano.

— Seríamos governados por um soberano mágico — responderam eles.

— Que assim seja — disse o soberano. — Faz quinhentos anos que meu povo fala disso no parlamento, e sempre deve ser como o parlamento diz. Vocês se pronunciaram. Que assim seja.

E ele ergueu a mão e abençoou a todos, e eles saíram.

Voltaram para as artes arcaicas: calçar os cascos dos cavalos com ferro, trabalhar o couro, cuidar das flores, administrar as necessidades árduas da Terra; eles seguiam os modos antigos e procuravam uma coisa nova. Mas o velho soberano enviou uma mensagem para seu primogênito, pedindo que fosse até ele.

E em pouco tempo o jovem estava diante do pai, naquela mesma cadeira esculpida da qual não tinha se levantado, onde a luz, entardecendo pelas janelas altas, mostrava os olhos

envelhecidos contemplando o futuro além do tempo daquele velho soberano. E sentado ali ele deu a seguinte ordem ao filho:

— Vá — disse ele —, antes que meus dias acabem, portanto vá depressa, e siga daqui em direção ao leste e passe pelos campos que conhecemos, até ver as terras que pertencem claramente às fadas; atravesse a fronteira, que é feita de crepúsculo, e vá àquele palácio que só pode ser mencionado em canções.

— É longe daqui — disse o jovem Alveric.

— Sim — respondeu ele —, é longe.

— E mais longe ainda — disse o jovem — para voltar. Pois as distâncias naqueles campos não são como aqui.

— Mesmo assim — disse o pai.

— O que quer que eu faça — disse o filho — quando chegar a esse palácio?

E o pai respondeu:

— Que você se case com a filha do Rei de Elfland.

O jovem pensou na beleza dela e na coroa de gelo, e na doçura que as runas fabulosas diziam que lhe pertencia. Canções sobre ela eram entoadas nas colinas selvagens onde cresciam minúsculos morangos, ao fim da tarde e no despontar das estrelas, e, se alguém procurasse o cantor, não encontraria ninguém ali. Em algumas ocasiões, apenas o nome dela era entoado suave e repetidamente. Seu nome era Lirazel.

Era uma princesa de linhagem mágica. Os deuses tinham enviado suas sombras para seu batizado, e as fadas também teriam comparecido, mas ficaram com medo de ver em seus campos orvalhados as esguias sombras animadas dos deuses, por isso ficaram escondidas em touceiras de anêmonas em um tom rosa-claro e assim abençoaram Lirazel.

— Meu povo exige um soberano mágico para governá-los. Fizeram uma escolha tola — disse o velho soberano —, e só os Sombrios que não mostram seu rosto sabem o que isso vai

provocar, mas nós, que não vemos, seguimos o costume antigo e fazemos o que nosso povo diz no parlamento. Talvez algum espírito de sabedoria que eles não conhecem possa salvá-los mesmo assim. Vá, então, com seu rosto voltado para aquela luz que pulsa da terra das fadas e que ilumina de um jeito fraco o entardecer entre o pôr do sol e as primeiras estrelas, e ela deve guiá-lo até você chegar à fronteira além dos campos que conhecemos.

Ele soltou uma correia e um cinturão de couro e ofereceu sua enorme espada para o filho, dizendo:

— Isto, que conduziu nossa família por todas as eras até este dia, certamente o protegerá ao longo da jornada, mesmo que você esteja muito além dos campos que conhecemos.

E o jovem a pegou, mesmo sabendo que nenhuma espada poderia beneficiá-lo.

Perto do Castelo de Erl morava uma bruxa solitária, nas terras altas perto dos trovões, que sobejavam nas colinas durante o verão. Lá ela morava sozinha em uma cabana estreita de palha e perambulava pelos campos altos sozinha para recolher os raios. Desses raios, que não tinham sido forjados na terra, eram feitas, com runas adequadas, armas para combater perigos sobrenaturais.

E sozinha essa bruxa perambulava em certas marés da primavera, assumindo a forma de uma jovem em sua beleza, cantando por entre as flores altas nos jardins de Erl. Ela saía na hora em que mariposas esfingídeas começavam a voar de campânula em campânula. E entre os poucos que a tinham visto estava esse filho do Soberano de Erl. E, embora fosse uma calamidade amá-la, embora isso arrebatasse os pensamentos dos homens para longe de tudo que era real, a beleza da forma que não era dela o atraía para encará-la com olhos jovens e até mesmo profundos – se ela agia por orgulho ou por piedade, quem poderia saber, sendo mortal? –, ela poupou aquele que suas artes poderiam muito bem ter destruído e, transformando-se instantaneamente naquele jardim ali, mostrou a ele a forma

legítima de uma bruxa letal. E mesmo assim os olhos dele não a abandonaram de imediato e, nos momentos em que esse olhar se demorou sobre aquela forma enrugada que assombrava as malvas, ele obteve a gratidão dela, que não poderia ser comprada nem conquistada por nenhum amuleto conhecido pelos cristãos. E ela o chamara, e ele a seguira e soubera, por ela, em sua colina assombrada pelo trovão, que, no dia da necessidade, uma espada poderia ser feita de metais não nascidos na Terra, com runas ao longo da lâmina que certamente afastariam qualquer golpe de espada terrena, e apenas três runas principais poderiam frustrar as armas de Elfland.

Enquanto pegava a espada do pai, o jovem pensou na bruxa.

Mal tinha escurecido no vale quando deixou o Castelo de Eri e subiu a colina da bruxa tão rápido que uma luz fraca ainda perdurava nas partes altas da mata quando ele se aproximou da cabana. Encontrou aquela que procurava queimando ossos em uma fogueira a céu aberto. Ele disse a ela que o dia da necessidade havia chegado. E ela o fez colher raios no jardim, na terra macia sob os repolhos.

E ali, com olhos que viam cada minuto mais escuro e dedos que se acostumavam com as superfícies curiosas dos raios, ele encontrou dezessete antes que a escuridão o cobrisse; e os empilhou em um lenço de seda e os levou para a bruxa.

Na grama ao lado dela, ele pousou esses desconhecidos da Terra. De espaços maravilhosos eles vinham para o jardim mágico dela, atirados pelo trovão sobre caminhos em que não podemos pisar; e, apesar de eles mesmos não conterem magia, eram bem adaptados para carregar a magia que as runas lhes proporcionariam. Ela deixou de lado o osso da coxa de um materialista e se voltou para os viajantes tempestuosos. Ela os arrumou em uma fileira única ao lado da fogueira. E sobre eles colocou a lenha em chamas e as brasas, espicaçando-as com o cetro de ébano que é o cajado das bruxas, até ter coberto profundamente os dezessete primos da Terra que nos visitaram vindos de seu lar etéreo. Ela se afastou da fogueira e estendeu

as mãos e, de repente, a explodiu com uma runa apavorante. As chamas se ergueram, assombradas. E o que era apenas uma fogueira solitária na noite, sem nenhum mistério além do que pertence a todas essas fogueiras, refulgiu em algo que os viajantes temiam.

Enquanto as chamas verdes, atormentadas pelas runas, se erguiam, e o calor do fogo ficava mais intenso, ela deu mais passos para trás e simplesmente enunciou as runas um pouco mais alto quanto mais se afastava da fogueira. Ela pediu que Alveric empilhasse lenhas escuras de carvalho que jaziam amontoadas na mata; e, de imediato, quando ele as soltou, o calor as lambeu; e a bruxa continuou enunciando suas runas cada vez mais alto, e as chamas dançavam selvagens e verdes; e sob as brasas os dezessete, cujos caminhos tinham cruzado a Terra quando vagavam livremente, conheceram um calor tão grandioso quanto o que tinham conhecido, mesmo naquela viagem desesperada que os levara até ali. E, quando Alveric não podia mais se aproximar do fogo e a bruxa estava a alguns metros de distância gritando suas runas, as chamas mágicas consumiram as cinzas, e aquela potência que refulgia na colina cessou de repente, deixando apenas um círculo que brilhava de modo sombrio no chão, como a poça maligna que reluz onde houve uma explosão de termite. E, deitada no halo, ainda totalmente líquida, estava a espada.

A bruxa se aproximou e aparou as bordas com uma espada que tirou da própria coxa. Em seguida ela se sentou ao lado dela no solo e cantou para a espada enquanto ela esfriava. Diferente das runas que enfureceram as chamas era a canção que ela entoava para a espada: ela, cujas maldições fizeram o fogo explodir até consumir toras de carvalho, agora entoava uma melodia que era como um vento no verão soprando de jardins de florestas selvagens que nenhum homem cultivou, descendo por vales antes adorados por crianças, agora perdidos para elas exceto em sonhos, uma canção de lembranças que espreitam e se escondem nas fronteiras do esquecimento, agora brotando de belos anos de vislumbre de um momento dourado, agora fugindo

rapidamente da memória de novo para voltar às sombras do esquecimento e deixando na mente aqueles traços mínimos de minúsculos pés reluzentes que, quando são obscuramente percebidos por nós, são chamados de remorso. Ela cantava sobre antigas tardes de verão na época das campânulas: cantava naquela charneca alta e sombria uma música que parecia tão cheia de manhãs e tardes preservadas com todos os seus orvalhos pela sua arte mágica em dias que já teriam se perdido, que Alveric se perguntou com cada asinha errante que o fogo dela tinha atraído do crepúsculo se esse era o espírito de alguma época perdida para os homens, invocado pela força de sua canção de tempos mais belos. E, enquanto isso, o metal sobrenatural endurecia. O líquido branco enrijeceu e ficou vermelho. O brilho do vermelho esmoreceu. E, conforme esfriava, também se estreitou: pequenas partículas se uniram, pequenas fendas se fecharam: e, enquanto elas se fechavam, se apossavam do ar ao redor e, com o ar, capturaram a runa da bruxa e a prenderam para sempre. E assim ela se transformou em uma espada mágica. E praticamente toda a magia das florestas inglesas, desde o florescer das anêmonas até a queda das folhas, estava na espada. E praticamente toda a magia das terras baixas ao sul, por onde perambulam apenas ovelhas e pastores silenciosos, a espada detinha. E havia nela o aroma de tomilho e o aspecto dos lilases, e o coro de pássaros que cantam antes do amanhecer em abril, e o profundo esplendor dos rododendros e a flexibilidade e a jovialidade dos riachos, e quilômetros e quilômetros de flores de maio. E, quando a espada ficou preta, estava totalmente encantada de magia.

Ninguém pode lhe dizer tudo que há para ser dito sobre essa espada; pois aqueles que conhecem os caminhos do Espaço no qual seus metais costumavam flutuar, até a Terra capturá-los um por um enquanto navegavam em sua órbita, têm pouco tempo para desperdiçar em coisas como a magia, e assim não podem lhe dizer como a espada foi feita, e aqueles que sabem onde se encontram a poesia e a necessidade que os homens têm de canções ou conhecem todos os cinquenta ramos da magia têm pouco tempo para desperdiçar em coisas como ciência e,

portanto, não podem lhe dizer de onde vieram os ingredientes. Basta saber que ela já esteve além da nossa Terra e aqui entre as nossas pedras mundanas; que já foi apenas como essas pedras, e agora tem em si algo parecido com o que a música suave tem; quem puder que as defina.

E agora a bruxa pegou a lâmina preta pelo punho, que era grosso e arredondado em um dos lados, pois ela havia feito um pequeno sulco no solo sob o punho com esse propósito, e começou a afiar os dois lados da espada esfregando-os com uma pedra esverdeada curiosa, ainda entoando sobre ela uma canção misteriosa.

Alveric a observava em silêncio, pensando, sem contar o tempo; podem ter sido instantes, pode ter sido enquanto as estrelas viajaram grandes distâncias em seu curso. De repente, ela terminou. Levantou-se com a espada apoiada nas duas mãos. Estendeu-a para Alveric de um jeito seco; ele a pegou, ela desviou o olhar, e havia uma expressão nos olhos dela como se quisesse manter a espada ou manter Alveric. Ele se virou para agradecer, mas ela havia sumido.

Ele bateu à porta da casa sombria; chamou “Bruxa, Bruxa” pela extensão da mata solitária, até as crianças de fazendas distantes ouvirem e ficarem apavoradas. Então, voltou para casa, e foi o melhor para ele.

II

Alveric avista as Montanhas Élficas

No aposento comprido com poucos móveis, alto na torre, no qual Alveric dormia, um raio direto do sol nascente entrou. Ele acordou e se lembrou imediatamente da espada mágica, e isso deixou seu despertar mais feliz. É natural se sentir alegre ao pensar em um presente recente, mas também havia uma alegria na espada em si, que talvez se comunicasse com os pensamentos de Alveric com mais facilidade por terem acabado de sair do mundo dos sonhos, que era preeminentemente o reino da própria espada; mas, de qualquer modo, todos aqueles que se aproximaram de uma espada mágica sempre sentiram essa alegria de maneira clara e inequívoca enquanto ela ainda era nova.

Ele não tinha despedidas para fazer, mas achou melhor obedecer imediatamente à ordem do pai do que ficar para explicar por que estava levando em sua aventura uma espada que achava melhor do que a que seu pai adorava. Por isso, nem ficou para comer, mas colocou comida em uma sacola e pendurou em uma alça uma garrafa de bom couro novo, sem esperar para enchê-la, pois sabia que encontraria riachos; e, carregando a espada do pai do jeito que as espadas são carregadas normalmente, pendurou a outra nas costas com o punho bruto amarrado perto do ombro e saiu a passos largos do Castelo e do Vale de Erl. Dinheiro ele levou pouco, meio punhado de cobre apenas, para usar nos campos que conhecemos, já que não sabia que moeda ou meio de troca era usado no outro lado da fronteira do crepúsculo.

Bem, o Vale de Erl fica muito perto da fronteira além da qual não há nada dos campos que conhecemos. Ele subiu a colina e andou a passos largos pelos campos e passou pelos bosques de avelãs; e o céu azul brilhava alegremente sobre ele conforme seguia pelos campos, e o azul também era vibrante a seus pés quando ele chegou à floresta, pois era época das campânulas. Comeu, encheu a garrafa de água e viajou o dia todo em direção ao leste, e ao entardecer as montanhas das fadas surgiram no seu campo de visão, da cor de pálidas miosótis.

Quando o sol se pôs atrás de Alveric, ele olhou para as montanhas azul-claras para ver com qual cor seus picos surpreenderiam o fim da tarde; mas elas nunca exibiam nem um tom do sol poente, cujo esplendor dourava todos os campos que conhecemos, nunca uma dobra desbotava em seus precipícios, nunca uma sombra se aprofundava, e Alveric descobriu que nada do que acontece aqui repercute nas terras encantadas.

Ele desviou os olhos dessa beleza pálida e serena e os voltou para os campos que conhecemos. E ali, com suas cumeeiras se erguendo para a luz do sol sobre sebes profundas embelezadas pela primavera, ele viu cabanas de homens terrenos. Passou por elas enquanto a beleza do fim da tarde aumentava, com as canções dos pássaros e os aromas escapando das flores e odores que se aprofundavam cada vez mais, e o entardecer se enfeitava para receber a Estrela Vespertina. Mas, antes que essa estrela aparecesse, o jovem aventureiro encontrou a cabana que procurava; pois, tremulando sobre a porta, ele viu a placa da enorme pele marrom com letras raras em dourado que proclamavam que o habitante ali embaixo era um correiro.

Um velho apareceu na porta quando Alveric bateu, pequeno e encurvado com a idade, e se inclinou ainda mais quando Alveric declarou seu nome. O jovem pediu uma bainha para sua espada, mas não disse que espada era. E ambos entraram na cabana, onde a velha esposa estava, ao lado da grande lareira, e o casal fez as honras a Alveric. O velho então se sentou perto da mesa sólida, cuja superfície brilhava de tão lisa nos pontos onde

não estava esburacada por pequenas ferramentas que perfuraram os cortes de couro ao longo de toda a vida daquele homem e na época de seus ancestrais. E ali ele pousou a espada sobre os joelhos e se admirou com a brutalidade do punho e do guarda-mão, pois eram feitos de metal rudimentar não trabalhado, e com a enorme largura da espada; em seguida, estreitou os olhos e começou a pensar no seu negócio. E em pouco tempo pensou no que deveria ser feito; e sua esposa lhe trouxe uma bela pele; e ele marcou nela dois cortes da largura da espada e um pouco mais largos que ela.

E qualquer pergunta que ele fazia sobre aquela espada brilhante e larga Alveric conseguia desviar, pois não queria causar perplexidade em sua mente contando tudo que ela era. Ele causou perplexidade suficiente no velho casal um pouco depois, quando pediu para se hospedar ali naquela noite. E isso permitiram-lhe com todos os pedidos de desculpas, como se eles é que tivessem pedido um favor, e lhe deram uma excelente ceia servida do seu caldeirão, no qual fervilhava tudo que o velho tinha caçado; mas nada que Alveric pudesse dizer os impediu de lhe dar a própria cama e preparar uma pilha de peles para eles passarem a noite ao lado da lareira.

E, depois da ceia, o velho cortou os dois pedaços largos de couro com uma ponta no fim de cada um e começou a costurá-los juntos nos dois lados. Alveric começou a lhe perguntar sobre o caminho, e o velho correeiro falou do norte e do sul e do oeste e até do noroeste, mas sobre o leste e o sudeste não disse uma palavra. Ele morava bem perto da fronteira dos campos que conhecemos, mas, sobre qualquer indício de alguma coisa além deles, nem ele nem a esposa falaram nada. No local por onde a jornada de Alveric continuava no dia seguinte, eles pareciam pensar que o mundo acabava.

E, ponderando depois na cama que eles lhe deram sobre tudo que o velho dissera, Alveric às vezes se admirava com sua ignorância, mas às vezes se perguntava se podia ser por habilidade que os dois tivessem evitado durante todo o entardecer qualquer palavra sobre alguma coisa que existisse a

leste ou sudeste de seu lar. Ele ficou pensando se, na juventude, o velho poderia ter ido até lá, mas não conseguiu nem pensar no que ele teria encontrado se tivesse ido. Então Alveric adormeceu, e os sonhos lhe deram indícios e palpites sobre as peregrinações do velho na Terra das Fadas, mas não deram guias melhores do que ele já tinha, que eram os picos azul-claros das Montanhas Élficas.

O velho o acordou depois que ele dormiu por muito tempo. Quando chegou à sala, um fogo radiante estava queimando, o café da manhã estava preparado para ele e a banha estava pronta, cabendo com exatidão na espada. Os velhos esperavam em silêncio por ele e receberam o pagamento pela banha, mas não aceitaram nada pela hospitalidade. Em silêncio eles o observaram partir e o seguiram sem palavras até a porta, e lá fora ainda o observavam, na clara esperança de que ele seguisse para o norte ou o oeste; mas, quando virou e seguiu a passos largos em direção às Montanhas Élficas, eles não o observaram mais, pois seus rostos nunca se viravam naquela direção. E, apesar de não o observarem mais, ele acenou um adeus; pois tinha um sentimento pelas cabanas e pelos campos desse povo simples, apesar de eles não sentirem isso pelas terras encantadas. Ele caminhou na manhã cintilante por cenários familiares desde a infância; viu as orquídeas rubicundas florescendo cedo, lembrando às campânulas que elas tinham acabado de passar do seu vigor; as jovens folhinhas do carvalho ainda estavam amarelo-amarronzadas; as novas folhas de faia reluziam como latão, onde o cuco cantava mais cedo; e uma bétula parecia uma criatura dos bosques selvagens que se enrolara em gaze verde; em arbustos formosos havia brotos de flores de maio. Alveric se despediu várias vezes de todas essas coisas: o cuco continuou cantando, e não era para ele. E então, quando ele atravessou uma sebe e chegou a um campo sem cuidados, ali adiante, bem perto estava, como seu pai lhe dissera, a fronteira do crepúsculo. Ela se estendia na sua frente, azul e densa como água; e as coisas que se viam através dela pareciam disformes e brilhantes. Ele olhou para trás, para os campos que conhecemos; o cuco continuava cantando sem

preocupação; um pequeno pássaro cantava sobre seus assuntos particulares; e, como nada parecia responder nem dar importância à sua despedida, Alveric seguiu a passos largos cheio de coragem em direção àquelas imensas parcelas de crepúsculo.

Um homem em um campo não muito distante estava chamando os cavalos, havia pessoas conversando em um caminho nos arredores enquanto Alveric adentrava o baluarte do crepúsculo; imediatamente esses sons ficaram fracos, zumbindo tênues, como se estivessem muito distantes: em poucos passos ele atravessou, e nem um murmúrio veio dos campos que conhecemos. Os campos de onde ele viera terminaram subitamente; não havia resquício de suas sebes verdejantes; ele olhou para trás e a fronteira parecia estar abaixando, enevoadada e esfumaçada; olhou ao redor e não viu nada conhecido; no lugar da beleza de maio estavam as maravilhas e os esplendores de Elfland.

As montanhas azul-claras se assomavam imponentes em sua glória, reluzindo e ondulando em uma luz dourada que parecia emanar de maneira ritmada dos picos e inundava todas aquelas encostas com brisas de ouro. E, abaixo delas, ainda distantes, ele viu se erguerem para o ar, totalmente prateados, os pináculos do palácio que só pode ser mencionado em canções. Ele estava em uma planície na qual as flores eram raras e a forma das árvores era monstruosa. Partiu imediatamente em direção aos pináculos prateados.

Para aqueles que sabiamente mantiveram suas ilusões dentro dos limites dos campos que conhecemos, é difícil eu falar da terra à qual Alveric tinha chegado, de modo que em suas mentes eles consigam ver a planície com árvores espalhadas e bem distantes da floresta sombria da qual o palácio de Elfland erguia aqueles pináculos reluzentes, e sobre eles e além deles aquela cadeia de montanhas cujos cumes não recebiam nenhuma cor das luzes que vemos. E é exatamente por esse motivo que nossas ilusões viajam para longe e, se meu leitor, por falha minha, não conseguir visualizar os picos de Elfland, minha

ilusão deveria ter ficado nos campos que conhecemos. Saiba, então, que em Elfland as cores são mais intensas que nos nossos campos, e o próprio ar de lá brilha com uma luminescência tão profunda que todas as coisas vistas ali têm algo da aparência das nossas árvores e flores em junho refletidas na água. E as cores de Elfland, que me desesperiei para explicar, ainda podem ser definidas, pois temos indícios delas aqui; o azul intenso da noite no verão assim que o ocaso se foi, o azul-claro de Vênus inundando o entardecer de luz, as profundezas dos lagos no crepúsculo; tudo isso são indícios dessas cores. E, embora nossos girassóis se virem cuidadosamente para o sol, algum antepassado dos rododendros deve ter se virado um pouco na direção de Elfland, de modo que um pouco dessa glória persiste neles até hoje. E, acima de tudo, nossos pintores tiveram muitos vislumbres daquele reino, de modo que às vezes em quadros vemos uma magia maravilhosa demais para os nossos campos; é uma memória deles que se infiltrou de algum vislumbre antigo das montanhas azul-claras enquanto eles se sentavam diante de cavaletes pintando os campos que conhecemos.

E assim Alveric caminhou a passos largos pelo ar luminoso daquela terra cujos vislumbres vagamente lembrados são inspirações aqui. E de repente se sentiu menos solitário. Pois há uma barreira nos campos que conhecemos, delimitando bruscamente os homens e todas as outras formas de vida, de modo que, se passarmos um dia distante da nossa espécie, nos sentimos solitários; mas, ao atravessar a fronteira do crepúsculo, Alveric percebeu que essa barreira tinha desaparecido. Corvos andando pela charneca olhavam de um jeito estranho para ele, todos os tipos de pequenas criaturas espiavam curiosas para ver quem tinha chegado de um canto de onde tão poucos vinham; para ver quem saiu em uma jornada da qual tão poucos retornavam; pois o Rei de Elfland guardava bem sua filha, como Alveric sabia, embora não soubesse como. Havia um brilho alegre de interesse em todos aqueles pequenos olhos, e uma expressão que poderia significar advertência.

Talvez houvesse menos mistério aqui do que no nosso lado da fronteira do crepúsculo; pois nada espreitava nem parecia espreitar por trás dos grandes troncos de carvalho, como, em certas luzes e estações, as coisas espreitavam nos campos que conhecemos; nenhuma estranheza se escondia na margem distante das montanhas; o que poderia espreitar estava claramente ali para ser visto, qualquer estranheza que pudesse existir estava bem à vista do viajante, o que pudesse assombrar as florestas profundas vivia ali no dia claro.

E o encantamento era tão forte e profundo sobre toda aquela terra que não apenas os animais e os homens adivinhavam bem as intenções uns dos outros, mas parecia haver até mesmo um entendimento que se estendia dos homens até as árvores e das árvores até os homens. Pinheiros solitários pelos quais Alveric às vezes passava na charneca, com os troncos sempre incandescendo de luz rubicunda que absorveram por magia de um antigo pôr do sol, pareciam assomar sobre ele como alguém de mãos na cintura se inclinando de leve para encará-lo. Era quase como se elas não tivessem sido sempre árvores, antes de o encantamento tê-las alcançado ali; parecia que iam lhe dizer alguma coisa.

Mas Alveric não deu nenhuma atenção aos alertas dos animais e das árvores e seguiu a passos largos em direção à floresta encantada.

III

A espada mágica encontra algumas das espadas de Elfland

Quando Alveric chegou à floresta encantada, a luz sob a qual Elfland reluzia não tinha aumentado nem diminuído, e ele viu que ela não vinha de nenhuma radiação que brilha nos campos que conhecemos, a menos que luzes errantes de momentos maravilhosos que às vezes encantam nossos campos, e desaparecem no instante em que surgiram, escapem pela fronteira de Elfland por algum distúrbio momentâneo da magia. Nem o sol nem a lua formavam a luz daquele dia encantado.

Uma fileira de pinheiros que heras escalavam, altos como sua folhagem preta ameaçadora, se erguia como sentinelas no limite da floresta. Os pináculos prateados reluziam como se fossem eles que produzissem todo esse brilho azul-celeste no qual Elfland nadava. E Alveric, agora tendo se embrenhado muito em Elfland e estando diante de seu principal palácio, e sabendo que esta terra guardava bem os seus mistérios, desembainhou a espada do pai antes de entrar na floresta. A outra ainda estava pendurada nas costas, enfiada na nova bainha sobre o ombro esquerdo.

E, no instante em que passou por um desses pinheiros guardiões, a hera que vivia nele soltou suas gavinhas e, descendo rapidamente, foi direto até Alveric e se enroscou no seu pescoço.

A longa espada fina de seu pai foi precisa; se ela não tivesse sido desembainhada, ele mal teria conseguido sacá-la, de tão rápido que foi o movimento da hera. Ele cortou gavinha após gavinha que agarrava seus membros assim como as heras

agarram antigas torres, e mais gavinhas iam para cima dele, até decepar o caule principal entre ele e a árvore. E, enquanto estava fazendo isso, ouviu um movimento assobiado atrás de si e mais uma tinha descido de outra árvore e estava disparando em direção a ele com todas as folhas estendidas. A coisa verde parecia selvagem e raivosa quando agarrou seu ombro esquerdo como se fosse segurá-lo para sempre. Mas Alveric decepou essas gavinhas com um golpe da espada e depois lutou contra o restante, enquanto a primeira ainda estava viva, mas agora curta demais para alcançá-lo, e estava batendo os galhos com raiva no chão. E, em pouco tempo, quando a surpresa do ataque sumiu e ele se livrou das gavinhas que o tinham agarrado, Alveric deu um passo para trás até a hera não conseguir alcançá-lo, embora ele ainda conseguisse lutar contra ela com sua espada comprida. A hera rastejou de volta para enganar Alveric e se lançou sobre este quando ele a seguiu. Mas, por mais terrível que fosse o aperto da hera, a espada era boa e afiada; e em pouco tempo Alveric, cheio de escoriações como estava, tinha desbastado sua agressora de modo que ela fugiu de volta para a árvore. Ele deu um passo para trás e olhou para a floresta sob a luz dessa nova experiência, escolhendo um caminho para passar. Logo viu que, na barreira de pinheiros, havia dois cuja hera tinha sido tão encurtada na briga que, se ele passasse bem no meio, ela não conseguiria alcançá-lo. Deu um passo à frente, mas, no instante em que fez isso, percebeu que um dos pinheiros se aproximou do outro. E ali ele soube que tinha chegado a hora de sacar a espada mágica.

E assim devolveu a espada do pai para a bainha ao seu lado e sacou a outra por sobre o ombro e, indo direto para a árvore que tinha se movido, atacou a hera quando ela se jogou em cima dele. E a hera caiu imediatamente no chão, não sem vida, mas como uma pilha de hera comum. Ele deu um golpe no tronco da árvore e arrancou uma lasca que não era maior do que aquela que uma espada comum teria arrancado, mas a árvore toda estremeceu; e, com esse tremor, desapareceu na mesma hora uma certa expressão ameaçadora que o pinheiro tinha, e ele

ficou ali como uma árvore comum desencantada. Então Alveric entrou na floresta com a espada sacada.

Não tinha dado muitos passos quando ouviu atrás de si um som como uma brisa fraca nas copas das árvores, embora nenhum vento soprasse na floresta. Ele olhou ao redor e viu que os pinheiros o estavam seguindo. Estavam indo devagar atrás dele, mantendo-se bem afastados da espada, mas à esquerda e à direita estavam fechando o cerco sobre ele, de modo que se viu gradualmente cercado por um arco que ficava cada vez mais denso conforme se embrenhava por entre as árvores que encontrava no caminho, e logo o esmagariam até a morte. Alveric viu imediatamente que voltar seria fatal e decidiu seguir em frente, confiando principalmente na velocidade, pois sua rápida percepção já havia notado algo lento na magia que dominava a floresta, como se quem a controlasse fosse velho ou estivesse cansado da magia ou fosse interrompido por outras coisas. Então ele seguiu em frente, atingindo todas as árvores no caminho, encantadas ou não, com um golpe da espada mágica; e as runas que corriam naquele metal vindo do outro lado do sol eram mais fortes do que qualquer feitiço que houvesse na floresta. Grandes carvalhos com troncos sinistros caíram e perderam todo o encantamento enquanto Alveric passava apressado por eles com uma pancada da espada mágica. Ele estava andando mais rápido que os pinheiros desajeitados. E logo deixou naquela floresta estranha e sinistra um rastro de árvores totalmente desencantadas, que estavam ali agora sem nenhum resquício de romance nem de mistério.

E de repente ele saiu das trevas da floresta para a glória esmeralda dos gramados do Rei dos Elfos. Mais uma vez, temos indícios dessas coisas aqui. Imagine nossos gramados acabando de emergir da noite, refletindo as primeiras luzes nas gotas de orvalho quando todas as estrelas se foram; cercados de flores que começaram a despontar, suas cores amenas voltando depois da noite; sem terem sido pisados por nenhum pé além dos menores e mais selvagens; isolados do vento e do mundo por árvores em cujas folhas ainda há trevas: imagine isso enquanto

espera o canto dos pássaros; às vezes há quase um indício do brilho dos gramados de Elfland, mas passa tão rápido que nunca podemos ter certeza. Mais bonitas do que o nosso espanto supõe, mais do que nossos corações esperam, eram as luzes das gotas de orvalho e os crepúsculos nos quais esses gramados brilhavam e reluziam. E temos outra coisa para dar indícios delas: as algas ou os musgos-do-mar que cobrem as rochas do Mediterrâneo e brilham na água verde-azulada para os observadores nos penhascos vertiginosos: mais parecidos com o fundo do mar eram esses gramados do que com qualquer terra nossa, pois o ar de Elfland é, assim, intenso e azul.

Perante a beleza desses gramados, Alveric ficou parado contemplando enquanto eles reluziam no crepúsculo e no orvalho, cercado pela glória malva e rubicunda das touceiras de flores de Elfland, ao lado das quais nossos ocasos e nossas orquídeas desbotam; e além delas se estendia como a noite a floresta mágica. E, projetando-se daquela floresta, com portais reluzentes totalmente abertos para os gramados, com janelas mais azuis que o nosso céu nas noites de verão, como se fosse construído com a luz das estrelas, brilhava aquele palácio que só pode ser mencionado em canções.

Enquanto Alveric ficava ali com a espada na mão, na beira da floresta, mal respirando, com os olhos pousados nos gramados sob a glória triunfal de Elfland, por um dos portais saiu, sozinha, a filha do Rei de Elfland. Ela caminhou deslumbrante até os gramados sem ver Alveric. Seus pés roçavam no orvalho e no ar pesado e prensavam delicadamente por um instante o gramado esmeralda, que se dobrava e se erguia, como nossas campânulas quando borboletas azuis pousam e as deixam, vagando sem preocupações pelas colinas de calcário.

E, enquanto ela passava, ele não respirava nem se mexia, nem conseguiria ter se mexido se aqueles pinheiros ainda o estivessem perseguindo, mas eles ficaram na floresta, sem ousar tocar naqueles gramados.

Ela usava uma coroa que parecia ter sido esculpida de grandes e pálidas safiras; ela brilhava naqueles gramados e

jardins como uma aurora que chegava sem avisar, saindo de uma longa noite, em algum planeta mais próximo do sol. E, quando passou por Alveric, de repente ela virou a cabeça, e seus olhos se abriram em um pequeno espanto. Ela nunca tinha visto um homem dos campos que conhecemos.

E Alveric encarou os olhos dela, totalmente mudo e impotente: de fato era a Princesa Lirazel em toda a sua beleza. E ele viu que a coroa não era de safiras, e sim de gelo.

— Quem é você? — indagou ela. E a voz tinha uma musicalidade que, nas coisas terrenas, era mais parecida com gelo em milhares de fragmentos balançados por um vento de primavera sobre os lagos em algum país do norte.

E ele disse:

— Venho dos campos que são mapeados e conhecidos.

E então ela suspirou por um instante por esses campos, pois tinha ouvido falar como a vida passa lindamente lá, e como sempre há gerações jovens nesses campos, e pensou nas estações e nas crianças e nas idades mutáveis, sobre as quais os menestréis élficos cantavam quando falavam da Terra.

E, quando ele a viu suspirar pelos campos que conhecemos, falou um pouco sobre a terra de onde tinha vindo. E ela o questionou um pouco mais, e logo ele estava contando histórias do seu lar e do Vale de Erl. E ela ficou encantada de ouvi-lo e fez mais perguntas; e ele contou tudo que sabia sobre a Terra, sem pensar em contar a história da Terra pelo que seus olhos tinham visto na sua contagem reduzida de anos, mas contando as histórias e fábulas sobre animais e homens, que o povo de Erl tinha contado ao longo de eras e que seus anciãos contavam perto do fogo ao entardecer quando as crianças perguntavam o que tinha acontecido muito tempo antes. E assim, na fronteira daqueles gramados cuja glória milagrosa era emoldurada por flores que nunca conhecemos, com a espada mágica atrás dele e aquele palácio que só pode ser mencionado em canções reluzindo ali perto, eles conversaram sobre a sabedoria simples dos homens e mulheres mais velhos, falando de colheitas e do

florescimento de rosas e flores de maio, de quando plantar nos jardins, do que os animais selvagens sabiam; como curar, como semear, como fazer um telhado de palha e de quais ventos em quais estações sopram nos campos que conhecemos.

E então apareceram os cavaleiros que guardam o palácio no caso de alguém chegar pela floresta encantada. Quatro deles se aproximaram pelos gramados usando armaduras, sem mostrar o rosto. Em todos os séculos encantados de suas vidas, eles nunca tinham ousado sonhar com a princesa: nunca tinham mostrado o rosto quando se ajoelhavam com armaduras diante dela. Mas tinham feito um juramento com palavras temerosas de que nenhum homem jamais deveria falar com ela, se alguém se aproximasse pela floresta encantada. Com esse juramento agora nos lábios, eles marcharam em direção a Alveric.

Lirazel olhou triste para eles, mas não podia pará-los, pois eles tinham vindo por ordem do seu pai, que ela não podia contrariar, e ela bem sabia que o pai poderia não se lembrar do comando, pois o tinha pronunciado eras antes por imposição do Destino. Alveric olhou para as armaduras deles, que pareciam mais brilhantes do que qualquer metal nosso, como se viessem daqueles contrafortes próximos, que só são revelados em canções; então ele foi em frente, sacando a espada do pai, pois pensou em enfiar a ponta fina em alguma junta da armadura. A outra ele segurou na mão esquerda.

Quando o primeiro cavaleiro golpeou, Alveric aparou com a espada e impediu o ataque, mas sentiu um choque parecido com um relâmpago no braço e a espada voou da sua mão, e ele soube que nenhuma espada terrena poderia enfrentar as armas de Elfland e pegou a espada mágica com a mão direita. Com isso, desviou dos golpes da guarda da Princesa Lirazel, pois os quatro cavaleiros eram para isso, tendo esperado por essa ocasião ao longo de todas as eras de Elfland. E nenhum outro golpe de nenhuma dessas espadas o atingiu, apenas uma vibração do metal de sua própria espada que passou por ela como uma canção, e um tipo de brilho que surgiu nela, chegando ao coração de Alveric e animando-o.

Mas, conforme Alveric continuava a aparar os golpes rápidos da guarda, aquela espada que era herdeira dos relâmpagos ficou cansada dessas defesas, pois tinha em sua essência velocidade e jornadas desesperadas; e, erguendo a mão de Alveric com ela, deu golpes nos cavaleiros élficos, e as armaduras de Elfland não conseguiram impedi-la. Um sangue grosso e curioso começou a se derramar pelas fendas da armadura, e logo, daquele destacamento reluzente, dois tinham caído; e Alveric, encorajado pelo zelo de sua espada, lutou alegremente e logo derrubou outro, de modo que só restavam ele e um da guarda, que parecia ter em si uma magia mais forte do que a que tinha sido dada a seus camaradas caídos. E era assim, pois, quando o Rei dos Elfos encantou pela primeira vez a guarda, esse soldado élfico tinha sido o primeiro, enquanto o esplendor de suas runas estava novo; e o soldado e sua armadura e sua espada ainda tinham algo dessa magia inicial, mais potente do que qualquer inspiração de magia que surgiu depois na mente de seu mestre. Mas esse cavaleiro, como Alveric logo pôde perceber ao longo de seu braço e sua espada, não tinha nenhuma dessas três runas principais das quais a velha bruxa havia falado quando fez a espada em sua colina; pois essas tinham sido preservadas em silêncio pelo próprio Rei de Elfland, com as quais ele ocultava sua presença. Para conhecer a existência delas, ela deve ter voado de vassoura até Elfland e falado em segredo com o Rei.

E a espada que tinha visitado a Terra de tão longe golpeou como a queda de trovões; e faíscas verdes escaparam da armadura, e carmesim quando uma espada encontrava a outra; e o sangue élfico grosso escorria lentamente, saindo das fendas amplas, descendo pela couraça; e Lirazel observou com admiração e espanto e amor; e os combatentes se afastaram lutando floresta adentro; e galhos caíram sobre eles, cortados na luta; e as runas na espada vinda de longe de Alveric exultaram e rugiram para o cavaleiro élfico; até que, na escuridão da floresta, por entre galhos arrancados de árvores desencantadas, com um golpe que parecia um trovão rachando um carvalho, Alveric o matou.

Com esse estrépito e com esse silêncio, Lirazel correu para o lado dele.

— Rápido! — disse ela. — Pois meu pai tem três runas... — Ela não se arriscou a falar delas.

— Para onde? — indagou Alveric.

E ela respondeu:

— Para os campos que você conhece.

IV

Alveric volta para a Terra depois de muitos anos

De volta pela floresta protetora seguiram Alveric e Lirazel, e ela olhou apenas mais uma vez para aquelas flores e aqueles gramados, vistos apenas nas ilusões mais viajantes de poetas em sono profundo, e depois apressou Alveric; ele escolheu o caminho que passava pelas árvores que tinha desencantado.

E ela não o deixou parar nem mesmo para escolher o caminho, mas continuou apressando-o para longe do palácio que só pode ser mencionado em canções. E as outras árvores começaram a se movimentar desajeitadas para cima deles, de além da linha opaca não imaginária que a espada de Alveric tinha provocado, parecendo estranhas enquanto seguiam na direção das camaradas atingidas, cujos galhos apáticos estavam tombados sem magia e sem mistério. E, quando as árvores se aproximavam, Lirazel levantava a mão e todas elas paravam; e ela continuava pedindo a Alveric para se apressar.

Ela sabia que o pai ia subir a escada de bronze de um dos pináculos prateados, sabia que ele logo apareceria em uma sacada alta, sabia qual runa ele recitaria. Ela ouviu os passos dele subindo, agora ecoando pela floresta. Eles fugiram pela planície além da floresta, atravessando o dia élfico azul interminável, e ela olhou várias vezes para trás e apressou Alveric. Os pés do Rei dos Elfos ressoavam lentos nos mil degraus de bronze, e ela esperava chegar à barreira do crepúsculo, que daquele lado era enevoadada e opaca; mas, de repente, quando olhou pela centésima vez para as sacadas distantes dos pináculos reluzentes, viu uma porta começar a abrir

bem no alto, acima do palácio que só pode ser mencionado em canções. Ela gritou “Ai de mim!” para Alveric, mas naquele instante o aroma de rosas-bravas fluiu até eles vindo dos campos que conhecemos.

Alveric não conhecia a fadiga, pois era jovem, nem ela, pois era imortal. Os dois correram, ele segurando a mão dela; o Rei dos Elfos levantou a barba e, assim que começou a entoar uma runa que só pode ser pronunciada uma vez, contra a qual nada em nossos campos tem nenhuma serventia, eles tinham atravessado a fronteira do crepúsculo, e a runa estremeceu e perturbou as terras em que Lirazel não andava mais.

Quando Lirazel olhou para os campos que conhecemos, desconhecidos para ela como antigamente tinham sido para nós, sua beleza a encantou. Ela riu ao ver os montes de feno e adorou sua singularidade. Uma cotovia estava cantando, e Lirazel falou com ela, e a cotovia não pareceu entender, mas ela se virou para as outras glórias dos nossos campos, pois tudo era novo para ela, e se esqueceu da cotovia. Curiosamente, não era mais a estação das campânulas, pois todas as dedaleiras estavam florescendo e as flores de maio tinham sumido e as rosas selvagens estavam ali. Alveric nunca entendeu isso.

Era o início da manhã, e o sol estava brilhando, espalhando cores suaves nos nossos campos, e Lirazel exultava com coisas mais comuns do que se pode acreditar que havia entre as visões mais familiares do cotidiano da Terra. Ela estava tão feliz, tão alegre, com seus gritinhos de surpresa e seu riso, que a partir de então, para Alveric, parecia existir uma beleza que ele jamais sonhara encontrar nos ranúnculos, e os carrinhos de mão pareciam mais divertidos do que ele havia pensado. A cada momento, ela encontrava com um gritinho de alegre descoberta um tesouro da Terra que ele não sabia que era belo. E então, enquanto a observava acrescentar uma beleza aos nossos campos mais delicada do que as rosas selvagens, ele viu que a coroa de gelo tinha derretido.

E assim ela saiu do palácio que só pode ser mencionado em canções, passou pelos campos dos quais não preciso falar, pois

eram os campos familiares da Terra, que as eras mudam pouco e apenas por um tempo, e chegou ao entardecer com Alveric à casa dele.

Tudo havia mudado no Castelo de Erl. No portão, eles encontraram um guardião que Alveric conhecia: o homem se espantou ao vê-los. No corredor e na escada, encontraram alguns que cuidavam do castelo, que viraram a cabeça surpresos. Alveric também os conhecia, mas todos estavam mais velhos; e ele percebeu que uns dez anos deviam ter decorrido durante aquele dia azul que passara em Elfland.

Quem não sabe que esses são os costumes de Elfland? E, no entanto, quem não ficaria surpreso se visse isso acontecer como Alveric via agora? Ele se virou para Lirazel e disse que dez ou doze anos tinham se passado. Mas era como se um homem humilde que se casasse com uma princesa terrena lhe dissesse que tinha perdido seis centavos; o tempo não tinha valor nem significado para Lirazel, e ela não se inquietou ao ouvir sobre os dez anos perdidos. Ela nem sonhava o que tempo significa para nós aqui.

Disseram a Alveric que seu pai estava morto havia muito tempo. E um disse que ele morreu feliz, sem impaciência, confiando em Alveric para cumprir sua ordem; pois ele conhecia um pouco os costumes de Elfland e sabia que aqueles que trafegam entre lá e cá devem ter algo daquela calma na qual Elfland sonha eternamente.

Subindo pelo vale, no cair da tarde, ouviram o trabalho do ferreiro. Esse ferreiro era aquele que tinha sido porta-voz daqueles que em outra época foram ao comprido salão vermelho para encontrar o Soberano de Erl. E todos esses homens ainda estavam vivos; pois o tempo, embora se deslocasse sobre o Vale de Erl como em todos os campos que conhecemos, se movia suavemente, não como nas nossas cidades.

E assim Alveric e Lirazel foram até o lar sagrado do Frei. E, quando o encontraram, Alveric pediu ao Frei que os casasse com os ritos da Cristandade. E, quando o Frei viu a beleza de Lirazel

reluzir no meio dos objetos comuns em seu pequeno lar sagrado, pois ele havia ornamentado as paredes de sua casa com bugigangas que às vezes comprava em feiras, ele temeu imediatamente que ela não fosse de uma linhagem mortal. E, quando perguntou de onde vinha e ela respondeu alegremente “Elfland”, o bom homem entrelaçou as mãos e lhe disse com sinceridade que tudo naquela terra estava além da salvação. Mas ela sorriu, pois, enquanto estava em Elfland, sempre fora distraidamente feliz e agora só se importava com Alveric. O Frei então foi até seus livros para ver o que deveria ser feito.

Por um longo tempo, ele leu em silêncio, exceto pela respiração, enquanto Alveric e Lirazel estavam postados em pé diante dele. E finalmente encontrou em seu livro uma forma de cerimônia para o casamento de uma sereia que abandonara o mar, embora o bom livro não falasse de Elfland. E ele disse que isso seria suficiente, pois as sereias viviam, assim como o povo élfico, além da ideia de salvação. Então ele mandou buscar o sino e as velas conforme necessário. E, voltando-se para Lirazel, pediu que ela abandonasse, renegasse e renunciasse solenemente a todas as coisas referentes a Elfland, lendo devagar em um livro as palavras a serem usadas nessa ocasião edificante.

— Meu bom Frei — respondeu Lirazel —, nada dito nestes campos pode atravessar a barreira de Elfland. E que bom que é assim, pois meu pai tem três runas que poderiam explodir este livro quando ele respondesse a um de seus feitiços, se alguma palavra conseguisse ultrapassar a fronteira do crepúsculo. Não vou fazer nenhum feitiço com meu pai.

— Mas não posso casar um homem da Cristandade — respondeu o Frei — com uma teimosa que vive além da salvação.

Então Alveric implorou, e ela disse as palavras do livro, “embora meu pai possa explodir esse feitiço”, acrescentou ela, “se ele um dia cruzar com uma de suas runas”. E, trazendo o sino e as velas, o bom homem os casou em sua casinha com os

ritos apropriados para o casamento de uma sereia que abandonou o mar.

V

A sabedoria do Parlamento de Erl

Naqueles dias nupciais, os homens de Erl iam frequentemente ao castelo, levando presentes e felicitações; e ao entardecer falavam em suas casas sobre as coisas belas que esperavam para o Vale de Erl por conta da sabedoria do que tinham feito quando falaram com o velho soberano em seu comprido salão vermelho.

Havia Narl, o ferreiro, que tinha sido o líder deles; havia Guhic, que pensara nisso pela primeira vez depois de conversar com a esposa, um agricultor de pastagens de trevo nas terras altas perto de Erl; Nehic, que era cocheiro de cavalos; havia quatro criadores de gado; e Oth, um caçador de cervos; e Vlel, o mestre-lavrador: todos esses e mais três homens tinham ido até o Soberano de Erl e feito o pedido que levou Alveric a suas andanças. E agora eles falavam de todo o bem que viria disso. Todos desejavam que o Vale de Erl fosse conhecido entre os homens, como era, achavam eles, seu deserto. Eles analisaram histórias, leram livros que falavam de pastagens, mas raramente encontravam alguma menção ao vale que amavam. E um dia Guhic tinha dito:

— Vamos todos ser governados no futuro por um soberano mágico, e ele tornará famoso o nome do vale e não haverá ninguém que não tenha ouvido o nome de Erl.

E todos se alegraram e formaram um parlamento; e foram, os doze homens, até o Soberano de Erl. E aconteceu como contei.

E assim, agora eles falavam sobre o futuro de Erl, seu lugar entre outros vales e a reputação que deveria ter no mundo. Encontravam-se e conversavam na grande forja de Narl, e Narl levava a eles hidromel de uma sala interna, e Threl chegava tarde do trabalho na floresta. O hidromel era feito de mel de trevo, denso e doce; e, quando eles se sentavam um pouco na sala quente, conversando sobre as coisas cotidianas do vale e das terras altas, voltavam a mente para o futuro, vendo como se fosse através de uma bruma dourada a glória de Erl. Um elogiava o gado, outro os cavalos, outro o bom solo, e todos vislumbravam a época em que outras terras deveriam conhecer o grande poder entre os vales que era mantido pelo Vale de Erl.

E o Tempo que trouxe esses fins de tarde os carregou, movendo-se sobre o Vale de Erl como por todos os campos que conhecemos, e era de novo primavera, a estação das campânulas. E um dia, no auge das anêmonas selvagens, disseram que Alveric e Lirazel tiveram um filho.

Todo o povo de Erl acendeu uma fogueira na colina na noite seguinte, dançou ao redor, bebeu hidromel e se alegrou. O dia inteiro eles arrastaram troncos e galhos de uma floresta selvagem próxima para a fogueira, e o brilho do fogo foi visto em outras terras. Somente nos picos azul-claros das montanhas de Elfland nenhum brilho reluziu, pois eles não são alterados por nada que pode acontecer aqui.

E, quando descansavam depois de dançar em volta das fogueiras, sentavam-se no chão e previam o destino de Erl, quando seria governada por esse filho de Alveric com toda a magia que ele herdaria da mãe. E alguns disseram que ele os levaria à guerra, outros disseram que os levaria a arar com mais intensidade; e todos previram um preço melhor para o gado. Ninguém dormiu naquela noite para dançar e prever um futuro glorioso e para se alegrar com as coisas que previram. E, acima de tudo, eles se alegraram com o fato de que o nome de Erl seria conhecido e honrado a partir de então em outras terras.

Então Alveric procurou uma ama-seca para seu filho por todo o vale e todas as terras altas, e não encontrou facilmente

uma pessoa digna de cuidar de alguém que pertencia à linhagem real de Elfland; e aquelas que encontrou tinham medo da luz, que não era da nossa Terra nem do céu, que parecia brilhar às vezes nos olhos do bebê. E no fim, em uma manhã de vento, ele subiu pela colina da bruxa solitária e a encontrou sentada à porta, sem nada para amaldiçoar ou abençoar.

— E então — disse a bruxa —, a espada lhe deu sorte?

— Quem poderá saber — disse Alveric — o que dá sorte, se não podemos ver o fim?

E falou cansado, pois estava esgotado com a idade e nunca soube quantos anos tinham se passado no dia em que viajou para Elfland; pareciam muito mais do que tinham se passado naquele mesmo dia em Erl.

— Verdade — disse a bruxa. — Quem sabe o fim, além de nós?

— Mãe Bruxa — disse Alveric —, eu me casei com a filha do Rei de Elfland.

— Foi um belo avanço — disse a velha bruxa.

— Mãe Bruxa — disse Alveric —, temos um filho. E quem vai cuidar dele?

— Não é uma tarefa humana — disse a bruxa.

— Mãe Bruxa — disse Alveric —, você pode ir ao Vale de Erl e cuidar dele e ser sua ama-seca no castelo? Pois ninguém além de você, em todos esses campos, conhece as coisas de Elfland, exceto a princesa, e ela não sabe nada da Terra.

E a velha bruxa respondeu:

— Pelo bem do rei eu irei.

E assim a bruxa desceu a colina com um monte de pertences misteriosos. E assim a criança foi criada nos campos que conhecemos por alguém que conhecia canções e contos do reino de sua mãe.

E, muitas vezes, aquela bruxa idosa e a Princesa Lirazel conversavam quando se curvavam sobre o bebê e depois

durante longos fins de tarde sobre coisas das quais Alveric nada sabia: e, apesar de toda a idade da bruxa e da sabedoria que tinha armazenado em seus cem anos, todos escondidos do homem, era ela quem aprendia quando as duas conversavam, e a Princesa Lirazel era quem ensinava. Mas da Terra e dos costumes da Terra, Lirazel nunca sabia nada.

E essa velha bruxa que protegia o bebê cuidava dele e o acalmava tanto que em toda a sua infância ele nunca chorou. Pois ela tinha um feitiço para desanuviar a manhã, e um feitiço para alegrar o dia, e um feitiço para acalmar a tosse, e um feitiço para deixar o quarto do bebê aquecido e agradável e misterioso, quando o fogo aumentava ao ouvir o feitiço, saindo dos troncos que ela havia encantado e formava grandes sombras de coisas ao redor do fogo, tremeluzindo escuras e alegres no teto.

E a criança foi criada por Lirazel e pela bruxa como o são as crianças cujas mães são meramente humanas; além disso, ele conhecia músicas e runas que outras crianças não ouvem nos campos que conhecemos.

E assim a velha bruxa andava pelo quarto do bebê com seu cetro preto, protegendo a criança com suas runas. Se uma corrente de ar nas noites de vento assobiava por uma fenda, tinha um feitiço para acalmá-la; e um feitiço para enfeitiçar a canção que a chaleira entoava, até que sua melodia trouxesse indícios de notícias estranhas de lugares escondidos pela bruma, e a criança cresceu conhecendo o mistério de vales distantes que seus olhos nunca tinham visto. E ao entardecer ela levantava seu cetro de ébano e, diante do fogo, no meio das sombras, ela as encantava e as fazia dançar para ele. E elas assumiam todo tipo de forma do bem e do mal, dançando para agradar o bebê, para que ele conhecesse não apenas as coisas existentes na Terra – porcos, árvores, camelos, crocodilos, lobos e patos, bons cães e a vaca gentil –, mas também as coisas mais sombrias que os homens temiam e as coisas que esperavam e previam. Nesses fins de tarde, as coisas que acontecem e as criaturas que existem passaram pelas paredes do quarto do bebê, e ele se familiarizou com os campos que conhecemos. E, nas tardes

quentes, a bruxa o carregava pelo vilarejo, e todos os cães latiam para sua figura sinistra, mas não se arriscavam a chegar muito perto, pois um pajem atrás dela carregava seu cetro de ébano. E os cães, que sabem tanto, que sabem até que distância um homem pode atirar uma pedra que os atingiria, ou se ele não arriscaria, também sabiam que aquele não era um cetro comum. Então eles se mantinham afastados daquele estranho cetro preto na mão do pajem e rosnavam, e os aldeões saíam para ver. E todos ficavam contentes quando viam que o jovem herdeiro tinha uma ama-seca mágica, “pois eis aí”, diziam, “a bruxa Ziroonderel”, e declaravam que ela o criaria em meio aos verdadeiros princípios da magia e que, no período dele, a magia tornaria todo o vale famoso. E eles batiam nos cães até que fugissem para dentro de casa, mas os cães continuavam apegados às suas suspeitas. De modo que, quando os homens iam para a forja de Narl, e suas casas ficavam silenciosas à luz da lua, e as janelas de Narl brilhavam, e o hidromel circulava, e eles conversaram sobre o futuro de Erl, mais e mais vezes se juntando à história de sua glória vindoura, os cães saíam sorrateiramente para a rua arenosa e uivavam.

E ao alto e ensolarado quarto do bebê Lirazel chegava, levando um brilho que a bruxa instruída, com todos os seus feitiços, não tinha, e entoava para o filho aquelas canções que ninguém pode entoar para nós aqui, pois foram aprendidas do outro lado da fronteira do crepúsculo e compostas por cantores que não tinham sido atormentados pelo Tempo. E apesar de toda a maravilha que havia naquelas canções, cuja origem estava tão distante dos campos que conhecemos e em épocas afastadas daquelas que os historiadores usam; e embora os homens se admirassem da estranheza delas, quando, de batentes abertos nos dias de verão, pairavam sobre Erl; ninguém se maravilhava com tais canções tanto quanto ela quando pensava nos caminhos terrenos do filho e em todas as pequenas coisas humanas que ele fazia cada vez mais à medida que crescia. Pois todos os costumes humanos eram estranhos para ela. E, no entanto, ela o amava mais do que o reino de seu pai, ou que os

séculos reluzentes de sua juventude perene, ou que o palácio que só pode ser mencionado em canções.

Naqueles dias, Alveric descobriu que ela nunca se familiarizaria com as coisas terrenas, nunca entenderia o povo que habitava o vale, nunca leria livros sábios sem rir, nunca se importaria com os costumes terrenos, nunca se sentiria mais à vontade no Castelo de Erl do que qualquer coisa da floresta que Threl pudesse ter capturado e mantido enjaulada em uma casa. Ele esperava que em breve ela aprendesse as coisas que lhe eram estranhas, até que as pequenas diferenças que existem entre as coisas nos nossos campos e em Elfland não a incomodassem mais; mas ele finalmente viu que as coisas que eram estranhas sempre permaneceriam assim, e que todos os séculos de sua casa atemporal não haviam moldado seus pensamentos e suas ilusões com tanta leveza a ponto de poderem ser alterados pelos nossos breves anos aqui. Quando descobriu isso, ele descobriu a verdade.

Entre os espíritos de Alveric e Lirazel repousava toda a distância que existe entre a Terra e Elfland; e o amor ergueu uma ponte sobre a distância e pode fazer mais do que isso; no entanto, quando por um instante na ponte dourada ele parava e deixava seus pensamentos olharem para o golfo, toda a sua mente ficava tonta e Alveric estremecia. *O que será do fim?*, pensava ele. E temia que fosse mais estranho que o começo.

E ela, ela não via que deveria saber alguma coisa. A beleza dela não era suficiente? Um amante não tinha finalmente chegado àqueles gramados que brilhavam no palácio que só pode ser mencionado em canções e a resgatado de seu destino solitário e daquela calma perpétua? Não era suficiente ele ter aparecido? Ela precisava entender as coisas curiosas que as pessoas faziam? Nunca deveria dançar na estrada, nunca falar com cabras, nunca rir em funerais, nunca cantar à noite? Por quê? O que era a alegria, se precisava ser escondida? A alegria devia se curvar ao tédio nesses campos estranhos a que ela chegara? E então, certo dia, ela viu como uma mulher de Erl parecia menos bonita do que um ano antes. A mudança era

pouca, mas seu olhar rápido viu tudo com certeza. E ela foi até Alveric chorando para ser consolada, porque temia que o Tempo nos campos que conhecemos pudesse ter o poder de danificar aquela beleza que as longas eras de Elfland nunca ousaram obscurecer. E Alveric lhe dissera que o Tempo deve seguir seu caminho, como todos sabem; e de que adiantava reclamar?

VI

A runa do Rei dos Elfos

Na sacada alta de sua torre reluzente estava o Rei de Elfland. Abaixo dele ecoavam os mil degraus. Ele levantou a cabeça para cantar a runa que deveria manter sua filha em Elfland, e naquele momento ele a viu passar pela barreira turva; que deste lado, voltado para Elfland, é toda lustrosa com o crepúsculo e, do outro lado, voltada para os campos que conhecemos, é esfumada, furiosa e opaca. E agora ele tinha abaixado a cabeça até a barba se misturar com seu manto de arminho sobre a capa azul-celeste e ficou ali, silenciosamente triste, enquanto o tempo passava veloz como sempre sobre os campos que conhecemos.

E parado ali, todo em azul e branco contra a torre de prata, envelhecida pela passagem dos tempos dos quais nada sabemos, antes que ele impusesse sua eterna calma sobre Elfland, pensou na filha entre os nossos anos impiedosos. Pois ele sabia, com uma sabedoria que ultrapassava os limites de Elfland e tocava nos nossos campos acidentados, conhecia bem a dureza das coisas materiais e toda a turbulência do Tempo. Enquanto estava ali, ele sabia que os anos que assolam a beleza e as miríades de crueldades que atormentam o espírito já estavam rondando sua filha. E os dias que restavam para ela agora pareciam ficar mais escassos para ele, morando além da tormenta e da ruína do Tempo, do que para nós podem parecer as horas de uma rosa-brava quando arrancada e tolamente vendida nas ruas de uma cidade. Ele sabia que agora pairava sobre ela o destino cruel de todas as coisas mortais. Pensou nela perecendo em pouco tempo, como devem as coisas mortais; sendo enterrada entre as rochas de uma terra que desdenhava de Elfland e desprezava seus mitos mais preciosos. E, se ele não fosse o rei de toda aquela terra mágica, que guardava sua eterna

calma vinda de sua misteriosa serenidade, ele teria chorado ao pensar no túmulo na Terra rochosa prendendo para sempre aquela forma que era tão bela. Ou, pensou, ela seguiria para um paraíso longe de seu conhecimento, um paraíso que os livros descrevem nos campos que conhecemos, pois já ouvira falar disso. Ele a imaginou em uma colina repleta de maçãs, sob as flores de um eterno abril, através das quais cintilavam os halos dourados pálidos daqueles que amaldiçoaram Elfland. Ele viu, embora vagamente por toda a sua sabedoria mágica, a glória que somente os abençoados veem com clareza. Viu a filha naquelas colinas celestiais estendendo os dois braços, como sabia bem que ela faria, em direção aos picos azul-claros de seu lar élfico, enquanto nenhum dos abençoados prestava atenção a sua nostalgia. E, então, embora fosse o rei de toda aquela terra, que recebia dele sua calma eterna, ele chorou, e Elfland inteira estremeceu. Tremeu como a água plácida treme aqui quando alguma coisa dos nossos campos toca nela de repente.

Então o rei se virou, deixou a sacada e desceu apressado os degraus de bronze.

Ele chegou ressoando às portas de marfim que fechavam a parte inferior da torre, e por elas chegou à sala do trono que só pode ser mencionado em canções. E lá pegou um pergaminho de um cofre e uma pena de uma asa fabulosa e, mergulhando a pena em uma tinta nada terrena, escreveu uma runa no pergaminho. Em seguida, levantando dois dedos, fez o modesto encantamento pelo qual convocou sua guarda. E nenhum guarda veio.

Eu já disse que nenhum tempo se passou em Elfland. No entanto, a sucessão de eventos é, em si, uma manifestação do tempo, e nenhum evento pode ocorrer a menos que o tempo passe. Mas é assim com o tempo em Elfland: na eterna beleza que sonha naquele ar adocicado, nada se agita, desaparece ou morre, nada busca sua felicidade no movimento, na mudança ou em uma coisa nova, mas tem seu êxtase na contemplação perpétua de toda a beleza que já existiu e que sempre brilha sobre os gramados encantados com tanta intensidade quanto no

momento em que foram criados por encantamento ou música. No entanto, se as energias da mente do mago despertaram para encontrar algo novo, esse poder que estendera sua calma por Elfland e atrasara o tempo perturbou a calma por um período, e o tempo por um instante abalou Elfland. Jogue qualquer coisa em uma poça profunda de uma terra estranha, onde grandes peixes sonham, e algas verdes sonham, e cores intensas sonham, e a luz sonha; os grandes peixes se mexem, as cores se deslocam e mudam, as algas verdes balançam, a luz desperta, uma miríade de coisas passa a ter movimentos e mudanças lentos; e logo toda a poça fica imóvel de novo. Foi assim que aconteceu quando Alveric passou pela fronteira do crepúsculo e atravessou a floresta encantada, e o Rei ficou perturbado e se mexeu, e Elfland inteira estremeceu.

Quando o Rei viu que nenhum guarda apareceu, olhou para a floresta que sabia estar perturbada, através da massa profunda de árvores que ainda estavam tremendo com a passagem de Alveric, olhou pelas profundezas da floresta e das paredes prateadas de seu palácio, pois ele enxergava por encantamento, e ali viu os quatro cavaleiros de sua guarda caídos no chão, com o sangue élfico espesso escorrendo por fendas nas armaduras. E pensou na magia ancestral pela qual tinha se tornado o mais velho, com uma runa concebida de forma inédita, antes de conquistar o Tempo. Ele passou pelo esplendor e pelo brilho de um de seus portais reluzentes e, por um gramado cintilante, se aproximou da guarda caída e viu as árvores ainda perturbadas.

— Houve magia aqui — disse o Rei de Elfland.

E então, embora tivesse apenas três runas que podiam fazer isso, e embora elas só pudessem ser pronunciadas uma vez e uma já estivesse escrita em pergaminho para trazer sua filha para casa, ele pronunciou sobre o cavaleiro mais velho a segunda de suas runas mais mágicas, que sua magia tinha gerado havia muito tempo. E, no silêncio que se seguiu às últimas palavras da runa, as fendas da armadura brilhante como a lua se fecharam de uma só vez, e o sangue escuro e espesso desapareceu e o cavaleiro se levantou. E o Rei dos Elfos agora

tinha apenas uma runa que era mais poderosa do que qualquer magia que conhecemos.

Os outros três cavaleiros estavam mortos; e, não tendo almas, a magia deles retornou à mente de seu mestre.

Ele voltou para o palácio enquanto mandava o último de sua guarda buscar um troll.

De pele marrom-escura e com sessenta ou noventa centímetros de altura, os trolls são uma tribo parecida com gnomos que habita em Elfland. E logo houve uma correria na sala do trono que só pode ser mencionado em canções, e um troll iluminado pelo trono e com os dois pés descalços apareceu diante do rei. O rei lhe deu o pergaminho com a runa escrita ali, dizendo:

— Apresse-se para longe daqui e atravesse o fim da Terra até chegar aos campos que ninguém conhece aqui; encontre a Princesa Lirazel, que foi visitar os homens, dê a ela esta runa, que ela lerá e tudo ficará bem.

E o troll apressou-se no mesmo instante.

E logo o troll chegou com longos saltos à fronteira do crepúsculo. E nada mais se movia em Elfland; e imóvel naquele esplêndido trono que só pode ser mencionado em canções o velho rei ficou sentado pranteando em silêncio.

VII

A vinda do troll

Quando o troll chegou à fronteira do crepúsculo, ele saltou e a atravessou com agilidade; mas emergiu cautelosamente nos campos que conhecemos, pois tinha medo de cães. Saindo em silêncio daquelas densas massas de crepúsculo, ele entrou tão suavemente nos nossos campos que nenhum olho o veria a menos que estivesse olhando para o local em que ele apareceu. Ali ele parou por alguns instantes, olhando para a esquerda e para a direita; e, não vendo nenhum cão, saiu da barreira do crepúsculo. Esse troll nunca tinha estado nos campos que conhecemos, mas sabia muito bem como evitar cães, pois o medo de cães é tão profundo e universal entre todos que são menos que o Homem que parece ter ultrapassado nossas fronteiras e sido sentido em Elfland.

Nos nossos campos, agora era maio, e os ranúnculos se estendiam diante do troll, um mundo amarelo misturado com o marrom das gramíneas germinando. Quando ele viu tantos ranúnculos brilhando ali, a riqueza da Terra o deixou atônito. E logo ele estava se movendo no meio deles, amarelando as canelas enquanto passava.

Não tinha se afastado muito de Elfland quando se encontrou com uma lebre, que estava deitada em um canteiro confortável de grama, na qual pretendia passar o tempo até ter coisas das quais cuidar.

Quando a lebre macho viu o troll, sentou-se ali, sem nenhum movimento e sem nenhuma expressão nos olhos, e não fez nada além de pensar.

Quando o troll viu a lebre, saltou para mais perto, se deitou diante dela nos ranúnculos e lhe perguntou o caminho para os

redutos dos homens. E a lebre ficou pensando.

— Coisa destes campos — repetiu o troll —, onde ficam os redutos dos homens?

A lebre se levantou e caminhou em direção ao troll, o que a fez parecer muito ridícula, pois não tinha a mesma graça ao andar do que quando corria ou pulava, e ficava muito mais baixa na frente do que atrás. Ela enfiou o nariz na cara do troll e torceu os bigodes imprudentes.

— Diga-me qual é o caminho — disse o troll.

Quando a lebre percebeu que ele não tinha cheiro de cão, se contentou em deixar o troll interrogá-la. Mas ela não entendia a língua de Elfland, então ficou quieta de novo e pensou enquanto o troll falava.

E finalmente o troll se cansou de não receber resposta, e pulou e gritou “Cães!” e deixou a lebre e se afastou alegremente por sobre os ranúnculos, tomando qualquer direção que levasse para longe de Elfland. E, embora a lebre não entendesse bem a língua élfica, havia uma veemência no tom em que o troll gritou “Cães” que causou apreensão nos pensamentos da lebre, de modo que ela logo abandonou o canteiro de grama e saiu preguiçosa pelo prado com um olhar desdenhoso para o troll; mas ela não foi muito rápido, andando principalmente apoiada em três pernas, com a perna traseira pronta para baixar se realmente houvesse cães. E logo ela parou, se sentou e levantou as orelhas, olhou para além dos ranúnculos e pensou profundamente. E, antes que a lebre parasse de refletir sobre o significado do troll, este estava fora de vista e tinha se esquecido do que dissera.

E logo ele viu as empenas de uma fazenda surgirem além de uma sebe. Pareciam olhar para ele com pequenas janelas sob telhas vermelhas.

— Um reduto de homens — disse o troll. E, no entanto, algum instinto élfico pareceu lhe dizer que não era para ali que a Princesa Lirazel tinha ido. Ainda assim, ele se aproximou da fazenda e começou a observar suas aves. Mas, naquele

momento, um cão o viu, um que nunca tinha visto um troll, emitiu um grito canino de indignação atônita e, poupando todo o resto de seu fôlego para a perseguição, correu atrás do troll.

O troll começou a subir e descer no meio dos ranúnculos, quase como se tivesse pegado emprestada a velocidade da andorinha e estivesse voando em rasante. Essa velocidade era nova para o cão, e ele fez uma longa curva atrás do troll, inclinando-se enquanto seguia, a boca aberta e silenciosa, o vento tremulando desde o nariz até o rabo em uma corrente ondulada. A curva foi feita pelas esperanças confusas do cão de pegar o troll enquanto ele disparava. Em pouco tempo ele estava logo atrás; e o troll brincava com a velocidade, respirando o ar florido em longos haustos acima dos ranúnculos. Ele não pensava mais no cão, mas, pela euforia da velocidade, não interrompeu a fuga que o animal tinha provocado. E essa estranha perseguição continuou por aqueles campos, o troll impulsionado pela alegria e o cão pelo dever. Pela novidade, o troll juntou os pés quando saltou por sobre as flores e, pousando com os joelhos rígidos, caiu sobre as mãos e se virou; e, endireitando os cotovelos repentinamente ao se virar, ele se atirou no ar, girando várias vezes. Fez isso muitas vezes, aumentando a indignação do cão, que sabia muito bem que aqueles não eram modos de percorrer os campos que conhecemos. Mas, apesar de toda a sua indignação, o cão tinha visto com clareza suficiente que nunca pegaria aquele troll, por isso voltou para a fazenda, encontrou o dono e foi até ele balançando o rabo. Abanou com tanta força que o fazendeiro teve certeza de que ele tinha feito alguma coisa útil e fez um afago nele, e o assunto terminou ali.

E foi suficiente para o fazendeiro que seu cão tivesse espantado aquele troll de sua fazenda; pois, se ele tivesse comunicado ao gado qualquer maravilha de Elfland, o gado teria zombado do Homem, e o fazendeiro teria perdido a lealdade de todos, exceto de seu cão leal.

E o troll seguiu alegremente por cima dos ranúnculos.

Logo ele viu, erguendo-se todo branco acima das flores, um raposo que o encarava com o peito e o queixo brancos, observando enquanto o troll passava. O troll se aproximou e deu uma olhada. E o raposo continuou a observá-lo, pois as raposas observam todas as coisas.

Tinha voltado havia pouco tempo àqueles campos orvalhados de sua escapada noturna pela fronteira do crepúsculo que fica entre aqui e Elfland. Ele até ronda dentro da própria fronteira, caminhando por entre o crepúsculo; e é no mistério daquele crepúsculo intenso que se estende entre aqui e ali que se apegam a ele um pouco da magia que traz consigo para os nossos campos.

— Ora, Cão de Noman — disse o troll. Pois eles conhecem o raposo em Elfland, por vê-lo passar vagamente pelas fronteiras; e esse é o nome que dão a ele.

— Ora, Coisa-de-além-da-fronteira — disse o raposo ao responder. Pois ele conhecia a língua dos trolls.

— Os redutos dos homens ficam perto daqui? — indagou o troll.

O raposo moveu os bigodes, franzindo levemente os lábios. Como todos os mentirosos, ele refletia antes de falar, e às vezes até deixava que os sábios silêncios fizessem coisa melhor do que as palavras.

— Os homens moram aqui e os homens moram lá — disse o raposo.

— Quero saber dos redutos deles — disse o troll.

— Para quê? — indagou o raposo.

— Tenho uma mensagem do Rei de Elfland.

O raposo não demonstrou respeito nem medo ao ouvir esse nome pavoroso, mas moveu levemente a cabeça e os olhos para disfarçar o temor que sentiu.

— Se for uma mensagem — disse ele —, os redutos deles ficam ali. — E apontou com o nariz comprido e fino em direção a

Erl.

— Como vou saber quando chegar lá? — perguntou o troll.

— Pelo cheiro — respondeu o raposo. — É um grande reduto de homens, e o cheiro é terrível.

— Obrigado, Cão de Noman — disse o troll. E ele raramente agradecia a alguém.

— Eu nunca deveria chegar perto deles — disse o raposo —, exceto por... — E fez uma pausa e refletiu em silêncio.

— Exceto pelo quê? — disse o troll.

— Exceto pelas suas aves domésticas. — E caiu em um silêncio grave.

— Adeus, Cão de Noman — disse o troll, depois virou de repente e partiu para Erl.

Passando pelos ranúnculos durante toda a manhã orvalhada, o troll já estava bem longe à tarde e viu, antes do entardecer, a fumaça e as torres de Erl. Estavam completamente mergulhadas na planície: empenas, chaminés e torres espiavam por sobre a borda do vale, e a fumaça pairava sobre elas no ar sonhador.

— Os redutos dos homens — disse o troll. Então, sentou-se no meio do gramado e olhou para lá.

Depois, ele se aproximou e olhou de novo. Não gostou da aparência da fumaça e daquela multidão de empenas: o lugar certamente tinha um cheiro terrível. Havia uma lenda em Elfland sobre a sabedoria do Homem; e qualquer respeito que essa lenda tivesse conquistado para nós na mente vaga do troll agora desapareceu com leveza enquanto ele olhava para as casas amontoadas. E, enquanto olhava para elas, passou uma criança de quatro anos, uma menina pequena em uma trilha sobre os campos ao entardecer, indo para casa em Erl. Eles se entreolharam com olhos arregalados.

— Olá — disse a criança.

— Olá, Criança dos Homens — disse o troll.

Ele não estava falando a língua dos trolls agora, e sim a língua de Elfland, aquela língua grandiosa que tinha que falar quando estava diante do rei: pois conhecia a língua de Elfland, embora nunca fosse usada nas casas dos trolls, que preferiam falar a língua dos trolls. Essa língua era falada naqueles dias também pelos homens, pois havia menos línguas naquela época, e os elfos e o povo de Erl usavam a mesma.

— O que você é? — perguntou a criança.

— Um troll de Elfland — respondeu o troll.

— Foi o que eu pensei — disse a criança.

— Aonde você vai, criança dos homens? — indagou o troll.

— Para as casas — respondeu a criança.

— Não queremos ir para lá — disse o troll.

— N-não — comentou a criança.

— Venha para Elfland — disse o troll.

A criança pensou por um tempo. Outras crianças tinham ido, e os elfos sempre enviavam um *changeling*² em seu lugar, para que ninguém sentisse muita falta delas e ninguém realmente soubesse. Ela pensou um pouco na maravilha e na selvageria de Elfland e depois na própria casa.

— N-não — respondeu a criança.

— Por que não? — disse o troll.

— A mãe fez pão de geleia hoje de manhã — disse a criança. E caminhou para casa de um jeito sério. Se não fosse o acaso desse pão de geleia, ela teria ido para Elfland.

— Geleia! — disse o troll com desprezo e pensou nos lagos montanhosos de Elfland, nas grandes folhas de lírio pousadas sobre suas águas solenes, nos enormes lírios azuis se assomando na luz élfica sobre os profundos e verdes lagos montanhosos: essa criança abriu mão de tudo por geleia!

Depois pensou na sua tarefa de novo, o rolo de pergaminho e a runa do Rei dos Elfos para sua filha. Ele estivera carregando

o pergaminho na mão esquerda enquanto corria, e na boca enquanto saltava sobre os ranúnculos. *Será que a princesa estava aqui?*, pensou. Ou havia outros redutos de homens? Conforme a noite caía, ele se aproximava cada vez mais das casas, para ouvir sem ser visto.

VIII

A chegada da runa

Em uma ensolarada manhã de maio em Erl, a bruxa Ziroonderel estava sentada no quarto do castelo, perto do fogo, preparando uma refeição para o bebê. O menino agora tinha três anos e Lirazel ainda não lhe dera um nome, pois temia que algum espírito ciumento da Terra ou do ar ouvisse o nome e, se isso acontecesse, ela não queria dizer do que tinha medo. E Alveric disse que ele devia ser nomeado.

E o menino sabia rolar argolas, porque, em uma noite enevoada, a bruxa foi até sua colina e lhe trouxe uma auréola lunar que recebera por encantamento no nascer da lua, e a martelara até formar uma argola, e fizera para ele uma pequena vara de ferro com os raios para fazê-la rolar.

E agora o menino estava esperando o café da manhã; e havia um feitiço do outro lado da soleira para manter o quarto do bebê confortável, que Ziroonderel tinha colocado ali com um aceno de seu cetro de ébano, e afastava ratos, camundongos e cães, nem morcegos passavam por ali, mas o gato vigilante do quarto ele mantinha em casa: nenhuma fechadura feita por ferreiros era mais forte.

De repente, passando pela soleira e pelo feitiço, o troll pulou virando cambalhotas pelo ar e caiu sentado. O relógio de madeira rústico do quarto, pendurado sobre a lareira, interrompeu seu alto tique-taque quando ele chegou, pois carregava consigo um pequeno amuleto contra o tempo, com uma grama estranha ao redor de um dos dedos para ele não definhar nos campos que conhecemos. Pois o Rei dos Elfos conhecia bem o voo de nossas horas: quatro anos tinham se passado nos nossos campos enquanto ele descia os degraus de

bronze e mandava chamar o troll, dando a ele o amuleto para enrolar em um dos dedos.

— O que é isso? — indagou Ziroonderel.

Aquele troll sabia muito bem quando ser imprudente, mas, ao olhar nos olhos da bruxa, viu alguma coisa que devia temer, e estava certo, pois aqueles olhos tinham encarado os do Rei dos Elfos. Portanto, ele jogou, como dizemos nestes campos, sua melhor carta e respondeu:

— Uma mensagem do Rei de Elfland.

— É mesmo? — disse a velha bruxa. — Sim, sim — acrescentou ela com mais humildade —, seria para milady. Sim, era certo que isso viria.

O troll ficou sentado imóvel no chão, mexendo no rolo de pergaminho dentro do qual estava escrita a runa do Rei de Elfland. Então, na ponta da cama, enquanto esperava o café da manhã, o bebê viu o troll e perguntou quem ele era, de onde vinha e o que era capaz de fazer. Quando o bebê perguntou o que ele era capaz de fazer, o troll saiu pulando pelo quarto como uma mariposa no teto iluminado por uma lâmpada. Do chão para as prateleiras e de um lado para o outro, ele pulava como se voasse; o bebê bateu palmas, o gato ficou furioso; a bruxa levantou seu cetro de ébano e fez um feitiço contra pular, mas não conseguiu segurar o troll. Ele pulava, saltava e quicava, enquanto o gato assobiava todas as maldições que a linguagem felina conhece, e Ziroonderel ficou furiosa não apenas porque sua mágica foi frustrada, mas porque, com um mero medo humano, ela temia por suas xícaras e pires; e o bebê gritava o tempo todo pedindo mais. E de repente o troll se lembrou de sua missão e do terrível pergaminho que carregava.

— Onde está a princesa Lirazel? — perguntou ele para a bruxa.

E a bruxa apontou o caminho para a torre da princesa, pois sabia que não tinha meios nem poder para suprimir uma runa do Rei de Elfland. E, quando o troll se virou, Lirazel entrou no quarto. Ele se curvou até embaixo diante dessa grande dama de

Elfland e, com toda a sua imprudência perdida em um instante, se abaixou apoiado em um joelho diante do esplendor de sua beleza e apresentou a runa do Rei dos Elfos. O menino estava gritando para a mãe exigir mais saltos do troll enquanto ela pegava o pergaminho; o gato, de costas para uma caixa, observava atentamente; Ziroonderel estava em silêncio.

E então o troll pensou nos lagos montanhosos verdes de Elfland na floresta que os trolls conheciam; pensou na maravilha das flores perenes que o tempo nunca tocou; nas cores muito, muito intensas e na calma perpétua: sua missão terminara, e ele estava cansado da Terra.

Por um instante, nada se moveu ali, exceto o bebê, gritando por novas travessuras do troll e agitando os braços: Lirazel estava em pé com o pergaminho élfico na mão, o troll ajoelhado diante dela, a bruxa sem se mexer, o gato observando de um jeito feroz, até o relógio estava parado. Então a princesa se moveu e o troll se levantou, a bruxa suspirou e o gato abandonou a vigilância enquanto o troll fugia em disparada. E, embora o bebê gritasse para o troll voltar, ele nem deu atenção, mas desceu pelas longas escadas em espiral e, escapando por uma porta, seguiu em direção a Elfland. Quando o troll passou pela soleira, o relógio de madeira voltou a fazer tique-taque.

Lirazel olhou para o pergaminho e depois para o menino e não desenrolou o pergaminho, mas virou-se e o levou embora; foi até seu quarto e trancou o pergaminho em uma caixa, deixando-o ali sem ler. Pois seus medos lhe diziam que a runa mais potente de seu pai, que ela tanto temeu enquanto fugia da torre de prata e ouvia os pés dele subindo pelos degraus de bronze, tinha atravessado a fronteira do crepúsculo escrita no pergaminho e encontraria seus olhos no instante em que ela o desenrolasse e a levaria embora dali.

Quando a runa estava a salvo na caixa, ela foi até Alveric para lhe contar do perigo que tinha se aproximado dela. Mas Alveric estava incomodado porque ela não tinha dado um nome ao bebê e perguntou imediatamente sobre isso. E ela finalmente sugeriu um nome para ele; e era um que ninguém nestes campos

conseguia pronunciar, um nome élfico cheio de mistério e feito de sílabas como os gritos dos pássaros à noite: Alveric não aceitaria isso. E seu impulso nesse assunto não vinha, como todos os impulsos que ela tinha, de nada costumeiro destes campos, mas de além da fronteira de Elfland, de além da fronteira com todas as ilusões selvagens que raramente visitam os nossos campos. E Alveric se sentia irritado com esses impulsos, pois não havia antigamente nada assim no Castelo de Erl: ninguém poderia interpretá-los para ele e ninguém poderia aconselhá-lo. Ele queria que ela fosse guiada pelos velhos costumes; ela só queria uma ilusão selvagem que viesse do sudeste. Ele argumentou com ela com a razão humana à qual as pessoas davam muita importância por aqui, mas ela não queria argumentar. E, assim, quando eles se separaram, ela não tinha contado nada sobre o perigo que a seguira de Elfland, que tinha ido contar a Alveric.

Em vez disso, ela foi até a torre e olhou para a caixa, brilhando ali sob a luz baixa da tarde; e deu as costas a ela e tornou a olhar algumas vezes; enquanto a luz passou pelos campos e o crepúsculo chegou, e tudo evanesceu. Sentou-se então perto do batente aberto em direção às colinas orientais, acima de cujas curvas escuras ela contemplava as estrelas. Contemplou por tanto tempo que as viu mudar de lugar. Pois, mais do que todas as outras coisas que vira desde que chegara a estes campos, ela admirava as estrelas. Adorava a beleza delicada delas; e, no entanto, ficava triste ao contemplá-las de um jeito saudoso, pois Alveric tinha dito que ela não deveria adorá-las.

Se não as adorasse, como poderia lhes dar o que era devido, como poderia agradecer a elas pela sua beleza, como poderia elogiar sua calma alegre? E então pensou no seu bebê; em seguida, viu Órion, depois desafiou todos os espíritos invejosos do ar e, olhando para Órion, a quem nunca deveria adorar, ofereceu os dias de seu bebê àquele caçador com seu cinturão, nomeando o bebê em homenagem àquelas estrelas esplêndidas.

E, quando Alveric chegou à torre, ela contou a ele seu desejo, e ele estava disposto a permitir que o menino se chamasse Órion, pois todos naquele vale eram muito apreciadores da caça. E a esperança retornou a Alveric, e ele não a afastou, já que, sendo razoável nisso, ela agora seria razoável em todas as outras coisas e seria guiada pelos costumes, faria o que os outros faziam e abandonaria os impulsos e as ilusões selvagens que atravessaram a fronteira de Elfland. E ele pediu que ela adorasse os objetos sagrados do Frei. Pois ela nunca dera a essas coisas o devido valor e não sabia qual era mais sagrado – o castiçal ou o sino – e nunca aprenderia por obrigação o que Alveric lhe dissera.

E agora ela respondeu de um jeito agradável e o marido achou que tudo estava bem, mas seus pensamentos estavam distantes, em Órion; eles não se demoravam nas coisas sérias nem podiam se demorar nelas mais tempo do que as borboletas na sombra.

Durante toda a noite, a caixa ficou trancada com a runa do Rei de Elfland.

E, na manhã seguinte, Lirazel não pensou muito na runa, pois eles foram com o menino ao lar sagrado do Frei; Ziroonderel foi com eles, mas esperou do lado de fora. E o povo de Erl também foi, todos que podiam abandonar os assuntos dos homens nos campos; e estavam lá todos os que formaram o parlamento quando foram até o pai de Alveric no comprido salão vermelho. Ficaram felizes quando viram o menino e notaram sua força e seu crescimento; e, murmurando baixo enquanto estavam no lar sagrado, previram que tudo seria como eles tinham planejado. E o Frei apareceu e, de pé entre seus objetos sagrados, deu ao menino diante de si o nome de Órion, embora antes tivesse dado um nome daqueles que sabia que eram abençoados. E ele se alegrou em ver o menino e nomeá-lo ali; pois, pela família que habitava o Castelo de Erl, todo esse povo marcou as gerações e viu as eras passarem como às vezes vemos as estações passarem por uma velha árvore conhecida. E ele se curvou diante de Alveric e foi totalmente cortês com

Lirazel, mas sua cortesia com a princesa não vinha de seu coração, já que em seu coração ele não a mantinha com mais reverência do que a uma sereia que abandonara o mar.

E o menino assumiu o nome de Órion. E todo o povo se alegrou quando ele saiu com os pais e se juntou a Ziroonderel à margem do jardim sagrado. Alveric, Lirazel, Ziroonderel e Órion voltaram ao castelo.

E, durante todo o dia, Lirazel não fez nada que levasse alguém a questioná-la, mas se deixou ser governada pelos costumes e pelos hábitos dos campos que conhecemos. Só que, quando as estrelas apareceram e Órion brilhou, ela soube que o esplendor delas não tinha recebido o que lhes era devido, e sua gratidão a Órion ansiava por ser proclamada. Ela agradeceu por sua beleza brilhante que animava os nossos campos e pela sua proteção, da qual tinha certeza pelo filho, contra os espíritos invejosos do ar. E todo o seu agradecimento não dito ardia tanto em seu coração que, de repente, ela se levantou e deixou a torre e saiu para o céu estrelado e ergueu o rosto para as estrelas e o lugar de Órion e ficou muda, apesar de seus agradecimentos estarem tremendo nos lábios; pois Alveric tinha lhe dito que não se deve rezar para as estrelas. Com o rosto voltado para aquele anfitrião errante, ela ficou em silêncio por muito tempo, obediente a Alveric; depois, baixou os olhos e havia uma pequena poça reluzindo na noite, na qual cintilavam todas as faces das estrelas.

— Rezar para as estrelas — disse ela para si mesma na noite — certamente está errado. Essas imagens na água não são as estrelas. Vou rezar para as imagens delas, e as estrelas saberão.

E, de joelhos entre as folhas de íris, ela rezou à beira da poça e agradeceu às imagens das estrelas pela alegria que recebia da noite, quando as constelações reluziam em sua majestade absoluta e se moviam como um exército vestido com cota de prata, saindo de vitórias desconhecidas e marchando para a conquista em guerras distantes. Ela abençoou, agradeceu e honrou aqueles reflexos cintilantes que brilhavam na poça e pediu que enviassem seus agradecimentos e louvores a Órion, a

quem ela não podia rezar. Foi assim que Alveric a encontrou, ajoelhada, curvada no escuro, e a repreendeu amargamente. Ela estava adorando as estrelas, disse ele, que não estavam lá para esse fim. E ela disse que só estava suplicando às imagens delas.

Podemos entender facilmente os sentimentos dele: a esquisitice dela, seus atos inesperados, sua contrariedade a todas as coisas estabelecidas, seu desprezo pelos costumes e sua ignorância impulsiva abalavam alguma tradição preciosa todos os dias. Quanto mais romântica ela fora do outro lado da fronteira, como contam as lendas e as canções, mais difícil era ocupar qualquer lugar antes ocupado pelas damas daquele castelo que eram versadas em toda a tradição dos campos que conhecemos. E Alveric queria que ela cumprisse seus deveres e seguisse costumes que eram tão novos para ela quanto as estrelas cintilantes.

Mas Lirazel só achava que as estrelas não tinham recebido o que lhes era devido, e que os costumes, a razão ou o que quer que os homens valorizassem deviam exigir que lhes fossem prestados agradecimentos pela sua beleza; e ela nem tinha agradecido a elas, tinha suplicado apenas às imagens na poça.

Naquela noite, ela pensou em Elfland, onde todas as coisas combinavam com sua beleza, onde nada mudava e não havia costumes estranhos, nem magnificências estranhas como essas nossas estrelas às quais ninguém dava o devido valor. Ela pensou nos gramados élficos e nos imponentes canteiros de flores, e no palácio que só pode ser mencionado em canções.

Ainda trancada no escuro da caixa, a runa aguardava seu momento.

IX

Lirazel é levada pelo vento

E os dias correram, o verão passou por Erl, o sol que tinha viajado para o norte voltou para o sul, era quase o momento em que as andorinhas deixavam aqueles beirais, e Lirazel não tinha aprendido nada. Ela não tinha rezado para as estrelas de novo nem suplicado às suas imagens, mas não tinha aprendido nenhum costume humano e não conseguia ver por que seu amor e sua gratidão deviam continuar velados para as estrelas. E Alveric não sabia que chegaria o momento em que algo simples e trivial os afastaria totalmente.

Certo dia, ainda com esperança, ele a levou consigo à casa do Frei para ensiná-la a adorar seus objetos sagrados. E de bom grado o bom homem pegou sua vela e seu sino, e a águia de bronze que sustentava seu livro quando ele lia, e uma pequena tigela simbólica que continha água perfumada e os apagadores de prata que apagavam sua vela. E contou a ela de maneira clara e simples, como tinha feito antes, a origem, o significado e o mistério de todas essas coisas, e por que a tigela era de bronze e o apagador de prata, e o que eram os símbolos gravados na tigela. Com a cortesia adequada, ele contou essas coisas a ela, até mesmo com bondade; no entanto, havia alguma coisa em sua voz enquanto ele falava, um pouco distante dela; e ela sabia que ele falava como alguém que andava em segurança na praia, invocando de longe uma sereia em meio a mares perigosos.

Quando voltaram ao castelo, as andorinhas estavam agrupadas para partir, pousadas em fileiras ao longo das ameias. Lirazel tinha prometido adorar os objetos sagrados do Frei, como o simples povo teme ao sino do vale de Erl: e uma esperança

tardia brilhou na mente de Alveric de que tudo estava bem. E por muitos dias ela se lembrou de tudo que o Frei lhe dissera.

E um dia, voltando tarde do quarto do bebê, passando por janelas altas até sua torre e contemplando o entardecer, lembrando que não devia adorar as estrelas, ela se lembrou dos objetos sagrados do Frei e tentou se lembrar de tudo que lhe fora dito sobre eles. Parecia tão difícil adorá-los do jeito como deveria. Ela sabia que em poucas horas as andorinhas teriam ido embora; e, muitas vezes, quando elas a deixavam, seu humor mudava; e ela temia que pudesse se esquecer e nunca mais se lembrar de como deveria adorar os objetos sagrados do Frei.

Então ela saiu de novo para a noite por sobre o gramado e foi até onde corria um riacho estreito, e seguiu até grandes pedras planas que sabia onde encontrar, desviando o rosto da imagem das estrelas. De dia, as pedras brilhavam lindamente na água, todas rubicundas e malva; agora estavam todas escuras. Ela as tirou da água e as posicionou no prado: amava essas pedras lisas e achatadas, pois de alguma forma a faziam se lembrar das rochas de Elfland.

Ela as colocou todas enfileiradas, formando a imagem do castiçal, do sino, da tigela sagrada.

— Se eu conseguir adorar essas graciosas pedras como os objetos devem ser adorados — disse ela —, posso adorar os objetos do Frei.

Então ela se ajoelhou diante das grandes pedras planas e rezou para elas como se fossem objetos da Cristandade.

E Alveric, que a procurava na noite, imaginando qual ilusão selvagem a conduzira até ali, ouviu sua voz no prado, entoando as orações que são oferecidas aos objetos sagrados.

Quando ele viu as quatro pedras planas às quais ela rezava, curvada diante delas no gramado, ele disse que os costumes mais sombrios dos pagãos não eram piores do que isso. E ela disse:

— Estou aprendendo a adorar os objetos sagrados do Frei.

— É a arte dos pagãos — disse ele.

Ora, entre todas as coisas que os homens temiam no vale de Erl, o que mais temiam eram as artes dos pagãos, dos quais nada sabiam, a não ser que seus costumes eram sombrios. E ele falou com a raiva que os homens sempre usavam para falar dos pagãos. E a raiva dele atingiu o coração dela, pois ela só estava aprendendo a adorar os objetos sagrados para agradar a ele, e mesmo assim ele falava desse jeito.

E Alveric não falou as palavras que deveriam ter sido ditas para afastar a raiva e acalmá-la; pois nenhum homem, pensou ele tolemente, deveria se comprometer com assuntos de paganismo. Então Lirazel voltou sozinha e triste à sua torre. E Alveric ficou para lançar as quatro pedras planas ao longe.

E as andorinhas foram embora, e dias infelizes se passaram. E certo dia Alveric ordenou que ela adorasse os objetos sagrados do Frei, e ela se esquecera completamente de como fazer isso. E ele falou de novo sobre as artes do paganismo. O dia estava brilhando, os choupos dourados e todas as faias vermelhas.

Então Lirazel foi até sua torre e abriu a caixa, que reluziu na manhã com a clara luz outonal, pegou a runa do Rei de Elfland e a levou consigo pelo alto salão abobadado, chegou à outra torre e subiu os degraus até o quarto do bebê.

E lá permaneceu o dia todo e brincou com o filho, ainda apertando o pergaminho: e, embora brincasse alegremente, havia uma estranha calma nos seus olhos, que Ziroonderel observava enquanto refletia. E, quando o sol estava baixo e ela colocou o filho na cama, sentou-se ao lado dele, toda solene, enquanto contava histórias infantis. E Ziroonderel, a bruxa sábia, observou; e, apesar de toda a sua sabedoria, apenas imaginava como seria e não sabia como fazê-lo de outra maneira.

E, antes do pôr do sol, Lirazel beijou o menino e desenrolou o pergaminho do Rei dos Elfos. Foi apenas um aborrecimento que a fez tirá-lo da caixa em que estava, e o aborrecimento pode ter passado e ela poderia não ter desenrolado o pergaminho, só que ele estava ali na mão dela. Em parte por petulância, em

parte por espanto, em parte por impulsos fúteis demais para nomear, ela levou os olhos até as palavras do Rei dos Elfos em caracteres curiosos em preto-carvão.

E qualquer que fosse a magia existente na runa sobre a qual não posso falar (e havia uma magia terrível), a runa fora escrita com um amor que era mais forte que a magia, até que aqueles caracteres místicos brilharam com o amor que o Rei dos Elfos tinha pela filha, e naquela poderosa runa se misturaram dois poderes, a magia e o amor, o maior poder que existe além da fronteira do crepúsculo com o maior poder que existe nos campos que conhecemos. E, se o amor de Alveric pudesse segurá-la, ele deveria ter confiado apenas nesse amor, pois a runa do Rei dos Elfos era mais poderosa que os objetos sagrados do Frei.

Assim que Lirazel leu a runa no pergaminho, as ilusões de Elfland começaram a emanar da fronteira. Chegaram algumas que fariam um escrivão da cidade deixar sua mesa imediatamente para dançar à beira-mar, e algumas teriam levado todos os homens de um banco a deixarem as portas e os cofres abertos e perambularem até chegar à terra verde e ampla e às colinas úmidas; e algumas teriam feito de um homem um poeta de repente, enquanto estava ocupado em seu comércio. Eram ilusões poderosas que o Rei dos Elfos invocou pela força de sua runa mágica. E Lirazel estava sentada com a runa na mão, impotente entre essa massa de ilusões turbulentas de Elfland. E, enquanto as ilusões se espalhavam, cantavam e gritavam, ultrapassando cada vez mais a fronteira, todas se acumulando em uma pobre mente, seu corpo ficava cada vez mais leve. Seus pés estavam meio apoiados e meio flutuando sobre o chão; a Terra mal a segurava, porque ela estava rapidamente se transformando em uma coisa onírica. Nenhum amor dela pela Terra nem dos filhos da Terra por ela ainda tinha poder para mantê-la ali.

E agora vinham lembranças de sua infância imortal, perto dos lagos montanhosos de Elfland, à beira da floresta profunda, perto daqueles gramados delirantes ou no palácio que só pode

ser mencionado em canções. Ela via essas coisas com tanta clareza quanto vemos pequenas conchas na água, olhando através do gelo transparente até o fundo de um lago adormecido, um pouco obscurecido naquela outra região através da barreira de gelo; do mesmo modo, suas lembranças brilhavam um pouco turvas vindas do outro lado da fronteira de Elfland. Pequenos sons estranhos de criaturas élficas chegaram até ela, aromas flutuaram por aquelas flores milagrosas que reluziam nos gramados que ela conhecia, sons fracos de canções encantadas sopraram por sobre a fronteira e a alcançaram sentada ali, vozes e melodias e lembranças vieram flutuando através do crepúsculo: Elfland inteira a estava chamando. Então, cadenciada, ressonante e estranhamente próxima, ela ouviu a voz do pai.

Ela se levantou de imediato, e agora a Terra tinha perdido sobre ela o controle que só tem sobre coisas materiais e, feita de sonhos e ilusão e fábula e fantasia, ela foi levada do quarto; e Ziroonderel não tinha poder para segurá-la com nenhum feitiço, nem ela mesma tinha o poder de se virar e olhar para o filho enquanto era levada.

E, naquele instante, um vento saiu do noroeste, entrou na floresta e desfolhou os galhos dourados, e dançou sobre as terras baixas, e liderou uma companhia de folhas escarlates e douradas que temiam aquele dia, mas dançavam agora que ele havia chegado; e, com um tumulto de dança e glória coloridas, alto sob a luz do sol que se pusera da vista dos campos, seguiram vento e folhas juntos. E com eles seguiu Lirazel.

X

O desaparecimento de Elfland

Na manhã seguinte, Alveric subiu a torre até a bruxa Ziroonderel, cansado e furioso por ter procurado por Lirazel a noite inteira em lugares estranhos. Durante toda a noite ele tentara adivinhar que ilusão a atraía e para onde poderia tê-la levado; procurou no riacho ao lado do qual ela havia rezado para as pedras e perto da poça onde rezara para as estrelas; chamara o nome dela por todas as torres e a chamara no escuro, e não obteve nenhuma resposta exceto o eco; e finalmente foi até a bruxa Ziroonderel.

— Para onde? — perguntou ele, dizendo apenas isso, para que o menino não percebesse seus medos. Mas Órion sabia.

E Ziroonderel balançou a cabeça, cheia de tristeza.

— O caminho das folhas — disse ela. — O caminho de toda a beleza.

Mas Alveric não ficou para ouvi-la dizer mais do que suas primeiras quatro palavras; partiu com a mesma inquietação com a qual havia chegado, saindo direto do quarto e descendo com pressa a escada, e saiu imediatamente para a manhã com vento, para ver que caminho aquelas folhas gloriosas tinham seguido.

E algumas folhas que tinham se agarrado a galhos frios por mais tempo, quando a companhia alegre de suas camaradas se foi, agora estavam no ar, solitárias e esquecidas: e Alveric viu que estavam indo para o sudeste em direção a Elfland.

Ele então enfiou rapidamente a espada mágica na larga bainha de couro; e com provisões escassas se apressou pelos campos, atrás da última folha, cuja glória outonal, totalmente esplêndida e caída, o conduziu assim como muitas demandas em seus últimos dias conduzem todo tipo de homem.

E assim ele chegou aos campos do planalto com a grama toda cinza de orvalho; e o ar reluzia com a luz do sol e alegre com as últimas folhas, mas uma melancolia parecia perdurar com o som do mugido do gado.

Na manhã calma e luminosa, com o vento noroeste soprando, Alveric não ficou calmo e nunca desistiu da pressa de alguém que perdeu alguma coisa de repente: seus movimentos eram rápidos e seu jeito, frenético. Durante o dia todo ele encarou os horizontes amplos e claros a sudeste, para onde as folhas o estavam conduzindo; e ao entardecer viu as Montanhas Élficas, poderosas e imutáveis, intocadas por qualquer luz que conhecemos, da cor de miosótis pálidos. Ele esperou impaciente para ver seus cumes, mas eles nunca apareceram.

E então viu a casa do velho correeiro que tinha feito a bainha para sua espada; e a visão trouxe de volta os anos que se passaram desde o entardecer em que ele a vira pela primeira vez, embora nunca soubesse quantos eram e não conseguiria saber, pois ninguém jamais tinha feito um cálculo exato para estimar a ação do tempo em Elfland. Procurou mais uma vez as Montanhas Élficas azul-claras, lembrando-se bem de onde estavam, em sua longa fileira passando por um ponto de uma das empenas do correeiro, mas não viu uma fileira delas. Então entrou na casa, e o velho ainda estava lá.

O correeiro tinha envelhecido de um jeito maravilhoso; até a mesa em que ele trabalhava estava muito mais velha. Ele cumprimentou Alveric, lembrando-se de quem ele era, e Alveric perguntou pela esposa do velho.

— Ela morreu há muito tempo — respondeu ele.

E mais uma vez Alveric sentiu o voo desconcertante daqueles anos, que acrescentava um medo a Elfland aonde quer que ele fosse, mas não pensou em voltar atrás nem conteve por um instante sua pressa impaciente. Ele disse algumas coisas formais sobre a perda do velho que tinha acontecido havia tanto tempo. Então perguntou:

— Onde estão as Montanhas Élficas, os picos azul-claros?

Uma expressão passou lentamente pelo rosto do velho, como se ele nunca as tivesse visto, como se Alveric, sendo instruído, falasse de algo que o velho correeiro não pudesse saber. Não, ele não sabia, respondeu. E Alveric descobriu que hoje, assim como tantos anos antes, o velho ainda se recusava a falar de Elfland. Bem, a fronteira ficava a apenas alguns metros de distância; ele ia atravessá-la e perguntar o caminho para as criaturas élficas, se não conseguisse ver as montanhas para guiá-lo. O velho lhe ofereceu comida, e ele não tinha comido o dia inteiro; mas Alveric, com pressa, só perguntou de Elfland mais uma vez, e o velho disse humildemente que, dessas coisas, nada sabia. Então Alveric saiu a passos largos e chegou ao campo que conhecia, que se lembrava de ser dividido pela nebulosa fronteira do crepúsculo. E, de fato, assim que chegou ao campo, viu todos os cogumelos inclinados sobre um caminho, e era por ali que ele seguiria; pois, assim como todas as árvores de espinhos se inclinam para longe do mar, também os cogumelos e todas as plantas que têm algum toque de mistério, como dedaleiras, verbascos e certos tipos de orquídeas, quando crescem em qualquer lugar próximo, se inclinam para Elfland. Por isso, é possível saber, antes de ouvir um murmúrio de ondas ou antes de perceber uma influência de objetos mágicos, que se está chegando, conforme o caso, ao mar ou à fronteira de Elfland. E no alto, Alveric viu pássaros dourados e imaginou que tinha havido uma tempestade em Elfland, soprando-os através da fronteira a partir do sudeste, embora um vento noroeste soprasse nos campos que conhecemos. E continuou, mas a fronteira não estava lá, e ele atravessou o campo como qualquer campo que conhecemos, e ainda assim não tinha chegado aos campos de Elfland.

Então Alveric continuou com impaciência renovada, com o vento noroeste atrás de si. E a Terra começou a ficar descoberta e pedregosa e sem brilho, sem flores, sem sombreados, sem cor, sem nenhuma daquelas coisas que existem em terras lembradas, pelas quais construímos imagens delas quando não estamos mais lá; tudo estava desencantado. Alveric viu um pássaro dourado no alto, voando apressado para o sudeste; e seguiu seu

voou esperando ver em breve as montanhas de Elfland, que supunha estar apenas ocultas por uma bruma mágica.

Mas o céu outonal ainda estava radiante e claro, e todo o horizonte estava plano, e o brilho das Montanhas Élficas não aparecia. E não foi assim que descobriu que Elfland tinha desaparecido. Contudo, quando viu naquela planície pedregosa desolada, assolada pelo vento noroeste, mas florescendo no outono, uma árvore da qual ele se lembrava havia muito tempo, toda branca com flores que uma vez alegraram um dia de primavera em sua infância, ele soube que Elfland estivera ali e devia ter recuado, embora não soubesse até onde. Pois é verdade, e Alveric sabia, que, assim como a magia que ilumina grande parte de nossas vidas, principalmente nos primeiros anos, vem de rumores que chegam de Elfland por diversos mensageiros (sobre os quais recaiam bênçãos e paz), também retornam de nossos campos para Elfland, para se tornar parte de seu mistério, todo tipo de pequenas lembranças que perdemos e pequenos brinquedos apreciados que um dia foram valorizados. E isso faz parte da lei das flutuações que a ciência pode traçar em todas as coisas; assim a luz fez crescer a floresta de carvão, e o carvão devolve a luz; assim os rios enchem o mar, e o mar realimenta os rios; assim todas as coisas dão o que recebem; até mesmo a Morte.

Em seguida, Alveric viu caído no chão seco e plano um brinquedo do qual ainda se lembrava, que anos e anos atrás (como poderia dizer quantos?) tinha sido uma alegria infantil para ele, grosseiramente esculpido em madeira; e se quebrou em um dia de azar, e foi descartado em um dia infeliz. E agora ele o via ali, não apenas novo e inteiro, mas com um mistério, um esplendor e um romance, o objeto radiante e transfigurado que sua jovem ilusão conhecera. Estava ali abandonado em Elfland, assim como as coisas maravilhosas do mar às vezes jazem desoladas em descampados de areia, quando o mar é um volume muito azul com uma borda de espuma.

Triste com o romance perdido estava a planície de onde Elfland tinha sumido, embora aqui e ali Alveric visse algumas

vezes aquelas pequenas coisas esquecidas que tinham sido perdidas na sua infância, vazando através do tempo até a região sem tempo e sem horas de Elfland para fazer parte de sua glória, e agora abandonada por esse imenso recuo. Melodias antigas, canções antigas, vozes antigas também zumbiam ali, enfraquecendo-se cada vez mais, como se não pudessem viver por muito tempo nos campos que conhecemos.

E, quando o sol se pôs, um brilho rosa-malva no leste, que Alveric achou um pouco lindo demais para a Terra, o levou mais adiante, pois ele achou que fosse o reflexo lançado no céu pelo brilho do esplendor de Elfland. Assim, continuou esperando encontrá-lo, horizonte após horizonte; e a noite chegou com todas as estrelas camaradas da Terra. E só então Alveric finalmente deixou de lado aquela inquietação desvairada que o impulsionara desde a manhã e, embrulhando-se em uma capa folgada que usava, comeu a comida que trouxera em uma bolsa e dormiu um sono perturbado sozinho com as outras coisas abandonadas.

No primeiro instante do amanhecer, sua impaciência o acordou, embora uma das brumas de outubro escondesse todos os vislumbres de luz. Ele comeu o resto da comida e prosseguiu em meio ao cinza.

Nenhum som das coisas de nossos campos chegava até ele agora, pois os homens nunca seguiram por aquele caminho quando Elfland estava ali, e ninguém além de Alveric ia agora àquela planície desolada. Ele viajou além do som do galo cantando nas confortáveis casas dos homens e agora marchava através de um curioso silêncio, interrompido apenas de vez em quando pelos pequenos gritos sombrios das canções perdidas que tinham sido deixadas pelo desaparecimento de Elfland e estavam mais fracas agora do que no dia anterior. E quando o amanhecer brilhou, Alveric viu de novo um esplendor tão grande no céu, reluzindo verde no sudeste, que mais uma vez pensou ter visto um reflexo de Elfland e continuou na esperança de encontrá-la no próximo horizonte. E passou o próximo horizonte;

e continuou vendo aquela planície pedregosa e nenhum pico das Montanhas Élficas azul-claras.

Se Elfland sempre estava no próximo horizonte, iluminando as nuvens com seu brilho, e se afastava no momento em que ele chegava, ou se tinha sumido dias ou anos antes ele não sabia, mas prosseguia sem parar. E finalmente chegou a uma cordilheira seca e sem grama, na qual seus olhos e suas esperanças estavam fixos havia muito tempo, e dali olhou bem para o vazio desolado que se estendia até a beira do céu, e não viu nenhum sinal de Elfland, nem uma encosta das montanhas: até os pequenos tesouros de memória que tinham sido deixados para trás pelo desaparecimento estavam murchando e se transformando em coisas do nosso cotidiano. Então Alveric sacou a espada mágica da bainha. Mas, embora a espada tivesse poder contra o encantamento, não lhe foi concedido o poder de trazer de volta um encantamento que se fora; e a terra desolada permaneceu a mesma, por mais que ele balançasse a espada: pedregosa, deserta, prosaica e ampla.

Por um tempo ele continuou, mas, naquela terra plana, o horizonte se movia imperceptivelmente com ele, e nenhum pico das Montanhas Élficas aparecia; e naquela planície sombria ele logo descobriu, como mais cedo ou mais tarde muitos homens descobririam, que tinha perdido Elfland.

XI

As profundezas da floresta

Naqueles dias, Ziroonderel divertiu o menino com encantamentos e pequenos mistérios, e ele ficou contente por um tempo. E então começou a questionar sozinho, no silêncio, onde estava sua mãe. Ouvia todas as coisas ditas e pensava muito nelas. E assim os dias se passaram, e ele só sabia que ela se fora, e ainda assim nunca disse uma palavra sobre o assunto com o qual seus pensamentos se ocupavam. E descobriu, pelas coisas ditas ou não ditas, ou pelos olhares ou vislumbres ou cabeças balançadas, que havia um mistério na partida da mãe. Mas não conseguia descobrir o mistério por causa de todas as coisas maravilhosas que passavam pela sua cabeça quando ele tentava adivinhar. E, finalmente, certo dia, perguntou a Ziroonderel.

E, embora sua velha mente guardasse eras e eras de sabedoria e embora ela temesse essa pergunta, mas sem saber que tinha permanecido na mente dele por dias, ela não conseguiu encontrar uma resposta melhor em sua sabedoria do que dizer que a mãe dele tinha ido para a floresta. Quando o menino ouviu isso, decidiu ir à floresta para encontrá-la.

Agora, em suas caminhadas ao ar livre com Ziroonderel pelo pequeno vilarejo de Erl, Órion via os aldeões passando e o ferreiro em sua forja aberta, o povo nas portas e os homens que chegavam ao mercado vindos de campos distantes; e conhecia todos eles. E, acima de tudo, conhecia Threl com seus pés silenciosos e Oth com seus membros ágeis, pois ambos contavam histórias das terras altas e das florestas profundas sobre a colina quando eles se encontravam; e Órion, em pequenos passeios com sua ama-seca, adorava ouvir histórias de lugares distantes.

Havia uma murta antiga perto de um poço, onde Ziroonderel ficava sentada nos fins de tarde do verão, enquanto Órion brincava no gramado; e Oth cruzava o gramado com seu curioso arco, saindo à noite, e às vezes Threl aparecia; e toda vez que um deles chegava, Órion o parava e pedia uma história da floresta. E, se fosse Oth, ele se curvava para Ziroonderel com um olhar de reverência, e contava uma história do que o cervo fez, e Órion perguntava o motivo. Então, uma expressão passava pelo rosto de Oth como se ele estivesse se lembrando com cuidado de coisas que tinham acontecido havia muito tempo, e, depois de alguns instantes de silêncio, ele explicava o velho motivo para o que quer que o cervo tivesse feito, o que explicava como eles tinham adquirido o costume.

Se fosse Threl cruzando o gramado, ele fingia não ver Ziroonderel e contava sua história da floresta de um jeito mais apressado em voz baixa e seguia em frente, deixando o entardecer, como Órion sentia, cheio de mistério atrás de si. Ele contava histórias sobre todos os tipos de criaturas; e as histórias eram tão estranhas que ele só as contava para o jovem Órion, porque, como explicou, havia muitas pessoas incapazes de acreditar na verdade, e ele não queria que suas histórias chegassem aos ouvidos delas. Certa vez, Órion foi até a casa dele, uma cabana escura cheia de peles; todos os tipos de peles penduradas na parede: raposas, texugos e martas, e havia peles menores empilhadas nos cantos. Para Órion, a cabana escura de Threl era mais cheia de mistério do que qualquer outra casa que já tinha visto.

Mas agora era outono, e o menino e sua ama-seca viam Oth e Threl mais raramente, pois nos fins de tarde enevoados, com a ameaça de geada no ar, eles não ficavam mais sentados perto da murta. No entanto, Órion os procurava em seus pequenos passeios; e certo dia viu Threl saindo do vilarejo com o rosto voltado para as terras altas. E ele chamou Threl, que ficou parado com um certo ar de confusão, pois se considerava de pouca importância para ser claramente visto e notado pela ama-

seca do castelo, fosse ela bruxa ou mulher. E Órion correu até ele e disse:

— Mostre-me a floresta.

E Ziroonderel percebeu que havia chegado o momento em que os pensamentos dele estavam vagando além da beira do vale, e sabia que nenhum feitiço dela o impediria por muito tempo de segui-los. E Threl disse:

— Não, meu mestre — e olhou inquieto para Ziroonderel, que veio atrás do menino e o levou para longe de Threl. E Threl seguiu sozinho para o seu trabalho nas profundezas da floresta.

E não foi diferente do que a bruxa tinha previsto. Primeiro, Órion chorou, depois sonhou com a floresta e, no dia seguinte, escapou sozinho para a casa de Oth e pediu que ele o levasse junto quando fosse caçar o cervo. E Oth, postado sobre uma larga pele de cervo de frente às brasas, falou muito da floresta, mas não o levou. Em vez disso, levou Órion de volta para o castelo. E Ziroonderel lamentou tarde demais ter dito em vão que a mãe dele tinha ido para a floresta, pois aquelas palavras tinham despertado cedo demais o espírito peregrino que estava predestinado a ele, e ela viu que seus feitiços não conseguiam mais provocar contentamento. Então, no fim, ela o deixou ir para a floresta. Mas só quando levantou o cetro e proferiu o encantamento foi que ela invocou a magia da floresta para a lareira do quarto e a fez perseguir as sombras que saíam do fogo e rastejar com elas por todo o recinto, até o cômodo ficar tão misterioso quanto a floresta. Como esse feitiço não o acalmou e não manteve seus anseios sob controle, ela o deixou ir para a floresta.

Ele fugiu mais uma vez para a casa de Oth, passando pelo gramado fresco certa manhã; e a velha bruxa sabia que ele tinha ido embora, mas não o chamou de volta, pois não tinha nenhum feitiço para conter o amor de um homem pela peregrinação, quer esse amor surgisse mais cedo ou mais tarde. E ela não ia conter seus membros tendo seu coração ido para a floresta, pois o modo de agir das bruxas, quando têm duas coisas das quais

cuidar, é se voltar para a mais misteriosa. E assim o menino chegou sozinho à casa de Oth, pelo jardim onde flores mortas pendiam de talos marrons e as pétalas se transformavam em lodo se ele as tocasse, pois novembro tinha chegado e as geadas eram constantes a noite toda. E dessa vez Órion encontrou um estado de espírito em Oth que em menos de uma hora teria passado e que era favorável aos anseios do menino. Oth estava tirando o arco da parede quando Órion entrou, e o coração de Oth estava indo para a floresta; e, quando o menino chegou, também desejando ir à floresta, o caçador que estava naquele estado de espírito não conseguiu recusar.

Então Oth montou Órion em seus ombros e subiu saindo do vale. As pessoas os viram partir assim: Oth com seu arco e suas sandálias macias e silenciosas e suas roupas marrons de couro, Órion em seus ombros, envolto na pele de uma jovem corça que Oth tinha jogado ao seu redor. E, quando o vilarejo ficou para trás, Órion se alegrou ao ver as casas cada vez mais distantes, pois nunca tinha estado tão longe delas. E quando as terras altas abriram suas distâncias para os seus olhos, ele sentiu que não estava em um simples passeio, mas em uma jornada. E viu a escuridão solene da floresta invernal ao longe, e isso o encheu de imediato com um assombro empolgado. Oth o levou para sua escuridão, seu mistério e seu abrigo.

Oth entrou tão suavemente na floresta que os melros que a protegiam, pousados vigilantes nos galhos, não fugiram quando ele chegou, apenas emitiram lentamente suas notas de alerta e ouviram com desconfiança até ele passar, e não tiveram certeza se um homem tinha quebrado o encanto da floresta. Oth se moveu de um jeito sério por aquele encanto, pela escuridão e pelo profundo silêncio; e uma expressão solene surgiu em seu rosto quando ele entrou na floresta; pois andar com pés silenciosos pela floresta era a obra da sua vida, e ele a aceitava como todos os homens aceitam o desejo de seus corações. E logo colocou o menino sobre as samambaias marrons e prosseguiu sozinho por um tempo. Órion observou-o ir com o arco na mão esquerda, até desaparecer na floresta, como uma

sombra indo para uma reunião de sombras e se fundindo às suas companheiras. E, embora Órion não o acompanhasse agora, ele se alegrou muito com isso, pois sabia, pelo modo como Oth andava e pelo ar que ele exibia, que esta era uma caça séria e não um mero divertimento para agradar a uma criança; e isso lhe agradou mais do que todos os brinquedos que tinha. Silenciosa e solitária, a grande floresta se assomava ao seu redor enquanto ele esperava Oth voltar.

E, depois de um longo tempo, ele ouviu um som, no mistério da floresta, que era menos alto do que o som que um melro fez espalhando folhas mortas para encontrar insetos, e Oth voltou.

Ele não tinha encontrado um cervo; e por um tempo ficou sentado ao lado de Órion e atirou flechas em uma árvore; mas logo juntou suas flechas e pegou o menino nos ombros de novo e voltou para casa. E havia lágrimas nos olhos de Órion quando os dois deixaram a grande floresta, pois ele adorava o mistério dos enormes carvalhos cinza, pelos quais podemos passar despercebidos ou com apenas uma sensação momentânea de algo esquecido, uma mensagem não transmitida; mas, para ele, seus espíritos eram companheiros de brincadeira. Ele voltou a Erl como se deixasse novos companheiros, com a mente cheia de conselhos recebidos dos velhos e sábios troncos, pois para ele cada raiz tinha um significado. E Ziroonderel estava esperando no portão quando Oth levou Órion de volta; ela perguntou pouco sobre o tempo dele na floresta e respondeu pouco quando ele lhe contou, pois estava com ciúmes daqueles cujo feitiço o atraía para longe do dela. Durante toda aquela noite, seus sonhos caçaram cervos nas profundezas da floresta.

No dia seguinte, ele voltou a fugir para a casa de Oth. Mas Oth estava fora caçando, pois precisava de carne. Então ele foi à casa de Threl. E lá estava Threl em sua casa escura no meio de diversas peles.

— Leve-me à floresta — pediu Órion.

Threl sentou-se em uma larga cadeira de madeira perto do fogo para pensar e falar da floresta. Ele não era como Oth,

falando de algumas coisas simples que conhecia, dos cervos, dos hábitos dos cervos e da aproximação das estações; mas falava das coisas que descobrira nas profundezas da floresta e na escuridão do tempo, nas fábulas dos homens e dos animais, e, especialmente, gostava de contar as fábulas das raposas e dos texugos, que ele tinha percebido observando os seus hábitos ao cair da noite. E, enquanto ficava ali sentado, contemplando o fogo, relembrando os costumes antigos dos moradores de samambaias e espinheiros, Órion se esqueceu do seu anseio de ir à floresta e permaneceu sentado em uma pequena cadeira quente com peles, satisfeito. E, para Threl, ele contou o que não havia dito a Oth, que achava que sua mãe um dia poderia aparecer atrás do tronco de um dos carvalhos, já que tinha ido para a floresta havia algum tempo. E Threl pensou que isso poderia acontecer, pois não havia nada de admirável dito sobre a floresta que Threl julgasse improvável.

Depois Ziroonderel foi buscar Órion e o levou de volta ao castelo. E, no dia seguinte, ela o deixou ir até Oth novamente; e desta vez Oth o levou de novo à floresta. Alguns dias depois, ele foi de novo até a casa escura de Threl, em cujos cantos e teias de aranha parecia espreitar o mistério da floresta, e ouviu as histórias curiosas de Threl.

E os galhos da floresta ficaram pretos e imóveis contra o resplendor do pôr do sol ardente, e o inverno começou a lançar seu feitiço sobre as terras altas, e os mais sábios do vilarejo profetizaram a neve. E um dia Órion, na floresta com Oth, viu o caçador atirar em um veado. Observou-o prepará-lo, esfolá-lo, cortá-lo em dois pedaços e amarrá-los na pele, com a cabeça e os chifres pendurados. Oth prendeu os chifres no resto do fardo e o jogou sobre o ombro e, com sua grande força, o carregou para casa. E o menino se alegrou mais do que o caçador.

Naquele fim de tarde, Órion foi contar a história a Threl, mas Threl tinha histórias mais maravilhosas.

E assim os dias se passaram, enquanto Órion absorvia da floresta e das histórias de Threl um amor por todas as coisas que pertencem ao chamado de um caçador, e nele cresceu um

espírito que combinava bem com o nome que carregava; e nada se revelava nele, ainda, a parte mágica de sua linhagem.

XII

A planície desencantada

Quando Alveric entendeu que tinha perdido Elfland, já estava anoitecendo, e ele tinha partido de Erl havia dois dias e uma noite. Pela segunda vez, ele se deitou à noite na planície pedregosa de onde Elfland havia desaparecido: e ao pôr do sol o horizonte a leste se mostrava claro contra o céu azul-turquesa, todo preto e irregular com pedras, sem nenhum sinal de Elfland. E o crepúsculo reluzia, mas era o crepúsculo da Terra, e não aquela barreira densa que Alveric procurava, que fica entre Elfland e a Terra. E as estrelas apareceram e eram as estrelas que conhecemos, e Alveric dormiu sob suas constelações bem conhecidas.

Ele acordou com muito frio no amanhecer sem pássaros, ouvindo vozes antigas bradarem distantes e fracas enquanto eram levadas lentamente, como sonhos voltando à terra dos sonhos. Pensou se elas voltariam para Elfland ou se Elfland tinha se retirado para um local distante demais. Procurou por todo o horizonte ao leste, e não viu nada além das rochas daquela terra desolada. Então se voltou novamente para os campos que conhecemos.

Ele andou de volta pelo frio com toda a sua impaciência esquecida; e gradualmente um pouco de calor lhe veio da caminhada, e mais tarde um pouco do sol outonal. Andou o dia inteiro, e o sol estava ficando enorme e vermelho quando ele chegou de novo à cabana do correeiro. Ele pediu comida, e o velho o recebeu com prazer: sua panela já estava fervendo para fazer sua própria refeição noturna; e não demorou muito para Alveric estar sentado à mesa antiga diante de um prato cheio de patas de esquilo, porcos-espinhos e carne de coelho. O velho

não comeu até Alveric ter comido, mas o esperou com tanta solicitude que Alveric sentiu que o momento de sua oportunidade havia chegado e voltou-se para o velho enquanto lhe oferecia um pedaço das costas de um coelho, e abordou o assunto de Elfland.

— O crepúsculo está mais distante — comentou Alveric.

— Sim, sim — disse o velho, sem nenhuma intenção na voz, o que quer que tivesse em mente.

— Para onde ele foi? — indagou Alveric.

— O crepúsculo, mestre? — retrucou o anfitrião.

— É — disse Alveric.

— Ah, o crepúsculo — refletiu o velho.

— A barreira — disse Alveric e baixou a voz, embora não soubesse o motivo — entre aqui e Elfland.

Com a palavra Elfland, toda a compreensão desapareceu dos olhos do velho.

— Ah — disse ele.

— Velho — disse Alveric —, você sabe que Elfland desapareceu. Para onde foi?

— Desapareceu? — disse o velho.

Aquela surpresa inocente, pensou Alveric, devia ser real; mas pelo menos ele sabia onde Elfland era; costumava ficar a apenas dois campos de distância de sua porta.

— Elfland já esteve no campo ao lado — disse Alveric.

E os olhos do velho voltaram ao passado, e ele contemplou por um instante como nos velhos tempos, depois balançou a cabeça. Alveric o encarou.

— Você conheceu Elfland — exclamou ele.

O velho continuava sem responder.

— Você sabia onde ficava a fronteira — disse Alveric.

— Estou velho — disse o correeiro —, e não tenho ninguém para perguntar.

Quando ele disse isso, Alveric soube que ele estava pensando na antiga esposa e também soube que, se estivesse viva e parada ali naquele instante, ele ainda não teria nenhuma notícia de Elfland: parecia haver pouco a dizer. Mas uma certa petulância o fez insistir no assunto mesmo depois de saber que era inútil.

— Quem mora a leste daqui? — indagou.

— A leste? — respondeu o velho. — Mestre, não há o norte, o sul e o oeste, para que você precisa olhar para o leste?

Havia uma expressão de súplica no seu rosto, mas Alveric não lhe deu atenção.

— Quem mora a leste? — insistiu.

— Mestre, ninguém mora a leste — respondeu ele. E isso de fato era verdade.

— O que costumava haver ali? — indagou Alveric.

E o velho se virou para ver o ensopado na panela e murmurou enquanto se virava, de modo que mal deu para ouvi-lo.

— O passado — respondeu ele.

O velho não disse mais nada nem explicou o que dissera. Então Alveric perguntou se poderia dormir ali à noite, e seu anfitrião lhe mostrou a velha cama da qual ele se lembrava ao longo daquele número vago de anos. Alveric aceitou a cama sem mais delongas, a fim de deixar o velho jantar. E em pouco tempo Alveric estava profundamente adormecido, aquecido e finalmente descansando, enquanto seu anfitrião revirava lentamente na cabeça muitas coisas das quais Alveric supunha que ele nada sabia.

Quando os pássaros de nossos campos acordaram Alveric, cantando no fim de outubro, em uma manhã que os fez lembrar da primavera, ele se levantou e saiu porta afora e foi para a parte

mais alta do pequeno campo que ficava do lado sem janelas da casa do velho em direção a Elfland. Ali ele olhou para o leste e viu, até a linha curva do céu, a mesma planície árida, desolada e rochosa que estivera lá ontem e no dia anterior. O correeiro lhe serviu o café da manhã, e ele saiu e olhou novamente para a planície. E, durante a refeição, que o anfitrião compartilhou timidamente, Alveric abordou mais uma vez o assunto de Elfland. E alguma coisa nas falas ou nos silêncios do velho deixou Alveric esperançoso de que, mesmo assim, ele tivesse alguma notícia sobre o paradeiro das Montanhas Élficas azul-claras. Então ele levou o velho para fora e voltou-se para o leste, para onde seu companheiro olhava com olhos relutantes; e, apontando para uma rocha específica, a mais notável e próxima, disse, esperando uma notícia definitiva sobre algo definido:

— Há quanto tempo aquela rocha está ali?

E a resposta atingiu suas esperanças como o granizo na flor de macieira:

— Está lá e devemos aproveitá-la ao máximo.

O inesperado da resposta atordoou Alveric; e, quando viu que perguntas razoáveis sobre coisas definidas não geravam uma resposta lógica, ele perdeu a esperança de obter informações práticas para orientar sua fantástica jornada. Assim, caminhou pelo lado leste da cabana a tarde toda, observando a planície sombria, e ela nunca mudava nem se mexia: nenhuma montanha azul-clara apareceu, nenhuma Elfland voltou a inundá-la: e o entardecer chegou e as pedras brilharam de maneira tediosa com os raios baixos do sol e escureceram quando ele se pôs, mudando com todas as mudanças da Terra, mas sem o encantamento de Elfland. Então Alveric decidiu fazer uma grande jornada.

Ele voltou para a cabana e disse ao correeiro que precisava comprar muitas provisões, todas as que conseguisse carregar. E durante o jantar planejaram o que ele deveria levar. E o velho prometeu encontrar os vizinhos no dia seguinte; falando de todas as coisas que ia obter de cada um e um pouco mais se Deus lhe

provesse boa caça. Pois Alveric tinha decidido viajar para o leste até encontrar a terra perdida.

Alveric dormiu cedo e dormiu muito, até acabar com sua fadiga decorrente da busca por Elfland: o velho acordou-o quando voltou de sua armadilha. E as criaturas que capturara na armadilha o velho colocou na panela e pendurou sobre o fogo, enquanto Alveric tomava o café da manhã. E durante toda a manhã o correeiro foi de casa em casa entre seus vizinhos que moravam em pequenas fazendas nos limites dos campos que conhecemos e recebeu carnes salgadas de alguns, pão de um, queijo de outro e voltou carregado para casa a tempo de preparar o jantar.

E todos os suprimentos que sobrecarregaram o velho foram colocados em um saco que Alveric passou sobre o ombro, e alguns ele colocou na bolsa; e encheu a garrafa de água e mais duas que seu anfitrião tinha feito com peles largas, já que não tinha visto nenhum riacho na terra desolada; e, assim equipado, caminhou um pouco para longe da cabana e olhou de novo para a terra de onde Elfland tinha desaparecido. Voltou satisfeito com a possibilidade de levar provisões para quinze dias.

E, ao entardecer, enquanto o velho preparava pedaços de carne de esquilo, Alveric estava de novo no lado sem janelas da cabana, olhando para a terra solitária, sempre esperando ver emergir das nuvens que coloriam o pôr do sol aquelas serenas montanhas azul-claras e nunca vendo um único pico. E o sol se pôs, e foi o último de outubro.

Na manhã seguinte, Alveric fez uma boa refeição na cabana; em seguida, pegou seu pesado fardo de provisões, pagou ao anfitrião e partiu. A porta da cabana se abria para o oeste, e o velho o levou cordialmente até a porta com bênçãos e despedidas, mas não contornou a casa para vê-lo indo para o leste; ele não falaria dessa jornada: era como se para ele houvesse apenas três pontos cardeais na bússola.

O forte sol outonal ainda não estava alto quando Alveric saiu dos campos que conhecemos para a terra que Elfland havia

deixado e da qual nada se aproximava, com a grande sacola sobre o ombro e a espada na lateral. As árvores férteis da memória que ele vira estavam todas murchas agora, e as velhas canções e vozes que assombraram aquela terra agora estavam fracas como suspiros; e parecia haver menos delas, como se algumas já tivessem morrido ou tivessem voltado com dificuldade para Elfland.

Durante todo o dia, Alveric viajou com o vigor que aguarda no início das jornadas, e isso o ajudou, embora estivesse sobrecarregado com tantas provisões e um grande cobertor que usava como uma capa pesada sobre os ombros; além disso, carregava um pacote de lenha e uma vara na mão direita. Ele era uma figura disparatada com sua vara, sua sacola e sua espada; mas seguia uma ideia, uma inspiração, uma esperança; e assim compartilhava algo da estranheza que têm todos os homens que fazem isso.

Parando ao meio-dia para comer e descansar, continuou devagar e caminhou até o entardecer: mesmo assim, não descansou como pretendia, pois, quando o crepúsculo caía e se estendia pesado ao longo do céu oriental, ele se levantava continuamente do descanso e ia um pouco mais longe para ver se não podia ser aquele crepúsculo denso e profundo que formava a fronteira dos campos que conhecemos, afastando-os de Elfland. Mas era sempre o crepúsculo terrestre, até que as estrelas apareciam, e eram todas as estrelas familiares que olham para a Terra. Assim, ele se deitou no meio daquelas pedras pontiagudas e sem musgo, comeu pão e queijo e bebeu água; e, quando o frio da noite começou a chegar sobre a planície, acendeu uma pequena fogueira com seu pacote escasso de lenha e deitou-se perto dela com a capa e o cobertor ao redor; e, antes que as brasas ficassem pretas, caiu em um sono profundo.

A aurora chegou sem nenhum som de pássaro ou sussurro de folhas ou gramados, a aurora chegou em silêncio e fria; e nada naquela planície dava boas-vindas à luz.

Se a escuridão permanecesse eternamente sobre aquelas rochas angulosas seria melhor, pensou Alveric, ao ver suas companheiras disformes reluzindo de um jeito sombrio; a escuridão era melhor, agora que Elfland se fora. E embora a miséria daquele lugar desencantado tivesse entrado em seu espírito com o frio da aurora, ainda assim sua esperança ardente continuava a cintilar e lhe dava pouco tempo para comer ao lado do círculo preto e frio de sua fogueira solitária, antes que ela o apressasse em direção ao leste sobre as rochas. E durante toda a manhã ele viajou sem o companheirismo de uma folha de grama. Os pássaros dourados que vira antes tinham fugido havia muito tempo para Elfland, e os pássaros dos nossos campos e todos os seres vivos que conhecemos evitavam todo esse deserto vazio. Alveric viajou sozinho como um homem que recorre à memória para visitar cenas lembradas e, em vez de cenas lembradas, estava em um lugar de onde toda a magia tinha desaparecido. Ele viajou um pouco mais leve do que no dia anterior, mas ficou mais cansado, pois agora sentia com mais peso a fadiga do dia anterior. Descansou por muito tempo no meio do dia e depois continuou. As miríades de rochas se estendiam e entalhavam levemente o horizonte, e pelo dia inteiro não houve nenhum vislumbre das montanhas azul-claras. Naquele fim de tarde, com o suprimento cada vez menor de lenha, Alveric fez outra fogueira; a pequena chama subindo sozinha naquele deserto parecia de alguma forma revelar sua monstruosa solidão. Ele se sentou ao lado da fogueira e pensou em Lirazel e não desistiu da esperança, embora um olhar para aquelas rochas o tivesse alertado para não ter esperança, pois algo em sua aparência caótica partilhava da planície que as alimentava, e elas sugeriam que era infinita.

XIII

A reticência do correeiro

Demorou muitos dias para Alveric aprender com a monotonia das rochas que a jornada de um dia era igual à de outro, e que mesmo em inúmeras jornadas não haveria nenhuma mudança nos horizontes acidentados, que eram tristemente semelhantes aos que tinham substituído e nunca davam vista para as montanhas azul-claras. Ele tinha seguido, enquanto suas provisões para quinze dias se tornavam cada vez mais leves, por dez dias sobre as rochas: agora já estava anoitecendo, e Alveric finalmente entendeu que, se viajasse mais e não visse os picos das Montanhas Élficas, ia passar fome. Assim, ele jantou com moderação na escuridão, seu feixe de lenha já esgotado havia muito tempo, e abandonou a esperança que o conduzira. E, assim que surgiu alguma luz para lhe mostrar onde estava o leste, ele comeu um pouco do que tinha poupado do jantar e começou sua longa caminhada de volta para os campos dos homens, sobre rochas que pareciam ainda mais duras porque ele estava de costas para Elfland. Durante todo o dia, comeu e bebeu pouco, e ao cair da noite ainda tinha provisões completas para mais quatro dias.

Se tinha que voltar para trás, ele esperava viajar mais rápido durante esses últimos dias, porque viajaria mais leve. Não tinha pensado no poder daquelas rochas monótonas de cansar e de deprimir com sua desolação quando a esperança que de alguma forma iluminava sua crueldade tinha desaparecido. Ele pensara pouco em voltar, até a décima noite chegar e nada das montanhas azul-claras, e de repente analisou suas provisões. E toda a monotonia de sua jornada de volta para casa foi interrompida apenas por temores ocasionais de que ele não conseguisse chegar aos campos que conhecemos.

As miríades de rochas eram maiores e mais grossas que lápides e não eram modeladas com tanto cuidado, mas o deserto tinha a aparência de um cemitério que se estendia por todo o mundo com pedras sem entalhes sobre cabeças sem nome. Gelado pelas noites amargas, guiado pelos ocasos escaldantes, ele continuou pelas brumas da manhã, pelos meios-dias vazios e pelos cansativos fins de tarde sem pássaros. Mais de uma semana se passou desde que ele mudou de direção, e a água tinha acabado, e ele continuava não vendo nenhum sinal dos campos que conhecemos nem de algo mais familiar do que as rochas das quais parecia se lembrar e que o teriam desviado para o norte, para o sul ou para o leste, não fosse o sol vermelho de novembro que ele seguia e, às vezes, uma estrela amiga. E então, finalmente, quando a escuridão caiu, tingindo de preto a massa rochosa, apareceu a oeste por sobre as rochas, pálida no início em contraste com os resquícios do pôr do sol, mas cada vez mais alaranjada, uma janela sob uma das empenas do homem. Alveric levantou-se e caminhou em sua direção, até que as pedras na escuridão e o cansaço o dominaram e ele se deitou e dormiu; e a pequena janela amarela brilhou em seus sonhos e criou formas de esperança tão lindas quanto as que vinham de Elfland.

A casa que ele viu de manhã quando acordou parecia impossível de ser aquela cuja minúscula luz estava carregada de esperança e auxílio para ele na solidão; agora parecia muito simples e comum. Ele a reconheceu como uma casa não muito distante da do correeiro. Logo chegou a um poço e bebeu. Chegou a um jardim em que uma mulher trabalhava desde cedo, e ela perguntou de onde ele tinha vindo.

— Do leste — respondeu ele e apontou, e ela não entendeu. E assim ele chegou de novo à cabana onde havia começado, para pedir mais uma vez a hospitalidade do velho que o abrigara duas vezes.

Ele estava em pé na porta quando Alveric chegou, andando cansado, e o recebeu mais uma vez. Ele lhe deu leite e depois comida. E Alveric comeu, e depois descansou o dia todo; só falou

quando o entardecer chegou. Mas, depois de comer e descansar e de estar novamente à mesa, e agora que o jantar estava diante dele e havia luz e calor, sentiu de repente a necessidade da fala humana. E contou a história daquela grande jornada sobre a terra onde cessavam as coisas dos homens e onde não havia pássaros nem pequenos animais nem mesmo flores, uma crônica da desolação. E o velho ouviu as palavras vívidas e não disse nada, fazendo alguns comentários apenas quando Alveric falava dos campos que conhecemos. Ele ouviu com cortesia, mas não disse uma palavra sobre a terra de onde Elfland tinha desaparecido. De fato, era como se toda a terra a leste fosse uma ilusão e como se Alveric tivesse sido recuperado dali ou despertado de um sonho e agora estivesse entre as coisas razoavelmente cotidianas e não houvesse nada a dizer sobre as coisas do sonho. Certamente o velho nunca diria uma palavra em reconhecimento a Elfland ou a qualquer coisa a setenta metros a leste da porta de sua cabana. Então Alveric foi para a cama e o velho ficou sentado sozinho até o fogo diminuir, pensando no que ouvira e balançando a cabeça. E todo o dia seguinte Alveric descansou ali ou caminhou pelo jardim do velho, fustigado pelo outono, e às vezes tentava falar de novo com o anfitrião sobre sua grande jornada pela terra desolada, mas não obtinha dele nenhuma admissão de que essas terras existissem, sempre evitando o assunto, como se falar dessas terras pudesse trazê-las para perto.

E Alveric ponderou sobre as diversas razões para isso. Será que o velho tinha estado em Elfland na juventude e visto alguma coisa que temia muito, talvez escapando por pouco da morte ou de um amor duradouro? Será que Elfland era um mistério grande demais para ser incomodado por vozes humanas? Será que as pessoas que moravam lá na beira do nosso mundo conheciam bem a beleza sobrenatural de todas as glórias de Elfland e temiam que até falar delas pudesse ser uma isca para atraí-las para onde sua determinação talvez, só talvez, as impedisse? Ou será que uma palavra dita sobre a terra mágica poderia aproximá-la, para transformar os campos que conhecemos em

fantásticos e élficos? Alveric não tinha resposta para nenhuma dessas ponderações.

E, no entanto, Alveric descansou mais um dia e depois disso se preparou para voltar a Erl. Ele partiu de manhã, e seu anfitrião o acompanhou até a porta, dizendo adeus e falando de sua jornada para casa e dos assuntos de Erl, que alimentavam as fofocas em muitas terras agrícolas. E grande era o contraste entre a aprovação que o bom homem demonstrava pelos campos que conhecemos, por onde Alveric viajava agora, e sua desaprovação pelas outras terras para as quais as esperanças de Alveric ainda se voltavam. E eles se separaram, e as despedidas do velho emudeceram, e ele voltou para dentro de casa, esfregando as mãos com satisfação enquanto caminhava lentamente, pois estava feliz em ver alguém que tinha olhado para as terras fantásticas se voltar agora para uma jornada pelos campos que conhecemos.

Nesses campos, a geada estava dominando, e Alveric andava sobre a relva cinza e respirava o ar puro e limpo, pensando pouco em sua casa ou em seu filho, mas planejando como ainda poderia chegar a Elfland, pois pensava que mais ao norte poderia haver um caminho, contornando talvez por trás das montanhas azul-claras. O fato de Elfland ter desaparecido para longe demais para ele alcançá-la parecia desesperadamente óbvio, mas ele mal acreditava que ela tivesse percorrido toda a fronteira do crepúsculo, onde Elfland toca na Terra até onde o poeta cantou. Mais ao norte, ele poderia encontrar a fronteira, imóvel, jazendo sonolenta ao crepúsculo, e chegar às montanhas azul-claras e ver sua esposa outra vez: cheio desses pensamentos, ele percorreu os campos suaves e enevoados.

E, cheio de seus sonhos e planos sobre aquela terra fantasmagórica, ele foi à tarde até a floresta que se erguia sobre Erl. Entrou na floresta e, embora estivesse profundamente mergulhado em pensamentos distantes dali, logo viu a fumaça de uma fogueira a pouca distância, erguendo-se cinza por entre as escuras raízes de carvalho. Ele a seguiu para ver quem estava

ali, e lá encontrou seu filho e Ziroonderel aquecendo as mãos no fogo.

— Por onde você andou? — perguntou Órion assim que o viu.

— Em uma jornada — respondeu Alveric.

— Oth está caçando — comentou Órion e apontou na direção em que o vento estava espalhando a fumaça. E Ziroonderel não disse nada, pois viu mais nos olhos de Alveric do que qualquer pergunta teria tirado da língua dele. Órion mostrou a ele uma pele de cervo na qual estava sentado. — Oth atirou nele — disse.

Parecia haver uma magia ao redor de toda aquela fogueira de grandes troncos ardendo em silêncio na floresta, sobre o manto descartado do outono que reluzia ali. E não era a magia de Elfland nem Ziroonderel a invocara com o cetro: era apenas a magia da própria floresta.

Alveric ficou ali por um tempo em silêncio, observando o menino e a bruxa perto do fogo na floresta, e entendendo que chegara a hora em que deveria contar a Órion coisas que não estavam claras para ele e que ainda agora o intrigavam. No entanto, não falou delas, mas, dizendo alguma coisa sobre os assuntos de Erl, virou-se e caminhou em direção ao castelo, enquanto Ziroonderel e o menino voltaram mais tarde com Oth.

Alveric ordenou que servissem o jantar quando chegou ao portão, e comeu sozinho no grande salão que havia no Castelo de Erl, e durante todo o tempo ficou ponderando as palavras a dizer. E então foi até o quarto ao entardecer e contou ao menino que sua mãe tinha ido para Elfland por algum tempo, para o palácio de seu pai (que só pode ser mencionado em canções). E, sem dar ouvidos a nenhuma palavra de Órion, continuou com a breve história que tinha ido contar e falou que Elfland tinha desaparecido.

— Mas isso não pode ser verdade — disse Órion —, pois ouço as trompas de Elfland todos os dias.

— Você as ouve? — indagou Alveric.

E o menino respondeu:

— Eu as ouço tocando ao entardecer.

XIV

A busca pelas Montanhas Élficas

O inverno desceu sobre Erl e tomou conta da floresta, deixando os pequenos galhos rígidos e imóveis; no vale, ele silenciou o córrego, nos campos dos bois a relva ficou quebradiça como pratos de cerâmica, e o hálito dos animais subia como a fumaça dos acampamentos. E Órion continuava indo à floresta sempre que Oth o levava, e às vezes ia com Threl. Quando ele ia com Oth, a floresta era cheia da magia dos animais que Oth caçava, e o esplendor dos grandes veados parecia habitar a melancolia dos vales distantes; mas, quando ia com Threl, um mistério assombrava a floresta, de modo que não era possível dizer qual criatura poderia aparecer nem o que assombrava e se escondia em cada enorme tronco. Que animais havia na floresta nem Threl sabia dizer: muitos eram presas para sua astúcia, mas quem poderia saber se eram todos?

E, quando o menino se atrasava na floresta, em fins de tarde felizes, sempre ouvia quando o sol descia ardendo, fileira a fileira de trompas élficas tocando longe no leste, no frio do crepúsculo, muito distantes e fracas, como o toque da alvorada ouvido em sonhos. Do outro lado da floresta elas soavam, todas aquelas trompas tocando, além das terras baixas, muito além da curva mais distante delas; e ele as conhecia como as trompas de prata de Elfland. Em todos os outros aspectos, ele era humano, e exceto pelo poder de ouvir aquelas trompas de Elfland, cuja música toca apenas um metro além da audição humana, e por seu conhecimento do que eram; com exceção dessas duas coisas, ele não passava de uma criança humana.

E como as trompas de Elfland sopravam do outro lado da barreira do crepúsculo para serem escutadas por qualquer

ouvido nos campos que conhecemos, não consigo entender; no entanto, Tennyson fala delas como se estivessem “soprando levemente”, mesmo nos nossos campos, e eu acredito que, se aceitarmos tudo que os poetas dizem quando devidamente inspirados, nossos erros serão mínimos. Então, quer a Ciência possa negar ou confirmar, o verso de Tennyson vai me guiar aqui.

Naqueles dias, Alveric percorreu de mau humor o vilarejo de Erl, com os pensamentos longe dali; e parou em muitas portas, falou e planejou, com os olhos sempre fixos, como parecia, em coisas que ninguém mais podia ver. Ele remoía sobre horizontes distantes e o último, além do qual ficava Elfland. E de casa em casa ele reuniu um pequeno grupo de homens.

O sonho de Alveric era encontrar a fronteira mais ao norte, viajar sobre os campos que conhecemos, sempre buscando novos horizontes, até chegar a um lugar no qual Elfland não tivesse desaparecido; a isso ele estava determinado a dedicar seus dias.

Quando Lirazel estava com ele entre os campos que conhecemos, seus pensamentos eram para torná-la mais terrena; mas, agora que ela se fora, os pensamentos de sua mente se tornavam cada dia mais élficos, e o povo começou a olhar de soslaio para sua aparência fantástica. Sonhando sempre com Elfland e com coisas élficas, ele reuniu cavalos e alimentos e fez para seu pequeno bando um estoque tão grande de provisões que aqueles que o viram ficaram intrigados. Muitos homens ele convidou a pertencer àquele grupo curioso, e poucos foram com ele para ocupar os horizontes quando ouviam para onde ele ia. E o primeiro que ele descobriu ser desse grupo era um rapaz que estava apaixonado; e depois um jovem pastor, acostumado a espaços solitários; em seguida, um que ouviu uma música curiosa que alguém cantou em certo entardecer: isso fez seus pensamentos se afastarem para terras impossíveis, de modo que ele se contentava em seguir suas ilusões. Certo verão, uma enorme lua cheia brilhara durante toda a noite quente sobre um rapaz enquanto ele estava deitado no feno, e depois disso ele

pensou ou viu coisas que disse que a lua lhe mostrava; o que quer que fossem, ninguém mais tinha visto essas coisas em Erl: ele também se juntou ao grupo de Alveric assim que ele pediu. Muitos dias se passaram até Alveric encontrar esses quatro; e não conseguiu encontrar mais ninguém além de um rapaz que era completamente insensato, e ele o levou para cuidar dos cavalos, pois ele entendia bem os cavalos e eles o entendiam, embora nenhum homem ou mulher humano conseguisse entendê-lo, exceto sua mãe, que chorou quando Alveric obteve sua promessa de ir; pois ela disse que ele era o suporte e o apoio para sua idade, e ele sabia que tempestades viriam e quando as andorinhas voariam, e de que cores seriam as flores das sementes que ela plantava em seu jardim, e onde as aranhas construiriam suas teias e as antigas fábulas das moscas. Ela chorou e disse que mais coisas se perderiam com a ida dele do que as pessoas jamais imaginavam em Erl. Mas Alveric o levou embora: muitos se vão assim.

E certa manhã, seis cavalos amarrados e com provisões penduradas nas selas aguardavam no portão de Alveric, com os cinco homens que deviam vagar com ele até a borda do mundo. Ele tinha se aconselhado com Ziroonderel, mas ela disse que nenhuma magia dela tinha poder para enfeitiçar Elfland ou combater a terrível vontade de seu rei. Ele, portanto, recomendou Órion aos seus cuidados, sabendo muito bem que, embora a dela fosse apenas uma magia simples ou terrena, ainda assim nenhuma magia que conseguisse atravessar os campos que conhecemos, nem maldição nem runa dirigida contra seu filho, seria capaz de frustrar seu feitiço; e assim confiou na sorte que espera no fim de longas e cansativas jornadas. Com Órion, ele conversou demoradamente, sem saber quanto tempo duraria essa jornada antes de encontrar Elfland de novo, nem com que facilidade ele conseguiria voltar através da fronteira do crepúsculo. Perguntou ao menino o que ele queria da vida.

— Ser caçador³ — respondeu ele.

— O que você vai caçar enquanto eu estiver nas colinas? — indagou o pai.

— Veados, como Oth — disse Órion.

Alveric elogiou esse esporte, pois ele próprio o amava.

— E um dia eu vou seguir por um longo caminho sobre as colinas e caçar coisas estranhas — disse o menino.

— Que tipo de coisas? — perguntou Alveric. Mas o menino não sabia.

O pai sugeriu diferentes tipos de animais.

— Não, mais estranhos que esses — disse Órion. — Mais estranhos até do que ursos.

— Mas o que serão eles? — perguntou o pai.

— Coisas mágicas — respondeu o menino.

Mas os cavalos se agitaram, inquietos, lá embaixo, no frio, de modo que não havia tempo para mais conversa fiada, e Alveric se despediu da bruxa e do filho e se afastou pensando pouco no futuro, pois tudo era vago demais para pensar.

Alveric montou seu cavalo sobre os montes de provisões, e todo o grupo de seis homens saiu cavalgando. Os aldeões ficaram parados na rua para vê-los partir. Todos conheciam sua curiosa busca; e, depois que todos saudaram Alveric e se despediram do último cavaleiro, um zumbido de conversa se ergueu. E na conversa havia desprezo pela busca de Alveric, e piedade e ridicularização; e às vezes o carinho falava e às vezes o desdém. No entanto, no coração de todos havia inveja; por isso eles zombavam do peregrino solitário daquela aventura estranha, mas seus corações teriam ido com ele.

E lá se foi Alveric do vilarejo de Erl com sua companhia de aventureiros atrás de si: um lunático, um louco, um rapaz apaixonado, um pastor e um poeta. E Alveric fez de Vand, o jovem pastor, o mestre do acampamento, pois considerou que ele era o mais são entre seus seguidores; mas houve disputas enquanto eles cavalgavam, antes mesmo de chegarem a montar um acampamento; e Alveric, ouvindo ou sentindo o descontentamento de seus homens, aprendeu que, em uma missão como a dele, não era o mais são, e sim o mais louco que

deveria ter autoridade. E assim ele nomeou Niv, o rapaz insensato, como mestre do acampamento; e Niv serviu-o bem até dias longínquos, e o lunático ficou ao lado de Niv, e todos se contentaram com a nomeação de Niv, e todos honraram a busca de Alveric. E muitos homens em inúmeras terras fazem coisas mais sensatas com menos harmonia.

Eles chegaram às terras altas e cavalgaram pelos campos, e cavalgaram até chegar às sebes mais longínquas dos homens e às casas que eles construíram na fronteira, além das quais até seus pensamentos se recusavam a ir. Por essa fileira de casas na fronteira desses campos, quatro ou cinco a cada quilômetro, Alveric seguiu com sua estranha companhia. A cabana do correeiro ficava bem distante ao sul. Agora ele se voltava para o norte para cavalgar pelos fundos das casas, pelos campos através dos quais a barreira do crepúsculo antes se encontrava, até achar um lugar onde Elfland parecia não ter retrocedido até então. Ele explicou isso a seus homens, e os espíritos dominantes, Niv e Zend, o lunático, aplaudiram de imediato; e Thyl, o jovem que sonhava com canções, também disse que o plano era sábio; e Vand foi levado pelo zelo aguçado desses três; e foi igual com Rannok, o apaixonado. E eles não tinham ido muito longe ao longo dos fundos das casas quando o sol vermelho tocou no horizonte, e se apressaram para montar um acampamento com o que restava da luz daquele curto dia de inverno. E Niv disse que eles construiriam um palácio como o dos reis, e a ideia empolgou Zend a trabalhar como três homens, e Thyl ajudou com entusiasmo; e eles colocaram estacas e esticaram cobertores em cima delas e fizeram uma parede de gravetos, pois estavam a pouca distância das sebes, e Vand também ajudou com tapumes rústicos e Rannok trabalhou exaustivamente; e, quando terminaram, Niv disse que era um palácio. Alveric entrou e descansou, enquanto eles acendiam uma fogueira do lado de fora. Vand preparou uma refeição para todos, algo que fazia todos os dias para si nas terras baixas solitárias; e ninguém poderia ter cuidado melhor dos cavalos que Niv.

E, quando o crepúsculo desapareceu, o frio do inverno aumentou; e, no momento em que a primeira estrela brilhou, não parecia haver nada na noite inteira a não ser o frio intenso, mas os homens de Alveric deitaram-se ao lado da fogueira em seus couros e peles e dormiram, exceto Rannok, o apaixonado.

Para Alveric, deitado sobre peles em seu abrigo, observando as brasas vermelhas reluzirem além das formas escuras de seus homens, a missão era bem promissora: ele iria longe para o norte observando todos os horizontes em busca de algum sinal de Elfland; atravessaria a fronteira dos campos que conhecemos e sempre estaria perto das provisões; e, se ele não vislumbrasse as montanhas azul-claras, prosseguiria até encontrar um campo do qual Elfland não tinha desaparecido e, assim, o contornaria. E Niv, Zend e Thyl tinham jurado a ele naquele entardecer que, antes que se passassem muitos dias, certamente encontrariam Elfland. Com esse pensamento, ele dormiu.

XV

O refúgio do Rei dos Elfos

Quando Lirazel foi soprada para longe com as esplêndidas folhas, elas caíram uma a uma dessa dança no ar reluzente e correram sobre os campos por um tempo, depois se reuniram perto das sebes e descansaram; mas a Terra, que puxa todas as coisas para baixo, não tinha força sobre ela, pois a runa do Rei de Elfland tinha atravessado suas fronteiras, chamando-a para o seu lar. Então ela cavalgou descuidada no volumoso vento noroeste, olhando em vão para baixo, para os campos que conhecemos, enquanto passava por eles em direção a sua casa. A Terra não tinha mais nenhum domínio sobre ela; pois com seu peso (que é como a Terra nos segura) se foram todas as suas preocupações terrenas. Ela viu, sem pesar, os velhos campos por onde ela e Alveric caminharam certa vez: eles passaram; viu as casas dos homens: essas também passaram; e profunda, densa e intensa de tantas cores, ela viu a fronteira de Elfland.

A Terra lhe lançou um último chamado com muitas vozes, uma criança gritando, gralhas crocitando, o maçante mugido das vacas, um carrinho lento subindo para casa; ela então chegou à densa barreira do crepúsculo, e todos os sons da Terra diminuíram de repente: ela a atravessou e tudo cessou. Como um cavalo cansado caindo morto, nosso vento noroeste desabou na fronteira; pois nenhum vento que vagueia pelos campos que conhecemos sopra em Elfland. E Lirazel inclinou-se lentamente para a frente e para baixo, até seus pés estarem de novo no solo mágico de seu lar. Ela viu completamente os picos das Montanhas Élficas e, escura sob elas, a floresta que guardava o trono do Rei dos Elfos. Sobre a floresta reluziam, mesmo agora, grandes pináculos na manhã élfica, que brilha com esplendor

cintilante maior do que nossas auroras mais orvalhadas e nunca desaparece.

Sobre a terra élfica, a dama élfica passou com seus pés leves, tocando nos gramados como a bráctea dos cardos os toca quando se aproxima deles e roça suas corolas enquanto um vento lânguido as balança lentamente pelos campos que conhecemos. E todas as coisas élficas e fantásticas, e o aspecto curioso da terra, as flores estranhas e as árvores assombradas, e o presságio sinistro da magia que pairava no ar estavam tão cheios de lembranças do seu lar que ela jogou os braços ao redor do primeiro tronco retorcido, semelhante a um gnomo, e beijou a casca enrugada.

E assim ela chegou à floresta encantada; e os pinheiros sinistros que a protegiam, com a hera vigilante inclinada por sobre os galhos, curvaram-se para Lirazel quando ela passou. Não havia uma maravilha naquela floresta, nem uma pitada sombria de magia, mas lhe trouxe de volta o passado como se ele mal tivesse acabado. Era apenas, ela sentia, ontem de manhã quando foi embora; e ainda era ontem de manhã. Quando ela atravessou a floresta, os cortes da espada de Alveric ainda estavam frescos e brancos nas árvores.

E uma luz começou a brilhar pela floresta, depois piscou em lampejos de cores, e ela sabia que estavam reluzindo pela glória e pelo esplendor das flores que cercavam os gramados de seu pai. Para isso ela voltava; e as leves pegadas que tinha deixado ao sair do palácio de seu pai e ficar perplexa ao ver Alveric ali ainda não tinham desaparecido da grama inclinada, das teias das aranhas e do orvalho. Ali as grandes flores brilhavam intensamente sob a luz élfica; enquanto do outro lado cintilava e reluzia, com o portal pelo qual ela passara ainda aberto para os gramados, o palácio que só pode ser mencionado em canções. Para lá Lirazel voltou. E o Rei dos Elfos, que ouviu por mágica os passos de seus pés silenciosos, estava diante da porta para encontrá-la.

Sua grande barba quase a ocultou quando os dois se abraçaram: ele sofreu tanto por ela ao longo daquela manhã

élfica. Ele tinha ficado perplexo, apesar de sua sabedoria; tinha temido, apesar de todas as suas runas; tinha ansiado por ela como os corações humanos conseguem ansiar, apesar de ele ser de uma linhagem mágica vivendo além dos nossos campos. E agora ela estava em casa de novo, e a manhã élfica iluminou-se por todas as léguas de Elfland com a alegria do velho Rei dos Elfos, e até um brilho foi visto nas encostas das Montanhas Élficas.

E através do clarão e do brilho da vasta porta eles entraram no palácio mais uma vez; o cavaleiro da guarda do Rei dos Elfos os saudou com sua espada quando eles passaram, mas não ousou virar a cabeça diante da beleza de Lirazel; eles voltaram ao salão do trono do Rei dos Elfos, que é feito de arco-íris e gelo; e o grande Rei sentou-se e colocou Lirazel no seu joelho; e uma calma desceu sobre Elfland.

E, por muito tempo, durante a interminável manhã élfica, nada perturbou essa calma: Lirazel descansava depois das preocupações da Terra, o Rei dos Elfos ficou sentado ali, mantendo a satisfação profunda no coração, o cavaleiro da guarda permaneceu na saudação, a ponta da espada ainda para baixo, o palácio brilhava e reluzia: era como uma cena em uma poça profunda além do som de uma cidade, com juncos verdes e peixes cintilantes e uma miríade de conchas minúsculas brilhando no crepúsculo em águas profundas, que nada perturbou durante todo o longo dia de verão. E assim eles descansaram além da tormenta do tempo, e as horas descansaram ao redor, como as pequenas ondas saltitantes de uma catarata descansam quando o gelo acalma o riacho: os serenos picos azuis das Montanhas Élficas acima deles pareciam sonhos imutáveis.

Então, como o barulho de uma cidade ouvido por entre os pássaros na floresta, como um soluço ouvido entre crianças que estão todas reunidas para se alegrar, como o riso entre um grupo que chora, como um vento penetrante em pomares em meio à floração inicial, como um lobo descendo até as terras baixas onde as ovelhas estão dormindo, surgiu a sensação no humor do

Rei dos Elfos de que alguém estava vindo dos campos da Terra em sua direção. Era Alveric com sua espada de ferro de raios, que de alguma forma o velho Rei sentia por causa de seu toque de magia.

Então o Rei dos Elfos se levantou, colocou o braço esquerdo ao redor da filha e ergueu o direito para fazer um poderoso encantamento, levantando-se diante de seu trono reluzente que é o centro de Elfland. E, com uma clara ressonância no fundo da garganta, ele entoou um feitiço ritmado, todo feito de palavras que Lirazel nunca tinha ouvido, um encantamento ancestral, chamando Elfland para longe, afastando-a da Terra. E as flores maravilhosas ouviram enquanto suas pétalas bebiam da música, e as notas profundas inundaram os gramados; e todo o palácio estremeceu e se agitou com cores mais vivas; e um encantamento atravessou a planície até a fronteira do crepúsculo, e um tremor atravessou a floresta encantada. Ainda assim, o Rei dos Elfos continuou cantando. As notas sinistras ecoantes agora chegavam às Montanhas Élficas, e toda a fileira de picos estremeceu como colinas na névoa, quando o calor do verão sobe das charnecas e dança visivelmente no ar. Tudo em Elfland ouviu, tudo em Elfland obedeceu a esse feitiço. E agora o Rei e sua filha se afastaram flutuando, como a fumaça dos nômades flutua sobre o Saara se afastando das barracas de pelo de camelo, como sonhos se afastam flutuando ao amanhecer, como nuvens sobre o pôr do sol; e como o vento com a fumaça, a noite com os sonhos, o calor com o pôr do sol, Elfland inteira flutuou com eles e deixou a planície desolada, a região deserta lúgubre, a terra desencantada. Com a mesma rapidez que o feitiço foi proferido, Elfland obedeceu de repente, de modo que muitas pequenas canções, antigas memórias, jardins ou árvores de flores de maio de anos lembrados foram varridos em sua maior parte pela flutuação e pela elevação de Elfland, oscilando muito lentamente para o leste até que os gramados élficos desapareceram e a barreira do crepúsculo se ergueu sobre eles e os deixou entre as rochas.

E para onde Elfland foi, não sei dizer, nem mesmo se seguiu a curva da Terra ou se flutuou para além das nossas rochas até o crepúsculo: havia um encantamento perto dos nossos campos e agora não havia mais; aonde quer que tivesse ido, era longe.

Então o Rei dos Elfos parou de cantar e tudo estava feito. Tão silenciosamente quanto, em um momento que ninguém pode determinar, as longas camadas sobre o pôr do sol passam de ouro para rosa, ou de um rosa brilhante para uma cor apagada e apática, Elfland inteira deixou as bordas dos campos pelos quais sua magia espreitara durante as longas eras dos homens, e agora estava distante, onde não sei. E o Rei dos Elfos sentou-se novamente em seu trono de bruma e gelo, no qual havia arco-íris encantados, e colocou Lirazel, sua filha, no joelho de novo, e a calma que seu canto havia quebrado voltou pesada e profundamente sobre Elfland. Pesada e profunda ela caiu nos gramados, pesada e profunda nas flores; cada folha deslumbrante de grama ainda estava paralisada em sua breve curvatura, como se a natureza em um momento de luto dissesse “Silêncio” no fim repentino do mundo; e as flores sonhavam em sua beleza, imunes ao outono e ao vento. Bem distante da charneca dos trolls dormia a calma do Rei de Elfland, onde a fumaça de suas habitações esquisitas pairava no ar, e, em uma floresta em algum lugar ela acalmava o tremor de miríades de pétalas em rosas, acalmava as poças onde se erguiam os grandes lírios, até que eles e seus reflexos dormissem em um sonho maravilhoso. E lá embaixo das folhagens imóveis das árvores presas por sonhos, sobre a água parada, sonhando com o ar parado, onde as enormes folhas de lírio flutuavam verdes na calma, estava o troll Lurulu sentado em uma folha. Pois assim nomearam em Elfland o troll que fora a Erl. Ele estava sentado ali, contemplando a água com um certo olhar insolente. Contemplou e contemplou e contemplou.

Nada se mexia, nada mudava. Tudo estava imóvel, repousando na satisfação profunda do rei. O Cavaleiro da Guarda levou a espada de volta à bainha e depois ficou parado no seu posto perpétuo como uma armadura cujo dono está morto

há séculos. E o rei continuou sentado em silêncio, com a filha no joelho, os olhos azuis imóveis como os picos azul-claros que através das amplas janelas brilhavam nas Montanhas Élficas.

E o Rei dos Elfos não se mexeu, nem mudou; mas se agarrou àquele momento em que tinha encontrado satisfação; e espalhou sua influência por todos os seus domínios, pela honra e pelo bem-estar de Elfland; pois ele tinha o que todo o nosso mundo conturbado, com todas as suas mudanças, busca e tão raramente encontra e deve imediatamente dispensar. Ele tinha encontrado a satisfação e se agarrou a ela.

E, naquela calma que se estabeleceu em Elfland, dez anos se passaram nos campos que conhecemos.

XVI

Órion caça o veado

Dez anos tinham se passado nos campos que conhecemos; e Órion cresceu e aprendeu a arte de Oth e tinha a astúcia de Threl e conhecia os bosques e as encostas e os vales das terras baixas, como muitos outros meninos sabem como multiplicar números por outros números ou extrair os pensamentos de uma língua que não seja a deles e colocá-los novamente em palavras da própria língua. E ele pouco sabia das coisas que a tinta pode fazer, como pode gravar o pensamento de um morto através do mistério de anos posteriores, e contar os acontecimentos do passado, e ser uma voz para nós em tempos sombrios, e salvar muitas coisas frágeis dos golpes das eras pesadas; ou trazer a nós, ao longo dos séculos, até mesmo uma canção de lábios há muito mortos em colinas esquecidas. Ele pouco sabia da tinta; mas o toque dos pés de uma corça no solo seco, depois de três horas, era um caminho claro para ele, e nada passava pela floresta cuja história Órion não lesse. E todos os sons da floresta eram tão cheios de significado claro para ele como eram para o matemático os sinais e os números que faz quando divide seus milhões por dez, por onze e por doze. Ele sabia, pelo sol, pela lua e pelo vento, quais pássaros entrariam na floresta, sabia das próximas estações, se seriam suaves ou severas, apenas um pouco depois dos próprios animais da floresta, que não têm razão nem alma humana e sabem muito mais do que nós.

E assim aprendeu a conhecer o próprio estado de espírito da floresta e podia entrar no seu abrigo sombrio como um dos animais silvestres. E isso ele conseguia fazer quando mal tinha catorze anos; e muitos homens vivem todos os seus anos e nunca conseguem entrar na floresta sem mudar todo o estado de espírito dos hábitos sombrios da mata. Pois os homens entram

numa floresta, talvez com o vento atrás de si, roçam nos galhos, quebram gravetos; falam, fumam ou pisam pesado; e gaios gritam contra eles, pombos deixam as árvores, coelhos saltitam até achar abrigo e muito mais animais do que eles conhecem deslizam com pés macios para longe deles. Mas Órion se movia como Threl, com sapatos de pele de veado e o passo de um caçador. E nenhum dos animais da floresta sabia quando ele chegava.

E ele veio a ter uma pilha de peles como Oth, que conquistou com seu arco na floresta; e pendurou grandes chifres de veado no saguão do castelo, no alto entre velhos chifres onde a aranha morava havia séculos. E esse era um dos sinais pelos quais o povo de Erl o reconhecia agora como seu soberano, pois não recebiam notícias de Alveric, e todos os antigos soberanos de Erl tinham sido caçadores de cervos. E outro sinal foi a partida da bruxa Ziroonderel que voltou para sua colina; agora Órion vivia sozinho no castelo, e ela voltou a morar em sua cabana, onde seus repolhos cresciam nas terras altas perto do trovão.

E durante todo aquele inverno Órion caçou veados na floresta, mas, quando a primavera chegou, ele guardou o arco. No entanto, durante toda a temporada de canções e flores, seus pensamentos ainda estavam na caça; e ele foi de casa em casa onde quer que um homem tivesse um daqueles cães compridos e magros que caçam. E às vezes ele comprava o cão, às vezes o homem prometia emprestá-lo nos dias de caça. Assim, Órion formou uma matilha de sabujos⁴ de pelo longo castanho e ansiava pela primavera e pelo verão. E, em um fim de tarde de primavera, quando Órion estava cuidando de seus sabujos, quando os aldeões estavam em suas portas para observar a duração do entardecer, apareceu na rua um homem que ninguém conhecia. Ele vinha das terras altas, envolto em roupas velhas que se agarravam a ele como se as vestisse a vida toda, e de alguma forma faziam parte dele e da Terra, pois eram moldadas pela argila dos campos altos em seu próprio marrom-escuro. E o povo notou o passo tranquilo de um andarilho poderoso e um cansaço em seus olhos: e ninguém sabia quem ele era.

E então uma mulher disse:

— É Vand, que era apenas um rapaz.

E todos se agruparam ao redor dele, pois de fato tinha sido Vand quem deixara as ovelhas mais de dez anos antes para cavalgar com Alveric ninguém em Erl sabia para onde.

— Como vai nosso mestre? — indagaram eles. E um olhar de cansaço surgiu nos olhos de Vand.

— Ele segue a missão — respondeu.

— Para onde? — perguntaram eles.

— Para o norte — disse ele. — Ainda está procurando Elfland.

— Por que você o deixou? — indagaram.

— Perdi a esperança — respondeu.

Eles não o questionaram mais, pois todos sabiam que, para procurar Elfland, era necessário ter uma forte esperança, e sem ela não se via o brilho das Montanhas Élficas, serenas com o azul imutável. E a mãe de Niv veio correndo.

— É Vand mesmo? — indagou ela.

E todos responderam:

— Sim, é Vand.

E, enquanto eles murmuravam juntos sobre Vand, e sobre como os anos e as perambulações o tinham mudado, ela lhe disse:

— Conte-me do meu filho.

E Vand respondeu:

— Ele lidera a missão. Não há ninguém em quem meu mestre confie mais. — E todos ficaram maravilhados, mas não tinham motivos para isso, pois era uma missão louca.

Apenas a mãe de Niv não ficou maravilhada.

— Eu sabia que ele faria isso — disse ela. — Eu sabia. — E ficou repleta de grande satisfação.

Existem eventos e estações que se adaptam ao estado de espírito de todos os homens, embora poucos de fato pudessem se adequar ao estado de espírito enlouquecido de Niv, mas veio a busca de Alveric por Elfland, e assim Niv encontrou seu trabalho.

E, conversando tarde da noite com Vand, o povo de Erl ouviu histórias de muitos acampamentos, muitas marchas, uma história de perambulação inútil, na qual Alveric perseguiu horizontes ano após ano como um fantasma. E às vezes, da tristeza de Vand que vinha daqueles anos inúteis, um sorriso brilhava quando ele falava de algum acontecimento tolo que acontecera no acampamento. Mas tudo era dito por alguém que tinha perdido a esperança na busca. Não era esse o jeito de contar: nem com dúvidas, nem com sorrisos. Pois tal busca só pode ser contada por aqueles que estão empolgados com a sua glória: pelo cérebro louco de Niv ou pela inteligência lunática de Zend poderíamos ter notícias dessa busca que seriam capazes de iluminar as nossas mentes com algum brilho de seu significado; mas nunca a partir da história, seja feita de fatos ou de escárnios, contada por alguém a quem a missão em si já não conseguia seduzir. As estrelas surgiram, e Vand ainda contava suas histórias, e uma a uma as pessoas voltaram para suas casas, sem mais ouvir sobre a busca desesperançada. Se a história tivesse sido contada por alguém que continuava apegado à fé que ainda liderava os andarilhos de Alveric, as estrelas teriam enfraquecido antes que aquelas pessoas se desinteressassem da narrativa, o céu teria se iluminado tão amplamente antes de elas deixarem o narrador que alguém teria dito por fim:

— Ora! Já é de manhã. — E só então teriam ido embora.

E, no dia seguinte, Vand voltou às terras baixas e às ovelhas e não se preocupou mais com buscas românticas.

E, durante aquela primavera, os homens falaram de Alveric outra vez, pensando um pouco em sua busca, falando um pouco de Lirazel e tentando adivinhar para onde ela havia ido e o motivo; e, na parte que eles não conseguiam adivinhar, criaram uma história para explicar tudo, que foi de boca em boca até

passarem a acreditar. E a primavera passou e eles se esqueceram de Alveric e obedeceram à vontade de Órion.

E então, certo dia, enquanto Órion esperava o verão passar, com o coração voltado para os dias gelados e os sonhos com seus sabujos nas terras altas, Rannok, o apaixonado, surgiu nas terras baixas pelo caminho por onde Vand tinha chegado e entrou em Erl. Rannok com o coração finalmente livre, sem toda a melancolia, Rannok sem aflição, desleixado, despreocupado, satisfeito, querendo apenas descansar depois de sua longa jornada, sem suspirar mais. E nada além disso teria feito Vyria, a garota que ele antes desejava, querer tê-lo. E o fim da história foi que ela se casou com ele, que também não foi mais perambular em buscas fantásticas.

E, embora alguns olhassem para as terras altas durante muitas noites, até os longos dias passarem e um vento estranho tocar nas folhas, e outros espiassem as curvas longínquas das terras baixas, não viram mais nenhum dos seguidores de Alveric voltando pelo caminho que Vand e Rannok trilharam. E, quando as folhas eram uma maravilha escarlate e dourada, os homens não falavam mais de Alveric, mas obedeciam a Órion, seu filho.

E, nessa estação, Órion certo dia levantou-se antes do amanhecer, pegou o chifre e o arco e foi até os sabujos, que ficaram fascinados ao ouvirem os passos dele antes que a luz chegasse: ouviram tudo durante o sono, acordaram e clamaram a ele. E ele os soltou, acalmou e levou para as terras baixas. E para a magnificência solitária das terras baixas eles foram quando os veados estavam se alimentando de grama orvalhada, antes que os homens acordassem. Durante toda a manhã úmida e selvagem, eles correram pelas encostas reluzentes, Órion e seus sabujos, todos se regozijando juntos. E o aroma do tomilho ficou denso no ar que Órion respirava enquanto pisava em seus canteiros largos que floresciam no fim do ano. Aos cães de caça chegaram todos os aromas errantes da manhã. E que criaturas selvagens tinham se encontrado na colina no escuro e o que a atravessara em suas jornadas, e para onde todas tinham ido quando o dia clareou, trazendo a ameaça do homem, Órion

adivinhou e ponderou; mas, para os sabujos, tudo estava claro. E alguns dos aromas eles notaram com focinhos cuidadosos, outros eles desprezaram, e um deles procuraram em vão, pois o grande cervo-vermelho não estava nas terras baixas naquela manhã.

E Órion os levou para longe do Vale de Erl, mas não viu nenhum veado naquele dia, e nenhum vento trouxe o aroma que os sabujos ansiosos estavam procurando, nem o encontraram escondido em algum gramado ou folhagem. E o entardecer chegou com ele levando os cães de caça para casa, chamando os retardatários com seu chifre, enquanto o sol se tornava enorme e escarlate; e mais fraco que os ecos de seu chifre, e muito além das terras baixas e da bruma, mas com cada nota clara de prata, ele ouviu as trompas élficas que sempre o chamavam ao entardecer.

Com a grande camaradagem de um cansaço em comum, ele e os sabujos chegaram em casa na escuridão sob a luz das estrelas. As janelas de Erl finalmente piscaram para eles o brilho das boas-vindas. Os sabujos foram para seus canis, comeram e se deitaram para dormir um sono satisfatório: Órion foi para o castelo. Ele também comeu e, depois, ficou sentado pensando nas terras baixas e nos sabujos e no dia, com a mente embalada pelo cansaço até o ponto em que descansa além da preocupação.

E muitos dias se passaram assim. E, em uma manhã orvalhada, atravessando uma cadeia de colinas, eles viram no sopé um veado se alimentando tarde, quando todos os outros tinham ido embora. Todos os cães de caça começaram a gritar de alegria, o veado pesado se moveu agilmente sobre o gramado, Órion disparou uma flecha e errou; todas essas coisas aconteceram em um instante. E os sabujos se afastaram, e o vento soprou nas costas deles com uma ondulação, e o veado desapareceu como se cada uma de suas patas estivesse sobre pequenas molas saltitantes. E, a princípio, os sabujos foram mais velozes que Órion, mas ele era tão incansável quanto eles e, tomando caminhos às vezes mais curtos que os deles, continuou

perto até os cães chegarem a um riacho, vacilarem e precisarem da ajuda da razão humana. E a ajuda que a razão humana pode dar nesse assunto Órion lhes deu, e logo eles estavam caçando de novo. E a manhã se passou enquanto eles iam de colina em colina, e nunca mais viram o cervo; e a tarde se passou, e os sabujos ainda seguiam cada passo do veado com uma habilidade tão estranha quanto mágica. E, ao entardecer, Órion o viu caminhando lentamente pela encosta de uma colina, sobre o gramado grosso que reluzia sob os raios do sol baixo. Ele encorajou os cães, e eles o perseguiram por mais três pequenos vales, mas na base do terceiro ele se virou entre as pedras de um riacho e esperou ali pelos sabujos. E eles chegaram latindo ao redor dele, observando seus chifres. E lá eles o derrubaram e o mataram ao pôr do sol. E Órion assoprou o chifre que carregava com grande alegria no coração: não queria mais do que isso. E, com uma nota de alegria, como se também se regozijassem ou zombassem do seu regozijo, por colinas que ele não conhecia, talvez do outro lado do pôr do sol, as trompas de Elfland responderam.

XVII

O unicórnio aparece sob a luz das estrelas

E o inverno chegou, e embranqueceu os telhados de Erl, e toda a floresta e as terras altas. E, quando Órion levou seus sabujos para o campo de manhã, o mundo parecia um livro recém-escrito pela Vida; pois toda a história da noite anterior estava exposta em longas linhas na neve. Por aqui a raposa tinha passado e por ali o texugo, e por aqui o cervo-vermelho tinha saído da floresta; as trilhas seguiam pelas terras baixas e desapareciam de vista, assim como as ações de estadistas, soldados, cortesãos e políticos aparecem e desaparecem nas páginas da história. Até os pássaros tinham seu registro naqueles despenhadeiros brancos, onde os olhos podiam seguir cada passo de suas garras triplas, até que de repente em cada lado da trilha apareciam três pequenas marcas nas quais as pontas de suas penas mais longas sacudiam a neve, e ali a trilha desaparecia completamente. Eram como um grito popular, uma ilusão veemente que aparece em uma página da história por um dia e passa sem deixar nenhum outro registro, exceto aquelas linhas em uma página.

E, entre todos esses registros deixados pela história da noite, Órion escolhia a trilha de um grande veado que não tinha passado por ali havia muito tempo e a seguia com os sabujos pelas terras baixas até que nem o som de seu chifre pudesse mais ser ouvido em Erl. E, sobre uma cordilheira com os sabujos, todos pretos contra os resquícios vermelhos do pôr do sol, o povo de Erl o via voltar para casa; e muitas vezes isso só acontecia quando todas as estrelas estavam brilhando em meio à geada. Muitas vezes, carregava a pele de um cervo-vermelho

pendurada nos ombros, e os enormes chifres pendiam e balançavam da cabeça dele.

E, nessa época, houve um dia em que os homens do parlamento de Erl, todos desconhecidos de Órion, se reuniram na forja de Narl. Eles se encontraram depois do pôr do sol, quando todos tinham voltado do trabalho para casa. E, de um jeito sério, Narl entregou a cada um o hidromel preparado com o mel de trevo; e, quando todos tinham chegado, ficaram sentados em silêncio. Narl rompeu o silêncio, dizendo que Alveric não governava mais Erl e que seu filho era o Lorde de Erl, contando de novo que antigamente eles esperavam que um soberano mágico governasse o vale e o tornasse famoso e explicando que deveria ser ele.

— E onde está agora — disse ele — a magia que esperávamos? Pois ele caça o cervo como todos os seus antepassados caçavam e nenhuma magia tocou nele ali; e não há nenhuma novidade.

E Oth levantou-se para defendê-lo.

— Ele é tão veloz quanto seus sabujos — disse ele — e caça do amanhecer ao pôr do sol, atravessa as terras baixas mais distantes e volta para casa sem se cansar.

— É apenas a juventude — disse Guhic. E todos concordaram, exceto Threl.

Threl levantou-se e disse:

— Ele conhece os costumes da floresta e a inteligência dos animais, além do saber do homem.

— Você ensinou a ele — disse Guhic. — Não há nenhuma magia aqui.

— Nada disso — disse Narl — é de lá.

Assim, eles debateram por um tempo, lamentando a perda da magia pela qual esperavam: pois nunca houve um vale que a história não tocou, nunca houve um vilarejo cujo nome não passasse um tempo nos lábios dos homens; apenas o vilarejo de Erl era totalmente não documentado; nunca um século o

conheceu além dos arredores daqueles campos. E agora todos os planos que eles fizeram havia muito tempo pareciam perdidos, e eles não viam esperança, exceto no hidromel preparado com o mel de trevo. Por isso, ficaram em silêncio. Mas era uma bebida boa.

E, em pouco tempo, novos planos surgiram com clareza em suas mentes, novos esquemas, novos artifícios; e os debates no parlamento de Erl fluíram com orgulho. E eles teriam feito um plano e uma política; mas Oth levantou-se de seu assento. Havia, em uma casa construída em sílex no vilarejo de Erl, um Registro antigo, um volume encadernado em couro, e em certas épocas as pessoas escreviam todo tipo de coisa: a sabedoria dos agricultores sobre a hora de semear, a sabedoria dos caçadores sobre o rastreamento de veados e a sabedoria dos profetas que contavam os costumes da Terra. Dali, Oth citou agora dois versos de uma das páginas antigas dos quais se lembrava; e todo o resto daquela página falava sobre capinar; esses versos ele disse ao parlamento de Erl quando eles se sentaram à mesa com o hidromel:

— Encapuzadas e veladas com suas madeixas noturnas, as Moiras hão de trazer o que profeta nenhum é capaz de prever.

E assim não planejaram mais, pois suas mentes foram acalmadas por um certo respeito que pareceram encontrar nos versos, ou pode ser que o hidromel fosse mais forte do que qualquer coisa escrita nos livros. O que quer que fosse, ficaram em silêncio apreciando o hidromel. E à luz inicial das estrelas, enquanto o oeste ainda estava enrubescido, eles saíram da casa de Narl de volta para suas próprias casas, resmungando enquanto seguiam por não terem um soberano mágico para governar Erl e ansiando pela magia para salvar do esquecimento o vilarejo e o vale que amavam. Eles se separaram um a um conforme chegavam a suas casas. E três ou quatro que moravam nos confins do vilarejo, do lado que ficava sob as colinas, ainda não tinham chegado às suas portas, quando, branco e claro sob a luz das estrelas e o que restava do crepúsculo, viram, tenso e exausto, um unicórnio cruzando a

planície enquanto era caçado. Eles pararam e contemplaram e protegeram os olhos e acariciaram as barbas e ficaram curiosos. E realmente era um unicórnio branco galopando cansado. E ouviram os latidos dos sabujos de Órion se aproximando.

XVIII

A tenda cinza ao entardecer

No dia em que o unicórnio caçado atravessou o vale de Erl, Alveric tinha vagado por mais de onze anos. Por mais de dez anos, o grupo de seis andarilhos passou pelos fundos das casas, na fronteira dos campos que conhecemos, e acampou à noite com seus pertences esquisitos pendurados em tristes varas. E embora o caráter romanesco e estranho de sua busca tenha se refletido em todas as coisas ao redor, esses acampamentos pareciam sempre a coisa mais exótica na paisagem; e à medida que a noite ficava mais triste nas redondezas, o romance e o mistério aumentavam.

E, apesar de toda a veemência da ambição de Alveric, eles viajaram sem pressa e de modo preguiçoso: às vezes, em um acampamento agradável, ficavam por três dias; depois voltavam a caminhar. Marchavam de catorze a dezesseis quilômetros e depois acampavam de novo. Um dia, Alveric tinha essa certeza no coração, eles veriam aquela fronteira do crepúsculo, um dia entrariam em Elfland. E, em Elfland, ele sabia que o tempo não era como aqui: encontraria Lirazel sem envelhecer, sem um sorriso perdido para a ferocidade dos anos, sem uma ruga criada pela destruição do tempo. Essa era sua esperança; e isso conduzia seu estranho grupo de acampamento em acampamento e os animava em volta do fogo no entardecer solitário, e os levava para o norte distante, viajando por toda a fronteira dos campos que conhecemos, onde os rostos de todos os homens se viravam para o outro lado, e os seis andarilhos passavam despercebidos e ignorados. Apenas a mente de Vand hesitava com a esperança, e cada vez mais, a cada ano, sua razão negava a sedução que estava conduzindo os outros. E certo dia ele perdeu a fé em Elfland. Depois disso, seguiu apenas até o dia

em que o vento estava carregado de chuva, e todos estavam úmidos e com frio, e os cavalos cansados; foi aí que ele os deixou.

E Rannok o seguiu porque não tinha esperança no coração e desejava se afastar da tristeza; até que, certo dia em que todos os melros estavam cantando nas árvores dos campos que conhecemos, sua desesperança o abandonou sob o brilho da luz do sol e ele pensou nas casas aconchegantes e nos redutos dos homens. E logo ele também saiu do acampamento certo fim de tarde e partiu para as terras agradáveis.

E agora os quatro que restavam tinham todos o mesmo pensamento e, sob o pano grosso e molhado que penduravam em varas, havia um contentamento profundo nos fins de tarde. Pois Alveric agarrava-se à esperança com toda a força de sua raça, que outrora conquistara Erl em batalhas antigas e a mantivera por séculos, e nas mentes vagas de Niv e Zend essa ideia crescia forte e madura, como uma flor rara que um jardineiro pode plantar por acaso em um local selvagem e sem cuidados. E Thyl cantava a esperança; e todas as suas ilusões selvagens que vagavam após a canção enfeitavam a busca de Alveric com mais e mais enlevo. Assim, todos tinham o mesmo pensamento. E buscas maiores, loucas ou sãs, prosperavam quando isso acontecia, e buscas maiores falhavam quando era o contrário.

Eles tinham seguido para o norte por anos passando pelos fundos daquelas casas; e um dia viravam para o leste, para onde um certo aspecto do céu, uma pitada de estranheza ao entardecer ou uma mera profecia de Niv parecessem sugerir a proximidade com Elfland. Nessas ocasiões, viajavam sobre as rochas, que durante todos esses anos ficavam na fronteira dos campos que conhecemos, até Alveric perceber que as provisões para os homens e os cavalos mal os levariam de volta às casas dos homens. Então ele se virava de novo, mas Niv os levava mais adiante sobre as rochas, pois seu entusiasmo crescia à medida que eles avançavam; e Thyl cantava para eles profetizando o sucesso; e Zend dizia que tinha visto os picos e as

torres de Elfland; só Alveric era prudente. E assim voltavam para as casas dos homens e compravam mais provisões. E Niv, Zend e Thyl tagarelavam sobre a missão, despejando o entusiasmo que ardia em seus corações; mas Alveric não falava sobre isso, pois tinha aprendido que os homens naqueles campos não falam nem olham na direção de Elfland, embora não tivesse descoberto o motivo.

Logo eles seguiam de novo, e o povo que lhes vendia a produção dos campos que conhecemos os observava com curiosidade enquanto caminhavam, como se pensassem que só da loucura ou dos sonhos inspirados pela lua vinha toda a conversa que tinham ouvido de Niv, Zend e Thyl.

E assim continuavam viajando, sempre em busca de novos pontos para encontrar Elfland; e à esquerda deles sopravam aromas dos campos que conhecemos, o cheiro de lilases dos jardins das cabanas em maio, e depois o perfume dos espinheiros-brancos e em seguida das rosas, até todo o ar estar denso da relva recém-aparada. Ouviam o mugido do gado à esquerda, ouviam vozes humanas, ouviam perdizes chamando; ouviam todos os sons que exalam de fazendas felizes; e à direita sempre havia a terra desolada, sempre as pedras e nunca o gramado nem uma flor. Não tinham mais a companhia dos aldeões e, no entanto, não conseguiam encontrar Elfland. Nesse caso, precisavam das canções de Thyl e da esperança certa de Niv.

E a conversa sobre a busca de Alveric se espalhou pela terra e alcançou suas perambulações, até que todos os homens por quem passava soubessem sua história; e de alguns ele recebeu o desprezo que alguns homens oferecem àqueles que dedicam todos os seus dias a uma busca, e de outros obteve honra; mas ele só queria alimentos, e isso comprava quando levavam até ele. E assim eles continuaram. Como coisas lendárias, passaram pelos fundos das casas, armando sua barraca cinzenta e sem forma nos fins de tarde cinza. Chegavam tão silenciosos quanto a chuva e iam embora como brumas fluindo. Havia piadas sobre eles e canções. E as canções

superavam as piadas. Por fim, eles se tornaram uma lenda que assombrou aquelas fazendas para sempre: eram citados quando os homens contavam sobre buscas sem esperança e alimentavam o riso ou a glória, o que quer que os homens tivessem a dar.

E o tempo todo o Rei de Elfland observava; pois sabia por magia quando a espada de Alveric se aproximava: ela já tinha perturbado seu reino uma vez, e o Rei de Elfland conhecia bem o sabor do ferro de raios quando o sentia no ar. Com isso, ele afastava as fronteiras para longe, deixando toda aquela terra irregular e deserta em Elfland; e, embora não soubesse a duração das jornadas humanas, tinha deixado um espaço que, para atravessar, cansaria um cometa, e se considerava, com razão, seguro.

Mas, quando Alveric e sua espada estavam distantes ao norte, o Rei dos Elfos relaxou a firmeza com a qual tinha afastado Elfland, pois a Lua que afasta a maré permite que ela volte de novo, e Elfland voltou correndo como a maré sobre areias planas. Com uma longa faixa de crepúsculo na fronteira, ela flutuava sobre o deserto de pedras; vinha com canções antigas, sonhos antigos e vozes antigas. E, em pouco tempo, a fronteira do crepúsculo se estendia, piscando e reluzindo perto dos campos que conhecemos, como um entardecer interminável de verão que perdurava na era dourada. Mas, sombrias e distantes, ao norte, onde Alveric vagava, as rochas ilimitadas ainda se amontoavam na terra desolada; apenas nos campos dos quais ele e sua espada e seu grupo de aventureiros tinham saído remotamente aquela poderosa enseada de Elfland havia voltado. E assim, tão perto da cabana do correeiro e das fazendas de seus vizinhos, a três campos de distância, surgiu a terra amontoadada e empilhada de maravilhas que os poetas tanto buscam, o tesouro de todas as coisas românticas; e as Montanhas Élficas contemplavam serenamente a fronteira, como se seus picos azul-claros nunca tivessem se movido. E ali os unicórnios se alimentavam ao longo da fronteira, como costumavam fazer, alimentando-se às vezes em Elfland, que é o

lar de todas as coisas fabulosas, comendo lírios sob as encostas das Montanhas Élficas e, às vezes, deslizando pela fronteira do crepúsculo ao entardecer, quando todos os nossos campos estavam quietos, para se alimentar da grama terrena. É por causa desse desejo de grama terrena que eles sentem de vez em quando, como os cervos-vermelhos nas montanhas das terras altas anseiam uma vez por ano pelo mar, que, por mais fabulosos que sejam por terem nascido em Elfland, sua existência é conhecida entre os homens. O raposo, que nasceu nos nossos campos, também atravessa os limites, entrando na fronteira do crepúsculo em determinadas estações; é daí que ele obtém as histórias românticas com as quais volta aos nossos campos. Ele também é fabuloso, mas apenas em Elfland, assim como os unicórnios são fabulosos aqui.

E raramente as pessoas nessas fazendas viam os unicórnios, mesmo ofuscados no crepúsculo, pois seus rostos ficavam sempre virados para longe de Elfland. A maravilha, a beleza, a magia, a história de Elfland eram para mentes que tinham tempo livre para se importar com essas coisas; mas as colheitas precisavam desses homens, e os animais que não eram fabulosos, e a palha, as sebes e mil coisas: no fim de cada ano eles mal venciam a luta contra o inverno: sabiam bem que, se deixassem um de seus pensamento se voltar por um instante para Elfland, sua glória logo os atrairia e roubaria todo o seu tempo livre e não haveria tempo para remendar a palha ou a sebe ou para arar os campos que conhecemos. Órion, porém, atraído pelo som das trompas que tocavam em Elfland ao entardecer e que alguma afinação élfica de seus ouvidos com coisas mágicas o fazia ouvir sozinho em todos aqueles campos, foi com seus sabujos a um campo por onde passava a fronteira do crepúsculo e ali encontrou os unicórnios tarde da noite. E, deslizando ao longo de uma sebe do pequeno campo com os sabujos atrás, ficou entre um unicórnio e a fronteira e o separou de Elfland. Esse era o unicórnio que, com o pescoço reluzente, coberto de manchas de espuma que brilhavam prateadas à luz das estrelas, ofegante, atormentado e cansado, apareceu no vale de Erl, como uma inspiração, como uma nova dinastia para uma

terra esgotada de costumes, como a notícia de um continente mais feliz encontrado ao longe por homens que retornavam subitamente de uma aventura no mar.

XIX

Doze anciãos sem magia

Poucas coisas passam por um vilarejo e não deixam assuntos para trás. Nem esse unicórnio. Pois os três que o viram passando à luz das estrelas contaram imediatamente aos seus familiares, e muitos deles saíram de casa para contar as boas novas a outros, já que todas as notícias estranhas eram consideradas boas em Erl, por causa da falação que geravam; e a falação era necessária para passar a noite quando o trabalho terminava. Assim, eles falaram muito sobre o unicórnio.

E, depois de um dia ou dois, na forja de Narl, o parlamento de Erl se encontrou de novo, sentado ao lado de canecas de hidromel, discutindo o unicórnio. Alguns se alegraram e disseram que Órion era mágico, porque os unicórnios eram de ascendência mágica e vinham de além de nossos campos.

— Portanto — disse um deles —, ele esteve em terras sobre as quais não nos cabe falar, e é mágico, como todas as coisas que habitam ali.

Alguns concordaram e sustentaram que seus planos tinham se concretizado.

Mas outros disseram que o animal estava correndo à luz das estrelas, se fosse um animal, e quem poderia dizer que era um unicórnio? E um disse que, à luz das estrelas, era difícil vê-lo, e outro disse que os unicórnios eram difíceis de reconhecer. E assim começaram a discutir o tamanho e a forma desses animais e todas as lendas conhecidas que falavam deles, e não chegaram nem perto de concordar se seu soberano tinha caçado um unicórnio ou não. Até que, finalmente, Narl, vendo que não chegariam à verdade e considerando necessário que o fato fosse estabelecido de um jeito ou de outro para sempre, levantou-se e

disse-lhes que havia chegado a hora da votação. Assim, usando um método pelo qual tinham de lançar conchas de várias cores dentro de um chifre que era passado de homem a homem, eles votaram no unicórnio como Narl havia ordenado. E um silêncio caiu, e Narl contou. E foi estabelecido por meio de votação que não havia unicórnio.

De um jeito triste, o parlamento de Erl viu que seus planos de ter um soberano mágico tinham fracassado; eram todos anciãos e, com o desaparecimento da esperança que sentiam havia tanto tempo, se voltavam com menos facilidade para planos mais novos do que para o plano que tinham feito tanto tempo antes. O que deviam fazer agora?, eles se perguntaram. Como se consegue a magia? O que podiam fazer para que o mundo se lembrasse de Erl? Doze anciãos sem magia. Ficaram sentados ali, tomando hidromel, mas nem isso conseguia aliviar sua tristeza.

Mas Órion estava com seus sabujos perto daquela grande enseada de Elfland, que jazia ali como uma maré alta, tocando na grama dos campos que conhecemos. Ele foi para lá ao entardecer, quando as trompas soaram claras para guiá-lo, e esperou ali, quieto na beira dos campos, até que os unicórnios ultrapassassem a fronteira. Pois não caçava mais veados.

E, enquanto ele passava por esses campos no fim da tarde, as pessoas que trabalhavam nas fazendas o cumprimentavam alegremente; mas, quando continuou seguindo para o leste, elas falavam cada vez menos com ele, até que, quando se aproximou da fronteira e seguiu, não olharam mais para ele, mas deixaram o caçador e os sabujos à própria sorte.

E quando o sol se pôs, ele ficou quieto ao lado de uma sebe que se estendia até a fronteira do crepúsculo, com os cães de caça reunidos sob a sebe, de olho neles para que nenhum ousasse se mover. E os pombos voltavam para casa nas árvores dos campos que conhecemos, assim como os estorninhos gorjeantes; e as trompas dos elfos soavam, a música mágica prateada e clara empolgando o ar gelado, e todas as cores das nuvens mudavam repentinamente. Foi então, à luz fraca, no

escurecimento das cores, que Órion observou uma forma branca e indistinta saindo da fronteira do crepúsculo. E foi nesse fim de tarde, no momento em que ele silenciava um sabujo com a mão, bem quando todos os nossos campos escureciam, que um grande unicórnio branco deslizou para fora da fronteira, ainda mastigando lírios que nunca cresceram em nenhum dos nossos campos. Ele chegou, uma brancura sobre patas perfeitamente silenciosas, a quatro ou cinco metros dos campos que conhecemos, e permaneceu ali parado como a luz da lua, e ouviu, ouviu e ouviu. Órion não se mexeu e manteve os sabujos em silêncio com algum poder que tinha ou por alguma sabedoria deles. E em cinco minutos o unicórnio deu um ou dois passos à frente e começou a comer o longo e doce gramado terreno. E, assim que ele se mexeu, outros vieram pela borda azul profunda do crepúsculo, e de repente havia cinco deles se alimentando ali. E Órion continuou parado com os sabujos e esperou.

Pouco a pouco, os unicórnios se afastaram cada vez mais da fronteira, atraídos cada vez mais para os campos que conhecemos pelo profundo e rico gramado no qual os cinco pastavam ao entardecer silencioso. Se um sabujo latisse, ou mesmo se um galo atrasado cacarejasse, todas as orelhas se erguiam de uma só vez e ficavam vigilantes, sem confiar em nada nos campos dos homens nem se aventurar muito longe neles.

Finalmente, aquele que tinha chegado primeiro pelo crepúsculo ficou tão distante de seu lar mágico que Órion conseguiu correr entre ele e a fronteira, e os sabujos foram atrás. Então, se Órion estivesse brincando com a perseguição; se ele tivesse caçado apenas por um impulso sem propósito e não pelo profundo amor à arte da caça que somente os caçadores conhecem, teria perdido tudo. Seus cães de caça teriam perseguido os unicórnios mais próximos e em um instante estariam do outro lado da fronteira e perdidos, e se os sabujos os seguissem também ficariam perdidos, e todo o trabalho daquele dia não teria dado em nada. Mas Órion levou os sabujos a perseguirem o que estava mais distante, observando o tempo

todo para ver se algum deles tentaria perseguir os outros; e apenas um começou a fazer isso, mas o chicote de Órion estava pronto. E assim ele separou a caça de seu lar, e os sabujos pela segunda vez estavam em pleno clamor atrás de um unicórnio.

Assim que o unicórnio ouviu as patas dos cães e viu com um lampejo de olhar que não conseguiria chegar ao seu lar encantado, lançou-se para a frente com um impulso repentino de seus membros e disparou como uma flecha sobre os campos que conhecemos. Quando chegou às sebes, não pareceu unir os membros para saltar, mas sim deslizar sobre elas com músculos imóveis, galopando de novo quando tocou no gramado mais uma vez.

Naquela primeira corrida, os sabujos ficaram muito à frente de Órion, e isso permitiu que ele conduzisse o unicórnio sempre que este tentava se voltar para a terra mágica; e nessas viradas ele se aproximava de novo dos sabujos. E, na terceira vez que Órion desviou o unicórnio, ele galopou imediatamente e seguiu sobre os campos dos homens. O grito dos sabujos atravessou a calma do fim da tarde como uma longa ondulação sobre um lago adormecido, seguindo o caminho invisível de um estranho mergulhador. Naquele galope reto, o unicórnio ficou tão à frente dos sabujos que logo Órion só o via de longe, uma mancha branca se movendo ao longo de uma encosta no crepúsculo. Então ele chegou ao topo de um vale e sumiu de vista. Mas aquele forte aroma misterioso que conduzia os sabujos como uma canção continuou claro no gramado, e eles não pararam nem vacilaram, exceto por um momento nos riachos. Mesmo ali, o olfato determinado dos sabujos captou o aroma mágico antes de Órion aparecer para ajudá-los.

E, à medida que a caçada prosseguia, a luz do dia enfraqueceu até o céu estar todo preparado para a vinda das estrelas. E uma ou duas estrelas apareceram, e uma bruma subiu dos córregos e espalhou todo o branco sobre os campos, de modo que eles não conseguiriam ver o unicórnio mesmo se ele estivesse bem perto. As próprias árvores pareciam dormir. Eles passaram por casinhas solitárias, protegidas por olmos;

escondidas por altas sebes de teixo daqueles que vagavam pelos campos; casas que Órion nunca tinha visto nem conhecido até que o percurso inesperado desse unicórnio de repente o levasse até suas portas. Os cães latiram quando eles passaram e continuaram latindo por muito tempo por causa daquele aroma mágico no ar, da agitação e da voz da matilha lhes dizendo que alguma coisa estranha estava acontecendo; no início, latiram porque teriam compartilhado o que estava acontecendo e depois para advertir a seus senhores sobre a estranheza. Latiram durante todo o anoitecer.

E uma vez, ao passarem por uma casinha em uma concentração de velhos espinheiros, uma porta se abriu de repente e uma mulher ficou olhando para vê-los passar: ela não podia ter visto nada além de formas cinzentas, mas Órion, no momento em que passou, viu todo o brilho da casa e a luz amarela escapando para o frio. O calor alegre o animou, e ele teria descansado um pouco naquele pequeno oásis humano nos campos solitários, mas os sabujos continuaram, e ele os seguiu; e os que estavam nas casas ouviram seu grito passar como o som de uma trombeta cujos ecos desaparecem entre as colinas mais distantes.

Um raposo ouviu-os chegar, ficou quieto e prestou atenção: no início, ficou perplexo. Depois captou o cheiro do unicórnio e tudo ficou claro para ele, pois sabia pelo aroma mágico que era algo vindo de Eifland.

Mas, quando as ovelhas captaram o aroma, ficaram aterrorizadas e correram amontoadas até não conseguirem mais correr.

O gado acordou do sono com um salto, olhou de um jeito sonhador e ficou fascinado; mas o unicórnio passou no meio deles e se afastou, como uma brisa perfumada de rosas que se desgarrou dos jardins do vale para as ruas de uma cidade desliza pelo tráfego barulhento e desaparece.

Logo todas as estrelas estavam contemplando aqueles campos tranquilos pelos quais a caçada passava com sua

exultação, uma linha de vida veemente cortando o sono e o silêncio. E agora o unicórnio, embora estivesse bem distante, já não se adiantava um pouco a cada sebe. Pois, a princípio, ele não perdia mais ritmo ao cruzar uma sebe do que um pássaro perde ao passar por uma nuvem, enquanto os grandes sabujos se esforçavam para passar pelas brechas que encontravam ou se deitavam de lado e se esgueiravam por entre os caules dos arbustos. Mas agora ele reunia suas forças com mais esforço a cada sebe, e às vezes resvalava no topo da sebe e tropeçava. Estava galopando mais devagar também; pois era uma jornada como nenhum unicórnio tinha feito na profunda calma de Elfland. E algo dizia aos cães de caça cansados que eles estavam se aproximando. E uma nova alegria se instalava em suas vozes.

Atravessaram mais algumas sebes pretas e ali surgiu diante deles a escuridão de uma floresta. Quando o unicórnio entrou na floresta, a voz dos sabujos estava clara em seus ouvidos. Um par de raposas o viu indo devagar e correu ao lado dele para ver o que aconteceria com a criatura mágica que vinha de Elfland até eles cansada. Um de cada lado elas corriam, mantendo o ritmo lento e observando-o, e não tinham medo dos sabujos, apesar de ouvirem seus gritos, pois sabiam que nada que seguisse aquele perfume mágico desviaria ao ver uma coisa terrena. Então ele seguiu cansado pela floresta, e as raposas o observaram com curiosidade por todo o caminho.

Os sabujos entraram na floresta e os grandes carvalhos ecoaram o som deles, e Órion seguiu com uma velocidade permanente que pode ter obtido dos nossos campos ou que pode ter vindo a ele pela fronteira de Elfland. A escuridão da floresta era intensa, mas ele seguiu o latido dos sabujos e, com aquele perfume maravilhoso para guiá-los, eles não precisavam enxergar. Não vacilaram em nenhum momento enquanto seguiam aquele aroma, apenas continuaram pelo crepúsculo e sob a luz das estrelas. Não era como nenhuma caça a raposas ou veados; pois uma raposa cruza o caminho de outra raposa e um veado pode passar por um bando de veados e corças; até um rebanho de ovelhas deixa os sabujos confusos cruzando o

caminho que estão seguindo; mas esse unicórnio era a única coisa mágica em todos os nossos campos naquela noite, e seu cheiro era inconfundível sobre a grama terrena, um aroma ardente e pungente de encantamento entre as coisas do cotidiano. Eles o caçaram pela floresta e desceram até um vale, as duas raposas com ele e ainda observando: o unicórnio levantava as patas com cuidado enquanto descia a colina, como se seu peso as machucasse ao descer a encosta, mas seu ritmo era tão rápido quanto o dos sabujos enquanto desciam: então ele atravessou brevemente o canal do vale, virando à esquerda assim que desceu a colina, mas os animais o alcançaram e ele se virou para a encosta oposta. Já não era capaz de esconder o seu cansaço, algo que todas as criaturas selvagens escondem até o fim; ele se esforçava a cada passo como se suas pernas arrastassem o corpo de um jeito pesado. Órion o viu da encosta oposta.

E, quando o unicórnio chegou ao topo, os sabujos estavam logo atrás, de modo que de repente ele girou o chifre único e ficou diante deles ameaçando. Os sabujos latiram ao redor, mas o chifre balançava e se curvava com uma graça tão ligeira que nenhum sabujo conseguiu pegá-lo; eles reconheciam a morte quando a viam e, por mais ansiosos que estivessem para capturá-lo, afastaram-se com um pulo daquele chifre reluzente. Órion chegou com seu arco, mas não atirou, talvez porque fosse difícil passar uma flecha com segurança pela matilha, talvez por um sentimento que temos hoje e que não é novidade entre nós, de que isso era injusto com o unicórnio. Em vez disso, sacou uma espada velha que estava carregando, avançou por entre os sabujos e atacou o chifre mortal. E o unicórnio arqueou o pescoço, e o chifre tocou em Órion; e, por mais cansado que o unicórnio estivesse, ainda havia uma força poderosa naquele pescoço musculoso para dar o golpe que visava, e Órion mal conseguiu desviar. Ele atacou a garganta do unicórnio, mas o grande chifre afastou a espada e se lançou de novo sobre Órion. Mais uma vez, Órion aparou a investida com todo o peso do braço e teve apenas alguns centímetros de sobra. Ele atacou de novo a garganta, e o unicórnio aparou o golpe da espada quase

com desprezo. De novo e de novo o unicórnio mirava bem no coração de Órion; o enorme animal branco se adiantou, forçando Órion a recuar. Aquele gracioso pescoço curvado, com seu arco branco de músculo rígido acionando o chifre mortal, estava cansando o braço de Órion. Mais uma vez ele atacou e falhou; viu o olho do unicórnio brilhar com maldade sob a luz das estrelas, viu diante de si o arco temerário e todo branco de seu pescoço e soube que não conseguiria mais desviar de seus pesados golpes; e então um sabujo mordeu a parte da frente do ombro direito. Nenhum instante se passou antes que muitos outros cães de caça saltassem em cima do unicórnio, cada um com um local escolhido para morder, e pareciam uma multidão rolando e arfando ao acaso. Órion não atacou mais, pois muitos sabujos de uma só vez estavam entre ele e a garganta do inimigo. Gemidos horríveis vieram do unicórnio, sons que não são ouvidos nos campos que conhecemos; e de repente não havia nenhum som, a não ser o profundo rugido dos sabujos que rosnavam sobre a maravilhosa carcaça enquanto se afundavam no sangue fabuloso.

XX

Um fato histórico

Por entre os sabujos cansados revigorados com fúria e triunfo, Órion se aproximou com seu chicote e os afastou do monstruoso corpo morto, e fez o chicote vibrar em um amplo círculo, enquanto, com a outra mão, pegou a espada e cortou a cabeça do unicórnio. Ele também pegou a pele do longo pescoço branco e a carregou pendurada na cabeça. Enquanto isso, os sabujos latiam e corriam ansiosos, um a um, até aquela carcaça mágica, sempre que um deles via uma chance de escapar do chicote; de modo que demorou muito para Órion receber seu troféu, pois teve que trabalhar tanto com o chicote quanto com a espada. Por fim, ele o pendurou por uma tira de couro sobre os ombros, o grande chifre apontando para cima e à direita por trás da cabeça dele, e a pele manchada pendendo nas costas. E, enquanto organizava isso, ele permitiu que seus sabujos atacassem o corpo de novo e provassem aquele sangue maravilhoso. Então ele os chamou e tocou uma nota no chifre e voltou devagar para casa, na direção de Erl, e todos o seguiram. E as duas raposas se levantaram para provar o sangue curioso, pois estavam sentadas esperando por isso.

Enquanto o unicórnio subia a última colina, Órion sentiu tanto cansaço que mal poderia ter ido um pouco mais longe, mas, agora que a cabeça pesada pendia de seus ombros, todo o seu cansaço se fora, e ele pisava com uma leveza como a que tivera pela manhã, pois este era seu primeiro unicórnio. E seus sabujos pareciam revigorados, como se o sangue que tinham lambido tivesse algum poder estranho, e voltaram para casa de um jeito desordenado, saltando e correndo à frente como se tivessem acabado de ser soltos dos canis.

Assim, Órion voltou para casa passando pelas terras baixas à noite, até que viu o vale diante de si cheio da fumaça de Erl, onde uma luz tardia estava queimando na janela de uma de suas torres. E, descendo a encosta por caminhos familiares, ele levou os sabujos para os canis; e, pouco antes de o amanhecer tocar no topo das colinas, ele assoprou o chifre diante do portão secundário. E o guardião idoso do portão, quando o abriu para Órion, viu o grande chifre do unicórnio balançando acima de sua cabeça.

Esse era o chifre que, anos depois, foi enviado como presente do Papa ao Rei Francis. Benvenuto Cellini fala disso em suas memórias. Ele conta que o Papa Clemente mandou chamá-lo, junto com um certo Tobbia, e ordenou que projetassem uma armação para um chifre de unicórnio, o melhor já visto. Julgue então o deleite de Órion quando o chifre do primeiro unicórnio que ele matou foi considerado, gerações mais tarde, o melhor já visto, e em nada menos que uma cidade como Roma, com todas as oportunidades de adquirir e comparar essas coisas. Pois inúmeros desses chifres curiosos devem ter estado disponíveis para o Papa ter considerado o presente como o melhor já visto; mas nos dias mais simples da minha história a raridade do chifre era tão grande que os unicórnios ainda eram considerados fabulosos. O ano do presente ao Rei Francis foi por volta de 1530, sendo o chifre montado em ouro; e o contrato foi feito com Tobbia, e não com Benvenuto Cellini. Menciono a data porque existem pessoas que pouco se importam com uma narrativa se esta não for aqui e ali apoiada pela história, e que mesmo na história se importam mais com os fatos do que com a filosofia. Se algum desses leitores tiver seguido a sorte de Órion até agora, estará neste momento faminto por uma data ou um fato histórico. Quanto à data, dou-lhe 1530. Quanto ao fato histórico, seleciono o presente generoso registrado por Benvenuto Cellini, porque pode ser que, bem quando chegou aos unicórnios, esse leitor possa ter se sentido mais distante da história e ficado mais solitário neste momento por desejar coisas históricas. Como o chifre do unicórnio saiu do Castelo de Erl, por quais mãos passou

e como finalmente chegou à cidade de Roma, certamente daria outro livro.

Mas tudo que preciso dizer agora sobre esse chifre é que Órion levou a cabeça inteira a Threl, que tirou a pele, lavou-a e ferveu o crânio por horas, substituiu a pele e estufou o pescoço com palha; e Órion o colocou bem no meio de todas as cabeças penduradas no salão alto. E o boato ecoou por Erl tão veloz quanto os unicórnios galopam, falando desse belo chifre que Órion havia conquistado. E assim o parlamento de Erl se encontrou de novo na forja de Narl. Eles se sentaram à mesa para debater o boato; e outros além de Threl tinham visto a cabeça. E, a princípio, para o bem das antigas divisões, alguns consideraram que não havia unicórnio. Eles beberam o delicioso hidromel de Narl e argumentaram contra a existência do monstro. Mas, depois de um tempo, se o argumento de Threl os convenceu ou, o que é mais provável, eles se renderam à generosidade que surgiu como uma bela flor no hidromel suave, qualquer que fosse o argumento daqueles que se opunham ao unicórnio esmoreceu. Quando a votação foi feita, foi declarado que Órion tinha matado um unicórnio, que ele caçara aqui e era proveniente de fora dos campos que conhecemos.

E com isso todos se alegraram, pois viram finalmente a magia pela qual ansiavam e que tinham planejado tantos anos antes, quando todos eram mais jovens e tinham mais esperança em seus próprios planos. E, assim que a votação terminou, Narl buscou mais hidromel, e eles beberam de novo para marcar a feliz ocasião: pois a magia, disseram, finalmente tinha chegado a Órion, e um futuro glorioso certamente esperava por Erl. E o salão comprido e as velas e os homens amigáveis e o profundo conforto do hidromel permitiram que eles avançassem um pouco no tempo e enxergassem um ano adiante, vendo as glórias vindouras brilhando um pouco ao longe. E falaram de novo dos dias, mais próximos agora, quando as terras distantes ouviriam falar do vale que eles amavam: falaram de novo sobre a fama dos campos de Erl indo de cidade em cidade. Um elogiava o castelo; outro, seus enormes e profundos despenhadeiros; outro

o próprio vale, escondido de todas as demais terras; outro, as queridas casas pitorescas construídas por um povo antigo; outro, a imensidão da floresta que se estendia no horizonte; e todos falavam da época em que o mundo inteiro deveria ouvir tudo isso por causa da magia que havia em Órion; pois eles sabiam que o mundo tem um ouvido rápido para a magia e sempre se volta para o maravilhoso, mesmo se o maravilhoso estiver quase dormente. Suas vozes eram altas, louvando a magia, falando de novo do unicórnio, glorificando o futuro de Erl, quando de repente o Frei apareceu na porta. Ele estava ali, usando sua longa túnica branca com adornos em malva, com a noite atrás de si. Quando eles olharam, à luz das velas, deu para ver que ele estava usando um emblema em uma corrente de ouro em volta do pescoço. Narl lhe deu as boas-vindas, alguns levaram uma cadeira até a mesa; mas ele os ouvira falando do unicórnio. Ergueu a voz de onde estava e se dirigiu a eles.

— Malditos sejam os unicórnios — disse ele — e todos os seus costumes e todas as coisas que são mágicas.

No pavor respeitoso que mudou repentinamente a sala tranquila, um deles gritou:

— Mestre! Não nos amaldiçoe!

— Meu bom Frei — disse Narl —, não caçamos nenhum unicórnio.

Mas o Frei levantou a mão contra os unicórnios e os amaldiçoou mesmo assim.

— Malditos sejam os chifres deles — exclamou —, e o lugar onde moram, e os lírios dos quais se alimentam, malditas sejam todas as canções que falam deles. Malditos sejam todos eles com tudo que habita além da salvação.

Fez uma pausa para permitir que eles renunciassem aos unicórnios, parado na porta, olhando carrancudo para o salão.

E eles pensaram na elegância da pele do unicórnio, na rapidez, na graciosidade do pescoço e na beleza sombria galopando quando passou por Erl ao entardecer. Pensaram no

chifre robusto e respeitável; lembraram-se de canções antigas que falavam dele. Ficaram sentados em um silêncio incômodo e não renunciaram ao unicórnio.

E o Frei soube o que eles pensavam e levantou a mão de novo, clara à luz das velas com a noite atrás.

— Maldita seja a velocidade deles — disse ele — e a pele branca e elegante; maldita seja a beleza e tudo que eles têm de magia e tudo que passeia por riachos encantados.

E ainda assim ele viu nos olhos dos homens um amor persistente por aquelas coisas que ele proibia e, portanto, não parou. Levantou a voz ainda mais alto e continuou, com os olhos sérios grudados nos rostos perturbados:

— E malditos sejam trolls, elfos, duendes e fadas sobre a Terra, e hipogrifos e pégasos no ar, e todas as tribos dos sereianos no fundo do mar. Nossos ritos sagrados os proíbem. E malditas sejam todas as dúvidas, todos os sonhos diferentes, todas as ilusões. E da magia todos os verdadeiros povos devem se afastar. Amém.

Ele se virou de repente e saiu para a noite. Um vento pairou sobre a porta e a bateu. E o grande salão na forja de Narl voltou a ficar como estava alguns instantes antes, mas o estado de espírito suave parecia entorpecido e sombrio. E então Narl falou, levantando-se à ponta da mesa e quebrando a melancolia do silêncio.

— Fizemos nossos planos — disse ele — há muito tempo e depositamos nossa fé na magia, a ponto de agora termos que renunciar às coisas mágicas e amaldiçoar nossos vizinhos, o povo inofensivo além dos campos que conhecemos e as belas coisas do ar e as amantes dos marinheiros mortos que vivem no fundo do mar?

— Não, não — disseram alguns. E tomaram mais um trago de hidromel.

Um deles levantou-se com o chifre de hidromel erguido, depois outro e mais outro, até que todos estavam de pé em volta

da luz das velas.

— Magia! — gritou um deles. E, ao mesmo tempo, o restante adotou seu grito até que estivessem todos gritando “Magia”.

No caminho de volta para casa, o Frei ouviu aquele grito de “Magia”, fechou melhor seu manto sagrado e segurou seus objetos sagrados, recitando um feitiço que o mantinha protegido contra demônios repentinos e coisas duvidosas da bruma.

XXI

Na fronteira da Terra

E naquele dia Órion deixou seus sabujos descansarem. Mas, no dia seguinte, levantou-se cedo, foi até os canis e soltou os sabujos alegres na manhã cintilante, levando-os para fora do vale e pelas terras baixas em direção à fronteira do crepúsculo mais uma vez. E não levou mais o arco, apenas a espada e o chicote; pois tinha aprendido a amar a alegria dos quinze sabujos quando caçaram o monstro de um chifre e sentiu que compartilhava a alegria de todos os sabujos; enquanto atirar em um deles com uma flecha seria apenas uma única alegria.

Durante todo o dia ele percorreu os campos, cumprimentando um fazendeiro aqui e ali ou um trabalhador no campo e recebendo cumprimentos em resposta, e desejos de uma boa diversão. Mas, quando a noite chegou e ele estava perto da fronteira, cada vez menos pessoas o cumprimentavam quando passava, pois estava claramente viajando até locais aonde nenhum deles tinha ido, onde até seus pensamentos se continham. E assim ele ficou sozinho, mas animado com os pensamentos ansiosos e feliz com a camaradagem dos sabujos; e tanto seus pensamentos quanto os sabujos estavam voltados para a caçada.

Ele chegou de novo à barreira do crepúsculo, onde as sebes desciam dos campos dos homens e ficavam estranhas e escuras sob um brilho que não é da nossa Terra e desapareciam no crepúsculo. Parou com os sabujos perto de uma dessas sebes exatamente onde ela encostava na barreira. A luz ali na sebe, se é que se pode comparar com alguma coisa da nossa Terra, era como a bruma ofuscante que brilha sobre uma sebe, vista apenas através de um campo, quando tocada pelo arco-íris: no

céu, o arco-íris é claro, mas perto de um campo largo o fim do arco-íris mal aparece, mas uma estranheza celestial toca e altera a sebe. Em uma delas, uma luz como essa brilhava sobre o último espinheiro que crescia no campo dos homens. E logo além dela, como uma opala líquida, cheia de luzes errantes, estendia-se a barreira através da qual nenhum homem pode enxergar, e nenhum som atravessa além do toque das trompas élficas, e apenas para os ouvidos de pouquíssimos. As trompas tocavam agora, atravessando aquela barreira de luz fraca e silêncio com a ressonância mágica de sua nota de prata, que parecia ultrapassar todas as coisas que interferiam para chegar ao ouvido de Órion, enquanto a luz do sol atravessava o éter para iluminar os vales da lua.

As trompas cessaram e nada mais sussurrava de Elfland; e todos os sons dali em diante eram os sons de uma tarde terrena. Até esses diminuíram, e mesmo assim nenhum unicórnio apareceu.

Um cão latiu ao longe; um carrinho, o único som em uma estrada vazia, seguia cansado para casa; em uma trilha alguém falou e depois deixou o silêncio continuar, pois as palavras pareciam ofender a calma que pairava sobre todos os nossos campos. E no silêncio Órion olhou para a fronteira, procurando os unicórnios que nunca chegavam, esperando a cada momento ver um deles atravessar o crepúsculo. Mas tinha agido de maneira imprudente indo ao mesmo local onde encontrara os cinco unicórnios apenas dois dias antes. Pois, dentre todas as criaturas, os unicórnios são os mais cautelosos, protegendo sua beleza dos olhos dos homens sem nunca cessar a vigilância; habitando o dia todo além dos campos que conhecemos e entrando neles apenas raramente ao entardecer, quando tudo está imóvel, e com a máxima atenção, e mesmo assim se aventurando pouco além dos limites. Encontrar esses animais duas vezes no mesmo local em dois dias com os sabujos, depois de caçar e matar um deles, era mais improvável do que Órion pensava. Mas seu coração estava cheio do triunfo da caçada, e o cenário o atraiu de volta da maneira como esses cenários fazem.

E agora ele olhava para a fronteira, esperando que uma dessas grandes criaturas a atravessasse com orgulho, uma grande forma tangível saindo da opalescência turva. E nenhum unicórnio veio.

E, contemplando ali por tanto tempo, aquela fronteira curiosa começou a seduzi-lo até que seus pensamentos começaram a vagar com as luzes errantes, e ele desejou os picos de Elfland. E eles conheciam bem o fascínio que habitava naquelas fazendas espalhadas por toda a borda dos campos que conhecemos, e sabiamente mantinham os olhos sempre voltados para longe daquela maravilha que se estendia com seu deslumbramento de cores tão perto dos fundos de suas casas. Pois havia ali uma beleza que não existe em todos os nossos campos; e os fazendeiros ouvem na juventude que, se olharem para aquelas luzes errantes, não haverá nenhuma alegria para eles nos bons campos, nos finos sulcos marrons ou nas ondulações do trigo ou em qualquer coisa nossa; mas seus corações estarão longe daqui com coisas élficas, sempre ansiando por montanhas desconhecidas e pelos povos não abençoados pelo Frei.

E de pé agora, enquanto o entardecer terreno esvanecia, na beira daquele crepúsculo mágico, as coisas da Terra escapavam rapidamente de sua lembrança e, de repente, toda a sua atenção era para coisas élficas. De todas as pessoas que percorriam os caminhos dos homens, ele se lembrava apenas da mãe, e de repente soube, como se o crepúsculo lhe dissesse, que ela era encantada e que ele vinha de uma linhagem mágica. E ninguém tinha dito isso a ele, mas agora sabia.

Durante anos, ele tinha passado muitas noites pensando e tentando descobrir para onde a mãe tinha ido: imaginava em silêncio solitário; ninguém sabia o que a criança estava pensando: e agora uma resposta parecia pairar no ar; parecia que ela estava a pouca distância do outro lado do crepúsculo encantado que separava Elfland daquelas fazendas. Ele deu três passos e chegou à fronteira; seu pé estava no limite dos campos que conhecemos: em seu rosto a fronteira se espalhou como uma bruma na qual todas as cores das pérolas dançavam

solenes. Um sabujo se agitou quando ele se moveu, a matilha virou a cabeça e o observou; ele se levantou e eles voltaram a descansar. Tentou enxergar através da barreira, mas não viu nada além de luzes errantes produzidas pelo acúmulo de crepúsculos do fim de milhares de dias, que tinham sido preservados pela magia para construir aquela barreira ali. Então chamou pela mãe através daquele poderoso abismo, um dos poucos preservados pela magia para construir aquela barreira. Eram, de um lado, ele, a Terra e os redutos dos homens e o tempo que medimos em minutos, horas e anos, e, de outro, Elfland e outro tipo de tempo. Ele a chamou duas vezes e ficou escutando, e chamou de novo; e nenhum grito ou sussurro veio de Elfland. Ele sentiu então a magnitude do abismo que o separava dela, e sabia que era vasto, escuro e forte, como os abismos que separavam nossos tempos de uma época passada ou que ficam entre a vida cotidiana e a matéria dos sonhos, ou entre as pessoas que cultivam a Terra e os heróis das canções, ou entre aqueles que ainda vivem e aqueles por quem choram. E a barreira cintilava e reluzia como se algo tão delicado nunca separasse os anos perdidos daquele momento em fuga chamado de Agora.

Ele ficou lá com os clamores da Terra fracos no fim da tarde atrás de si e o brilho tranquilo do suave crepúsculo terreno; e diante dele, perto de seu rosto, o silêncio absoluto de Elfland e a barreira que produzia aquele silêncio, brilhando com sua estranha beleza. E agora ele não pensava mais nas coisas terrenas, apenas olhava para aquele muro de crepúsculo, assim como profetas ocupados com sabedorias proibidas contemplam cristais enevoados. E as pequenas luzes da fronteira construída pelo crepúsculo seduziam, provocavam e acenavam para tudo que era élfico no sangue de Órion, para tudo que ele tinha de magia da mãe. Pensou na mãe morando em uma calma solitária além da fúria do Tempo, pensou nas glórias de Elfland, vagamente conhecidas pelas lembranças mágicas que tinha da mãe. Não prestou mais atenção nem ouviu os pequenos apelos da noite terrena atrás de si. E, assim como todos esses pequenos apelos, perderam-se também para ele os costumes e

as necessidades dos homens, as coisas que planejam, as coisas pelas quais trabalham e esperam, e todas as pequenas coisas que a paciência deles consegue. Com o novo conhecimento que lhe chegara dessa fronteira brilhante de que ele tinha sangue mágico, desejou imediatamente abandonar sua lealdade ao Tempo e deixar as terras que estavam sob o domínio do Tempo e sempre foram flageladas por sua tirania, deixá-las com não mais do que cinco passos curtos e entrar na terra perene onde sua mãe estava sentada com o próprio pai enquanto ele reinava em seu trono enevoadado naquele salão de beleza desconcertante que apenas as canções previam. Eri não era mais sua casa, nem os costumes dos homens eram seus: os campos não estavam mais aos seus pés! Mas os picos das Montanhas Élficas eram para ele agora o que são os acolhedores beirais de palha para os trabalhadores terrenos ao entardecer; as coisas fabulosas e sobrenaturais eram o lar de Órion. Desse modo, aquela barreira de crepúsculo, vista por tanto tempo, o encantou; era muito mais mágica do que qualquer entardecer terreno.

E há aqueles que podem tê-la contemplado por muito tempo e mesmo assim se afastado; mas Órion não faria isso facilmente; porque, embora a magia tenha poder para encantar coisas mundanas, elas respondem ao encantamento de maneira pesada e lenta, enquanto tudo que era mágico no sangue de Órion brilhava em resposta à magia que se mostrava na muralha protetora de Elfland. Ela era feita das luzes mais raras que vagam pelo ar, e dos mais claros raios de sol que surpreendem nossos campos por meio da tempestade, e das brumas de pequenos riachos, e do brilho das flores ao luar, e da extremidade de todos os nossos arco-íris com toda a sua beleza e magia, e fragmentos do crepúsculo dos fins de tarde há muito apreciados nas mentes envelhecidas. Para dentro desse encanto ele deu um passo para abandonar as coisas mundanas; mas, quando seu pé tocou no crepúsculo, um sabujo que estava sentado atrás dele sob a sebe, afastado da fenda por tanto tempo, esticou um pouco o corpo e soltou um daqueles gritos baixos de impaciência que, entre os costumes dos homens, quase parecem um bocejo. E, como um velho hábito, esse som

fez Órion virar a cabeça, e ele viu o cão e foi até ele por um instante, o afagou e teria se despedido; mas todos os cães de caça estavam ao seu redor, cheirando suas mãos e olhando para o seu rosto. E de pé ali, entre os sabujos ansiosos, Órion, que, um momento antes, sonhava com coisas fabulosas, com pensamentos que flutuavam sobre as terras mágicas e escalavam os picos encantados das Montanhas Élficas, de repente ouviu o chamado de sua linhagem terrena. Não que ele se importasse mais em caçar do que ficar com a mãe além da tormenta do tempo, nas terras do pai dela, mais adoráveis do que qualquer coisa que as canções tinham entoado; não que ele amasse tanto os sabujos que não podia deixá-los; mas seus pais tinham seguido a caçada era após era, assim como a linhagem de sua mãe tinha seguido eternamente a magia; e o chamado da magia era forte quando ele olhava para coisas mágicas, enquanto a velha linhagem terrena tinha a mesma força para chamá-lo à caça. A bela fronteira do crepúsculo tinha atraído seus desejos para Elfland; no instante seguinte, seus sabujos o viraram para outro lado: é difícil para qualquer um de nós evitar o apelo das coisas externas.

Por alguns instantes, Órion ficou pensando entre seus sabujos, tentando decidir para onde ir, tentando pesar as gerações fáceis e preguiçosas que pairavam sobre os gramados imperturbáveis e as glórias apáticas de Elfland, com o bom solo arado e marrom, o pasto e as pequenas sebes da Terra. Mas os sabujos estavam ao seu redor, cheirando, chorando, olhando nos olhos dele, falando com ele como se rabos, patas e grandes olhos castanhos pudessem falar, dizendo: “Fora! Fora!”. Pensar entre todo aquele tumulto era impossível; ele não conseguia decidir, e os sabujos conseguiram o que queriam, e todos foram juntos para casa pelos campos que conhecemos.

XXII

Órion aponta um chicote

E muitas vezes, quando o inverno terminava, Órion voltava de novo com seus sabujos para aquela maravilhosa fronteira e esperava lá enquanto o crepúsculo terrestre desaparecia; e às vezes viam os unicórnios passarem de maneira engenhosa e silenciosa quando nossos campos estavam parados: enormes e belas formas brancas. Mas não levou mais nenhum chifre para o castelo de Erl nem voltou a caçar pelos campos que conhecemos; porque os unicórnios, quando apareciam, entravam não mais do que alguns passos limitados nos nossos campos, e Órion não conseguiu apartar mais um de Elfland. Uma vez, quando tentou, quase perdeu todos os sabujos, pois alguns já estavam dentro da fronteira quando ele os trouxe de volta com o chicote; mais dois metros e o som de seu chifre terreno jamais conseguiria alcançá-los. Foi isso que lhe ensinou que, apesar de todo o poder que tinha sobre os sabujos, e mesmo que houvesse um pouco de magia nesse poder, ainda assim, um homem sem ajuda não podia caçar com sabujos tão perto da borda onde, caso um se extrviasse, estaria perdido para sempre.

Depois disso, Órion observou os rapazes em seus jogos ao entardecer em Erl, até identificar três que, em velocidade e força, pareciam superar os outros; e escolheu dois deles para serem açoitadores. Foi até a cabana de um deles quando os jogos terminaram, no momento em que as luzes eram acesas. Estavam lá um rapaz alto com grande velocidade nos membros e sua mãe; ambos se levantaram da mesa quando o pai abriu a porta e Órion entrou. E Órion, animado, perguntou ao rapaz se ele iria com os sabujos, se carregaria um chicote e impediria que um deles se desviasse. E um silêncio se instalou. Todos sabiam que Órion caçava animais estranhos e levava seus sabujos a lugares

estranhos. Nenhum deles jamais tinha ido além dos campos que conhecemos. O rapaz temia ir além deles. Seus pais queriam se recusar a deixá-lo ir. Por fim, o silêncio foi quebrado por desculpas, frases murmuradas e assuntos inacabados, e Órion viu que o rapaz não iria.

Ele foi então à casa do outro. Lá também havia velas acesas e uma mesa posta. Havia duas velhas e o rapaz jantando. E a eles Órion contou que precisava de um açoitador e pediu ao rapaz que fosse com ele. O medo naquela casa era mais acentuado. As velhas gritaram juntas que o rapaz era muito jovem, que ele não conseguia correr tão bem quanto costumava, que não era digno de uma honra tão grande, que os cães de caça nunca confiariam nele. E disseram muito mais do que isso, até que se tornaram incoerentes. Órion os deixou e foi à casa do terceiro. Aconteceu a mesma coisa ali. Os anciãos tinham desejado a magia para Erl, mas tocar de verdade nela ou apenas pensar nela perturbava o povo em suas cabanas. Ninguém dispensaria os filhos para irem aonde não conheciam, para lidarem com coisas que os boatos, como uma sombra grande e sinistra, tinham espalhado tão sombriamente pelo vilarejo de Erl. Então Órion seguiu sozinho com os sabujos quando os tirou do vale e foi para o leste pelos nossos campos aonde o povo da Terra não queria ir.

Era o fim de março e Órion dormia em sua torre, quando chegou a ele, lá de baixo, estridente e claro no início da manhã, o som de seus pavões gritando. O balido de ovelhas lá em cima nas encostas também veio acordá-lo, e os galos estavam cacarejando de maneira tumultuada, pois a primavera cantava no ar ensolarado. Ele se levantou e foi até os sabujos; e logo os primeiros trabalhadores o viram subir pelo lado íngreme do vale com todos os sabujos atrás, manchas castanhas no verde. E assim ele passou pelos campos que conhecemos. E assim chegou, antes que o sol se pusesse, àquela faixa de terra da qual todos os homens se desviavam, onde a oeste ficavam as casas dos homens entre os campos de argila marrom e a leste as

Montanhas Élficas brilhavam do outro lado da fronteira do crepúsculo.

Ele seguiu com os sabujos ao longo da última sebe até a fronteira. E, assim que chegou lá, viu um raposo escapar do crepúsculo entre a Terra e Elfland, correr alguns metros ao longo da borda dos nossos campos e depois voltar para o outro lado. E A respeito disso Órion não pensou nada, pois é hábito do raposo assombrar assim a borda de Elfland e retornar aos nossos campos: é assim que ele nos traz alguma coisa que nenhuma de nossas cidades imagina. Mas logo o raposo saiu de novo do crepúsculo, correu um pouco e voltou à barreira luminosa mais uma vez. Órion observou para ver o que o raposo estava fazendo. E mais uma vez ele apareceu no campo que conhecemos e voltou ao crepúsculo. E os sabujos também observavam e não demonstravam nenhum desejo de caçá-lo, pois tinham provado um sangue fabuloso.

Órion caminhou ao lado do crepúsculo na direção em que o raposo estava indo, com a curiosidade aumentando à medida que o raposo se esquivava entrando e saindo dos nossos campos. Os sabujos o seguiram lentamente e logo perderam o interesse pelo que o raposo fazia. E de repente a coisa curiosa foi explicada, pois Lurulu repentinamente pulou pelo crepúsculo e esse troll apareceu nos nossos campos: era com ele que o raposo estava brincando.

— Um homem — disse Lurulu em voz alta para si mesmo ou para o camarada raposo, falando na língua dos trolls. E de repente Órion lembrou-se do troll que tinha entrado no seu quarto com o pequeno amuleto contra o tempo, pulado de prateleira em prateleira e atravessado o teto e enfurecido Ziroonderel, que temia por suas louças.

— O troll! — disse ele, também na língua dos trolls; pois sua mãe murmurara isso para ele quando criança, quando lhe contava histórias sobre os trolls e suas canções milenares.

— Quem é esse que conhece a língua dos trolls? — indagou Lurulu.

E Órion disse seu nome, que não significava nada para Lurulu. Mas ele se agachou e vasculhou um pouco em busca do que corresponde na língua dos trolls à nossa memória; e durante a procura em muitas lembranças triviais que tinham escapado à destruição do tempo nos campos que conhecemos, e a apatia indiferente de eras imutáveis em Elfland, ele recuperou de uma só vez suas lembranças de Erl; e olhou para Órion de novo e começou a cogitar. E, nesse mesmo instante, Órion contou ao troll o nome augusto de sua mãe. Lurulu fez imediatamente o que é conhecido entre os trolls de Elfland como a humilhação de cinco pontos; isto é, curvou-se encostando os joelhos, as mãos e a testa no chão. Em seguida, levantou-se com outro grande salto no ar, pois a reverência não repousava em seu espírito por muito tempo.

— O que você está fazendo nos campos dos homens? — indagou Órion.

— Brincando — respondeu Lurulu.

— O que você faz em Elfland?

— Observo o tempo — respondeu Lurulu.

— Isso não me divertiria — comentou Órion.

— Você nunca fez isso — argumentou Lurulu. — Não pode observar o tempo nos campos dos homens.

— Por que não? — perguntou Órion.

— Ele se move rápido demais.

Órion ponderou um pouco sobre isso, mas não conseguiu chegar a lugar nenhum; porque, nunca tendo saído dos campos que conhecemos, ele só conhecia um ritmo do tempo e, portanto, não tinha meios de comparação.

— Quantos anos se passaram sobre você — perguntou o troll — desde que conversamos em Erl?

— Anos? — disse Órion.

— Cem? — estimou o troll.

— Quase doze — disse Órion. — E você?

— Ainda é hoje — respondeu o troll.

E Órion não falou mais do tempo, pois não se importava com a discussão de um assunto sobre o qual ele parecia conhecer menos do que um troll comum.

— Quer carregar um chicote — disse ele — e correr com meus sabujos enquanto caçamos o unicórnio nos campos que conhecemos?

Lurulu olhou atentamente para os sabujos, observando seus olhos castanhos: os sabujos reviraram o nariz cheios de dúvidas em direção ao troll e farejaram de um jeito inquisitivo.

— São cães — disse o troll, como se isso fosse negativo. — Mas têm pensamentos agradáveis.

— Então você vai carregar o chicote? — indagou Órion.

— Hum, sim. Sim — respondeu o troll.

Órion deu a ele seu próprio chicote bem ali, tocou o chifre e se afastou do crepúsculo, e disse a Lurulu para manter os sabujos juntos e conduzi-los atrás dele.

E os sabujos ficaram inquietos ao ver o troll e farejaram e farejaram de novo, mas não conseguiram torná-lo humano, e não estavam dispostos a obedecer a uma criatura que não era maior do que eles. Correram até ele por curiosidade, fugiram com nojo e ficaram para trás por desobediência. Mas os recursos ilimitados daquele troll sagaz não eram fáceis de frustrar, e o chicote subiu de repente, parecendo três vezes maior naquela mão minúscula, e voou para a frente e estalou na ponta do focinho de um sabujo. O sabujo uivou, depois pareceu surpreso, e o resto ficou irrequieto: devem ter pensado que foi um acidente. Mas o chicote disparou de novo para a frente e estalou em outra ponta de focinho; e os sabujos viram que não era o acaso que guiava aqueles golpes ardentes, e sim um olho fatal e certo. E dali em diante eles reverenciaram Lurulu, embora não tivesse cheiro de humano.

E assim Órion e sua matilha de sabujos foram para casa no fim da tarde, e nenhum cão pastor mantinha o rebanho em

campos assombrados por lobos mais seguro ou mais próximo do que Lurulu deixava a matilha: ele estava em cada flanco ou atrás deles, onde quer que houvesse um atrasado, e conseguia pular de um lado para o outro por cima da matilha. E as Montanhas Élficas azul-claras sumiram de vista antes que Órion se afastasse cem passos da fronteira, pois seus picos sombrios estavam ocultos pela escuridão terrena que se aprofundava sobre os campos que conhecemos.

Eles foram para casa, e logo apareceu acima deles a multidão errante das nossas estrelas vistas na Terra. De vez em quando, Lurulu olhava para cima para se maravilhar com elas, como todos nós já fizemos em algum momento; mas, na maioria das vezes, ele mantinha a atenção nos sabujos, pois agora que estava nos campos terrenos tinha que se preocupar com as coisas da Terra. E nenhum sabujo se desviou sem que o chicote de Lurulu tocasse nele, com sua pequena explosão, às vezes na ponta da cauda, espalhando uma poeira de fragmentos de pelo e chicote; e o sabujo gritava e corria para os outros, e toda a matilha sabia que outro daqueles golpes infalíveis tinha atingido um deles.

Uma certa graça com o chicote, uma certa confiança no objetivo ocorre quando uma vida é dedicada a carregar um chicote entre sabujos; vem, digamos, em vinte anos. E às vezes é hereditária; e isso é melhor do que anos de prática. Mas nem os anos de prática nem o costume do chicote na linhagem podem dar a mira certa que uma coisa consegue; e essa coisa é a magia. O arremesso do chicote, tão imediato quanto a virada repentina de um olho, seu bote sobre um ponto escolhido tão direto quanto a visão, não era desta Terra. E embora os estalos daquele chicote parecessem, para os homens que passavam, nada mais do que o trabalho de um caçador terreno, os sabujos sabiam que havia mais do que isso, algo além dos nossos campos.

Havia um toque de aurora no céu quando Órion viu de novo o vilarejo de Erl, enviando para o alto colunas de fumaça dos primeiros fogareiros, e ele veio com os sabujos e o novo

açoitador descendo pelo vale. As primeiras janelas acesas piscaram para ele enquanto descia a rua e chegava em silêncio e no frio aos canis vazios. E, quando todos os cães estavam enrolados na palha, ele encontrou um lugar para Lurulu, um pombal empoeirado em que havia sacos e alguns montes de feno: alguns pombos tinham fugido de um pombal ali perto e habitavam ao longo das vigas. Ali Órion deixou Lurulu e foi para a torre, sentindo frio, sono, fome e cansado como não estaria se tivesse encontrado um unicórnio; mas o barulho da falação do troll ao encontrá-lo na fronteira tornara inútil esperar os animais cautelosos naquela noite. Órion dormiu. Mas o troll no pombal empoeirado estava deitado no maço de feno, contemplando os caminhos do tempo. Ele viu as estrelas passando através das aberturas nos painéis velhos; eram pálidas: viu a outra luz se espalhar; viu a maravilha do nascer do sol: sentiu a escuridão do pombal cheio do arrulhar dos pombos; observou seus hábitos inquietos: ouviu os pássaros silvestres se mexendo em olmos próximos e homens ao longe pela manhã, cavalos, carroças e vacas; e tudo mudando conforme a manhã seguia. Uma terra de mudanças! A deterioração das tábuas no pombal, o musgo do lado de fora da argamassa e a madeira velha se desfazendo, tudo parecia contar a mesma história. Mudanças e nada permanente. Ele pensou na calma milenar que guardava a beleza de Elfland. E depois pensou na tribo de trolls que tinha deixado, imaginando o que eles pensariam dos costumes da Terra. E os pombos de repente ficaram aterrorizados com o estrondo selvagem das gargalhadas de Lurulu.

XXIII

Lurulu observa a inquietude da Terra

Enquanto o dia passava e Órion ainda dormia pesado, e até os sabujos estavam em silêncio em seus canis um pouco distantes, e o ir e vir de homens e carroças lá embaixo não tinha nada a ver com o troll, Lurulu começou a se sentir sozinho. Os trolls marrons são tão numerosos nos vales que habitam que ninguém se sente sozinho lá. Ficam sentados ali em silêncio, apreciando a beleza de Elfland ou seus próprios pensamentos insolentes ou, nos raros momentos em que Elfland é agitada em sua profunda calma natural, suas risadas inundam os vales. Eles não se sentiam mais solitários lá do que os coelhos. Mas em todos os campos da Terra havia apenas um troll; e aquele troll se sentiu solitário. A porta do pombal se abria a uns três metros de distância da porta do palheiro e quase dois metros acima. Uma escada levava ao palheiro, presa à parede com braçadeiras de ferro; mas nada se comunicava com o pombal para que os gatos não seguissem por aquele caminho. Dali vinha o murmúrio da vida abundante, que atraiu o troll solitário. O salto de porta em porta não era nada para ele, que aterrissou no pombal em sua atitude habitual, com uma expressão desavergonhada de boas-vindas no rosto. Mas os pombos fugiram pelas janelas com um rufar de asas, e o troll continuou sozinho.

Ele gostou do pombal assim que olhou para ele. Gostou dos sinais de vida abundante, das cem casinhas de telha e gesso, da miríade de penas e do cheiro bolorento. Gostou da tranquilidade milenar do pombal sonolento e das enormes teias de aranhas que cobriam os cantos, retendo anos e anos de poeira. Ele não

sabia o que eram teias de aranha, nunca as tinha visto em Elfland, mas admirou o trabalho manual.

A idade do pombal que enchera os cantos com teias de aranha e pedaços de gesso quebrado caídos da parede, mostrando tijolos rubicundos e desnudando as ripas do telhado e até as telhas acima, dava ao lugar sonhador um ar não muito diferente da calma de Elfland; mas, por baixo e ao redor, Lurulu percebia a inquietude da Terra. Até a luz do sol através dos pequenos orifícios de ventilação que brilhavam na parede se movia.

Nesse momento veio o rufar das asas dos pombos que voltavam e seus pés batendo nas telhas acima dele, mas eles não voltaram para suas casas. Ele viu a sombra do telhado projetada em outro telhado sob ele, e as sombras irrequietas dos pombos ao longo da beira. Observou o líquen cinza cobrindo a maior parte do telhado inferior e as manchas redondas e mais recentes de líquen amarelo na massa disforme de cinza. Ouvia um pato grasnar lentamente seis ou sete vezes. Ouvia um homem entrar em um estábulo embaixo dele e levar um cavalo para fora. Um sabujo acordou e latiu. Algumas gralhas, perturbadas em alguma torre, passaram voando no alto com vozes ruidosas. Ele viu grandes nuvens correndo ao longo do topo das colinas distantes. Ouvia um pombo selvagem arrulhar em uma árvore vizinha. Alguns homens passaram conversando. E, depois de um tempo, ele percebeu, para seu espanto, o que não tinha tido ensejo de notar em sua visita anterior a Erl, que até as sombras das casas se moviam; pois viu que a sombra do telhado sob o qual estava sentado tinha se movido um pouco no telhado abaixo, sobre o líquen cinza e amarelo. Movimento perpétuo e mudança perpétua! Ele contrastou isso, maravilhado, com a calma profunda de seu lar, onde o momento se movia mais devagar do que as sombras das casas daqui e não passava até que todo o conteúdo com o qual um momento é armazenado tivesse sido absorvido por todas as criaturas em Elfland.

E então, com asas farfalhando e se agitando, os pombos começaram a voltar. Vieram do topo das ameias da torre mais

alta de Erl, na qual tinham se abrigado por um tempo, sentindo-se protegidos dessa coisa estranha e nova que temiam pela grande altura e pela idade milenar. Voltaram e pousaram no peitoril das pequenas janelas e olharam com um olho só para o troll. Alguns eram todos brancos, mas os cinza tinham pescoços cor de arco-íris que eram um pouco menos encantadores do que as cores que formavam o esplendor de Elfland; e Lurulu, enquanto eles o observavam com desconfiança no canto onde ainda estava sentado, ansiava pela companhia delicada. E, quando reparou que esses filhos inquietos de um ar e de uma Terra não queriam entrar, ele tentou acalmá-los com a inquietação a que estavam acostumados e com a qual acreditava que todos que habitavam os nossos campos se deliciavam. Ele pulou de repente; saltou para uma casa construída em ardósia para pombos no alto de uma parede; disparou até a parede seguinte e voltou ao chão; mas houve um farfalhar ruidoso de asas e os pombos se foram. E aos poucos ele aprendeu que os pombos preferiam a quietude.

Suas asas logo voltaram para o telhado; seus pés bateram e estalaram nas telhas de novo; mas voltaram para suas casas por pouco tempo. E o troll solitário ficou olhando pelas janelas, contemplando os costumes da Terra. Viu uma alvéola-branca leve no telhado inferior: ficou observando até ela ir embora. E dois pardais vieram até um pouco de milho que tinha caído no chão: ele também os observou. Cada um era de um gênero inteiramente novo para o troll, e ele não demonstrou mais interesse ao observar todos os movimentos dos pardais do que demonstraríamos se nos encontrássemos com um pássaro totalmente desconhecido. Quando os pardais se foram, o pato grasnou de novo, tão deliberadamente que outros dez minutos se passaram enquanto Lurulu tentava interpretar o que estava dizendo e, embora tenha desistido porque outros interesses o atraíram, ele tinha certeza de que era algo importante. Então as gralhas voltaram fazendo baderna, mas suas vozes soaram frívolas, e Lurulu não lhes deu muita atenção. Quanto aos pombos no telhado que não voltavam para casa, ele ouviu por muito tempo, sem tentar interpretar o que estavam dizendo, mas

satisfeito com o caso que os pombos contaram, sentindo que eles contaram a história da vida, e que tudo estava bem. E sentiu, enquanto ouvia a conversa baixa dos pombos, que a Terra devia existir havia muito tempo.

Para além dos telhados, as árvores altas se erguiam sem folhas, exceto os carvalhos sempre verdes, alguns louros, pinheiros e teixos, e a hera que subia pelos troncos, mas os brotos da faia estavam se preparando para estourar: e a luz do sol cintilava e reluzia nos brotos e folhas, e a hera e o louro brilhavam. Uma brisa passou e um pouco de fumaça fluiu de uma chaminé próxima. Ao longe, Lurulu viu um enorme muro cinza de pedra que circundava um jardim todo adormecido ao sol; e clara à luz do sol, viu uma borboleta manobrar e mergulhar no jardim. Em seguida, viu dois pavões passarem lentamente. Viu a sombra dos telhados escurecendo a parte inferior das árvores brilhantes. Ouviu um galo cacarejar em algum lugar, e um sabujo latiu de novo. E então uma chuva repentina caiu sobre os telhados, e os pombos quiseram voltar imediatamente para casa. Eles pousaram do lado de fora das pequenas janelas de novo e todos olharam de esguelha para o troll; Lurulu ficou muito quieto dessa vez; e, depois de um tempo, os pombos, apesar de perceberem que ele não era um deles, concordaram que ele não pertencia à tribo dos gatos e finalmente voltaram para a rua de suas casas minúsculas e continuaram com seu curioso conto milenar. E Lurulu desejava retribuir com curiosos contos dos trolls, as lendas preciosas de Elfland, mas descobriu que não conseguiria fazê-los entender a língua dos trolls. Então se sentou e os ouviu conversar, até parecer que eles estavam tentando acalmar a inquietude da Terra, e pensou que poderiam, com um encantamento soporífero, estar lançando um feitiço contra o tempo para que ele não prejudicasse seus ninhos; pois o poder do tempo ainda não estava claro para ele, e ainda não sabia que nada nos nossos campos tem força para resistir ao tempo. Os próprios ninhos dos pombos foram construídos sobre as ruínas de ninhos antigos, sobre uma camada sólida de coisas desintegradas que o tempo tinha depositado naquele pombal, pois do lado de fora os estratos são feitos das ruínas das colinas.

Uma ruína tão vasta e incessante ainda não estava clara para o troll, pois seu entendimento penetrante existia apenas para guiá-lo pela tranquilidade e pela calma de Elfland, e ele se ocupou com uma consideração bem menor. Vendo que os pombos agora pareciam amigáveis, saltou de volta para o palheiro e voltou com um maço de feno, que colocou em um canto para se sentir confortável ali. Quando os pombos viram todo esse movimento, olharam de esguelha para ele mais uma vez, mexendo o pescoço de um jeito esquisito, mas no fim decidiram aceitar o troll como hóspede; e ele se enroscou no feno e ouviu a história da Terra, que acreditava ser o conto dos pombos, embora não entendesse a língua deles.

Mas o dia foi passando e a fome tomou conta do troll muito mais cedo do que em Elfland, onde, mesmo quando estava com fome, só precisava estender as mãos e pegar as bagas que pendiam baixas das árvores que cresciam na floresta à margem dos vales dos trolls. E é porque os trolls as comem quando a fome chega, o que raramente acontece, que essas frutas curiosas são chamadas de bagas-de-troll. Ele saltou do pombal e disparou para fora, procurando bagas-de-troll. E não havia nenhuma baga, pois existe apenas uma estação para elas, como sabemos bem; esse é um dos truques do tempo. Mas, para o troll, o fato de que todas as bagas da Terra morriam por um período era muito chocante para ser compreendido. Ele estava entre as construções da fazenda e viu um rato andando arqueado devagar por um galpão escuro. Não sabia nada da língua dos ratos; mas é curioso que, quando duas pessoas estão atrás da mesma coisa, cada uma de algum jeito sabe imediatamente o que a outra está procurando assim que a vê. Todos nós somos parcialmente cegos para as ocupações de outras pessoas, mas, quando encontramos alguém envolvido na nossa própria busca, de alguma forma logo parecemos saber sem precisar que nos avisem. E, no instante em que Lurulu viu o rato no galpão, pareceu saber que ele estava procurando comida. E assim ele seguiu o rato em silêncio. E logo o rato chegou a um saco de aveia e, para abri-lo, não demorou mais do

que o necessário para descascar uma fileira de ervilhas, e em pouco tempo estava comendo a aveia.

— É gostoso? — indagou o troll na língua dos trolls.

O rato olhou para ele sem entender, notando sua semelhança com os homens e, por outro lado, sua dessemelhança com os cães. Mas, no geral, o rato ficou insatisfeito e, depois de um longo olhar, se virou em silêncio e saiu do galpão. Então Lurulu comeu a aveia e descobriu que era gostosa.

Quando tinha comido aveia suficiente, o troll voltou para o pombal e ficou ali por um longo tempo, em uma das pequenas janelas que davam para os telhados, olhando para os novos e estranhos modos do tempo. E a sombra nas árvores ficou mais alta, e o brilho sumiu dos louros e de todas as folhas inferiores. E a luz das folhas de hera e das azinheiras passou de prateado para ouro pálido. E a sombra ficou ainda mais alta. O mundo inteiro cheio de mudanças.

Um velho de barba branca, estreita e comprida aproximou-se lentamente dos cães, abriu a porta e entrou para alimentar os sabujos com a carne que trouxera de um galpão. A noite inteira ecoou o clamor dos cães. E logo o velho saiu de novo, e sua partida lenta pareceu ao troll vigilante um pouco mais da inquietude da Terra.

Um homem veio devagar, conduzindo um cavalo para o estábulo sob o pombal; e foi embora e deixou o cavalo comendo. As sombras agora estavam mais altas nas paredes, nos telhados e nas árvores. Somente as copas das árvores e a ponta de um campanário alto tinham alguma luz. Os botões rubicundos nas faias altas brilhavam agora como rubis opacos. E uma grande serenidade veio com o céu azul-claro, e pequenas nuvens flutuando vagarosas ali se transformaram em um laranja flamejante, por onde as gralhas passavam indo para casa, em direção a um grupo de árvores sob as encostas. Era uma cena tranquila. E, no entanto, para o troll, enquanto contemplava no pombal empoeirado no meio de gerações de penas, o barulho

das gralhas e sua multidão aglomerando-se no céu, o som contínuo e tedioso do cavalo comendo, o som preguiçoso ocasional de pés voltando para casa e o lento fechamento dos portões pareciam ser as provas de que nada descansava em todos os campos que conhecemos; e o vilarejo preguiçoso e sonolento que sonhava no Vale de Erl e que não sabia nada de nenhuma outra terra como o povo sabia sua história parecia, para aquele simples troll, um turbilhão de inquietude.

E agora a luz do sol tinha sumido dos lugares mais altos, e uma lua de alguns dias de idade brilhava sobre o pombal, longe da vista da janela de Lurulu, mas enchendo o ar com uma nova tonalidade estranha. E todas essas mudanças o desnortearam, de modo que, por um tempo, ele pensou em retornar a Elfland, mas o impulso de surpreender os outros trolls voltou à sua mente; e enquanto esse impulso ainda existia, ele desceu do pombal e foi procurar Órion.

XXIV

Lurulu fala da Terra e dos costumes dos homens

O troll encontrou Órion em seu castelo e apresentou seu plano. Resumidamente, o plano era ter mais açoitadores para a matilha. Pois nem sempre alguém sozinho conseguia evitar que todos os sabujos se extrviassem quando iam à fronteira do crepúsculo, onde, a poucos metros de distância, havia espaços dos quais, se um sabujo conseguisse voltar para casa, como os sabujos perdidos fazem à noite, chegaria todo arrasado e destruído pela idade pela meia hora que passou desgarrado. Cada sabujo, disse Lurulu, deveria ter um troll para guiá-lo e correr com ele quando caçasse e ser seu servo quando chegasse em casa com fome e enlameado. E Órion viu de imediato a vantagem inigualável de ter cada sabujo controlado por uma inteligência alerta, apesar de minúscula, e disse a Lurulu que fosse buscar os trolls. Então, agora, enquanto os sabujos dormiam em tábuas em uma massa de cães em cada um de seus canis, pois os cães e as cadelas moravam em casas separadas, o troll corria pelos campos que conhecemos através do crepúsculo tremendo à beira do luar, com o rosto virado para Elfland.

Ele passou por uma casa de fazenda branca com uma janelinha virada para ele que cintilava em amarelo brilhante em uma parede azul-clara com um tom que obtinha da lua. Dois cães latiram para ele e correram para persegui-lo, e esse troll os teria enganado e ridicularizado em qualquer outra ocasião, mas agora sua mente estava cheia até a borda com sua missão, e ele não prestou mais atenção do que um dente-de-leão teria prestado atenção a eles em um dia de vento em setembro e continuou

saltando sobre as pontas do gramado até que os cães perseguidores estivessem bem distantes e ofegantes.

E muito antes de as estrelas empalidecerem com o toque do amanhecer, ele chegou à barreira que divide nossos campos do lar de coisas como ele e, saltando para fora da noite terrena, e alto através da barreira do crepúsculo, chegou de quatro a seu solo natal no dia perene de Elfland. Pela beleza deslumbrante daquele ar pesado que ofusca nossos lagos ao nascer do sol e deixa todas as nossas cores pálidas, ele correu, cheio de novidades que tinha para surpreender os amigos. Foi para a charneca dos trolls, onde moram em suas habitações esquisitas, e soltou grunhidos quando passou pelo local onde os trolls convocavam seu povo; e chegou à floresta em que os trolls moravam em troncos de árvores enormes; porque há trolls da floresta e trolls da charneca, duas tribos que são amigas e parentes; e lá pronunciou outra vez os gritos de convocação dos trolls. E logo houve um farfalhar de flores nas profundezas da floresta, como se todos os quatro ventos estivessem soprando, e o farfalhar aumentou e aumentou, e os trolls apareceram e se sentaram um a um perto de Lurulu. E o farfalhar continuou aumentando, perturbando toda a floresta, e os trolls marrons se espalharam e se sentaram ao redor de Lurulu. De muitas raízes de árvores e cavidades cheias de samambaias eles vieram fazendo bagunça; assim como vieram das altas e finas *gomaks* ao longe nas charnecas, para dizer o nome que recebem em Elfland as habitações esquisitas para as quais não há nome terreno, o estranho material cinza parecido com tecido pendurado como uma tenda em torno de uma vara. Eles se reuniram ao redor dele sob a luz fraca, mas cintilante, que flutuava entre as folhagens daquelas árvores mágicas, cujos troncos altos ultrapassavam nossos pinheiros mais antigos, e brilhava nas pontas de cactos com os quais nosso mundo sonha. E quando a massa marrom de trolls estava toda reunida ali, até o chão da floresta dar a impressão de que um outono tinha chegado a Elfland, desgarrado dos campos que conhecemos, e quando todo o farfalhar cessou e o silêncio ficou pesado como era durante séculos, Lurulu falou com eles contando histórias do tempo.

Essas histórias nunca tinham sido ouvidas em Elfland. Os trolls já tinham aparecido nos campos que conhecemos e voltaram cismados: mas Lurulu, entre as casas de Erl, tinha estado no meio dos homens; e o tempo, como ele disse aos trolls, se movia no vilarejo com uma velocidade mais maravilhosa do que nunca no gramado dos campos da Terra. Ele contou como a luz se movia, contou sobre as sombras, contou como o ar era branco, brilhante e pálido; contou que, por um tempo, enquanto a Terra começava a se parecer com Elfland, com uma luz mais agradável e o começo das cores, quando ele pensou no próprio lar, a luz piscou e as cores desapareceram. Contou das estrelas. Contou dos touros, dos bodes e da lua, três criaturas com chifres que ele achou curiosas. Tinha encontrado mais maravilhas na Terra do que nos lembramos, embora também um dia tivéssemos visto essas coisas pela primeira vez; e, maravilhado com o que sentia pelos costumes dos campos que conhecemos, contou muitas histórias que atraíram os trolls inquisitivos e os prenderam silenciosamente no chão da floresta, como se fossem de fato uma queda de folhas marrons em outubro que uma geada envolveu de repente. Eles ouviram falar de chaminés e carroças pela primeira vez: e com emoção ouviram falar de moinhos de vento. Ouviram encantados sobre os costumes dos homens; e, de vez em quando, enquanto ele falava de chapéus, corria pela floresta uma onda de gritinhos risonhos.

Então ele disse que eles deveriam ver chapéus, pás e canis, e olhar através das janelas e conhecer o moinho de vento; e uma curiosidade surgiu na floresta entre aquela massa marrom de trolls, pois essa raça é profundamente inquisitiva. E Lurulu não parou por aí, confiando apenas na curiosidade para atraí-los de Elfland para os campos que conhecemos; mas também os fez sentir outra emoção. Pois falou dos unicórnios orgulhosos, reservados, altos e reluzentes que demoram a falar com trolls não mais do que o gado quando bebe nas poças da nossa dificuldade para falar com sapos. Todos eles conheciam seus redutos, deveriam observar seus costumes e contar essas coisas aos homens, e o resultado disso seria caçar unicórnios com nada

menos do que cães. Agora, por menor que fosse o conhecimento deles sobre cães, o medo dos cães – como eu disse – é universal entre todas as criaturas que correm; e eles riram de um jeito explosivo ao pensar nos unicórnios sendo caçados com cães. Assim, Lurulu os atraiu para a Terra com desdém e curiosidade; e sabia que estava tendo sucesso; e riu por dentro até estar bem aquecido. Pois, entre os trolls, ninguém é mais respeitado do que aquele que é capaz de impressionar os outros, ou mesmo mostrar-lhes alguma coisa extravagante ou enganá-los ou deixá-los perplexos de um jeito divertido. Lurulu tinha a Terra para mostrar, cujos costumes são considerados, entre os que têm capacidade para julgar, tão pitorescos e extravagantes quanto um observador curioso poderia desejar.

Então um troll grisalho falou; um que tinha atravessado com muita frequência a fronteira do crepúsculo da Terra para observar os costumes dos homens; e, ao observar seus costumes por um período muito longo, o tempo o deixara grisalho.

— Devemos sair — disse ele — da floresta que todos conhecem e dos costumes agradáveis do reino para ver uma coisa nova e ser varridos pelo tempo? — E houve um murmúrio entre os trolls, que zumbiu pela floresta e desapareceu, assim como o som de besouros voltando para casa na Terra. — Não é hoje? — indagou ele. — Lá eles também chamam de hoje, mas ninguém sabe o que isso é: volte pela fronteira para observar e ele se foi. O tempo é intenso lá, assim como os cães que se desgarram pela nossa fronteira, latindo, assustados, zangados e loucos para voltar para casa.

— É assim mesmo — disseram os trolls, embora não soubessem; mas esse era um troll cujas palavras tinham peso na floresta.

— Vamos manter o hoje — disse o troll influente — enquanto o temos, e não ser atraídos para onde se perde o hoje com tanta facilidade. Cada vez que os homens o perdem, seus cabelos ficam mais brancos, seus membros ficam mais fracos e seus rostos ficam mais tristes, e eles ficam ainda mais próximos do amanhã.

Ele falou com tanta gravidade ao pronunciar a palavra “amanhã” que os trolls marrons se assustaram.

— O que acontece amanhã? — perguntou um deles.

— Eles morrem — respondeu o troll grisalho. — E os outros cavam a terra e os colocam ali, como os vi fazer, e depois vão para o Céu, como os ouvi contar. — E um calafrio percorreu os trolls muito além do chão da floresta.

E Lurulu, que ficou zangado esse tempo todo enquanto ouvia aquele troll influente falar mal da Terra, para onde queria que eles fossem, para surpreendê-los com sua singularidade, passou a falar em defesa do Céu.

— O Céu é um bom lugar — deixou escapar de um jeito irritado, apesar de ter ouvido poucas histórias falando sobre isso.

— Todos os abençoados estão lá — respondeu o troll grisalho —, e o lugar é cheio de anjos. Que chance um troll teria lá? Os anjos o pegariam, pois dizem na Terra que todos os anjos têm asas; eles pegariam um troll e bateriam nele por toda a eternidade.

E todos os trolls marrons da floresta choraram.

— Não somos capturados com tanta facilidade — disse Lurulu.

— Eles têm asas — argumentou o troll grisalho.

E todos ficaram tristes e balançaram a cabeça, pois sabiam a velocidade das asas.

Os pássaros de Elfland voavam principalmente no ar pesado e olhavam eternamente para a beleza fabulosa que para eles era comida e ninho, e sobre a qual às vezes cantavam; mas os trolls que brincavam ao longo da fronteira, espiando os campos que conhecemos, tinham visto o arremesso e o mergulho dos pássaros terrenos, ficaram admirados como nos admiramos com coisas celestiais, e sabiam que, se houvesse asas atrás dele, um pobre troll dificilmente escaparia.

— Que tristeza — disseram os trolls.

O troll grisalho não disse mais nada e não precisou, pois a floresta estava cheia da tristeza deles enquanto pensavam no Céu e temiam que em breve chegassem lá se ousassem habitar a Terra.

E Lurulu não argumentou mais. Não era hora de discutir, pois os trolls estavam tristes demais e com razão. E assim ele falou gravemente sobre coisas solenes, proferindo palavras aprendidas e permanecendo em atitude reverente. Mas o fato é que nada alegria tanto os trolls quanto o aprendizado e a solenidade, e eles riem durante horas com uma atitude reverente ou qualquer aparência de gravidade. Assim, ele os conquistou de volta à futilidade, que é seu estado de espírito natural. E, quando conseguiu isso, falou de novo da Terra, contando histórias extravagantes sobre os costumes dos homens.

Não desejo escrever as coisas que Lurulu disse a respeito dos homens, para não prejudicar a autoestima do meu leitor ou leitora e, assim, ferir aqueles a quem procuro apenas entreter, mas a floresta inteira reverberou e guinchou de tanto rir. E o troll grisalho não conseguiu dizer mais nada para controlar a curiosidade que crescia em toda aquela multidão para ver quem era que morava em casas, e usava um chapéu em cima de si e uma chaminé mais acima, e falava com cães mas não queria falar com porcos, e cuja gravidade era mais engraçada do que qualquer coisa que os trolls pudessem fazer. E o impulso de ir imediatamente à Terra ver porcos, carroças, moinhos de vento e rir dos homens surgiu em todos aqueles trolls. E Lurulu, que tinha dito a Órion que levaria um grupo de trolls, estava determinado a impedir que toda a massa marrom o seguisse, já que o estado de espírito e os impulsos dos trolls mudam muito rapidamente: se ele deixasse que todos fizessem o que queriam, não sobraria nenhum troll em Elfland, pois até o troll grisalho tinha mudado de ideia com os outros. Ele escolheu cinquenta e os conduziu até a perigosa fronteira da Terra; e saíram apressados da escuridão da floresta, como um turbilhão de folhas de carvalho marrons voeja nos piores dias de novembro.

XXV

Lirazel se lembra dos campos que conhecemos

Enquanto os trolls corriam em direção à terra para rir dos costumes dos homens, Lirazel se agitou sentada no joelho do pai, que grave e calmo em seu trono de bruma e gelo mal se movera durante doze dos nossos anos terrenos. Ela suspirou, e o suspiro ondulou sobre os campos dos sonhos e perturbou levemente Elfland. E as auroras e os poentes e os crepúsculos e o brilho azul-claro das estrelas, que se combinam eternamente para serem a luz de Elfland, sentiram um leve toque de tristeza e todo o esplendor deles estremeceu. Pois a magia que capturava essas luzes e os feitiços que as uniam para iluminar eternamente o reino que não deve lealdade ao Tempo não eram tão fortes quanto uma tristeza que vinha sombria do estado de espírito régio de uma princesa da linhagem élfica. Ela suspirou, pois em sua longa satisfação e na calma de Elfland havia flutuado um pensamento da Terra; de modo que, nos esplendores mais centrais de Elfland, que as canções mal conseguem expressar, ela se lembrou das primulas comuns e de muitas ervas triviais dos campos que conhecemos. E, caminhando pelos campos, ela viu o primoroso Órion, do outro lado da fronteira do crepúsculo, distante ela não sabia quantos anos. E as glórias mágicas de Elfland e sua beleza além dos nossos sonhos, e a calma profunda, deveras profunda em que as idades dormiam, imaculadas e desapressadas pelo tempo, e a arte de seu pai que protegia até o menor dos lírios da murcha e os feitiços pelos quais ele tornava realidade os devaneios e os anseios não impediam mais que a ilusão dela perambulasse e não a

satisfaziam mais. E assim seu suspiro soprou sobre a terra mágica e perturbou levemente as flores.

E o pai sentiu sua tristeza e sabia que isso perturbava as flores e abalava a calma que pairava sobre Elfland, embora não mais do que se um pássaro sacudisse uma cortina régia, debatendo-se em suas dobras, enquanto perambulava perdido em uma noite de verão. E, embora também soubesse que não era apenas pela Terra que ela lamentava, preferindo um caminho mundano às glórias mais essenciais de Elfland, enquanto estava sentada com ele no trono que só pode ser mencionado em canções, nada disso abalou seu coração mágico, exceto a compaixão; do mesmo modo como teríamos pena de uma criança que, em templos para nós sagrados, é encontrada suspirando por algo trivial. E, quanto mais a Terra lhe parecia indigna de tristeza, já que logo ia desaparecer, presa indefesa do tempo, uma aparição evanescente vista a partir da costa de Elfland, breve demais para o cuidado mais profundo de uma mente pesada de magia, mais ele tinha pena da filha por seus impulsos errantes que vagaram imprudentemente até aqui e se envolveram – que tristeza – com coisas passageiras. Mas, ora, ela não estava satisfeita. Ele não sentiu ira contra a Terra que seduzira suas ilusões; ela não estava satisfeita com os esplendores mais profundos de Elfland, mas suspirava por algo mais: a tremenda arte dele deveria bastar. Então ele levantou o braço direito de onde repousava: uma parte de seu trono místico feito de música e miragem. Levantou o braço direito e um silêncio caiu sobre Elfland.

As grandes folhas cessaram seu murmúrio pelas profundezas verdes da floresta; silenciosos como mármore esculpido eram os fabulosos pássaros e monstros; e os trolls marrons que corriam para a Terra pararam subitamente em silêncio. Então, do silêncio surgiram pequenos murmúrios de saudade, pequenos sons de anseio por coisas que nenhuma canção pode expressar, sons como as vozes das lágrimas se cada pequena gota salgada pudesse viver e ter uma voz para contar os caminhos do luto. E todos esses pequenos rumores

dançaram gravemente, formando uma melodia que o mestre de Elfland invocou com sua mão mágica. E a melodia contava da aurora surgindo sobre pântanos infinitos, distantes na Terra ou em algum planeta que Elfland não conhecia; saindo lentamente da escuridão profunda, da luz das estrelas e do frio intenso; impotente, gélida e triste, mal superando as estrelas; obscurecida pelas sombras do trovão e odiada por todas as coisas tenebrosas; duradoura, crescente e reluzente; até que através da escuridão dos pântanos e do frio do ar surgiu em um momento glorioso o esplendor das cores; e a aurora prosseguiu com essa coisa triunfante, e as nuvens mais pretas giraram lentamente e subiram e cavalgaram em um mar lilás, e as rochas mais escuras que guardavam a noite agora cintilavam com um brilho dourado. E, quando sua melodia não conseguiu mais expressar essa maravilha, que sempre fora alheia a todos os domínios élficos, o rei moveu a mão no alto, como se chamasse aos pássaros, e invocou uma aurora sobre Elfland, atraindo-a de algum planeta entre aqueles que ficam mais próximos do sol. E fresca e bela, apesar de vir de além dos limites geográficos e de uma era perdida havia muito tempo e de além do conhecimento da história, uma aurora brilhou sobre Elfland, que nunca tinha visto uma aurora. E as gotas de orvalho de Elfland pendiam das pontas inclinadas do gramado reunidas naquela aurora em suas minúsculas esferas e ficaram ali reluzindo e admirando aquela glória de céus como o nosso, o primeiro que eles tinham visto.

E a aurora cresceu estranha e lentamente sobre aquelas terras incomuns, derramando sobre elas as cores que dia após dia nossos narcisos, e dia após dia nossas rosas selvagens, durante todas as semanas de sua estação, bebem profundamente com assembleias voluptuosas em um tumulto absolutamente silencioso. E um brilho que era novo na floresta apareceu nas folhas compridas e estranhas, e sombras desconhecidas para Elfland escaparam das monstruosas raízes das árvores e se infiltraram no gramado que não tinha sonhado com seu advento; e os pináculos daquele palácio, percebendo uma maravilha menos encantadora do que eles, mas sabendo que era mágica, emitiram um brilho de resposta em suas janelas

sagradas, que cintilaram sobre os campos élficos como uma inspiração e misturaram um rubor rosado com o azul das Montanhas Élficas. E guardiões postados em picos magníficos, que vigiavam de seus penhascos havia séculos para que da Terra ou de alguma estrela não chegasse nenhum estranho a Elfland, viram o primeiro rubor do céu ao sentir a aurora, ergueram suas trompas e sopraram o chamado que alertou Elfland contra um estranho. E os guardiões dos vales selvagens ergueram chifres de touros fabulosos e sopraram de novo o chamado na escuridão de seus terríveis precipícios, e o eco o carregou das monstruosas faces de mármore das rochas que repetiram o chamado a toda a sua companhia bárbara; e em Elfland ecoou o aviso de que algo estranho perturbava suas fronteiras. E nesse reino assim expectante, assim vigilante, com sabres mágicos exaltados ao longo de penhascos solitários, convocados de bainhas enegrecidas por aqueles chifres para repelir um inimigo, a aurora agora se alargava, dourada, a maravilha muito antiga que conhecemos. E o palácio, com todas as maravilhas e todos os seus feitiços e encantamentos, irradiava em seu brilho azul-gelo uma glória de acolhimento ou rivalidade, acrescentando a Elfland um esplendor que apenas as canções podem expressar.

Foi então que o Rei dos Elfos moveu a mão de novo no alto, ao lado das pontas de cristal de sua coroa, e acenou para abrir uma visão através das paredes de seu palácio mágico, e mostrou a Lirazel as léguas ilimitadas de seu reino. E ela viu por magia, enquanto os dedos dele faziam aquele feitiço; as florestas verde-escuras e todos os campos de Elfland, as solenes montanhas azul-claras e os vales que os povos fantásticos protegiam, e todas as criaturas de fábulas que rastejavam na escuridão de folhas enormes, e os trolls desenfreados que se afastavam em direção à Terra. Ela viu os guardiões levantarem as trompas até os lábios, enquanto brilhava sobre elas uma luz que era o mais orgulhoso triunfo da arte oculta de seu pai, a luz de uma aurora atraída por espaços impensáveis para apaziguar sua filha e confortar seus impulsos e lembrar suas ilusões da Terra. Ela viu os gramados onde o Tempo tinha parado por séculos, sem

murchar nem uma flor em todos os canteiros floridos; e a nova luz que caía sobre os gramados que ela amava, por meio das cores intensas de Elfland, dava a eles uma beleza que nunca tinham conhecido até a aurora fazer essa jornada sem limites para encontrar o crepúsculo encantado; e o tempo todo brilhavam, cintilavam e reluziam aqueles pináculos do palácio que só as canções podem mencionar. Daquela beleza desconcertante ele desviou o olhar e encarou o rosto da filha para ver o espanto com que ela receberia seu lar glorioso quando seus devaneios voltassem dos campos da idade e da morte, para onde, infelizmente, tinham vagado. E, embora os olhos dela estivessem voltados para as Montanhas Élficas, com cujo mistério e cujo azul estranhamente combinavam, ainda assim, quando o Rei dos Elfos fitou aqueles olhos para os quais tinha atraído a aurora de tão longe de seu curso natural, ele viu em suas profundezas mágicas um pensamento da Terra! Um pensamento da Terra, embora ele tivesse levantado o braço e feito um sinal místico com todas as suas forças para trazer uma maravilha a Elfland que deveria deixá-la satisfeita com seu lar. E todos os seus domínios exultaram com isso, e os guardiões em terríveis penhascos emitiram estranhos chamados, e monstros, insetos, pássaros e flores se regozijaram com uma nova alegria, e ali, no centro de Elfland, sua filha pensava na Terra.

Se ele tivesse lhe mostrado uma maravilha diferente da aurora, poderia ter atraído a ilusão de Lirazel para casa, mas, ao trazer essa beleza exótica para Elfland para se misturar com suas maravilhas antigas, despertou lembranças de manhãs chegando sobre campos que ele não conhecia, enquanto Lirazel, em devaneios, mais uma vez brincou com Órion nos campos onde cresciam as flores terrenas e desencantadas entre os gramados ingleses.

— Não é suficiente? — perguntou ele com sua voz mágica estranha e profunda e apontou para suas vastas terras com os dedos que invocavam maravilhas.

Ela suspirou: não era suficiente.

E a tristeza desceu sobre aquele rei encantado: ele tinha apenas a filha, e ela suspirava pela Terra. Houve uma época em que uma rainha reinava com ele sobre Elfland; mas ela era mortal e, sendo mortal, tinha morrido. Pois ela costumava se desgarrar para as colinas da Terra para rever as flores de maio ou para ver as faias no outono; e, embora ficasse apenas um dia quando ia aos campos que conhecemos e voltasse para o palácio além do crepúsculo antes de nosso sol se pôr, ainda assim o Tempo a encontrava sempre que ela vinha; e assim ela definhou e logo morreu em Elfland, pois era apenas uma mortal. E os elfos intrigados a enterraram como se enterram as filhas dos homens. E agora o rei estava sozinho com a filha, e ela havia acabado de suspirar pela Terra. A tristeza caiu sobre ele, mas na escuridão dessa tristeza surgiu, como acontece com os homens com frequência, e subiu cantando em sua mente pesarosa, uma inspiração cintilante de risos e alegria. Ele se levantou e ergueu os dois braços, e sua inspiração se espalhou com música por Elfland. E, com o fluxo daquela música, surgiu, como a força do mar, um impulso de se levantar e dançar ao qual ninguém em Elfland resistiu. Ele acenava de modo solene com os braços e a música saía flutuando dali; e tudo que espreitava pela floresta, e tudo que rastejava sobre as folhas, tudo que pulava entre alturas escarpadas ou navegava por hectares de lírios, tudo em todos os tipos de lugares, sim, o sentinela protegendo sua presença, os guardiões solitários da montanha e os trolls que corriam em direção à Terra, todos dançavam com uma melodia feita do espírito da primavera, chegando em uma manhã terrena entre felizes rebanhos de cabras.

E os trolls agora estavam muito perto da fronteira, os rostos já franzidos para rir dos costumes dos homens; corriam com toda a avidez de pequenas coisas fúteis passando pelo crepúsculo que fica entre Elfland e a Terra: agora eles não avançavam mais, apenas planavam em círculos e espirais intrincadas, dançando como os mosquitos nas noites de verão dançam sobre os campos que conhecemos. E monstros sérios de fábula nas profundezas da floresta de samambaias dançavam minuetos que as bruxas tinham criado com seus impulsos e risos havia muito,

muito tempo na sua juventude, antes de as cidades virem ao mundo. E as árvores da floresta levantaram pesadamente as raízes lentas do chão e se balançaram sobre elas sem dó e depois dançaram como se estivessem apoiadas em garras monstruosas, e os insetos dançaram nas enormes folhas agitadas. E, na escuridão de longas cavernas, coisas estranhas em reclusão encantada saíram do sono eterno e dançaram na umidade.

E, ao lado do rei mago estava, balançando levemente no ritmo que tinha feito todas as coisas mágicas dançarem, a Princesa Lirazel com aquele brilho fraco no rosto que reluzia de um sorriso oculto; pois ela sorria eternamente em segredo com o poder de sua grande beleza. E, de repente, o Rei dos Elfos ergueu a mão mais alto, manteve-a ali e parou tudo que dançava em Elfland, e prendeu por uma repentina reverência todas as coisas mágicas, e enviou sobre Elfland uma melodia feita de notas que ele tinha capturado de inspirações itinerantes que cantam e se dispersam pelo azul límpido além de nossas costas terrenas: e todo o reino ficou imerso na magia daquela música estranha. E as coisas selvagens que a Terra tinha conjecturado e as coisas escondidas até das lendas foram persuadidas a entoar canções milenares que suas memórias tinham esquecido. E coisas fabulosas do ar foram atraídas de grandes alturas para baixo. E emoções desconhecidas e impensadas perturbaram a calma de Elfland. O fluxo da música pulsava com ondas maravilhosas contra as encostas das graves Montanhas Élficas azuis, até que seus precipícios emitissem estranhos ecos de bronze. Na Terra, não se ouvia nenhum barulho de música nem de eco: nem uma nota atravessou a estreita fronteira do crepúsculo, nem um som, nem um murmúrio. Em outros lugares, essas notas subiam e passavam como raras mariposas estranhas por todos os campos do Céu e cantarolavam como lembranças incontroláveis das almas dos abençoados; e os anjos ouviam essa música, mas eram proibidos de invejá-la. E, embora não chegasse à Terra e embora nossos campos nunca tivessem escutado a música de Elfland, ainda existiam, como sempre houve em todas as épocas, para que o desespero não

acomettesse os povos da Terra, aqueles que faziam canções para a necessidade da nossa tristeza e da nossa risada: e nem mesmo eles ouviram uma nota de Elfland através da fronteira do crepúsculo que extermina seu som, mas sentiram em suas mentes a dança daquelas notas mágicas e as escreveram, e os instrumentos terrenos as tocaram; nunca até então tínhamos ouvido a música de Elfland.

Por um tempo, o Rei dos Elfos controlou todas as coisas que lhe deviam lealdade e todos os seus desejos, maravilhas, medos e sonhos, boiando sonolentos em ondas de músicas que não eram feitas com sons da Terra, mas com a substância obscura na qual os planetas flutuam, com muitas outras maravilhas que somente a magia conhece. E então, enquanto Elfland absorvia a música como a nossa Terra bebia uma chuva suave, ele se voltou para a filha com um olhar que dizia:

— Que terra é tão bela quanto a nossa?

E ela se virou para ele e disse:

— Este é o meu lar eterno.

Seus lábios estavam abertos para dizer isso e o amor brilhava no azul de seus olhos élficos; ela estendia as belas mãos em direção ao pai quando ouviram o som do chifre de um caçador esgotado, soprando cansado na fronteira da Terra.

XXVI

O chifre de Alveric

Do norte até as terras solitárias ao longo de anos cansativos Alveric vagou, onde fragmentos de sua tenda cinza e estreita, agitados ao vento, acrescentavam tristeza às noites frias. E as pessoas em fazendas solitárias, ao acenderem as luzes de suas casas, com as pilhas de feno começando a escurecer contra o verde claro do céu, às vezes ouviam claramente o bater dos martelos de Niv e Zend através do silêncio da terra que ninguém mais pisou. E os filhos, que espiavam das janelas para ver se tinha surgido uma estrela, talvez vissem a estranha forma cinzenta daquela tenda acenando seus farrapos sobre a última sebe, onde um momento antes havia apenas o cinza do crepúsculo. Na manhã seguinte, haveria palpites e questionamentos, e a alegria e o medo das crianças, e os contos que os mais velhos lhes contaram, e as explorações furtivas à margem dos campos dos homens, olhares tímidos através das aberturas verde-escuras na última sebe (embora fosse proibido olhar para o leste), boatos e expectativas; e todas essas coisas foram misturadas por essa maravilha que vinha do leste e, assim, viraram uma lenda que viveu por muitos anos além daquela manhã; mas Alveric e sua tenda teriam desaparecido.

Assim, dia após dia, estação após estação, aquela companhia seguia em frente, o homem solitário e sem par, o rapaz lunático e o louco, e aquela velha tenda cinza com sua vara comprida e retorcida. E todas as estrelas se tornaram conhecidas por eles, e todos os quatro ventos familiares, e a chuva, a névoa e o granizo, mas ao fluxo de janelas amarelas, quente e bem-vindo à noite, eles só sabiam dizer adeus: com a primeira luz do primeiro frio da aurora, Alveric acordava de sonhos impacientes, e Niv se levantava gritando, e eles seguiam

a louca cruzada antes que qualquer sinal de despertar aparecesse nas silenciosas empenas indistintas. E todas as manhãs Niv profetizava que eles certamente encontrariam Elfland; e os dias foram passando, e também os anos.

Thyl os tinha deixado havia muito; Thyl, que profetizou a vitória para eles em canções ardentes, cujas inspirações animaram Alveric nas noites mais frias e o conduziram pelos caminhos mais pedregosos; Thyl, que de repente cantou em certa noite canções sobre o cabelo de uma jovem; Thyl, que deveria ter liderado as andanças. E então, um dia, no crepúsculo, um melro cantando, as flores de maio florescendo por quilômetros, ele se virou para as casas dos homens, se casou com a donzela e deixou de fazer parte do bando de viajantes.

Os cavalos estavam mortos; Niv e Zend carregavam tudo que tinham na vara. Muitos anos tinham se passado. Em uma manhã de outono, Alveric deixou o acampamento para ir às casas dos homens. Niv e Zend se entreolharam. Por que Alveric deveria buscar os caminhos dos outros? De um jeito ou de outro, suas mentes loucas descobriram seu propósito mais rapidamente do que intuições sensatas. Não tinha ele as profecias de Niv para guiá-lo, e as coisas que Zend tinha ouvido da lua cheia sob juramento?

Alveric chegou às casas dos homens e, das pessoas que questionou, poucas sequer falaram sobre as coisas que havia no leste, e, se ele falasse dos reinos por onde vagara durante anos, elas prestavam tão pouca atenção como se ele estivesse dizendo que tinha montado sua tenda nas camadas coloridas de ar que brilhavam, flutuavam e escureciam no céu baixo sobre o pôr do sol. E as poucas que responderam disseram apenas uma coisa: que só os magos sabiam.

Quando soube disso, Alveric voltou dos campos e das sebes e retornou à sua velha tenda cinza nas terras nas quais ninguém pensava; e Niv e Zend ficaram ali em silêncio, olhando-o de esguelha, pois sabiam que ele desconfiava da loucura e das coisas ditas pela lua. E, no dia seguinte, quando transferiram o

acampamento no frio da madrugada, Niv liderou o caminho sem gritar.

Eles não tinham passado muitas semanas a mais na curiosa jornada quando Alveric encontrou certa manhã, na beira dos campos que os homens cuidavam, alguém enchendo seu balde em um poço, com um chapéu cônico, fino e alto e o ar místico que proclamavam que ele certamente era um mago.

— Mestre — disse Alveric — das artes que os homens temem, tenho uma pergunta que gostaria de fazer sobre o futuro.

E o mago virou-se do balde para encarar Alveric com olhos duvidosos, pois a figura esfarrapada do viajante parecia não prometer as taxas que são pagas por aqueles que questionam justamente o futuro. E o mago nomeou as taxas tais como são. E a carteira de Alveric continha aquilo que baniu as dúvidas do mago. Ele indicou onde a ponta da sua torre espiava por cima de um grupo de murtas e pediu que Alveric fosse até sua porta quando a estrela vespertina aparecesse; e, naquela hora propícia, deixaria o futuro claro para ele.

E, mais uma vez, Niv e Zend sabiam muito bem que seu líder seguia sonhos e mistérios que não vinham da loucura nem da lua. E ele os deixou sentados imóveis e sem dizer nada, mas com as mentes cheias de visões ferozes.

No ar pálido, à espera da estrela vespertina, Alveric andou pelos campos de que os homens cuidavam e chegou à porta de carvalho escuro da torre do mago, na qual as murtas roçavam a cada brisa. Um jovem aprendiz de magia abriu a porta e, pelos degraus de madeira antigos que os ratos conheciam melhor do que os homens, conduziu Alveric ao aposento do mago.

O mago usava uma capa de seda preta, que considerava apropriada ao futuro; sem ela, ele não questionaria os anos vindouros. E, quando o jovem aprendiz saiu, ele se aproximou de um volume sobre uma mesa alta e voltou-se para Alveric para perguntar o que procurava no futuro. E Alveric perguntou como conseguiria chegar a Elfland. Então o mago abriu a capa escura do grande livro e virou as páginas, e por um longo tempo todas

as páginas que ele virava estavam vazias, mas mais adiante apareceram muitos escritos, embora de nenhum tipo que Alveric já tivesse visto. E o mago explicou que livros como esses falavam de todas as coisas; mas que ele, preocupado apenas com os anos futuros, não precisava ler o passado e, portanto, adquiriu um livro que só falava do futuro; embora pudesse ter conseguido mais do que isso no Colégio de Magia, se tivesse estudado as loucuras já cometidas pelo homem.

Então ele leu por um tempo no livro, e Alveric ouviu os ratos retornando suavemente às ruas e às casas que tinham feito nas escadas. E o mago encontrou o que procurava no futuro e disse a Alveric que estava escrito no livro que ele jamais chegaria a Elfland enquanto carregasse uma espada mágica.

Quando Alveric ouviu isso, pagou as taxas do mago e foi embora triste. Pois conhecia os perigos de Elfland, que nenhum sabre comum forjado nas bigornas dos homens jamais conseguiria evitar. Não sabia que a magia existente em sua espada deixava um sabor ou aroma no ar como o do relâmpago, que atravessava a fronteira do crepúsculo e se espalhava por Elfland, nem sabia que o Rei dos Elfos descobria sua presença assim e atraía sua fronteira para longe dele, para que Alveric não perturbasse mais seu reino; mas acreditou no que o mago tinha lido no livro e foi embora com tristeza. E, deixando os degraus de carvalho para o tempo e para os ratos, ele passou pelo bosque de murtas e pelos campos dos homens e voltou àquele local melancólico onde sua tenda cinza meditava desolada no deserto, maçante e silenciosa como Niv e Zend sentados ao lado dela. Depois disso, eles se viraram e caminharam para o sul, pois todas as viagens agora pareciam igualmente sem esperança para Alveric, que não desistiria de sua espada para enfrentar perigos mágicos sem ajuda mágica; e Niv e Zend obedeceram silenciosamente, não mais o guiando com profecias delirantes nem com as coisas ditas pela lua, pois sabiam que ele tinha se consultado com outro.

Por caminhos cansados, com andanças solitárias, eles seguiram muito até o sul, e a fronteira de Elfland nunca aparecia

com suas densas camadas de crepúsculo; no entanto, Alveric nunca desistiria de sua espada, pois sabia muito bem que Elfland temia sua magia e tinha pouca esperança de recuperar Lirazel com qualquer lâmina que fosse terrível apenas para os homens. E, depois de um tempo, Niv profetizou de novo, e Zend chegava tarde nas noites de lua cheia para acordar Alveric com suas histórias. E, apesar de todo o mistério que havia em Zend quando ele falava, e apesar de toda a exultação de Niv quando profetizava, Alveric já sabia que os contos e profecias eram vazios e fúteis e que nenhum deles jamais o levaria a Elfland. Com esse conhecimento pesaroso em uma terra desolada, ele ainda acampava ao amanhecer, ainda marchava, ainda procurava a fronteira, e assim os meses se passaram.

E um dia, no local em que a extremidade da Terra era uma charneca selvagem e desprezada descendo para o deserto rochoso em que Alveric tinha acampado, ele viu ao entardecer uma mulher de chapéu e capa de bruxa varrendo a charneca com uma vassoura. E cada vassourada que ela dava enquanto varria a charneca era para longe dos campos que conhecemos, para o deserto rochoso, para o leste em direção a Elfland. Grandes rajadas de terra preta e seca e lufadas de areia sopravam em direção a Alveric a cada vassourada poderosa. Ele saiu do triste acampamento e caminhou em sua direção, e ficou ali perto, observando-a varrer, mas ainda assim ela se empenhava no trabalho vigoroso, afastando-se por trás da poeira dos campos que conhecemos e varrendo enquanto caminhava. E, depois de um tempo, ela levantou o rosto enquanto varria e olhou para Alveric, e ele viu que era a bruxa Ziroonderel. Depois de todos esses anos, viu a bruxa de novo, e ela percebeu, sob os farrapos de sua capa, a espada que tinha feito para ele tempos atrás em sua colina. A bainha de couro não permitiu esconder da bruxa que aquela era a mesma espada, pois ela conhecia o aroma de magia que subia de leve e flutuava pelo entardecer.

— Mãe Bruxa! — disse Alveric.

E ela se abaixou numa reverência a ele, apesar de ser mágica e estar envelhecida pelo passar dos anos desde o tempo

do pai de Alveric; e, embora muitos em Erl já tivessem esquecido seu soberano, ela não havia esquecido.

Ele perguntou o que ela estava fazendo ali, na charneca com a vassoura ao entardecer.

— Varrendo o mundo — respondeu ela.

E Alveric pensou em quais coisas rejeitadas ela estava varrendo para longe do mundo, com a poeira cinzenta girando e revirando desolada enquanto flutuava pelos nossos campos, indo lentamente para a escuridão que se acumulava além das nossas fronteiras.

— Por que você está varrendo o mundo, Mãe Bruxa? — indagou ele.

— Há coisas no mundo que não deveriam estar aqui — disse ela.

Ele olhou melancólico para as nuvens cinza da vassoura que flutuavam em direção a Elfland.

— Mãe Bruxa — disse ele —, posso ir também? Procurei Elfland durante doze anos e não encontrei nem um vislumbre das Montanhas Élficas.

E a velha bruxa o fitou com delicadeza, e depois olhou para a espada dele.

— Ele tem medo da minha magia — disse ela; e o pensamento ou o mistério surgiu em seus olhos enquanto falava.

— Quem? — perguntou Alveric.

E Ziroonderel baixou os olhos.

— O rei — respondeu ela.

E contou como aquele monarca encantado se afastava de tudo que o havia derrotado uma vez, e levava consigo tudo que tinha, sem nunca tolerar a presença de outra magia semelhante à dele.

E Alveric não conseguiu acreditar que aquele rei se importava tanto com a magia que ele tinha em sua velha bainha

preta.

— É o costume dele — comentou ela.

E ele não acreditou que tinha afastado Elfland.

— Ele tem o poder — disse ela.

E Alveric mesmo assim enfrentaria esse rei terrível e todos os poderes que ele tinha; mas o mago e a bruxa o tinham avisado que não poderia ir com sua espada, e como passar desarmado pela floresta cinzenta contra o palácio maravilhoso? Pois ir para lá com qualquer espada das bigornas humanas era simplesmente como ir desarmado.

— Mãe Bruxa — ele chorou. — Não posso mais ir a Elfland?

E a nostalgia e a tristeza em sua voz tocaram o coração da bruxa e o levaram a uma piedade mágica.

— Você deve ir — disse ela.

Ele ficou ali, meio desesperado naquele entardecer triste, meio sonhando com Lirazel, enquanto a bruxa tirava de baixo da capa um pequeno peso falso que uma vez pegara de um vendedor de pão.

— Passe isto ao longo da lâmina da sua espada toda — disse ela —, do cabo para a ponta, e isso vai desencantar a lâmina, e o rei nunca vai saber que a espada está lá.

— Ela ainda vai lutar por mim? — indagou Alveric.

— Não — respondeu a bruxa. — Mas, quando ultrapassar a fronteira, pegue este manuscrito e passe em todos os pontos da lâmina em que o peso falso tiver tocado. — E ela remexeu embaixo da capa de novo e pegou um poema em pergaminho. — Isso vai encantá-la novamente — disse ela.

E Alveric pegou o peso e a coisa escrita.

— Não deixe os dois se tocarem — avisou a bruxa.

E Alveric os manteve separados.

— Quando tiver ultrapassado a fronteira — disse ela —, ele poderá mover Elfland para onde quiser, mas você e a espada

estarão dentro das fronteiras do reino.

— Mãe Bruxa — disse Alveric —, ele vai ficar furioso com você se eu fizer isso?

— Furioso! — disse Ziroonderel. — Furioso? Ele vai enlouquecer com uma fúria absoluta, além do poder dos tigres.

— Não quero causar isso para você, Mãe Bruxa! — disse Alveric.

— Rá! — disse Ziroonderel. — E eu me importo?

A noite já estava avançando, e a charneca e o ar estavam escurecendo como a capa da bruxa. Ela estava rindo e se fundindo à escuridão. E logo a noite era toda escuridão e riso; mas ele não conseguia ver nenhuma bruxa.

Então Alveric voltou para o acampamento rochoso perto da luz da fogueira solitária.

E, assim que a manhã apareceu na desolação e todas as pedras inúteis começaram a brilhar, ele pegou o peso falso e o esfregou suavemente nos dois lados da espada, até toda a lâmina mágica ficar desencantada. E fez isso na tenda enquanto seus seguidores dormiam, pois não queria que soubessem que ele tinha procurado uma ajuda que não provinha dos delírios de Niv nem de um pronunciamento que Zend recebera da lua.

No entanto, o sono conturbado da loucura não é tão profundo a ponto de Niv não vê-lo com um olhar astucioso e selvagem quando ouviu o peso falso raspando suavemente a espada.

E, depois que isso foi feito em segredo e observado em segredo, Alveric chamou os dois homens, e eles vieram e dobraram a barraca esfarrapada, pegaram a vara comprida e penduraram seus pertences patéticos nela; e Alveric seguiu pela borda dos campos que conhecemos, impaciente para finalmente chegar à terra que o iludia havia tanto tempo. E Niv e Zend ficaram para trás com a vara entre os dois, com pacotes balançando ali e farrapos voando.

Seguiram um pouco para o interior, em direção às casas dos homens, para comprar a comida de que precisavam; e à tarde compraram de um fazendeiro que morava em uma casa solitária, tão perto da borda dos campos que conhecemos que devia ser a última casa do mundo visível. E ali compraram pão e aveia, queijo e presunto e outras coisas assim, e as colocaram em sacos e as penduraram na vara; deixaram o fazendeiro e se afastaram dos seus campos e de todos os campos dos homens. E, no fim da tarde, viram, pouco acima de uma sebe, iluminando a terra com um brilho estranho e suave que sabiam não pertencer a esta Terra, a barreira do crepúsculo que é a fronteira de Elfland.

— Lirazel! — gritou Alveric e sacou a espada e entrou no crepúsculo. E atrás dele estavam Niv e Zend, com todas as suspeitas agora transformadas em ciúme das inspirações ou magias que não eram deles.

Ele chamou Lirazel uma vez; depois, confiando pouco em sua voz naquela terra estranha e ampla, ergueu o chifre de caçador pendurado ao seu lado em uma alça, levou-o aos lábios e tocou um chamado cansado de tanta perambulação. Ele estava parado na borda da fronteira; o chifre brilhava sob a luz de Elfland.

Então Niv e Zend largaram a vara naquele crepúsculo sobrenatural, onde ficou jazendo como os destroços de um mar desconhecido, e de repente agarraram seu mestre.

— Um reino de sonhos! — disse Niv. — Já não tenho sonhos suficientes?

— Não existe lua lá! — gritou Zend.

Alveric atingiu Zend no ombro com a espada, mas ela estava desencantada e cega e só o machucou um pouco. Então os dois pegaram a espada e arrastaram Alveric para trás. E a força do louco era maior do que se podia acreditar. Eles o arrastaram de volta para os campos que conhecemos, onde os dois eram estranhos e tinham ciúmes de outras estranhezas, e o levaram

para longe da vista das montanhas azul-claras. Ele não tinha entrado em Elfland.

Mas seu chifre tinha ultrapassado a fronteira e perturbado o ar de Elfland, emitindo através de sua calma sonhadora uma nota terrena longa e triste: foi esse chifre que Lirazel ouviu enquanto falava com o pai.

XXVII

O retorno de Lurulu

Sobre o vilarejo e o Castelo de Erl, e através de cada nicho e fenda dele, a primavera passou; uma leve bênção que santificava o próprio ar e buscava todas as coisas vivas, sem deixar passar nem mesmo as minúsculas plantas que moravam nos locais mais isolados, sob beirais, nas rachaduras de velhos barris ou nas linhas de argamassa que continham antigas fileiras de pedras. E, nessa estação, Órion não caçou nenhum unicórnio; não que ele soubesse em que estação os unicórnios se reproduziam em Elfland, onde o tempo não é o mesmo que aqui; mas por causa de um sentimento que herdara de todos os seus antepassados terrenos contra caçar qualquer criatura nessa estação de canções e flores. Assim, cuidou dos sabujos e observava com frequência as colinas, esperando todos os dias pelo retorno de Lurulu.

E a primavera passou e as flores do verão cresceram, e mesmo assim não havia sinal de retorno do troll, pois o tempo percorre os vales de Elfland como nenhum campo humano. E durante muito tempo Órion contemplou o evanescer das tardes até a linha das colinas ficar preta, mas nunca via as pequenas cabeças redondas de trolls balançando pelas encostas.

E os longos ventos outonais vieram suspirando de terras frias e encontraram Órion ainda esperando Lurulu; e a bruma e as folhas balouçantes falaram ao seu coração sobre a caça. E os sabujos estavam choramingando pelos espaços abertos e pela linha de aroma como um caminho misterioso que atravessava o mundo inteiro, mas Órion não queria caçar nada menos que unicórnios e continuou esperando seus trolls.

E um desses dias terrenos, com uma ameaça de geada no ar e um pôr do sol escarlate, a conversa de Lurulu com os trolls na floresta terminada e uma fuga mais rápida do que a corrida das lebres tendo levado todos eles até a fronteira em pouco tempo, aqueles nos nossos campos que olhavam (como raramente faziam) em direção àquela fronteira misteriosa onde a Terra terminava poderiam ter visto as formas raras e ágeis dos trolls caminhando cinzentas ao longo do entardecer. Eles vieram descendo, troll após troll, dos saltos altíssimos que davam na fronteira do crepúsculo; e, aterrissando assim, sem nenhuma cerimônia, nos nossos campos, vinham pulando, dando cambalhotas e correndo, com acessos de risos insolentes, como se essa fosse uma maneira apropriada de abordar o menor dos planetas.

Eles passaram farfalhando pelas pequenas casas como o vento atravessando a palha, e ninguém que ouviu o leve som de sua passagem sabia como eles eram excêntricos, exceto os cães, cujo trabalho é observar e que conhecem as coisas que passam e seu grau de distanciamento dos homens. Para ciganos, mendigos e tudo que vive sem casa, os cães latem sempre que passam; para as coisas selvagens da floresta, latem com maior aversão, conhecendo bem o desprezo rebelde que elas têm pelos homens; para a raposa, por sua pitada de mistério e suas andanças distantes, latem mais furiosamente: mas esta noite os latidos dos cães estavam além de toda aversão e fúria; muitos agricultores acreditaram que seu cachorro estava sufocando.

E, passando por esses campos, sem rir da corrida desajeitada e assustada das ovelhas, pois estavam guardando seu riso para os homens, eles logo chegaram aos despenhadeiros acima de Erl; e lá embaixo havia a noite e a fumaça dos homens, juntos num único cinza. E, sem saber por que pequenos motivos a fumaça subia, aqui de uma mulher fervendo uma chaleira com água, ali porque alguém secava o vestido de uma criança ou para que alguns homens velhos pudessem aquecer as mãos ao entardecer, os trolls evitaram rir

como planejavam fazer assim que se encontrassem com as coisas do homem. Talvez até eles, cujos pensamentos mais graves ficavam pouco abaixo da superfície do riso, estivessem um pouco admirados com a estranheza e a proximidade do homem que dormia ali em seu vilarejo, com toda a fumaça ao redor. Embora a admiração nessas mentes leves não repouse por mais tempo do que o esquilo nos finos galhos mais extremos.

Depois de algum tempo, eles ergueram os olhos do vale, e o céu ocidental ainda brilhava sobre o fim do crepúsculo, uma pequena faixa de cor e luz agonizante, tão adorável que eles acreditaram que havia outra terra élfica do outro lado do vale, duas terras élficas mágicas diáfanas e indistintas cercando o vale e poucos campos de homens de cada lado. E, sentados ali na encosta, olhando para o oeste, a próxima coisa que viram foi uma estrela: era Vênus baixa no oeste, repleta de azul. E todos inclinaram a cabeça muitas vezes para esse belo e desconhecido azul-claro; pois, embora a polidez fosse rara entre eles, viram que a Estrela Vespertina não era nada da Terra nem era assunto dos homens, e acreditaram que tinha saído daquela terra élfica que eles não conheciam no lado ocidental do mundo. E mais e mais estrelas apareceram, até os trolls ficarem assustados, pois nada sabiam dessas andarilhas cintilantes que poderiam surgir furtivamente na escuridão e brilhar.

— Há mais trolls do que estrelas — disseram a princípio e se sentiram reconfortados, já que confiavam muito nos números. Mas logo havia mais estrelas do que trolls; e os trolls ficaram pouco à vontade sentados no escuro sob toda aquela profusão. Mas, naquele momento, esqueceram a ilusão que os incomodava, pois nenhum pensamento permanecia com eles por muito tempo. Em vez disso, voltaram sua atenção para as luzes amarelas que reluziam aqui e ali no lado oposto do cinza, onde havia casas de homens, quentes e aconchegantes, perto dos trolls. Um besouro passou, e eles silenciaram a conversa para ouvir o que ele diria; mas ele seguiu zumbindo, indo para casa, e eles não conheciam sua língua. Um cachorro distante latia incessantemente e enchia toda a noite tranquila com um alerta. E

os trolls ficaram zangados com o som de sua voz, pois sentiram que ele interferia entre eles e os homens. Uma brancura suave saiu da noite e se acendeu no galho de uma árvore, e inclinou a cabeça para a esquerda e olhou para os trolls, depois inclinou a cabeça para a direita e olhou de novo, voltando à esquerda mais uma vez, pois ainda não tinha certeza do que eles eram.

— Um corujo — disse Lurulu; e muitos além de Lurulu já tinham visto outros daquela espécie, pois as corujas voam muito ao longo da fronteira de Elfland. Logo ele se foi e eles o ouviram caçar pelas colinas e pelas tocas; e não restou nenhum som a não ser as vozes dos homens ou os gritos estridentes das crianças e o latido do cachorro que advertia os homens contra os trolls.

— Um sujeito sensato — disseram sobre o corujo, pois gostavam do som da voz dele; mas as vozes dos homens e seus cães pareciam confusas e cansativas.

Às vezes eles viam as luzes de viajantes tardios cruzando as encostas em direção a Erl ou ouviam homens que se animavam na noite solitária cantando, em vez de usar a luz da lanterna. E esse tempo todo a Estrela Vespertina cresceu e grandes árvores ficaram cada vez mais pretas.

Então, sob a fumaça e a bruma do córrego, soou de repente o sino de bronze do Frei na noite profunda no vale. A noite e as encostas de Erl e as colinas escuras ecoaram com ele; e os ecos subiram até os trolls e pareceram desafiá-los, com todas as coisas amaldiçoadas e os espíritos e corpos errantes não abençoados pelo Frei.

E o som solene desses ecos se espalhando sozinhos durante a noite, de cada toque pesado do sino sagrado, animou aquele grupo de trolls em meio a toda a estranheza da Terra, pois tudo que é solene sempre leva os trolls à leviandade. Eles ficaram mais alegres e riram entre si.

E, enquanto ainda observavam toda aquela multidão de estrelas, imaginando se eram amigáveis, o céu ficou azul-acinzentado, e as estrelas do leste definharam, e a bruma e a

fumaça dos homens ficaram brancas, e um brilho tocou a outra extremidade do vale; e a lua surgiu sobre as encostas atrás dos trolls. Então vozes cantaram no lar sagrado do Frei, entoando as matinas da lua, que costumavam ser cantadas nas noites de lua cheia, enquanto a lua ainda estava baixa. E esse ritual eles chamavam de manhã da lua. O sino parou, as vozes casuais não falavam mais, elas calaram o cachorro no vale e silenciaram seu alerta, e sozinha, grave e solene a canção daquelas pessoas flutuava diante das velas em seu pequeno e quadrado lar sagrado, construído em pedra cinza por homens que estavam mortos havia eras e eras; toda solene, a canção brotou no momento do nascimento da lua, grave como a noite, misteriosa como a lua cheia, e repleta de um significado que estava muito além dos pensamentos mais elevados dos trolls. Então os trolls saltaram de uma só vez do gramado coberto de geada das colinas e desceram juntos o vale para rir dos costumes dos homens, zombar de suas coisas sagradas e desafiar seu canto com leviandade.

Muitos coelhos se levantaram e fugiram em disparada, e os trolls tiveram surtos de riso com o medo deles. Um meteoro brilhou a oeste, correndo atrás do sol; um presságio para avisar ao povoado de Erl que pessoas de além das fronteiras da Terra se aproximavam ou para cumprir alguma lei natural. Para os trolls, parecia que uma das estrelas orgulhosas tinha caído, e eles se alegraram com uma leviandade élfica.

Assim, chegaram rindo durante a noite e correram pelas ruas do vilarejo, sem serem vistos, como qualquer criatura selvagem que passeie tarde pela escuridão; e Lurulu os conduziu até o pombal, e todos entraram correndo e escalando. Surgiram rumores no vilarejo de que uma raposa tinha entrado pulando no pombal, mas cessaram assim que os pombos voltaram para suas casas, e o povo de Erl não teve mais nenhum indício, até a manhã, de que algo de além das fronteiras da Terra tinha entrado no vilarejo.

Formando uma massa marrom mais densa do que um amontoado de porquinhos comendo num cocho, os trolls

apinharam o chão da casa dos pombos. E o tempo passou sobre eles como sobre todas as coisas terrenas. E eles sabiam, apesar de sua inteligência minúscula, que, ao atravessarem a fronteira do crepúsculo, incorriam no desperdício de tempo; pois nada habita à beira de um perigo e vive ignorante de sua ameaça: assim como os coelhos em altitudes rochosas conhecem o perigo do penhasco, os que habitam perto da fronteira da Terra conheciam bem o perigo do tempo. E mesmo assim eles vieram. A maravilha e a sedução da Terra foram fortes demais para eles. Não acontece de muitos jovens desperdiçarem a juventude como desperdiçam a imortalidade?

E Lurulu mostrou a eles como refrear o tempo por um período, o que de outro modo os tornaria cada vez mais velhos a cada instante e os deixaria tontos com a inquietude da Terra a noite toda. Ele encolheu os joelhos, fechou os olhos e se deitou imóvel. Isso, explicou a eles, era dormir; e, advertindo-os a continuarem respirando apesar de ficarem imóveis em outros aspectos, ele dormiu de verdade: e, após algumas tentativas vãs, os trolls marrons fizeram o mesmo.

Quando a aurora chegou, acordando todas as coisas terrenas, longos raios atravessaram as trinta janelinhas e despertaram pássaros e trolls. E a massa de trolls foi até as janelas para olhar a Terra, e os pombos voaram até as vigas e lançaram olhares de soslaio para os trolls. E ali aquele monte de trolls teria ficado, amontoados sobre os ombros uns dos outros, bloqueando as janelas enquanto estudavam a variedade e a inquietude da Terra, achando-as iguais às mais estranhas fábulas que os viajantes levavam para eles dos nossos campos; e, embora Lurulu frequentemente lembrasse a eles, tinham se esquecido dos arrogantes unicórnios brancos que deviam caçar com cães.

Mas, depois de um tempo, Lurulu os fez descer do pombal e os levou até os canis. E eles escalaram as altas paliçadas e espiaram os sabujos de cima.

Quando os sabujos viram aquelas cabeças estranhas espiando por cima das paliçadas, provocaram um grande

alvoroço. E logo o povo veio ver o que perturbava os sabujos. E, quando viram aquela massa de trolls na parte superior das paliçadas, disseram uns aos outros e a todos os que ouviram a história:

— Agora existe magia em Erl.

XXVIII

Um capítulo sobre a caça aos unicórnios

Ninguém em Erl estava tão ocupado a ponto de não ir naquela manhã ver a magia recém-chegada a Elfland e comparar os trolls com tudo que os vizinhos disseram deles. E o povo de Erl olhou muito para os trolls e os trolls para o povo de Erl, e houve uma grande alegria; pois, como costuma acontecer com mentes de peso desigual, cada uma ria da outra. E os aldeões não acharam os modos insolentes dos trolls marrons, nus e ágeis mais engraçados nem alvos mais apropriados para o escárnio do que os trolls acharam os chapéus altos e sérios, as roupas curiosas e o ar solene dos aldeões.

E Órion logo veio também, e o povo do vilarejo tirou seus chapéus longos e finos; e, embora os trolls também rissem dele, Lurulu tinha encontrado seu chicote e, com ele, obrigou a turba de seus irmãos insolentes a fazer a saudação de Elfland àqueles de sua linhagem real.

Quando chegou o meio-dia, a hora da refeição, e o povo foi embora dos canis, eles voltaram para suas casas, todos glorificando a magia que finalmente chegara a Erl.

Durante os dias que se seguiram, os sabujos de Órion descobriram que era inútil perseguir um troll e imprudente rosnar para um deles; pois, além de sua velocidade élfica, os trolls conseguiam saltar no ar acima da cabeça dos cães de caça e, como cada um tinha recebido um chicote, eles podiam retribuir os rosnados com uma mira que ninguém na Terra era capaz de igualar, exceto aqueles cujos senhores carregaram um chicote com sabujos por gerações.

Certa manhã, Órion chegou ao pombal e chamou Lurulu mais cedo. Ele saiu com os trolls e eles foram para os canis. Órion abriu as portas e levou todos para o leste, subindo as encostas. Os sabujos se moviam todos juntos e os trolls com seus chicotes corriam ao lado deles, como um rebanho de ovelhas cercado por diversos collies. Foram até a fronteira de Elfland para esperar os unicórnios no ponto onde eles atravessam o crepúsculo para comer a grama terrena à noite. E, quando a nossa noite começou a suavizar os campos que conhecemos, eles chegaram à fronteira de opala que bloqueava os campos de Elfland. E ali espreitaram enquanto a escuridão da Terra crescia e esperaram os grandes unicórnios. Cada sabujo tinha seu troll ao lado, com a mão direita do troll no ombro ou no pescoço, tranquilizando-o, acalmando-o e mantendo-o imóvel, enquanto a mão esquerda segurava o chicote: o grupo estranho permaneceu ali imóvel e escureceu junto com a noite. E, quando a Terra estava tão escura e quieta quanto os unicórnios desejavam, as grandes criaturas atravessaram suavemente e penetraram bem na Terra antes que qualquer troll permitisse que seu sabujo se movesse. Assim, quando Órion deu o sinal, eles facilmente separaram um deles de seu lar élfico e o caçaram bufando sobre aqueles campos que pertencem aos homens. E a noite caiu sobre o galope mágico do animal orgulhoso, e os sabujos se intoxicaram com aquele aroma maravilhoso e com os trolls saltitando alto.

E, quando as gralhas nas torres mais altas de Erl viram o aro do sol todo vermelho sobre os campos congelados, Órion voltou das encostas com os sabujos e os trolls, carregando uma cabeça tão boa quanto um caçador de unicórnios poderia desejar. Os sabujos, cansados mas contentes, logo se enrolaram em seus canis, e Órion em sua cama; enquanto os trolls em seu pombal começaram a sentir, como nenhum deles, exceto Lurulu, jamais tinha sentido, o peso e o cansaço da passagem do tempo.

Órion dormiu o dia inteiro, assim como todos os seus sabujos, nenhum deles se importando com o modo ou a razão por que dormia; enquanto os trolls dormiam ansiosos,

adormecendo o mais rápido que podiam, na esperança de escapar da fúria do tempo, que eles temiam ter começado a atacá-los. E, naquela noite, enquanto ainda dormiam os sabujos, os trolls e Órion, o parlamento de Erl se encontrou outra vez na forja de Narl.

Da forja até a sala interna vieram os doze anciãos, esfregando as mãos e sorrindo, corados de tanta saúde e do forte vento do norte e da alegria de seus pressentimentos; pois finalmente estavam satisfeitos porque seu soberano certamente era mágico e previam grandes feitos em Erl.

— Folklings — disse Narl a todos os compadres, nomeando-os assim por um costume antigo —, não está tudo finalmente bem para nós e nosso vale? Vejam como está do jeito que planejamos há tanto tempo. Pois nosso soberano é mágico, como todos desejamos, e coisas mágicas vieram de lá atrás dele e todos obedecem aos seus comandos.

— É verdade — disseram todos menos Gazic, um criador de gado.

Erl era pequena e velha e fora do caminho, isolada em seu vale profundo, despercebida na história; e os doze homens amavam aquele lugar e queriam torná-lo famoso. E agora se regozijavam ao ouvir as palavras de Narl:

— Qual outro vilarejo — disse ele — tem negócios com o outro lado?

E Gazic, embora se alegrasse com o resto, levantou-se em uma pausa da alegria geral.

— Muitas coisas estranhas — disse ele — entraram no nosso vilarejo vindas de lá. E pode ser que o povo humano seja melhor, e também os costumes dos campos que conhecemos.

Oth o tratou com desdém, assim como Threl.

— A magia é melhor — disseram todos.

E Gazic ficou calado outra vez e não levantou mais a voz contra todos; e o hidromel passou de mão em mão, e todos

falaram da fama de Erl; e Gazic esqueceu seu estado de espírito e o medo que havia nele.

No meio da noite eles se regozijaram, saboreando o hidromel e, com sua ajuda humilde, contemplaram os anos do futuro, até o ponto em que isso pode ser feito pelos olhos dos homens. No entanto, todo o regozijo foi abafado e as vozes diminuíram para que os ouvidos do Frei não os escutassem; pois a alegria chegava a eles de terras que estavam além do pensamento da salvação, e eles tinham depositado a confiança na magia, contra a qual, como sabiam, ecoavam todas as notas que saíam do sino do Frei sempre que tocava ao entardecer. E separaram-se tarde da noite, glorificando a magia em tons baixos, e voltaram secretamente para suas casas, pois temiam a maldição que o Frei tinha invocado sobre os unicórnios, e não sabiam se seus próprios nomes poderiam se envolver em uma das maldições invocadas sobre as coisas mágicas.

Durante todo o dia seguinte, Órion descansou os sabujos, e os trolls e o povo de Erl se entreolharam. Mas, no dia seguinte, Órion pegou sua espada e reuniu seu bando de trolls e sua matilha de sabujos, e todos partiram mais uma vez para o alto das encostas para voltar à fronteira nebulosa de opala e espreitar os unicórnios que chegavam ao entardecer.

Chegaram a uma parte da fronteira longe do local que tinham perturbado apenas três noites antes; e Órion foi guiado pelos trolls tagarelantes, pois eles conheciam bem os redutos dos unicórnios solitários. E o entardecer da Terra chegou imenso e silencioso, até tudo escurecer como o crepúsculo; e não ouviram nem um passo dos unicórnios, nem um vislumbre de sua brancura. E, no entanto, os trolls tinham guiado Órion bem, pois quando estava a ponto de perder a esperança de uma caçada naquela noite, quando o entardecer parecia total e absolutamente vazio, um unicórnio apareceu na extremidade terrena do crepúsculo, onde não havia nada apenas um instante antes: logo ele se adiantou lentamente pelo gramado terreno alguns metros à frente nos campos dos homens.

Outro o seguiu, adiantando-se alguns metros também; e eles ficaram ali durante quinze dos nossos minutos terrenos, imóveis exceto pelas orelhas. E tudo isso enquanto os trolls calavam todos os sabujos, imóveis sob uma sebe dos campos que conhecemos. A escuridão os tinha escondido quando os unicórnios finalmente se moveram. E, assim que o maior estava longe o suficiente da fronteira, os trolls soltaram todos os sabujos e correram com eles atrás do unicórnio com gritos estridentes de escárnio, todos certos de sua cabeça altiva.

Mas as mentes pequenas e rápidas dos trolls, embora tivessem aprendido muito sobre a Terra, ainda não tinham entendido a irregularidade da lua. A escuridão era nova para eles, e logo perderam seus sabujos. Órion, ansioso por caçar, não escolhera uma noite adequada: não havia lua e não haveria até a manhã seguinte. Logo ele também ficou para trás.

Órion reuniu os trolls com facilidade, a noite estava cheia de seus barulhos incoerentes, e os trolls seguiram o som de seu chifre, mas nenhum sabujo deixaria aquele aroma mágico pungente pelo chamado de um homem. Eles voltaram no dia seguinte, cansados, tendo perdido o unicórnio.

E, enquanto cada troll limpava e alimentava seu sabujo no entardecer seguinte à caçada e ajeitava um montinho de palha sobre o qual se deitar, alisava os pelos e procurava espinhos nas patas deles, além de rebarbas dos ouvidos, Lurulu ficou sozinho, concentrando sua pequena e afiada inteligência, como a pequena luz no foco de uma lente de aumento, por horas sobre uma pergunta. A questão que Lurulu ponderou até altas horas da noite foi como caçar unicórnios com cães na escuridão. E à meia-noite um plano estava claro em sua mente élfica.

XXIX

A sedução do povo dos pântanos

Quando o entardecer que se seguiu estava começando a desvanecer, um viajante poderia ter sido visto se aproximando dos pântanos que, um pouco ao sudeste de Erl, se estendiam ao longo dos limites das fazendas e prolongavam seus terríveis descampados até o horizonte, e até do outro lado da fronteira, já entrando na região de Elfland. Eles brilhavam agora enquanto a luz estava deixando o reino.

Tão pretas eram as roupas solenes e o alto chapéu sisudo do viajante que ele podia ser visto de longe em contraste com o verde-escuro dos campos, descendo até a beira do pântano durante o entardecer cinzento. Mas não havia ninguém para vê-lo a essa hora ao lado daquele lugar desolado, pois a ameaça da escuridão já era sentida nos campos, e todas as vacas estavam em casa, e os fazendeiros se aqueciam em seus lares; de modo que o viajante caminhava sozinho. E logo ele chegou por caminhos inseguros até os juncos e as cavalinhas finas, para os quais um vento contava histórias que não têm significado para o homem, longas histórias de desolação e antigas lendas da chuva; enquanto, na terra alta e escura atrás de si, onde ficavam as casas, ele viu luzes começarem a piscar. Ele andava com a gravidade e o ar solene de quem tem negócios importantes com os homens; contudo, estava de costas para as casas deles e seguiu para onde nenhum homem vagava, viajando em direção a nenhum vilarejo ou chalé solitário, pois o pântano corria direto para Elfland. Entre ele e a fronteira nebulosa que separa a Terra de Elfland não havia homem nenhum, e ainda assim o viajante caminhava como alguém que tem uma missão séria. A cada

passo venerável que ele dava, musgos brilhantes tremiam e o pântano parecia engolfá-lo, enquanto seu cajado respeitável afundava profundamente no lodo, sem lhe dar nenhum apoio; e, no entanto, o viajante parecia se importar apenas com a solenidade dos seus passos. Assim ele passou pelo pântano mortal com uma conduta adequada à lenta procissão quando os anciãos abrem o mercado em dias especiais, e o mais sério abençoa as negociações, e todos os agricultores vão às barracas e fazem escambos.

E para um lado e para o outro, para um lado e para o outro, os pássaros canoros iam erráticos para casa, contornando a beira do pântano a caminho de suas sebes nativas; os pombos desciam à terra para pousar em altas árvores escuras; a última de uma multidão de gralhas se foi; e todo o ar estava vazio.

E agora o grande pântano se emocionava com a notícia da vinda de um desconhecido; pois, assim que o viajante pôs os pés gravemente em um daqueles musgos brilhantes que florescem nas poças, uma emoção disparou sob suas raízes e sob os caules dos juncos e correu como uma luz sob a superfície da água, ou como o som de uma canção, e passou por cima dos pântanos e chegou tremulando até a fronteira do crepúsculo mágico que separa Elfland da Terra; e não ficou lá, mas perturbou a própria fronteira e passou além dela e foi sentida em Elfland: pois, onde os grandes pântanos descem até a fronteira da Terra, a fronteira é mais fina e mais incerta do que em outros lugares.

E assim que sentiram aquela emoção nas profundezas dos pântanos, os fogos-fátuos surgiram de seus lares insondáveis e acenaram suas luzes para chamar o viajante sobre os musgos trêmulos na hora em que os patos estavam voando. E, sob o zumbido, tumulto e regozijo das asas dos patos naquela hora, o viajante seguiu as luzes ondulantes, entrando cada vez mais nos pântanos. No entanto, às vezes se afastava deles, de modo que, por um tempo, eles o seguiram em vez de o guiarem como costumavam fazer, até que conseguissem contorná-lo e conduzi-lo mais uma vez. Um vigia, se houvesse algum sob essa luz tão

precária e nesse local tão perigoso, teria notado, após algum tempo, nos veneráveis movimentos do viajante, uma semelhança estranha com os da tarambola-dourada quando ela atrai o estranho para segui-la na primavera, para longe da margem musgosa onde seus ovos estão descobertos. Ou talvez essa semelhança seja meramente ilusória e um vigia talvez não tivesse notado tal coisa. De qualquer forma, naquela noite, naquele lugar desolado, não havia nenhum vigia.

E o viajante seguiu seu curioso curso, às vezes em direção aos musgos perigosos, às vezes em direção à terra verde e segura, sempre com um comportamento grave e uma marcha reverente; e os fogos-fátuos se reuniram em massa ao seu redor. E aquela emoção profunda que advertia o pântano sobre a presença de um estranho ainda pulsava através da lama sob as raízes dos juncos; e não cessou como deveria assim que o estranho morresse, mas assombrou o pântano como um eco da canção que a magia tornou eterna e perturbou os fogos-fátuos até mesmo do outro lado da fronteira em Elfland.

Agora, está longe de ser minha intenção escrever qualquer coisa prejudicial para os fogos-fátuos ou qualquer coisa que possa ser interpretada como insulto a eles: nenhuma construção desse tipo deve ser posta nos meus escritos. Mas é bem sabido que o povo dos pântanos seduz os viajantes para levá-los à danação e se delicia em seguir essa ocupação há séculos, e posso me permitir mencionar isso sem nenhum espírito de desaprovação.

Os fogos-fátuos que estavam ao redor desse viajante redobram seus esforços com fúria; e, quando ele ainda escapava às últimas tentações bem na borda das poças mais mortais, e ainda vivia e ainda viajava, e todo o pântano sabia disso, os maiores fogos-fátuos que moram em Elfland se ergueram de seu lodo mágico e atravessaram a fronteira. E todo o pântano ficou perturbado.

Quase como pequenas luas que logo se tornaram impertinentes, o povo dos pântanos brilhou diante daquele viajante solene, conduzindo seus passos reverentes até a beira

da morte só para refazê-los de novo e atraí-lo mais uma vez. E então, apesar da grande altura do seu chapéu e do comprimento escuro do seu casaco, aquelas criaturas frívolas começaram a perceber que os musgos, que nunca tinham suportado nenhum viajante, carregavam seu peso. Com isso, a fúria deles aumentou, e todos saltaram para mais perto dele; e cada vez mais perto eles se reuniam aonde quer que ele fosse; e, com essa fúria, suas tentações estavam perdendo a astúcia.

E agora um vigia nos pântanos, se houvesse, teria visto algo mais do que um viajante cercado de fogos-fátuos; pois poderia notar que o viajante estava quase conduzindo-os, em vez de os fogos-fátuos guiarem o viajante. E, na impaciência de vê-lo morto, o povo dos pântanos nunca pensara que estava se aproximando cada vez mais da terra seca.

E, quando tudo estava escuro, menos a água, eles de repente se viram em um campo gramado, com os pés raspando no pasto árido, enquanto o viajante estava sentado com os joelhos dobrados até o queixo e os observava por baixo da aba do alto chapéu preto. Nenhum deles jamais tinha sido atraído para a terra seca por um viajante, e havia entre eles naquela noite os mais velhos e os melhores que vieram com suas luzes parecidas com a lua pouco acima da fronteira de Elfland. Eles se entreolharam com espanto desconfortável enquanto caíam frouxos na grama, pois a aridez e o peso da terra sólida os oprimiam fora dos pântanos. E assim começaram a perceber que aquele venerável viajante cujos olhos brilhantes os observavam tão profundamente naquela massa preta de roupas era pouco maior do que eles próprios, apesar do ar reverente. De fato, embora mais robusto e mais redondo, ele não era tão alto. Quem era esse, começaram a murmurar, que tinha atraído fogos-fátuos? E alguns daqueles anciãos de Elfland foram até ele para perguntar com que audácia ousara atraí-los. E o viajante falou. Sem levantar nem virar a cabeça, ele falou do local onde estava sentado.

— Povo dos pântanos — disse —, vocês amam unicórnios?

E, com a palavra unicórnios, o escárnio e a risada encheram todos os minúsculos corações naquela multidão frívola, excluindo todas as outras emoções, de modo que eles se esqueceram da própria petulância por terem sido atraídos; embora atrair fogos-fátuos seja considerado o mais grave dos insultos, e eles nunca teriam perdoado se tivessem lembranças mais duradouras. Com a palavra unicórnios, todos riram em silêncio. E isso fizeram oscilando para cima e para baixo como a luz de um pequeno espelho cintilando em uma mão insolente. Unicórnios! Pouco amor eles tinham pelas criaturas arrogantes. Que eles aprendam a falar com o povo dos pântanos quando vierem beber em suas poças. Que aprendam a prestar o devido respeito às grandes luzes de Elfland e às luzes menores que iluminavam os pântanos da Terra!

— Não — disse um ancião dos fogos-fátuos —, ninguém ama os unicórnios orgulhosos.

— Venham, então — disse o viajante —, e nós os caçaremos. E vocês nos iluminarão à noite com suas luzes, quando os caçarmos com cães sobre os campos dos homens.

— Venerável viajante — disse o fogo-fátuo ancião, mas com essas palavras o viajante levantou o chapéu e saltou do longo casaco preto, e ficou completamente nu diante dos fogos-fátuos. E o povo dos pântanos viu que era um troll que os enganara.

A raiva deles por isso foi leve; pois o povo dos pântanos enganava os trolls, e os trolls enganavam o povo dos pântanos, cada um deles tantas vezes durante eras e eras que apenas os mais sábios dentre eles podem dizer quem enganou mais o outro e quantos truques está à frente. Agora, eles se consolaram pensando nos tempos em que os trolls foram feitos de bobos e consentiram em ir com suas luzes para ajudar a caçar unicórnios, pois suas vontades eram fracas quando estavam na terra seca e aceitavam facilmente qualquer sugestão ou seguiam o desejo de qualquer pessoa.

Foi Lurulu quem enganou os fogos-fátuos, sabendo bem como eles gostam de seduzir viajantes; e, tendo obtido o chapéu

mais alto e o casaco mais sério que conseguiu roubar, ele partiu com uma isca que sabia que os traria de grandes distâncias. Agora que os reunira em terra firme e tinha obtido deles uma promessa de luz e ajuda contra os unicórnios, o que essas criaturas dão facilmente por causa do orgulho dos unicórnios, ele começou a conduzi-los até o vilarejo de Erl, primeiro devagar, enquanto seus pés se acostumavam à terra firme; e sobre os campos ele os levou mancando até Erl.

E agora não havia nada em todos os pântanos que se parecesse com os homens, e os gansos desceram em um enorme tumulto de asas. A pequena marrequinha-comum disparou para casa; e todo o ar escuro estremeceu com o voo dos patos.

XXX

A chegada do excesso de magia

Na Erl que tinha suspirado pela magia, agora de fato havia magia. O pombal e os velhos depósitos de madeira sobre os estábulos estavam todos cheios de trolls, os caminhos estavam cheios de suas travessuras, e as luzes subiam e desciam a rua à noite muito depois de os comerciantes estarem em casa. Pois os fogos-fátuos dançavam ao longo das sarjetas, e tinham feito suas casas em volta das margens suaves de lagoas de patos e em trechos verde-escuros de musgo que cresciam sobre os telhados de palha mais antigos. E nada parecia igual no antigo vilarejo.

E no meio de todo esse povo mágico, a metade mágica do sangue de Órion, que estava dormente enquanto ele andava entre homens terrenos, ouvindo conversas mundanas todos os dias, saiu de seu sono e despertou pensamentos adormecidos havia muito tempo em seu cérebro. E as trompas élficas que ele costumava ouvir tocando ao anoitecer soaram cheias de significado agora, e sopraram mais fortes, como se estivessem mais próximas.

O povo do vilarejo, vendo seu soberano durante o dia, percebeu seus olhos voltados para Elfland, o viu negligenciar os cuidados terrenos saudáveis, e à noite vieram as luzes estranhas e a tagarelice dos trolls. Um medo se instalou em Erl.

Nessa época, o parlamento voltou a se reunir, doze homens de barba grisalha que tinham chegado à casa de Narl quando o trabalho terminara ao entardecer, e o fim da tarde estava completamente estranho com a nova magia de Elfland. Todos os homens, enquanto corriam de sua própria casa quente a caminho da forja de Narl, viram luzes saltitantes ou ouviram vozes tagarelantes que não eram de nenhum reino da Cristandade. E

alguns viram formas rondando que não eram de origem terrena e temeram que todo tipo de coisa tivesse passado pela fronteira de Elfland para visitar os trolls.

Eles falaram baixo no parlamento: todos contaram a mesma história, uma história de crianças aterrorizadas, uma história de mulheres exigindo a volta dos velhos costumes; e, enquanto falavam, vigiavam as janelas e as fendas, sem saber o que poderia aparecer.

E Oth disse:

— Vamos, povo, até o Lorde Órion como fomos ao seu avô no comprido salão vermelho. Vamos dizer que pedimos magia, e eis que temos magia suficiente; e que ele não siga mais a bruxaria nem as coisas que são ocultas dos homens.

Ele ouviu com atenção, em pé ali entre os vizinhos camaradas silenciosos. Eram vozes de duendes que zombavam dele ou apenas o eco? Quem saberia dizer? E quase de imediato a noite toda ao redor foi novamente silenciada.

E Threl disse:

— Não. É tarde demais para isso. — Threl tinha visto o soberano certa noite, sozinho nas encostas, imóvel e ouvindo algo que vinha de Elfland, com os olhos voltados para o leste enquanto escutava: e nada soava, nenhum barulho surgia; no entanto, Órion ficou ali, chamado por coisas além da audição mortal. — É tarde demais, agora — disse Threl.

E esse era o medo de todos.

Guhic levantou-se devagar e ficou de pé junto à mesa. E os trolls tagarelavam como morcegos no pombal, e as pálidas luzes do pântano tremeluziam e as formas rondavam no escuro: as batidinhas dos pés chegavam de vez em quando aos ouvidos dos doze que estavam naquela sala interna. E Guhic disse:

— Nós pedimos um pouco de magia. — E uma rajada de tagarelice veio dos trolls. E eles discutiram um pouco sobre a quantidade de magia que tinham desejado nos tempos antigos,

quando o avô de Órion era Lorde de Erl. Mas, quando chegaram a um plano, era o plano de Guhic.

— Se não podemos nos voltar para o nosso soberano Órion — disse ele — e seus olhos estão voltados para Elfland, que o nosso parlamento suba a colina até a bruxa Ziroonderel, apresente nosso caso a ela e peça um feitiço contra o excesso de magia.

E, ao ouvir o nome de Ziroonderel, os doze se animaram outra vez, pois sabiam que a magia dela era maior que a magia das luzes tremeluzentes e sabiam que não havia um troll ou coisa da noite que não tivesse medo da vassoura dela. Eles se animaram de novo e beberam o hidromel denso de Narl, encheram mais uma vez as canecas e elogiaram Guhic.

Tarde da noite, todos se levantaram juntos para voltar para suas casas, e todos se mantiveram juntos pelo caminho e entoaram canções antigas graves para assustar as coisas que temiam, embora os levianos trolls e os fogos-fátuos pouco se importem com as coisas que são graves para os homens. E, quando restou apenas um, ele correu até sua casa e os fogos-fátuos o perseguiram.

Quando chegou o dia seguinte, eles terminaram o trabalho mais cedo, pois o parlamento de Erl não queria estar na colina da bruxa quando a noite chegasse, nem mesmo o crepúsculo. Eles se encontraram do lado de fora da forja de Narl no início da tarde, onze do parlamento, e chamaram Narl. E todos estavam vestindo as roupas que costumavam usar quando iam com os outros até o lar sagrado do Frei, embora mal houvesse uma alma que ele tivesse amaldiçoado que não fosse abençoada por Ziroonderel. E eles seguiram com seus cajados antigos e fortes colina acima.

E, assim que conseguiram, chegaram à casa da bruxa. E lá a encontraram sentada à frente da porta, contemplando o vale, sem parecer mais velha nem mais jovem, nem preocupada de um jeito ou de outro com a passagem dos anos.

— Somos o parlamento de Erl — disseram eles, de pé diante dela, com suas roupas mais austeras.

— Sim — respondeu ela. — Vocês desejaram magia. Já chegou até vocês?

— De verdade — disseram eles — e de sobra.

— Há mais por vir — disse ela.

— Mãe Bruxa — disse Narl —, estamos reunidos aqui para pedir que você nos dê um feitiço que será um amuleto contra a magia, para que ela não exista mais no vale, porque recebemos magia demais.

— Demais? — questionou ela. — Magia demais! Como se a magia não fosse o tempero e a essência da vida, seu ornamento e seu esplendor. Pela minha vassoura — disse ela —, não lhes darei nenhum feitiço contra a magia.

E eles pensaram nas luzes errantes e nas coisas tagarelas raramente vistas e em toda a estranheza e maldade que tinham chegado ao Vale de Erl, e imploraram mais uma vez a ela, falando de um jeito respeitoso.

— Ó, Mãe Bruxa — disse Guhic —, há magia demais, de fato, e todas as criaturas que deveriam ficar em Elfland cruzaram a fronteira.

— É bem assim — disse Narl. — A fronteira foi violada e isso não terá fim. Os fogos-fátuos devem ficar nos pântanos, os trolls e duendes em Elfland, e nós devemos cuidar do nosso próprio povo. Esse é o pensamento de todos nós. Pois a magia, apesar de desejarmos um pouco dela anos atrás, quando éramos jovens, é assunto que não cabe aos homens.

Ela olhou em silêncio para ele, com um brilho felino aumentando nos olhos. E, quando ela não falou nem se mexeu, Narl implorou mais uma vez.

— Ó, Mãe Bruxa — disse ele —, você não nos dará nenhum feitiço para proteger nossas casas contra a magia?

— Não, nenhum feitiço! — respondeu ela, contrariada. — Nenhum feitiço, de fato! Pela vassoura, pelas estrelas e pelos passeios noturnos! Vocês roubariam da Terra a herança que veio desde os tempos antigos? Vocês pegariam o tesouro dela e a deixariam nua para o desprezo de seus colegas planetas? De fato, éramos pobres sem magia, mas estamos bem equipados contra a inveja das trevas e do Espaço. — Ela se inclinou para a frente de onde estava sentada e bateu o cetro, olhando para o rosto de Narl com os olhos penetrantes e inabaláveis. — Eu lhes daria — disse ela — um feitiço contra a água, para que o mundo inteiro sentisse sede, antes de lhes dar um feitiço contra o canto dos riachos que a noite ouve de um jeito fraco sobre o cume de uma colina, indistinto demais para ouvidos vigilantes, um canto que atravessa sonhos, com o qual aprendemos sobre velhas guerras e amores perdidos dos Espíritos dos rios. Eu lhes daria um feitiço contra o pão, para que o mundo inteiro passasse fome, antes de um feitiço contra a magia do trigo que assombra os vales dourados sob o luar de julho, pelas quais, nas noites quentes e curtas, vagueiam muitos daqueles de quem o homem não sabe nada. Eu lhes daria feitiços contra o conforto e as roupas, a comida, o abrigo e o calor, e farei isso, antes de arrancar desses pobres campos da Terra a magia que lhes serve de manto amplo contra o frio do Espaço e de traje alegre contra o escárnio do nada.

“— Saiam daqui. Vão para seu vilarejo. E vocês que buscaram a magia na juventude, mas não a desejam em sua idade, saibam que existe uma cegueira de espírito que vem com a idade, mais sombria que a cegueira dos olhos, criando uma escuridão ao seu redor, através da qual nada pode ser visto nem sentido nem conhecido nem apreendido de jeito nenhum. E nenhuma voz dessa escuridão deve me conjurar para conceder um feitiço contra a magia. Saiam!”

E, quando disse “saiam”, ela colocou o próprio peso sobre o cetro e evidentemente se preparou para se levantar. E, com isso, um grande terror avançou sobre todo o parlamento. E eles perceberam no mesmo instante que a noite chegava e todo o

vale escurecia. Nessas terras altas onde os repolhos da bruxa cresciam, um pouco de luz ainda persistia e, ouvindo suas palavras ferozes, eles não tinham se dado conta das horas. Mas agora estava claramente ficando tarde, e um vento passava por eles que parecia vir dos cumes um pouco mais distantes, da noite; e os resfriou ao passar; e todo o ar parecia entregue à mesma coisa contra a qual eles procuravam um feitiço.

E aqui estavam a esta hora com a bruxa diante deles, e ela evidentemente estava prestes a se levantar. Os olhos dela estavam grudados neles. Já tinha se levantado parcialmente da cadeira. Não havia dúvida de que, antes que se passassem três instantes, ela estaria mancando entre eles, com os olhos brilhantes observando o rosto de cada um. Eles se viraram e correram colina abaixo.

XXXI

A maldição das coisas élficas

Conforme o parlamento de Erl corria colina abaixo, eles entraram no crepúsculo da noite. Ele se estendia cinza pelo vale sobre a bruma do riacho. Mas, com mais do que o mistério do crepúsculo, o ar estava denso. As luzes piscando cedo nas casas mostravam que todo o povo estava em casa e a rua estava deserta de tudo que era humano; exceto quando, com o ar silencioso e o passo quase furtivo, eles viram seu Lorde Órion passando como uma sombra alta, com fogos-fátuos atrás de si, indo em direção à casa dos trolls, sem pensamentos terrenos. E a estranheza que vinha crescendo dia a dia deixava todo o vilarejo lúgubre. De modo que, com a respiração curta e agitada, os doze anciãos se apressaram.

E assim eles chegaram ao lar sagrado do Frei, que ficava do lado do vilarejo que seguia em direção à colina da bruxa. E era a hora em que ele costumava celebrar o canto pós-pássaros, como batizaram o canto que entoavam no lar sagrado quando todos os pássaros estavam em casa. Mas o Frei não estava em seu lar sagrado; estava no ar frio da noite e no degrau superior, do lado de fora, com o rosto voltado para Elfland. Usava sua túnica sagrada com a borda roxa e o emblema de ouro em volta do pescoço; mas a porta do seu lar sagrado estava fechada e suas costas estavam voltadas para ela. Eles se admiraram de vê-lo em pé desse jeito.

E, enquanto se admiravam, o Frei começou a entoar, claro na noite, com os olhos voltados para o leste, onde já estavam aparecendo algumas das primeiras estrelas. Com a cabeça erguida, ele falou como se sua voz pudesse ultrapassar a fronteira do crepúsculo e ser ouvida pelo povo de Elfland.

— Malditas sejam todas as coisas errantes — disse ele — cujo lugar não é na Terra. Malditas sejam todas as luzes que habitam nos brejos e nos lugares pantanosos. Seus lares estão nas profundezas dos charcos. Que elas não saiam de lá de jeito nenhum até o Último Dia. Que permaneçam em seu lugar e lá aguardem a danação.

“Malditos sejam os gnomos, os trolls, os elfos e os duendes em terra, e todos os espíritos da água. E os faunos sejam amaldiçoados e todos que seguem Pan. E todos os que habitam na charneca, que não sejam animais ou homens. Malditas sejam as fadas e todas as histórias contadas sobre elas, e o que quer que encante os prados antes do nascer do sol, e todas as fábulas de autoridade duvidosa, e as lendas que os homens transmitem desde tempos imemoriais.

“Malditas sejam as vassouras que deixam seu lugar junto à lareira. Malditas sejam as bruxas e todo tipo de bruxaria.

“Malditos sejam os círculos de cogumelos e tudo que dance dentro deles. E todas as luzes estranhas, canções estranhas, sombras estranhas ou rumores que as sugerem, e todas as coisas duvidosas do crepúsculo, e as coisas que as crianças mal instruídas temem, e os contos das velhas e as coisas feitas nas noites do meio do verão; que todos sejam amaldiçoados com tudo que se inclina para Elfland e tudo que vem de lá.”

Não havia nem uma trilha naquele vilarejo, nem um celeiro, sobre o qual um fogo-fátuo não dançasse agilmente; a noite estava dourada, repletadeles. Mas, enquanto o bom Frei falava, eles se afastaram de suas maldições, flutuando para longe como se um vento leve os soprasse, e dançaram de novo depois de se afastarem um pouco. Isso eles fizeram na frente e atrás dele e dos dois lados, enquanto ele ficava ali nos degraus do seu lar sagrado. De modo que havia um círculo de trevas ao redor dele, e além desse círculo brilhavam as luzes dos pântanos e das terras de Elfland.

E, dentro do círculo escuro em que o Frei rogava suas maldições não havia coisas imorais, nem estranhezas como a

chegada da noite, nem sussurros de vozes desconhecidas, nem sons de uma música soprando dos redutos de homens; mas tudo estava ordenada e aparentemente ali, e nenhum mistério perturbava o silêncio, exceto aqueles que foram justamente permitidos ao homem.

E, além desse círculo, de onde tantas coisas foram obrigadas a retroceder pela clara veemência das maldições do bom homem, os fogos-fátuos se revoltaram, e muitas estranhezas que vieram naquela noite de Elfland, e os duendes comemoraram muito. Pois em Elfland se divulgou que pessoas agradáveis agora moravam em Erl; e muitas coisas de fábula, muitos monstros mitológicos, tinham atravessado a fronteira do crepúsculo e entrado em Erl para ver. E os fogos-fátuos, leves e falsos mas amigáveis, dançavam no ar assombrado e lhes davam as boas-vindas.

E não apenas os trolls e os fogos-fátuos tinham atraído essas criaturas de suas lendárias terras pela fronteira raramente atravessada, mas os anseios e pensamentos de Órion, cuja linhagem era metade semelhante às coisas mitológicas e da raça dos monstros de Elfland, os chamavam agora. Desde aquele dia na fronteira, quando pairou entre a Terra e Elfland, ele ansiava cada vez mais pela mãe; e agora, quisesse ou não, seus pensamentos élficos chamavam seus parentes que habitavam os campos élficos; e, àquela hora em que o som das trompas tocava na fronteira do crepúsculo, eles vieram correndo atender ao chamado. Pois os pensamentos élficos são tão parecidos com as criaturas que habitam em Elfland quanto os duendes são com os trolls.

Entre a calma e a escuridão das maldições do bom homem, os doze anciãos ficaram em silêncio ouvindo cada palavra. E as palavras pareceram boas, consoladoras e certas para eles, pois estavam muito cansados da magia.

Mas, além do círculo das trevas, em meio ao brilho dos fogos-fátuos com os quais toda a noite tremeluzia, entre as risadas dos duendes e a alegria desenfreada dos trolls, onde velhas lendas pareciam vivas e as fábulas mais medonhas

pareciam verdadeiras, entre todos os tipos de mistérios, sons estranhos, formas estranhas e sombras estranhas, Órion passou com seus sabujos para o leste, em direção a Elfland.

XXXII

Lirazel anseia pela Terra

No salão feito de luar, sonhos, música e miragem, Lirazel se ajoelhou no chão brilhante diante do trono do pai. E a luz do trono mágico brilhava azul em seus olhos, e seus olhos relampejavam uma luz que aprofundava sua magia. E, ajoelhada ali, ela suplicou por uma runa do pai.

Os velhos tempos não a deixavam em paz, doces lembranças a cercavam: os gramados de Elfland tinham seu amor, gramados sobre os quais ela havia brincado perto das velhas flores milagrosas antes de qualquer história ser escrita aqui; ela amava as doces e suaves criaturas mitológicas que se moviam como sombras mágicas pela floresta guardiã e pelos gramados encantados; amava todas as fábulas, canções e feitiços que formavam seu lar élfico; e, no entanto, os sinos da Terra, que não conseguiam ultrapassar a fronteira do silêncio e do crepúsculo, ecoavam nota por nota em seu cérebro, e seu coração sentiu o crescimento das pequenas flores terrenas enquanto elas desabrochavam, desbotavam ou dormiam em estações que não chegavam a Elfland. E, nessas estações, esgotando-se com o passar de cada uma, ela sabia que Alveric vagava, sabia que Órion vivia, crescia e mudava, e que ambos, se a lenda da Terra fosse verdadeira, logo se perderiam para ela para todo o sempre, quando os portões do Céu se fechariam com um baque dourado. Pois entre Elfland e o Céu não há estrada nem voo nem caminho; e nenhum envia embaixadores para os outross. Ela ansiava pelos sinos da Terra e pelas primulas inglesas, mas não abandonaria mais uma vez seu poderoso pai nem o mundo que a mente dele tinha criado. E Alveric não vinha, nem seu filho Órion; só o som do chifre de Alveric veio uma vez, e muitas vezes estranhos anseios pareciam flutuar no ar,

ecoando em vão entre Órion e ela. E os pilares reluzentes que sustentavam a cúpula do telhado, ou acima dos quais flutuava, estremeceram um pouco com sua dor, e as sombras de sua tristeza cintilaram e desapareceram no cristal profundo das paredes, obscurecendo por um instante muitas cores que são desconhecidas nos nossos campos, mas sem torná-las menos encantadoras. O que ela poderia fazer para não abandonar a magia e o lar que um dia perene lhe dera enquanto os séculos secavam como folhas nos campos terrenos, cujo coração ainda era mantido por aqueles pequenos ramos da Terra, que são fortes o suficiente, fortes o suficiente?

E alguns, traduzindo sua necessidade amarga em palavras terrenas impiedosas, podem dizer que ela queria estar em dois lugares ao mesmo tempo. E isso era verdade, e o desejo impossível beira o possível, e para ela era apenas e totalmente um assunto que gerava lágrimas. Impossível? Será que era impossível? Temos a magia.

Ela implorou por uma runa do pai, ajoelhada no chão mágico no ponto mais central de Elfland; e ao redor dela surgiram os pilares que só podem ser mencionados em canções, cujo volume enevoado foi perturbado e incomodado pela tristeza de Lirazel. Ela implorou por uma runa que, onde quer que eles vagassem por quaisquer campos da Terra, devesse restituir a ela Alveric e Órion, trazendo-os para além da fronteira e para as terras élficas para viver naquela era perene que é um longo dia em Elfland. E com eles ela rezou para que viesse (pois as poderosas runas de seu pai tinham tanto poder assim) um jardim da Terra, ou um declive onde houvesse violetas, ou um canteiro de primulas balançando, para brilhar em Elfland para sempre.

Como nenhuma canção ouvida em nenhuma cidade dos homens nem sonhada nas colinas terrenas, com a voz élfica o pai dela respondeu. E as palavras ressonantes eram tais que tinham o poder de mudar a forma das colinas dos sonhos ou de encantar novas flores para soprar nos campos das fadas.

— Não tenho nenhuma runa — disse ele — com poder para atravessar a fronteira ou atrair qualquer coisa dos campos

mundanos, sejam violetas, prímulas ou homens, para atravessar nosso baluarte do crepúsculo, que criei para nos proteger contra as coisas materiais. Nenhuma runa a não ser uma, e é a última das potências do nosso reino.

E, ainda ajoelhada no chão reluzente, de cuja profunda translucidez apenas as canções falarão, ela implorou a ele por essa runa, última potência através da qual existem as terríveis maravilhas de Elfland.

E ele não desperdiçaria a runa que estava trancada em seu tesouro, o mais mágico de seus poderes e a última das três, mas a guardava contra o perigo de um dia distante e desconhecido, cuja luz brilhava logo além de uma curva do tempo, longe demais para a visão misteriosa até mesmo da sua presciência.

Ela sabia que ele tinha mudado Elfland para mais longe e a levado de volta como as marés são alteradas pela lua, até que voltou mais uma vez aos limites dos campos dos homens, com sua borda cintilante tocando nas pontas das sebes terrenas. E ela sabia que, não mais do que a lua, ele tinha usado uma maravilha rara, apenas levando suas regiões para longe por um gesto mágico. Ele não poderia, pensou ela, aproximar Elfland e a Terra ainda mais, usando uma magia que não seja mais rara do que a usada pela lua na maré vazante? E assim implorou mais uma vez a ele, lembrando as maravilhas que ele tinha feito sem usar feitiços mais raros do que um certo aceno do braço. Ela falou das orquídeas mágicas que desceram uma vez dos penhascos como uma espuma rosada repentina quebrando sobre as Montanhas Élficas. Falou de estranhas flores malva em cachos felpudos, que brotavam na grama dos vales, e daquele florescer glorioso que guardava para sempre os gramados. Pois todas essas maravilhas eram dele: o canto dos pássaros e o brotar das flores eram suas inspirações. Se tais maravilhas, como a música e o florescer, eram produzidas por um aceno de sua mão, ele certamente conseguiria, acenando, diminuir a distância da Terra de alguns poucos campos tão próximos da fronteira terrena. Ou certamente poderia mover Elfland um pouco mais em direção à Terra de novo, visto que ultimamente a

movera até a curva no caminho do cometa e a trouxera de novo para os limites dos campos dos homens.

— Nunca — disse ele — nenhuma runa, exceto uma, ou feitiço ou maravilha ou qualquer coisa mágica consegue mover nosso reino pela largura de uma asa sobre a fronteira terrena ou trazer qualquer coisa de lá para cá. E mal sabem eles naqueles campos que uma runa pode fazer isso.

E mesmo assim ela mal acreditava que esses poderes habituais do pai mago não pudessem reunir as coisas da Terra e as maravilhas de Elfland com facilidade.

— Naqueles campos — disse ele —, meus feitiços são todos repelidos, meus encantamentos são enfraquecidos e meu braço direito fica impotente.

E, quando falou assim com ela sobre aquele temível braço direito, finalmente, por força, ela acreditou nele. E implorou a ele de novo por aquela runa suprema, aquele tesouro de Elfland guardado havia tanto tempo, aquela potência que tinha força para agir contra o peso denso e severo da Terra.

E os pensamentos dele foram sozinhos para o futuro, espiando ao longo dos anos. Um viajante à noite, por caminhos solitários, abandonaria com mais alegria sua lanterna do que aquele Rei dos Elfos agora usaria seu último grande feitiço, e assim o colocou de lado e entrou sem ele naqueles anos duvidosos; e viu suas formas obscuras e muitos de seus eventos, mas não até o fim. Se ela pedia com facilidade aquele feitiço pavoroso, que deveria apaziguar a única necessidade que tinha, ele poderia facilmente tê-lo concedido, não sendo humano; mas sua vasta sabedoria viu tanto dos muitos anos vindouros que ele temia enfrentá-los sem essa última grande potência.

— Além da nossa fronteira — disse ele —, as coisas materiais permanecem ferozes, fortes e numerosas e têm o poder de obscurecer e aumentar, pois também têm maravilhas. E, quando essa última potência for usada e tiver desaparecido, não restará, em todo o nosso reino, nenhuma runa que eles temam; e as coisas materiais vão se multiplicar e colocar as

potências em servidão, e nós, sem nenhuma runa que eles tenham, nos tornaremos apenas uma fábula. Ainda precisamos guardar essa runa.

Assim, ele argumentou com ela em vez de ordenar, embora fosse fundador e rei de todas aquelas terras e de todos os que vagavam nelas e da luz na qual brilhavam. E a razão em Elfland não era algo cotidiano, mas uma maravilha exótica. Com isso, ele procurou acalmar suas ilusões terrenas.

E Lirazel não respondeu, apenas chorou, derramando lágrimas de orvalho encantado. E toda a linha das Montanhas Élficas estremeceu, enquanto os ventos errantes vibravam com as notas de um violino que se desviaram para além dos caminhos do ar, e todas as criaturas de fábula que habitavam o reino de Elfland sentiram algo estranho no coração, como a morte de uma canção.

— Não é melhor para Elfland se eu fizer isso? — indagou o rei.

E ela só chorava.

E ele suspirou e considerou o bem-estar de Elfland mais uma vez. Pois Elfland tirava sua felicidade da calma daquele palácio, que era seu centro e que só pode ser mencionado em canções; e agora seus pináculos estavam perturbados e a luz de suas paredes estava fraca, e uma tristeza flutuava da porta abobadada pelos vales dos sonhos e por todos os campos de fadas. Se ela estivesse feliz, Elfland poderia se regozijar de novo na luz tranquila e na eterna calma cujo brilho abençoa todas as coisas, exceto as materiais; e, embora seu tesouro estivesse aberto e vazio, o que mais era necessário naquele momento?

Então ele ordenou, e um cofre foi trazido à sua frente por coisas élficas, e o cavaleiro de sua guarda que cuidara dele desde sempre veio marchando atrás delas.

Ele abriu o cofre com um feitiço, pois não havia nenhuma chave, e, tirando dali um pergaminho antigo, se levantou e leu enquanto a filha chorava. E as palavras da runa que ele lia eram como as notas de uma orquestra de violinos, todos tocados por

mestres escolhidos de várias épocas, escondidos na meia-noite do meio do verão em uma floresta, com uma estranha lua brilhando, o ar cheio de loucura e mistério; e, à espreita, mas invisíveis, coisas além da sabedoria do homem.

Assim, ele leu a runa, e os poderes a ouviram e obedeceram não apenas em Elfland, mas do outro lado da fronteira da Terra.

XXXIII

A linha brilhante

Alveric continuou vagando, sem aquele pequeno grupo de três, sem nenhuma esperança a guiá-lo. Pois Niv e Zend, que ultimamente eram conduzidos pela esperança da própria busca fantástica, não mais ansiavam por Elfland, mas eram guiados pelo plano de impedir Alveric de ir até lá. Eles se moviam mais devagar do que pessoas sãs, mas se agarravam a cada passo com um fervor muito além da sanidade. E Zend, que vagara por tantos anos com a esperança de Elfland diante de si, olhou para o reino, agora que via sua fronteira, como um dos rivais da lua. Niv, que tinha sofrido tanto com a busca de Alveric, viu naquele reino mágico algo mais fabuloso do que existia em todos os seus sonhos. E agora, quando Alveric tentava convencer aquelas mentes rápidas e ferozes com bajulações pírias, não recebia mais respostas de Zend além da breve declaração “Não é a vontade da lua”, enquanto Niv apenas reiterava “Não tenho sonhos suficientes?”.

Eles estavam vagando de volta, passando por fazendas que os conheceram anos antes. Com a velha tenda cinza ainda mais esfarrapada, apareceram no crepúsculo, acrescentando uma sombra ao entardecer nos campos em que eles e a tenda tinham se tornado uma lenda. E Alveric sempre era vigiado por um olhar alucinado, para que não escapasse do acampamento, fosse para Elfland e estivesse onde os sonhos eram mais estranhos que os de Niv e sob um poder mais mágico que a lua.

Muitas vezes ele tentou fugir, rastejando silenciosamente de seu lugar na calada da noite. Tentou primeiro em certa noite de luar, esperando acordado até o mundo inteiro parecer adormecido. Ele sabia que a fronteira não estava muito distante

quando se arrastou da tenda para o brilho e as sombras negras e passou por Niv dormindo pesado. Ele seguiu um pouco e encontrou Zend sentado em uma pedra, contemplando a face da lua. O rosto de Zend se virou e, recém-inspirado pela lua, ele gritou e saltou em cima de Alveric. Eles tinham tirado a espada dele. E Niv acordou e veio na direção deles com uma fúria imensa, unido a Zend pela inveja, pois cada um deles sabia muito bem que as maravilhas de Elfland eram maiores do que qualquer ilusão que suas mentes jamais conheceriam.

E mais uma vez ele tentou, em uma noite sem o brilho da lua. Mas, naquela noite, Niv estava sentado do lado de fora do acampamento, saboreando de um jeito estranho e sombrio uma certa camaradagem que havia entre seus delírios e a escuridão interestelar. E ali, no meio da noite, viu Alveric se afastando em direção à terra cujas maravilhas transcendiam de longe todos os pobres sonhos de Niv; e toda a fúria que o menor pode sentir pelo maior despertou ao mesmo tempo em sua mente; e, esgueirando-se atrás dele, sem nenhuma ajuda de Zend, ele golpeou Alveric e deixou-o desacordado no chão.

E Alveric não planejou mais nenhuma fuga depois disso, porque os pensamentos agitados da loucura se antecipavam a ele.

E assim seguiram, vigias e vigiado, sobre os campos dos homens. E Alveric procurou a ajuda do povo das fazendas; mas a astúcia de Niv conhecia muito bem os truques da sanidade. Então, quando o povo seguiu correndo sobre os campos até aquela estranha tenda cinza de onde ouviram os gritos de Alveric, encontraram Niv e Zend em uma calma que tinham praticado muito, enquanto Alveric contava sobre sua frustrada busca por Elfland. Ora, para muitos homens, todas as buscas são consideradas loucas, como a astúcia de Niv sabia. Alveric não encontrou nenhuma ajuda ali.

Quando voltaram pelo caminho pelo qual marcharam durante anos, Niv liderou o grupo de três, andando à frente de Alveric e Zend com o rosto magro erguido, deixado mais esbelto pelos pontos longos e finos em que havia aparado a barba e o

bigode, e carregando a espada de Alveric, que se projetava muito atrás dele com o punho alto na frente. E ele andava e empinava a cabeça com um certo ar que revelava aos raros viajantes que o viam que essa figura esparsa e esfarrapada se considerava o líder de um bando maior do que era visível. De fato, se alguém tivesse acabado de vê-lo no fim da tarde com o crepúsculo e a bruma das terras pantanosas logo atrás de si, poderia acreditar que no crepúsculo e na bruma havia um exército que seguia esse homem confiante, esgotado e feliz. Se o exército estivesse lá, Niv estaria são. Se o mundo tivesse aceitado que havia um exército ali, mesmo que apenas Alveric e Zend seguissem seus curiosos passos, continuaria são. Mas a ilusão solitária que não tinha nenhum fato do qual se alimentar, sequer a ilusão de qualquer outro que lhe fizesse companhia, era louca por causa de sua solidão.

Zend vigiava Alveric o tempo todo enquanto marchavam atrás de Niv; pois a inveja mútua das maravilhas de Elfland unia Niv e Zend para funcionarem como um único impulso selvagem.

E agora, certa manhã, Niv se esticou até a maior altura possível de seus centímetros magros e estendeu o braço direito no alto e dirigiu-se ao seu exército:

— Estamos chegando perto de Erl mais uma vez — disse ele. — E traremos novas ilusões no lugar de coisas gastas e obsoletas; e seus costumes serão, a partir de agora, os costumes da lua.

Bem, Niv não se importava nada com a lua, mas tinha uma grande astúcia e sabia que Zend ajudaria em seu novo plano contra Erl por amor à lua. E Zend aplaudiu até que os ecos voltassem de uma colina solitária, e Niv sorriu para eles como um líder confiante no seu bando. E Alveric se voltou contra eles naquele momento e lutou contra Niv e Zend pela última vez, e descobriu que a idade, a perambulação ou a perda de esperança o tinham deixado incapaz de lutar contra a força maníaca desses dois. E depois disso seguiu com eles de um jeito mais humilde, com resignação, não se importando mais com o que lhe acontecia, vivendo apenas da lembrança e dos dias que tinham

se passado; e, nas noites de novembro, naquele campo sombrio ele viu, no frio, olhando para trás ao longo dos anos, as manhãs da primavera brilharem outra vez nas torres de Erl. À luz daquelas manhãs, ele viu Órion mais uma vez, brincando de novo com brinquedos antigos que a bruxa tinha criado com um feitiço; viu Lirazel se movimentar mais uma vez pelos jardins graciosos. No entanto, nenhuma luz que a memória é capaz de acender era forte o suficiente para iluminar bem o acampamento naquelas noites sombrias, quando a umidade subia do chão e o frio se elevava do ar, e Niv e Zend, conforme a escuridão se aproximava, começaram a tecer esquemas em vozes baixas e ansiosas inspiradas por impulsos que se fortaleceram ao entardecer em meio a terras ermas. Só quando o dia triste se esgotou totalmente e Alveric dormiu ao lado dos farrapos oscilantes que escapavam da tenda durante a noite, só então a memória, desimpedida pelas mudanças agitadas do dia, conseguiu trazer Erl de volta para ele, brilhante, feliz e primaveril; de modo que, enquanto seu corpo permanecia parado em campos distantes, no escuro e no inverno, tudo que era mais ativo e vivo nele tinha voltado aos descampados em Erl, ao longo dos anos, na primavera, com Lirazel e Órion.

A que distância estava fisicamente, em quilômetros, de sua casa, pela qual seus pensamentos felizes toda noite abandonavam seu corpo cansado, Alveric não sabia. Fazia muitos anos que a tenda deles se erguera certa noite, uma forma cinzenta naquela paisagem em que agora agitava seus farrapos. Mas Niv sabia que ultimamente eles tinham se aproximado de Erl, pois seus sonhos com o vilarejo vinham a ele logo depois que dormia, e costumavam vir mais no meio da noite, do outro lado da meia-noite e até perto da manhã: e, a partir disso, argumentou que eles costumavam ter que ir muito mais longe, mas agora faltava só um pouquinho. Quando contou isso em segredo uma noite a Zend, ele ouviu com seriedade, mas não deu opinião, dizendo apenas “A lua sabe”. No entanto, ele seguiu Niv, que conduzia essa caravana curiosa sempre na direção em que seus sonhos sobre o vale de Erl apontavam primeiro. E essa estranha liderança os aproximou de Erl, como costuma acontecer

quando os homens seguem líderes que são loucos, cegos ou enganados; eles alcançam um porto ou outro, embora passem os anos com pouca presciência: se fosse de outra forma, o que seria de nós?

E um dia as partes superiores das torres de Erl olharam para eles na distância azul, brilhando na luz do sol matinal acima de uma curva das encostas. E Niv virou-se para eles imediatamente e os liderou, pois a linha de sua marcha errante não tinha apontado diretamente para Erl, e marchou como um conquistador que vê os portões de uma nova cidade. Quais eram seus planos, Alveric não sabia, mas mantinha sua apatia; e Zend não sabia, pois Niv simplesmente dissera que seus planos deveriam ser secretos; nem Niv sabia, pois suas ilusões emanavam de seu cérebro e fugiam; que ilusões criaram quais planos em um estado de espírito que era de ontem, como ele poderia saber hoje?

Assim, conforme seguiam, logo chegaram a um pastor, de pé entre suas ovelhas pastando e apoiando-se em seu cajado, que observava e parecia não ter nenhuma outra preocupação além de observar todas as coisas que passavam ou, quando nada passava, contemplar e contemplar as colinas até que todas as suas lembranças fossem moldadas a partir das enormes curvas de grama. Ele estava de pé, um homem barbudo, e os observou sem dizer uma palavra enquanto passavam. E uma das lembranças loucas de Niv o reconheceu de repente, e Niv o chamou pelo nome e o pastor respondeu. E quem seria além de Vand!

E eles começaram a conversar, e Niv falou baixinho, como sempre fazia com pessoas sãs, imitando com inteligência os costumes e os truques da sanidade, para que Alveric não pedisse ajuda contra ele. Mas Alveric não procurou ajuda. Em silêncio, permaneceu ali e ouviu os outros conversando, mas seus pensamentos estavam distantes no passado e suas vozes eram apenas sons para ele. E Vand perguntou se tinham encontrado Elfland. Mas falava como quem pergunta a uma criança se o seu barco de brinquedo chegou às Ilhas Felizes.

Durante muitos anos, ele cuidara de ovelhas e conhecera suas necessidades, seus preços e a necessidade que os homens têm delas; e essas coisas tinham surgido imperceptivelmente em sua imaginação e eram um muro através do qual ele não via mais nada. Quando jovem, sim, ele tinha procurado Elfland; mas agora estava mais velho; essas coisas eram para os jovens.

— Mas nós vimos a fronteira — disse Zend —, a fronteira do crepúsculo.

— Uma bruma — respondeu Vand — do entardecer.

— Eu pisei — disse Zend — nos limites de Elfland.

Mas Vand sorriu e balançou a cabeça barbada enquanto se inclinava sobre o cajado comprido, e cada onda em sua barba quando ele a balançava lentamente negava as histórias de Zend sobre a fronteira, e seus lábios sorriam, e seus olhos tolerantes eram graves pela sabedoria dos campos que conhecemos.

— Não, não era Elfland — disse ele.

E Niv concordou com Vand, pois observava seu estado de espírito, estudando os modos estranhos da sanidade. E eles falavam de Elfland com leviandade, como se fala de um sonho que surgiu ao amanhecer e foi embora antes de acordar. E Alveric ouvia com desespero, pois Lirazel morava não apenas além da fronteira, mas também, como ele via agora, além da crença humana; de modo que, de repente, ela pareceu mais distante do que nunca, e ele ainda mais solitário.

— Eu procurei uma vez — disse Vand —, mas não, não existe Elfland.

— Não — disse Niv, e apenas Zend ponderou.

— Não — respondeu Vand, sacudiu a cabeça e ergueu os olhos para as ovelhas.

E logo além das ovelhas, vindo na direção deles, ele viu uma linha brilhante. Seus olhos permaneceram fixos por tanto tempo naquela linha brilhante que vinha das encostas do leste que os outros se viraram e olharam.

Também viram uma linha cintilante de prata, ou um pouco azul como o aço, tremeluzindo e mudando com o reflexo de estranhas cores que passavam. E antes disso, muito fraco como uma brisa ameaçadora soprando antes de uma tempestade, veio o som suave de canções muito antigas. Ela atingiu, enquanto todos olhavam, uma das ovelhas mais distantes de Vand; e instantaneamente seu pelo era do puro ouro mencionado em romances antigos; e a linha brilhante veio e as ovelhas desapareceram completamente. Eles agora viram que era mais ou menos da altura da bruma de um pequeno riacho; e Vand continuou olhando, sem se mexer nem pensar. Mas Niv virou-se logo e chamou Zend, agarrou Alveric pelo braço e se apressou em direção a Erl. A linha brilhante, que parecia tropeçar e cambalear em todas as irregularidades dos campos acidentados, não corria tão rápido quanto eles; no entanto, ela não parava quando eles descansavam, não se cansava quando eles se esgotavam, mas vinha sobre todas as colinas e sebes da Terra; nem o pôr do sol mudava a aparência ou controlava o ritmo dela.

XXXIV

A última grande runa

Conforme Alveric voltava apressado, liderado por dois loucos, às terras das quais tinha sido lorde havia tanto tempo, as trompas de Elfland soaram em Erl o dia todo. E, embora apenas Órion as tivesse ouvido, elas empolgaram o ar, inundando-o profundamente com sua curiosa música dourada e enchendo o dia com uma maravilha que os outros sentiram; de modo que muitas jovens se inclinaram na janela para ver o que estava encantando a manhã. Mas, à medida que o dia passava, o encanto da música inaudível diminuiu, dando lugar a um sentimento que pesava em todas as mentes de Erl e parecia prenunciar a iminência de uma região desconhecida de deslumbramento. Durante toda a vida, Órion tinha ouvido essas trompas soarem ao entardecer, exceto nos dias em que adoecera: se ouvia trompas ao entardecer, sabia que estava tudo bem com ele. Mas agora elas tinham soprado de manhã e o dia inteiro, como uma fanfarra diante de uma marcha; e Órion olhou pela janela e não viu nada, e as trompas continuaram soando, proclamando ele não sabia o quê. De longe elas chamavam seus pensamentos para longe das coisas da Terra, que são de interesse dos homens, longe de tudo que lança sombras. Ele não falou com ninguém naquele dia, mas foi para perto dos trolls e das coisas élficas que os tinham seguido pela fronteira. E todos os homens que o viram perceberam uma expressão em seus olhos, mostrando que seus pensamentos estavam longe, em reinos que eles temiam. E seus pensamentos de fato estavam distantes dali, mais uma vez com a mãe. E os dela estavam com ele, esbanjando uma ternura que os anos lhe negaram em sua rápida passagem pelos nossos campos, que ela nunca entendeu. E de alguma forma ele sabia que ela estava mais próxima.

E em toda aquela manhã estranha os fogos-fátuos estavam inquietos e os trolls saltavam loucamente nos pombais, pois as trompas de Elfland tingiam todo o ar com magia e agitavam seu sangue, embora eles não conseguissem ouvi-las. Mas, no fim da tarde, sentiram a iminência de grandes mudanças, e tudo ficou silencioso e melancólico. E alguma coisa lhes provocou anseios pelo seu lar mágico distante, como se uma brisa tivesse soprado de repente em seus rostos diretamente dos lagos montanhosos de Elfland; e eles correram pela rua procurando alguma coisa mágica para aliviar a solidão entre as coisas mundanas. Mas não encontraram nada parecido com os lírios enfeitiçados que cresciam em sua glória acima dos lagos élficos montanhosos. E o povo do vilarejo os percebeu em todos os lugares e ansiou pelos saudáveis dias terrenos que existiam antes da vinda da magia para Erl. E alguns deles correram para a casa do Frei e se refugiaram com ele, entre seus objetos sagrados, contra todas as formas não santificadas que havia nas ruas e toda a magia que formigava e pairava no ar. E ele os protegeu com suas maldições que afastavam a luz e os fogos-fátuos quase inconsequentes, e até, a uma curta distância, impressionavam os trolls, mas eles corriam e saltitavam apenas um pouco para longe. E, enquanto o pequeno grupo se aglomerava em torno do Frei, buscando o consolo dele contra o que estava acontecendo, com o qual o ar ficava mais tenso e mais sombrio com o passar do dia, outros foram até Narl e os ocupados anciãos de Erl para dizer:

— Vejam o que seus planos fizeram. Vejam o que vocês trouxeram para o vilarejo.

E nenhum dos anciãos respondeu de imediato, mas disse que eles deveriam se aconselhar uns com os outros, pois confiavam muito nas palavras ditas no parlamento. E, com essa intenção, eles se reuniram mais uma vez na forja de Narl. Já estava anoitecendo agora, mas o sol ainda não tinha se posto nem Narl tinha saído do trabalho, mas seu fogo começava a reluzir com uma cor mais profunda entre as sombras que tinham entrado em sua forja. E os anciãos entraram lá andando devagar, com rostos graves, em parte por causa do mistério de que

precisavam para encobrir sua loucura da visão dos aldeões, em parte porque a magia agora pairava tão densa no ar que eles temiam a iminência de mau agouro. Sentaram-se no parlamento naquela sala interna, enquanto o sol baixava e as trompas élficas, se eles as ouvissem, sopravam claras e triunfantes. E lá ficaram em silêncio, pois o que poderiam dizer? Tinham desejado a magia, e ela havia chegado. Os trolls estavam em todas as ruas, duendes tinham entrado nas casas, e agora as noites estavam loucas com os fogos-fátuos; e todo o ar pesava com a magia desconhecida. O que poderiam dizer? E, depois de um tempo, Narl disse que deveriam traçar um novo plano; pois tinham sido pessoas comuns tementes ao sino, mas agora havia coisas mágicas por toda parte em Erl, e ainda mais vinham de Elfland todas as noites para se juntar a elas, e o que seria dos velhos costumes a menos que traçassem um plano?

E as palavras de Narl encorajaram a todos, embora sentissem a ameaça nefasta das trompas que não podiam ouvir, mas falar de um plano os encorajou, pois consideravam que podiam fazer planos contra a magia. E um por um eles se levantaram para falar de um plano.

Mas, ao pôr do sol, a conversa cessou. E o medo que sentiam de algo iminente cresceu agora até um certo conhecimento. Oth e Threl souberam primeiro, pois tinham crescido familiarizados com o mistério da floresta. Todos sabiam que algo estava por vir. Ninguém sabia o quê. E todos ficaram em silêncio, ponderando na escuridão.

Lurulu viu primeiro. Ele sonhara o dia inteiro com os lagos montanhosos verdes de algas de Elfland e, estando cada vez mais cansado da Terra, tinha ido sozinho ao topo de uma torre que se erguia do Castelo de Erl, se empoleirado em uma ameia e olhado melancolicamente para casa. E, olhando por sobre os campos que conhecemos, viu a linha brilhante descendo sobre Erl. E dali ele ouviu um som fraco, que ondulava nas gretas, um murmúrio de muitas canções antigas; pois vinha com todo tipo de lembranças, canções antigas e vozes perdidas, devolvendo aos nossos campos antigos o que o tempo tinha tirado da Terra. Ela

vinha em sua direção, clara como a Estrela Vespertina, e cintilando com cores repentinas, algumas comuns na Terra e outras desconhecidas do nosso arco-íris; de modo que Lurulu soube de imediato que vinha da fronteira de Elfland. E toda a sua imprudência retornou quando ele viu sua casa fabulosa, e teve acessos de risos estridentes de seu alto poleiro, que ecoaram nos telhados abaixo como a tagarelice de pássaros construtores. E os pequenos trolls com saudades de casa nos pombais foram animados pelo som de sua alegria, embora não soubessem de onde vinha. E Órion agora ouvia as trompas tocarem tão alto e tão perto, e havia tanto triunfo no seu sopro, e pompa e também um toque tão melancólico que ele percebeu por que elas tocavam, descobriu que proclamavam a aproximação de uma princesa de linhagem élfica, soube que sua mãe tinha voltado para ele.

No alto de sua colina, Ziroonderel percebeu isso, sendo advertida pela magia; e, olhando para baixo ao entardecer, viu aquela linha estrelada de crepúsculos misturados de antigas noites de verão perdidas varrendo os campos em direção a Erl. Ela quase estranhou ao ver aquela coisa cintilante fluindo sobre os pastos terrenos, embora sua sabedoria lhe dissesse que isso ia acontecer. E, de um lado, viu os campos que conhecemos, cheios de coisas familiares, e do outro, olhando para baixo de onde estava, ela viu, por trás da fronteira colorida, a folhagem élfica verde-escura e as flores mágicas de Elfland, e outras coisas que nem o delírio nem a inspiração veem na Terra; e as fabulosas criaturas de Elfland avançando; e, atravessando os nossos campos e trazendo Elfland consigo, o crepúsculo fluindo de suas duas mãos, que ela estendia um pouco além de si, vinha sua própria senhora, a Princesa Lirazel, voltando para casa. E, com essa visão e com toda a estranheza que vinha para os nossos campos, ou por causa das memórias antigas que chegavam com o crepúsculo ou das músicas antigas que cantavam ali, uma estranha alegria veio tremendo sobre Ziroonderel e, se as bruxas choram, ela chorou.

E agora, pelas janelas superiores das casas, o povo começou a ver aquela linha cintilante que não era um crepúsculo terreno: eles a viram reluzir com seu brilho estrelado e depois flutuar na direção deles. Lentamente, parecia que ondulava com dificuldade sobre a massa acidentada da Terra, embora no momento se movesse sobre as terras legítimas do Rei dos Elfos, que tinham ultrapassado a velocidade do cometa. E eles mal tinham se admirado com sua estranheza quando se encontraram entre as coisas mais familiares, pois as lembranças antigas que fluíam à sua frente, como um vento antes do trovão, de repente atingiram como uma rajada de vento os corações e as casas, e pasmem! eles estavam vivendo mais uma vez entre coisas havia muito passadas e perdidas. E, quando aquela linha de luz nada terrena se aproximou, diante dela farfalhou um som de chuva nas folhas, suspiros antigos, sussurrados mais uma vez, murmúrios de antigos amantes repetidos. E ali caiu sobre esse povo, quando todos se inclinaram em silêncio nas janelas, um estado de espírito que olhava para trás, gentil e melancólico, ao longo do tempo; um estado de espírito que poderia espreitar por enormes labças em jardins antigos, quando todos que cuidavam de suas rosas ou amavam os caramanchões tinham partido.

Aquela linha de luz das estrelas e amores passados ainda não tinha atingido os muros de Erl nem espumado nas casas, mas agora estava tão perto que já tinha escapado dos cuidados diários que mantinham o povo no presente, e eles sentiram o bálsamo de dias passados e as bênçãos de mãos enrugadas havia muito. Os anciãos correram até as crianças que pulavam com uma corda na rua, para trazê-las para casa, sem dizer o motivo, com medo de assustar as filhas. E o alarme nos rostos das mães por um instante assustou as crianças; depois, algumas delas olharam para o leste e viram aquela linha brilhante.

— É Elfland chegando — disseram elas e continuaram pulando.

E os sabujos souberam, embora eu não possa dizer o que sabiam; mas alguma influência chegou a eles de Elfland, como a

que vem da lua cheia, e eles latiram como latem nas noites claras, quando os campos são inundados pelo luar. E os cães nas ruas que sempre vigiavam a chegada de qualquer coisa estranha sabiam que havia uma estranheza muito grande perto deles e proclamaram isso para todo o vale.

O velho correeiro em sua cabana do outro lado dos campos, olhando pela janela para ver se seu poço estava congelado, viu uma manhã de maio de cinquenta anos antes e sua esposa catando lilases, pois Elfland havia derrotado o Tempo e o levado para longe de seu jardim.

E agora as gralhas deixaram as torres de Erl e voaram para oeste; e o latido dos sabujos encheu todo o ar, e os latidos de cães menores. Em um piscar de olhos, tudo isso cessou, e um grande silêncio caiu sobre o vilarejo, como se a neve tivesse caído de repente com centímetros de profundidade. E através do silêncio veio suavemente uma estranha música antiga; e ninguém falou nada.

Então, de onde Ziroonderel estava sentada à sua porta com o queixo na mão, contemplando, ela viu a linha brilhante tocar nas casas e parar, passando por elas de ambos os lados, mas contida pelas casas, como se tivesse encontrado algo forte demais para sua magia; no entanto, por um instante, as casas refrearam aquela maré maravilhosa, pois ela irrompeu com uma explosão de espuma sobrenatural, como um meteoro de metal desconhecido queimando no céu, e seguiu adiante e as casas ficaram todas fantásticas, esquisitas e encantadas, como casas de tempos remotos lembradas pelo despertar repentino de uma memória herdada.

E assim ela viu o garoto que criara avançar para o crepúsculo, atraído por um poder maior do que aquilo que movia Elfland: viu o garoto e a mãe se encontrarem outra vez sob toda aquela luz que inundava o vale com esplendor. E Alveric estava com ela, ele e ela juntos, um pouco separados das coisas fabulosas presentes, que a escoltaram desde os vales das Montanhas Élficas. E de Alveric tinham desaparecido aquele fardo pesado de anos e toda a tristeza errante: ele também

estava de volta aos dias do passado, com canções antigas e vozes perdidas. E Ziroonderel não conseguiu ver as lágrimas da princesa quando encontrou Órion de novo depois de toda aquela separação de espaço e tempo, pois, embora os dois brilhassem como estrelas, ela estava de pé na fronteira com todo aquele brilho de luz das estrelas cintilando sobre ela como a face larga de um planeta. Mas, embora a bruxa não tenha visto, seus ouvidos velhos escutaram claramente os sons das canções retornando mais uma vez aos nossos campos, saindo dos vales de Elfland onde estavam havia tanto tempo, e eram todas as músicas antigas perdidas dos quartos de bebês da Terra. Elas agora cantavam sobre o reencontro de Lirazel e Órion.

E Niv e Zend finalmente se libertaram de suas ferozes ilusões, pois seus pensamentos selvagens foram descansar na calma de Elfland e dormiram como os falcões dormem em suas árvores quando a noite tranquiliza o mundo. Ziroonderel os viu juntos, perto de onde ficava a borda dos despenhadeiros, um pouco distantes de Alveric. E lá estava Vand entre suas ovelhas douradas, que mastigavam os estranhos sucos doces de flores maravilhosas.

Com todas essas maravilhas, Lirazel veio buscar o filho e trouxe consigo Elfland, que nunca se movera pela largura de uma campânula sobre a fronteira terrena. E onde eles se encontraram havia um antigo jardim de rosas sob as torres de Erl, onde ela costumava caminhar, e ninguém mais cuidara do jardim desde então. Grandes ervas daninhas agora cresciam nas trilhas, e até elas estavam murchas com o rigor do fim de novembro: os caules secos assobiavam ao redor de seus pés enquanto Órion caminhava por ali e balançavam marrons atrás dele pelas trilhas malcuidadas. Mas diante dele floresceram, em toda a sua glória e beleza, grandes rosas voluptuosas, lindas com o verão. Entre o mês de novembro que ela estava conduzindo diante de si e aquela antiga estação de rosas que ela trouxe de volta para seu jardim, Lirazel e Órion se encontraram. Por um instante, o jardim murcho esteve marrom atrás dele, depois tudo brilhou e floresceu, e o alegre canto selvagem dos pássaros acima de cem

pérgulas acolheu de volta as velhas rosas. E Órion estava de volta à beleza e ao brilho dos dias cujas sombras indistintas e preciosas sua memória acalentava, como são os maiores de todos os tesouros do homem; mas o tesouro em que eles se encontram está trancado, e não temos a chave. E assim Elfland se derramou sobre Erl.

Apenas o lar sagrado do Frei e o jardim que o rodeava ainda permaneciam na nossa Terra, uma pequena ilha toda cercada de maravilhas, como um pico de montanha todo rochoso, sozinho no ar, quando uma bruma se forma no crepúsculo dos vales das montanhas e deixa apenas um pináculo sombrio para contemplar as estrelas. Pois o som do seu sino repeliu a runa e o crepúsculo por uma pequena distância ao redor. Ali ele viveu feliz, satisfeito, não exatamente sozinho, entre seus objetos sagrados, pois alguns que tinham sido separados por aquela maré mágica viveram na ilha sagrada e o serviram ali. E ele viveu além da idade dos homens comuns, mas não até os anos da magia.

Ninguém jamais cruzou a fronteira, exceto uma pessoa, a bruxa Ziroonderel, que, de sua colina que ficava na fronteira terrena, ia de vassoura nas noites estreladas visitar sua senhora mais uma vez, onde viveu sem envelhecer com os anos, com Alveric e Órion. E assim ela vai às vezes, no meio da noite, em sua vassoura, sem ser vista por ninguém nos campos terrenos, a menos que você note uma estrela após outra piscar por um instante enquanto ela passa por elas, e senta-se ao lado das portas de cabanas e conta histórias estranhas a quem queira ter notícias das maravilhas de Elfland. Que eu possa ouvi-la outra vez!

E, tendo usado a última de suas runas capazes de perturbar o mundo e com sua filha feliz mais uma vez, o Rei dos Elfos em seu tremendo trono respirou e atraiu a calma sobre a qual Elfland se deleita; e todos os seus reinos sonharam naquele repouso eterno, que as poças verde-escuras no verão mal conseguem suportar; e Erl também sonhou com todo o resto de Elfland e, assim, se retirou de todas as lembranças dos homens. Os doze que faziam parte do parlamento de Erl olharam pela janela

daquela sala interna, onde traçavam seus planos na forja de Nari e, contemplando terras familiares, perceberam que não eram mais os campos que conhecemos.

FIM

1 Edição norte-americana da Del Rey Books.

2 *Changeling* é uma lenda nórdica em que uma criança humana é trocada por uma criança troll no berço. Geralmente são necessários alguns passos especiais para conseguir a criança humana novamente. A Editora Wish publicou um conto com esta temática chamado *A Criança Trocada* no livro *Os melhores contos de fadas nórdicos*.

3 A caça é tratada de forma acrítica no livro por ser tradicional na época. [N. da E.]

4 Cães de caça farejadores.

Table of Contents

[Ficha catalográfica](#)

[Um romance e um autor entre dois mundos](#)

[Prefácio do autor](#)

[O plano do Parlamento de Erl](#)

[Alveric avista as Montanhas Élficas](#)

[A espada mágica encontra algumas das espadas de Elfland](#)

[Alveric volta para a Terra depois de muitos anos](#)

[A sabedoria do Parlamento de Erl](#)

[A runa do Rei dos Elfos](#)

[A vinda do troll](#)

[A chegada da runa](#)

[Lirazel é levada pelo vento](#)

[O desaparecimento de Elfland](#)

[As profundezas da floresta](#)

[A planície desencantada](#)

[A reticência do correeiro](#)

[A busca pelas Montanhas Élficas](#)

[O refúgio do Rei dos Elfos](#)

[Órion caça o veado](#)

[O unicórnio aparece sob a luz das estrelas](#)

[A tenda cinza ao entardecer](#)

[Doze anciãos sem magia](#)

[Um fato histórico](#)

[Na fronteira da Terra](#)

[Órion aponta um chicote](#)

[Lurulu observa a inquietude da Terra](#)

[Lurulu fala da Terra e dos costumes dos homens](#)

[Lirazel se lembra dos campos que conhecemos](#)

[O chifre de Alveric](#)

[O retorno de Lurulu](#)

[Um capítulo sobre a caça aos unicórnios](#)

[A sedução do povo dos pântanos](#)

[A chegada do excesso de magia](#)

[A maldição das coisas élficas](#)

Lirazel anseia pela Terra

A linha brilhante

A última grande runa